

Cairbar Schutel

O Espírito do Cristianismo

1930



*Théodore Rousseau
A Paisagem*



Conteúdo resumido

Volume complementar a "Parábolas e Ensinos de Jesus", oferece os tesouros da religião viva em

linguagem direta, de Espírito a Espírito, sem dogmas para se compreender o Espírito do Cristianismo.

A Jesus

Senhor e Mestre! Nas minhas lutas e dificuldades tenho sempre solicitado Teu auxílio, assim como nos meus triunfos e durante a prosperidade que me tem sido proporcionada, não tenho esquecido de glorificar o Teu nome, que não só representa a mais pujante individualidade, cujo amparo tenho sentido por muitas vezes, como também o mais confortante e puro Ideal, capaz de regenerar o Homem e estabelecer a paz e a fraternidade no Mundo.

Tua Vida, Teus Ensinos e Tuas Ações constituem a mais lídima expressão da Perfeição que já nos foi dado lobrigar, embora muito longinquamente.

Este livro representa essa visão, obscurecida embora pelos senões de que não nos pudemos ainda libertar.

Mas, estamos caminhando, Senhor, norteados pelo Espírito da Verdade, e esforçando-nos por não olhar para atrás, nem deixar a charrua que lavra o terreno para mais farta messe.

Continua a dispensar-nos Tua complacência e aceita os nossos melhores afetos, no culto de profundo respeito e alta veneração que Te devotamos.

Roga sempre a Deus, Senhor, para que nos torne dignos das tuas Promessas.

A Meus Pais:

1868-1877

Nunca vos esqueci, mantenho a grata lembrança dos cuidados que nos proporcionastes, para que um dia eu pudesse ser útil aos meus semelhantes.

À VELHA E INSEPARÁVEL AMIGA
FRANCISCA

Minha tia amorosa e protetora.
Todos os meus afetos.

A RESPEITÁVEL E VENERANDA D. MARIA ELISA DE OLIVEIRA BORGES E O QUERIDO ESPÍRITO DE LUÍS CARLOS DE OLIVEIRA BORGES, meu preito de sinceridade amizade e gratidão.

AO LUMINOSO ESPÍRITO DE GABRIEL DELANNE, que foi para mim fonte de água viva a jorrar para a Vida Eterna, meus sentimentos de grande veneração.

Prefácio

Esforcei-me o mais possível para entregar o Espírito do Cristianismo à publicidade, interpretando, em espírito e verdade, a Doutrina de Jesus, com o auxílio das inspirações que tive a felicidade de haurir dos Espíritos, que presumo encarregados da regeneração e evolução da humanidade.

Nunca tive em mira, escrevendo esta obra, como as demais que estão em circulação, fazer literatura ou colocar-me entre os homens de letras. Meu interesse principal não esteve voltado para a forma, mas para o fundo, e, mesmo quando a pena se recusava a escrever um pensamento que pudesse não ser bem compreendido, vali-me, principalmente na "Exposição Preliminar", de trechos compactos dos mestres da palavra, que receberam a missão de nos apresentar a Verdade em sua lídima expressão. Por isso, tudo o que houver de bem neste livro não representa, para mim, mais do que um depósito que recebi dos nossos maiores, cabendo-me unicamente o mérito do estudo, da pesquisa e da recepção desses tesouros que ponho ao alcance de todos.

Respigando na Seara Evangélica, de conformidade com a parábola que lembra os maus obreiros que a devastam, nota-se que da semente lançada pelo Senhor, nenhuma se perdeu, e, apesar do mau trato dos servidores de que resultou o quase aniquilamento

das vinhas, os frutos são, entretanto, deliciosos e vivificadores. Agora, com inteiro cultivo do parreiral, livre dos enxertos que nele fizeram, podadas as varas secas que a prejudicavam, estamos certos de que teremos, em breves tempos, uma farta messe a saciar os pobres viandantes, que despercebidos do Espírito do Evangelho, caminham exaustos e desanimados pela Estrada da Vida.

Possa o Céu permitir que este livro leve, pois, aos lares em que penetrar, como fez o Divino Nazareno, a Luz e a Paz.

Exposição Preliminar

"O espírito é que vivifica". Sem espírito não há vida, não há sabedoria, não há verdade.

Em todos os seres existe o espírito vivificante. Em todas as coisas realça a iniciativa, que é o resultado, o produto da inteligência que caracteriza o espírito: nas nobres instituições, nos grandes empreendimentos, é o espírito que impera, dirige, mantém, orienta.

Nos animais inferiores e nas criaturas humanas, o espírito é a entidade viva, que domina e equilibra a forma.

Nas instituições, a letra do Código, do, Regimento, reveste sempre um escopo determinativo, que se

denomina - o "espírito da lei". A lei não se interpreta por si mesma, mas representa a interpretação do "espírito".

O Cristianismo, sob os ditames de Jesus, é uma Religião Viva, representada por um corpo de espíritos que se acham a ele subordinados e que dirigem e animam o Cristianismo.

O Espírito do Cristianismo, que apresentamos aos leitores, é a forma interpretativa da Religião do Cristo, segundo o nosso critério.

No livro Parábolas e Ensinos de Jesus nos esforçamos, tanto quanto possível, para traduzir as parábolas e explicar os ensinos do Senhor, bem como as exposições apostólicas, de acordo com a interpretação espiritual dos trechos, sem nos deixar vencer pela "letra que mata".

No Espírito do Cristianismo, que é um complemento dessa obra, modelamos a interpretação dos capítulos e versículos, em seu conjunto, sem truncar a forma, de acordo com o pensamento íntimo de Jesus Cristo, corporificado nos quatro Evangelhos. Enfim, falamos do Espírito ao espírito livre dos dogmas sectários, das interpretações humanas.

*

Fundada a Religião do Cristo na Revelação, e não podendo esta efetuar-se sem a base da Imortalidade,

não quisemos entregar nossa obra à publicidade sem fazê-la preceder de um ligeiro esboço elucidativo do Espírito. Ele não representa mais do que uma resumidíssima síntese da Ideologia Espírita, aclarada com rara maestria pelo grande Missionário, Alan Kardec, e explicada, com lógica e clareza, pelos dois grandes luminares, Gabriel Delanne e Léon Denis, cujas, existências foram das mais profícuas para o engrandecimento da Verdade.

ESPÍRITO E MATÉRIA

O homem é um ser inteligente: pensa, sente, quer; odeia e ama; estuda e progride; em seu coração palpitam afetos e do seu cérebro brotam luzes.

O homem é o "rei da criação", título que auferiu pela superioridade da inteligência, que tem sobre a dos animais, que lhe são inferiores.

"O seu corpo: carne, sangue, nervos, ossos, desde as mais tênues camadas do cérebro, até a carcaça óssea, que representa o reino mineral e faz parte do seu organismo, como aliás aconteceu com todos os outros seres, nasce, cresce e morre; transforma-se e modifica-se, pois que é composto desses mesmos elementos imponderáveis que se decompõem, oriundos da matéria cósmica universal: hidrogênio, oxigênio, azoto, carbono, constituintes das variedades da

matéria, que se apresentam com nomes de cal, fósforo, sódio, potássio, enxofre, flúor, cobre, chumbo, etc.

Mas, existe no homem um princípio que não deve sua existência à Terra; existe no homem uma luz mais intensa do que a que resulta do fósforo.

Esse princípio é o que constitui seu verdadeiro EU; essa luz não arde no túmulo como um fogo-fátuo; deve, forçosamente, permanecer na Eternidade.

Tal conclusão não é só um ditame da razão, um aviso prévio do sentimento; mas é o resultado de sabias lições que, durante prolongadas vigílias, aprendemos pela indução e dedução da análise comparativa dos sistemas filosóficos, científicos e religiosos, que passam pela nossa mente como o desenrolar de uma guerra sem tréguas, de exércitos inimigos que se combatem e se aniquilam, deixando, entretanto, imanes os princípios que não entraram em luta e que, ignorados por uns, e proclamados intuitivamente por outros, atravessam eras e gerações, sem serem atingidos por uma negação lógica e positiva.

Mas, não é só no ápice dessas escolas, umas proclamando soberania da matéria, outras aplaudindo o reinado do Espírito, que nós vemos aparecer esse princípio, que tem animado as gerações, fixando-se através dos tempos.

È também na tela imensa, no grande panorama da vida terrena: com suas grandezas e misérias, suas

investidas para a luz e quedas para as trevas, que a Vida se apresenta em sua forma mais positiva, e a alma se realça com um ser que desempenha o seu papel (cada qual na sua esfera de ação) neste planeta que chamamos Terra.

E se deixarmos essa esfera de observação comum, e entrarmos nos domínios da Metafísica e da Metapsíquica, ficaremos admirados ao ver homens de responsabilidade moral e científica negarem a existência da alma e chegarem a confundir a ação que esta exerce, com as funções dos órgãos, tomando o efeito pela causa e inutilizando todos os princípios da lógica e do raciocínio, que devem guiar nossos passos na pesquisa da Verdade mas, limitemo-nos a estes anseios da alma à síntese que, á guisa de prefácio, damos a este livro, e comecemos a analisar o pró e o contra referentes ao princípio anímico, ou seja, o princípio da Imortalidade que, segundo afirma Pascal, "é preciso ter perdido todo o sentimento e aniquilado toda a razão, para dele não tratar"

MÉTODO DE ESTUDO

De dois métodos dispomos para a solução de todos os problemas que se nos enfrentam como esfinge devoradora o da indução e o da dedução.

A indução é o modo de raciocínio que consiste em tirar uma conclusão geral dos fatos particulares que se produzem constantemente.

A dedução é o modo ou o processo de raciocinar em que se parte da causa para o efeito, do princípio para as conseqüências, do geral para o particular.

MÉTODO INDUTIVO (1)

Encarando o tema em questão sob a primeira perspectiva, não podemos deixar de concluir, pelos fatos particulares que constantemente se produzem, que a existência e sobrevivência da alma é um fato incontestável.

A indução vem, pois, corroborar a idéia de Imortalidade, segundo o nosso critério.

Justifiquemos esta asserção.

Para tal fim vamos examinar, embora ligeiramente, todos os fenômenos que sustentam nossos postulados, dos subjetivos aos objetivos.

Os que mais se realçam à vista e se desdobram aos olhares investigadores, são os fenômenos da memória.

(1) Gabriel Delanne, em A Alma é Imortal e A Evolução Anímica.

FENÔMENOS DA MEMÓRIA

A memória é a faculdade que mais tem atraído a atenção dos filósofos de todas as épocas: "A faculdade

misteriosa que reflete e conserva os acidentes, as formas e as modificações do pensamento, no espaço e no tempo. Ela representa essa sucessão de idéias, imagens e acontecimentos que já se esvaíram e ficaram sepultados no passado. Ressuscita-os espiritualmente na mesma graduação pela qual o cérebro os experimentou e a consciência os percebeu e formou."

Aí estão os fenômenos, aí estão os fatos subjetivos, mas reais; como negá-los? Como explicá-los sem a admissão de um principio imutável que os coordena e expende?

"Thompson, Vierodt, Flourens, dizem que os fatos justificam plenamente a suposição de que o corpo renova a maior parte da sua substância em um lapso de 20 a 30 dias, e acrescentam: "até o ar que respiramos muda a cada instante a composição do cérebro e dos nervos".

Como demonstrar que, apesar dessas mutações contínuas, nos conservamos sempre idênticos?

"Entretanto envelhecemos e sabemos que nosso EU não mudou. No meio das vicissitudes da existência, nossas faculdades podem alargar-se ou alternar-se, e mesmo obliterar-se; nossas predileções podem variar indefinidamente, e nossa conduta apresentar as contradições mais singulares, contudo, estamos persuadidos de que conservamos o mesmo ser primitivo, e temos consciência de que ninguém se

colocou em nosso lugar; entretanto, em todos os elementos do nosso corpo, nenhum dos átomos que o constituíam há dez anos atrás subsiste presentemente neles."

Como permanece a memória que temos dos acontecimentos passados?

Foram os fenômenos da memória, e tão somente da memória, que fizeram a Escola Espiritualista proclamar a existência, no homem, de um princípio que é imutável, e cuja natureza indivisível não se acha sujeita, como a da matéria, à destruição.

Conseqüentemente, é a alma que conserva a reminiscência dos fatos verificados, assim como favorece as conquistas da inteligência e o desdobramento das virtudes, lentamente adquiridas na luta incessante contra as paixões:

Até aqui, nada de novo adiantamos: Aristóteles, Descartes, Leibnitz, São Tomás de Aquino, Ballanche, Helmont e inúmeros filósofos da Antiguidade proclamaram esta doutrina, ou seja, a doutrina da existência da alma.

Mas, o que é a alma? No que consiste este princípio imutável, cuja natureza indivisível não está sujeita às leis físico-químicas, por não se adstringir ao tempo e espaço?

Não se pode deixar de concluir que a alma não é a resultante do organismo, do corpo, desde que

permanece apesar das mutações da matéria, à qual soube resistir e vencer.

Então que será ela? - Uma chama, uma luz, uma estrela, uma nuvem, uma coisa abstrata, que nem idéia de si nos possa dar?

Aqui intervêm o Espiritismo, cujos ensinamentos constituem a solução do maior de todos os problemas que têm embaraçado os filósofos de todos os tempos.

O homem terreno, por mais ilustrado e perspicaz que seja, não pode perceber nem compreender as coisas Espirituais, senão por manifestações, como dissemos, subjetivas e objetivas, ou sejam, diretas ou indiretas.

A alma de per si, sem uma forma, sem um corpo para sua manifestação passaria, como passam as ondas hertzianas, a matéria radiante, os raios imponderáveis e invisíveis.

Tanto isso é verdade que o filósofo materialista Hartmann disse: "Se se pudesse demonstrar que o Espírito individual persiste depois da morte, eu concluiria daí que, apesar da desagregação do corpo, a substância do organismo persistiria sob uma forma inalienável, porque só com esta condição posso conceber a persistência do Espírito individual."

Pois é justamente isso que o Espiritismo explica, demonstrando por meio de fatos incontestes, que uma substância do organismo persiste sob forma inalienável; e é justamente essa substância que

constitui o perispirito corpo espiritual que é inseparável da alma.

Segundo o Espiritismo, a idéia de alma é inseparável da idéia de uma forma que a envolve. Assim como o corpo carnal é parte integrante do homem, o corpo espiritual é parte integrante da alma.

O perispirito não é uma concepção filosófica para remediar complacentemente as dificuldades da investigação é uma realidade física, um órgão que não se conhecia e é hoje constatado até pela chapa fotográfica. A noção do perispirito vem esclarecer o fenômeno da memória, pois ele se nos apresenta como o local dos estados de consciência passados, o armazém de lembranças, a região no qual se faz a fixação mnemônica. Pois bem, o ser pensante continua a existir depois da morte, com esse corpo que é inalienável.

HIPNOTISMO E MAGNETISMO

"Em todas os países civilizados, os jornais e as revistas médicas têm-se ocupado dos fatos maravilhosos produzidos pelo Hipnotismo, novo nome de que revestiram o Magnetismo.

Esta ciência compreende fenômenos diversos, que poderíamos dividir em duas categorias: os que, se relacionam com a Terapêutica, e os que vêm em apoio da existência da alma.

"Milhares de experiências, conformadas em atas assinadas por nomes dos mais honrados e conhecidos, descrevem fatos extraordinários, em geral catalogados sob os nomes de sugestão, sonambulismo, êxtase, catalepsia, exteriorização da sensibilidade e que vêm confirmar a existência do espírito, independente do seu corpo material e revestido desse corpo que constitui o perispírito. De todos esses fenômenos, sem dúvida o mais importante, e o que torna as nossas conclusões solidamente baseadas, é o da transposição dos sentidos, isto é, a faculdade que possuem certos indivíduos, quando em estado sonambúlico, de verem sem a intervenção dos olhos, cheirarem sem o órgão do olfato, ouvirem sem que lhes seja necessário o ouvido.

Estas estranhas faculdades denunciam forçosamente um poder que se manifesta fora das condições da vida habitual."

Para maiores esclarecimentos os leitores devem consultar as obras de Gabriel Delanne, cujos ditames lógicos e racionais muito nos têm orientado nesta "Exposição Preliminar."

O TESTEMUNHO DOS ANESTÉSICOS

Os anestésicos, como o clorofórmio e o éter, produzem nos pacientes analogias notáveis com o Sonambulismo magnético e o Hipnotismo.

O Dr. Velpeau, que em 1884 apresentou à Academia de Ciências de Paris, um relatório, concluindo pela adoção do clorofórmio em todas as operações dolorosas, relata a seguinte experiência, feita por ele em uma senhora a quem operara de um câncer no seio:

"Depois de a ter adormecido pelos processos ordinários, efetuava a operação, quando ficou muito admirado ouvindo a doente dizer que via o que se passava em casa de uma das suas amigas, moradora perto dali.

Não ligou muita importância, entretanto, a esta comunicação, tomando-a por efeito de imaginação. Mas qual não foi a sua surpresa, quando a senhora em questão, tendo vindo informar-se da saúde de sua amiga, declarou que fazia exatamente o que a doente vira durante o sono."

Os anestésicos como se vê, determinam um certo despreendimento da alma que transpondo as distâncias, e revestida dos seus atributos, se pode pôr, independente do seu corpo físico, e em condições especiais, em relação com o mundo material.

Podemos concluir este fato da questão com a afirmação de que a alma existe, quer a estudemos em face da Ciência, quer o façamos perquirindo os fenômenos do Magnetismo, do Hipnotismo e da Anestesia.

O método da indução nos leva, forçosamente, à crença na existência, em nós mesmos, do princípio anímico, ao passo que nenhuma probabilidade oferece para a negação desse princípio.

Lógica, raciocínio, fatos abstratos e concretos, tudo vem em apoio da nossa tese, que não pode ser repudiada senão pelos ignorantes contumazes.

Passemos agora ligeiramente sobre as manifestações póstumas.

AS MANIFESTAÇÕES PÓSTUMAS

O Espiritismo é um campo vasto de estudos; é um repositório, um manancial de sabedoria, único capaz de solucionar todos os problemas da Vida e da Morte.

Pena é que a opinião pública, mal orientada, não veja nele o que, de fato, ele é.

Quanto à Moral, o Espiritismo é o protótipo, o fac-símile da Doutrina de Jesus Cristo; como Filosofia e Ciência, é um sistema maravilhosamente erguido sobre fatos escrupulosamente observados e constatados pelos sábios de maior nomeada e dos mais circunspetos do mundo.

Analisando-se com espírito inteligente, imparcial, mesmo prevenido, os fenômenos de aspectos múltiplos, chamados supranormais, sejam os casos de materializações, transportes, levitações, fotografias (que constituem os fenômenos objetivos); sejam as

comunicações faladas ou escritas pelos médiuns (que constituem fenômenos subjetivos), não se pode deixar de chegar à conclusão da sobrevivência da alma, com todas as suas prerrogativas e aquisições.

Seria mesmo estultícia negar tais fatos ou lhes querer dar explicação diversa da que eles mesmos exprimem.

A constância, a persistência dessas manifestações, o caráter que exprimem, tudo nos induz a crer que o EU Subsiste à morte do corpo, assim como perante às renovações contínuas das substâncias que o mantêm durante a influência vital, que não permite a desagregação das suas células.

Assim, pois, o método indutivo, que é a regra geral para o estudo dos fatos que se verificam em todos os ramos da Ciência, confirma categoricamente o que o Espiritismo ensina sobre a existência e imortalidade do Espírito.

*

Encaremos agora nossa tese sob outro prisma: a dedução.

Começemos do maior para o menor; do grande para o pequeno; do Macrocosmo para o Microcosmo; do ômega para o alfa; da causa para os efeitos; do princípio para as conseqüências; do geral para o particular.

Ao contemplarmos os vastos horizontes que cobrem as imensas paisagens, o céu infinito recamado de estrelas, é que notamos quão insignificantes somos neste conjunto da Criação! Entretanto, nos sentimos presos a essa criação, sentimos fazer parte dela; admiramo-la, estudamo-la e aumenta nossa ansiedade por conhecermos os seus enigmas.

É então que, sejam quais forem nossas crenças, seja qual for nossa posição social, sentimos a necessidade de nos conhecer intimamente e de saber as leis que regem nossa existência. Quaisquer que sejam nossas preocupações, sentimo-nos invencivelmente levados a ocuparmo-nos do nosso destino e de saber as leis que o regem.

É no contacto com a Natureza, essa sublime criação de Deus, que a alma se eleva, que a razão se aclara, que o sentimento se abre para aprofundar os mistérios da existência.

Se no meio das cidades populosas essa necessidade domina muitas vezes nosso espírito, com quanto maior força ela se apodera de nós ao nos encontrarmos perante a Natureza eterna!

O que é a Terra? O que é esse firmamento marchetado de estrelas que cintilam sobre nossas cabeças?

Esses sítios que perlustramos e que já foram calcados por multidões de homens que, de sua passagem, não deixaram mais que o vestígio do pó dos

seus ossos; homens que viveram como nós, que amaram, que sofreram; esses sítios que se vão engrandecendo todos os dias com o trabalho inteligente das gerações, representarão, porventura, uma vasta cloaca onde o progresso, palavra sem significação literal, ergue escolas, edifica monumentos, faz cruzar redes aéreas e subterrâneas para unir os povos e desenvolver civilizações; para logo depois, após alguns anos, fazer desaparecer nos báratros do nada, nos hiantes sorvedouros das trevas, sem aproveitar a quem quer que seja, nem fazer prevalecer a sua obra, para formação, engrandecimento e persistência das inteligências submetidas aos seus ditames, ao seu império dominador?

Por que e para que todo esse movimento contínuo de trabalhos, de lucubrações modernas, de galas e esplendores, de consecução de um ideal, se de todo esse harmonioso conjunto não resulta ao menos uma luz para esclarecer nosso futuro?

Se tudo é matéria e não passa de matéria; se a sabedoria não é mais que uma função do cérebro e a virtude uma vibração do coração, vamos abrir bancarrota à Moral e continuemos a caminhar ao léu da sorte avara, aos marulhos do acaso, sem Deus, sem alma, sem religião, visto que tudo não passa de mera convenção humana!

Para que a vida, se não existe alma? Para que a verdade, se tudo é falsidade? Para que a luz, se as trevas virão dominar até seus últimos reflexos?

Existem, no infinito, globos como o nosso, que obedecem a regras invariáveis e cuja harmonia é tão admirável que não podemos deixar de reconhecer uma profunda sabedoria presidindo à sua disposição!

Como admitir sem autoria de uma Inteligência Suprema e Permanente no Universo, essa complicada máquina celeste, que liga em suas órbitas milhões de mundos, com uma regularidade tão poderosamente estabelecida, que a mais fértil imaginação somente com muito esforço pode descobrir as suas leis mais elementares! Quem não fica maravilhado e não estremece de emoção vendo as miríades de estrelas, sóis gigantescos, centros de outros sistemas planetários, pairando no espaço! Quem não se sente admirado pensando no astro em que pousamos, que desliza no éter com a velocidade superior à de uma bala de canhão, e sem outro ponto de apoio que não seja a atração de um astro longínquo! Quem não compreenderá que a harmonia não pode nascer do caos, e que a casualidade, a força-cega não pode engendrar a ordem e a regularidade?!

*

A Ciência Moderna nos veio abrir novos horizontes à inteligência. Ela nos diz que, desde o tempo em que a Terra não era mais que uma porção de matéria cósmica, efetuaram-se nela infinitas metamorfoses, até produzir-se o resultado que nos é dado conhecer na época atual. Não se pode, pois, negar o desenvolvimento da vida, através dos períodos geológicos; e, em virtude dessa progressão, desse aperfeiçoamento contínuo, ininterrupto do nosso mundo, que vai do simples para o concreto, do mínimo para o máximo, da fealdade para a beleza e harmonia, poderemos negar a arte denunciadora da Inteligência que tudo modela, que tudo aperfeiçoa?

Seja no plano físico, seja na esfera animal, seja na manifestação espiritual do ideal, não há que negar as fases transformativas que precederam o estado atual do nosso mundo, considerado um dos compartimentos da Casa de Deus, e que se vai tornando digno de ser habitado por Espíritos de maior progresso moral e espiritual.

Onde estão as ruas e praças de então, os veículos, terrestres e marítimos que tanto serviço prestaram a nossos avós? Aonde se foram as candeias que os alumiam, as máquinas medievais de que se serviram, como auxiliares do seu trabalho, como instrumentos dos seus esforços nas lutas cotidianas da aquisição do pão e das vestes?

Nada desapareceu, mas tudo se transformou, tudo melhorou, tudo se aperfeiçoou!

Tudo evolui, tudo progride no Mundo, no Universo, na Natureza! A própria Natureza é testemunha e dá testemunho do progresso, da evolução que constitui a Lei Suprema de Deus.

Partindo do mínimo para o máximo, nós vemos traçadas com letras indeléveis, no plano da Natureza, a palavra: Evolução! Começando do máximo para o mínimo, salienta-se com exuberância a sentença que inspirou o filósofo, para em altos surtos do pensamento glorificar a Deus: *Semper ascendens!*

*

Pelo exposto podemos confirmar que a razão, a inteligência, o entendimento, seja pela indução, seja pela dedução, não se podem deixar de curvar à idéia mater da Imortalidade, que embalou as gerações passadas e abre, atualmente, novos e ilimitados horizontes às gerações futuras.

A Imortalidade é a base única e inamovível, sobre a qual se deve erguer o edifício social e religioso.

Portanto, não poderia o Cristianismo fundar-se em outra qualquer rocha, ou sobre outros quaisquer alicerces.

Na análise indutiva da alma e sua sobrevivência, partindo dos efeitos para as causas, todas as razões,

todos os fatos vieram em favor da nossa tese, proclamando o espírito como o fator de todas as ocorrências que se desdobram diariamente às nossas vistas, como que despertando-nos para uma idéia mais nobre, para um ideal mais puro do que aquele que limitava nossas ocupações e prazeres.

Na análise dedutiva, do Macrocosmo ao Microcosmo, do Universo ao Homem, tomando como premissas as grandes causas da Verdade Eterna, do mesmo modo, chegamos à conclusão da existência de Deus, como o Grande Fator Primordial de tudo quanto existe, e da existência da alma, base elementar da vida e autora dos fenômenos espíritas e metapsíquicos de que fala a História de todos os tempos.

O estudo do Cristianismo, digno de toda a atenção e observação, está intimamente ligado ao estudo da alma, do espírito. Não se pode compreender as leis morais e sua razão de ser, sem se haver desvendado os mistérios da Psique em suas mais esplendorosas formas.

De fato, o que nos valem os ensinamentos de Jesus, os exemplos que nos legou de uma vida de pureza, as maravilhas que produziu, se não temos a crença na Imortalidade, se julgamos que tudo se finda com a morte, se o nosso Saduceísmo vai ao ponto de crer que Deus é só para esta existência!

O Apóstolo dos Gentios dizia: "Se cremos em Cristo só para esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens."

A Doutrina do Ressuscitado é a manifestação viva da Sobrevivência que já começou a explodir no mundo todo e que se cumprirá em todo o orbe como o Pentecoste no cenáculo de Jerusalém que repercutiu por toda a Judéia.

Escrevendo, pois, este livro, quisemos concorrer, de certa forma, para que a Idéia Religiosa se estreite cada vez mais com a Idéia da Imortalidade, para que o Evangelho mereça um lugar de destaque no nosso coração e aí possa o Espírito de Jesus Cristo erigir a sua cátedra.

Oxalá que nesta humilde obra possam os estudiosos encontrar a Luz que ilumina, a Fé que orienta, a Verdade que alegra e felicita!

1

Exclusivos Intuitos de Jesus e seu Pensamento Íntimo

"Eu sou a luz que vim ao mundo, para que o que crê em mim não permaneça nas trevas." (João, XII, 46.)

"Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas..." (João X, 11.)

"Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andará em trevas; pelo contrário, terá a luz da vida." (João VIII, 12.)

"Se alguém tiver sede venha a mim e beba" (João VII, 37.)

"Eu sou o pão vivo que desci do céu." (João, VI, 51.)

"Eu sei, respondeu a mulher, que vem o Messias (que se chama Cristo); quando ele vier, anunciar-nos-á todas as coisas. Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo" (João, IV, 25-26.)

"Como João no cárcere tivesse ouvido falar nas obras do Cristo, mandou pelos seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que há de vir, ou é outro o que devemos esperar?"

"Respondeu Jesus: Ide contar a João o que estais ouvindo e observando: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados; aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho; bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço." (Mateus, XI, 1-6.)

"João, chamando dois deles, enviou-os ao Senhor para perguntar: És tu aquele que há de vir, ou havemos de esperar outro? Quando esses homens chegaram a Jesus, disseram: João Batista enviou-nos para perguntar: És tu aquele que há de vir, ou havemos de

esperar outro? Na mesma hora curou Jesus a muitos de moléstias, de flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então lhes respondeu.

"Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho; e bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço." (Lucas VII, 19-23.)

"A ninguém sobre a Terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, Aquele que está no Céu. Nem queirais ser chamados mestres, porque só um é o vosso mestre, o Cristo." (Mateus XXIII, 9-10.)

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." (João XIV, 6.)

As palavras de Jesus excluem antecipadamente todas as idéias falsas que se possam fazer sobre Ele e o seu escopo primordial.

O motivo exclusivo da sua vinda a este mundo foi, como profetizou Isaías, fazer raiar a Luz aos que se achavam na região da morte: dar crença aos que não a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da Estrada da Vida, animá-los e vivificá-los, finalmente, apresentar-se a todos como o Modelo, o Paradigma, o Enviado de Deus, o único Mestre capaz de legar um ensino puro e perfeito, o verdadeiro representante da Verdade que redime e salva. Daí a

sua sentença: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim."

Querendo excluir de si mesmo toda a primazia divina, Ele não se apresenta, apesar da sua incomparável missão, como sendo Deus, o Pai, mas, sim, como um seu Enviado - o Cristo.

Os intuitos da sua vinda ao mundo não foram, pois, o de ser deificado, o de que se levantassem igrejas ou catedrais em seu nome, nem se fizesse dos seus ensinamentos uma religião hierárquica, em que dominasse o formalismo, regida por um ritual.

Ele apresentou-se no cenário terrestre como o Médico que deveria restabelecer a saúde das almas; como o Pregoeiro a anunciar a todos o Reino de Deus; como um eleito do Céu, cheio de amor e poder para dominar Potestades e Elementos.

A interpelação dos Mensageiros de João, a sua resposta foi categórica: "Ide contar a João o que estais ouvindo e observando."

Humilde em extremo, mas de uma energia inquebrantável; bondoso, mas justiceiro; estrito cumpridor dos seus deveres; trabalhador incansável, cujos feitos soube tão brilhantemente unir à sua Palavra Redentora, a ponto de chegarem a aclamá-lo Deus, estamos certos não poder Jesus ser solidário com uma "religião" de franjas, de paramentos, de dogmas, que não condiz com o Verbo que reboou no

Carmelo e resplandeceu no Tabor, livre de todas as pompas que pudessem desnaturar a sua beleza natural.

Sua Doutrina é mais do que igrejas e sacerdotes, mais do que catecismos e sacramentos, mais do que todo e qualquer princípio de partidarismo que divide a família humana em vez de reuni-la sob um só preceito de moral, abrangendo a obediência a Deus e o Amor ao próximo.

Jesus é a Luz do Mundo, o Sal da Terra, a Água Viva, o Pão, o Suco da Vide, mas, todos esses atributos que o Mestre Galileu a si mesmo conferiu não representam outra coisa senão a Sua Doutrina, o Verbo que nele se fez carne e habitou entre nós.

Não transviemos o pensamento íntimo de Jesus, dedicando-lhe honrarias e títulos que Ele não usou, e nem revistamos a Sua Palavra de preceitos e de roupagens que só podem desnaturá-la.

"O discípulo não pode ser mais do que o Mestre" e só nele permaneceremos se a Sua Palavra permanecer em nós, livre dos abusos de interpretações e do dogmatismo bastardo que transvia as almas e obscurece o Seu Evangelho.

Finalmente, o pensamento íntimo do Mestre quando veio a esse mundo, não teve intuitos glorificadores, mas de concorrer para que essa Religião Sublime do Amor a Deus e ao Próximo se tornasse conhecida de todos e pudesse, em breve

tempo, substituir os fermentos farisaicos que até hoje envenenam a Humanidade.

2

Início da Missão de Jesus

"Quando Jesus soube que João fora preso, partiu para a Galiléia. E deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos Confins de Zabulon e Neftali; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías (IX, 1-2):

"A terra de Zabulon e a terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, a Galiléia dos gentios, o povo que jazia em trevas, viu uma grande luz, e aos que estavam de assento na região e sombra da morte, resplandeceu Ihes a luz."

"Desde esse tempo começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos; porque está próximo o Reino dos Céus."

"E andando ad longo do Mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, também chamado Pedro, e André, lançarem a rede ao mar; porque eram pescadores. E disse-lhes: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens. Imediatamente eles deixaram as redes e o seguiram. Jesus, passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que estavam

na barca com seu pai, consertando suas redes; e os chamou. Eles deixando logo a barca e seu pai, o seguiram.

"Andava Jesus por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; e trouxeram-lhe todos os enfermos, acometidos de várias doenças e sofrimentos, endemoninhados, epiléticos e paralíticos; e ele os curou. E muita gente o seguiu da Galiléia, de Decápole, de Jerusalém, da Judéia e do além do Jordão." (Mateus IV, 12-25.)

"Depois de João ser preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o Evangelho de Deus e dizendo: O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho."

"E caminhando ao lado do Mar da Galiléia, viu a Simão e a André, irmão de Simão, lançarem a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Segui-me, e eu farei que vos torneis pescadores de homens. No mesmo instante deixaram as redes e o seguiram. Passando um pouco adiante, viu a Tiago e a João, filhos de Zebedeu, que estavam na sua barca, consertando as redes. Logo os chamou; e eles, tendo deixado a barca de Zebedeu, seu pai, como os empregados, foram após Jesus." (Marcos, 1, 14-20.)

"Então regressou Jesus para a Galiléia no poder do Espírito, e a sua fama correu por toda a

circunvizinhança. "E ele ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos." (Lucas, IV, 14-15.)

*

Os grandes missionários só aparecem no mundo nos momentos mais aflitos da História.

Eles não são "deuses" que pretendem se glorificar pela posteridade, mas libertadores que revolucionam as massas com a sua palavra e seus feitos, erguendo os cativos, confundindo os poderosos, transformando por fim as sociedades e os costumes, para que o progresso se acentue e a Verdade cresça e apareça nas almas. Uns trazem à destra a luz que ilumina; outros o amor que salva, e outros, ainda, a espada que destrói. Uns, na sua ação devastadora, levam a razo impérios e nações, cidades e povoações; outros são os edificadores que semeiam a palavra, como o sementeiro a semente, por toda a parte onde passam, e com a palavra estabelecem os seus feitos, mas certos de encontrarem espíritos preparados, como a terra boa, para favorecerem o crescimento, as flores e os frutos dessa semente. Por isso as grandes missões requerem sempre grandes Espíritos. Sendo Jesus Cristo o maior de todos, a sua missão não podia deixar de ser a mais árdua, a mais espinhosa, a mais nobre, a mais bela, a mais profícua para a Humanidade, a mais santa, a mais divina de todas, porque não apresenta o túmulo por

limite, mas atravessa as regiões da morte e prossegue pela Eternidade.

E foi por isso que o incomparável Missionário preferiu começar a sua tarefa quando todos emudeciam, num momento em que a "sombra da morte" estendia seu manto sobre a Terra. Foi assim que, intemerato ante o horrível espectro que já ameaçava João, o precursor, no cárcere, deixou Nazaré, herdade, família, aconchego paterno e localizou-se em Cafarnaum, nos confins de Zabulon e Neftali, onde as ondas se quebram nas praias prateadas, e onde poderia encontrar meia dúzia de humildes pescadores, com os quais afrontaria as forças adversas, e, desse triunfo, faria ecoar hosanas que repercutiriam por toda a Judéia; não só pelo efeito da sua Palavra, como pela Palavra da Redenção, que nunca se reteve em seus puríssimos lábios, a Religião imaculada da qual demonstrou ser o Verdadeiro Representante e Fundador na Terra.

O início da Missão de Jesus é o mais belo manifesto que o Céu poderia enviar à Terra, como primórdio desse admirável Livro que nos legou e que nós chamamos o Evangelho, lídima personificação do seu primoroso instituidor.

Percorrendo o longo das praias, onde as águas beijam a terra e se balançam num culto constante de adoração aos céus, começou Jesus a sua pregação repetindo os incessantes convites que a "Voz do que

clamava no deserto", João Batista, fazia a todos os que buscavam no seu "batismo de água", o perdão dos pecados, a redenção para suas almas: "Penitentiam ogite; appropinquavit enim regnum coelorum" - "Arrependei-vos; porque está próximo o Reino dos Céus."

Era preciso deixar a má vida, fazia-se mister que os futuros ouvintes da sua Palavra de Amor mudassem de costumes, para que essa Palavra lhes fosse dada e eles então se esforçassem para possuir o Reino dos Céus, que se aproximava e reclamava para súditos, corações sinceros e inteligências vigorosas.

E assim, por um lapso de tempo, o *facite ergo fructum, dignum poenitentioe* - "dai frutos dignos do vosso arrependimento", que João clamava sem cessar, não se afagou, nem emudeceu, em Cafarnaum, Zabulon e Neftali, repercutindo como o soar de um relógio por todo o Deserto da Judéia, para que o caminho do Senhor fosse preparado e endireitadas as suas veredas. Foi nesse ínterim que o Mestre avistou dois pescadores, Pedro e André, que no serviço de sua profissão, lançavam rede ao mar.

Quem melhor que essas almas humildes e desinteressadas, destituídas de vanglória e de saber poderia seguir aqueles passos sagrados e como servos obedientes fazer tudo o que seu Senhor mandasse?

Quem melhor que Pedro e André, exercitados na constância da pesca e na paciência que os fazia esperar

os peixes e procurá-los onde se achassem, quem melhor que estes pescadores poderia pescar, retirar desse mar bravio da vida, revolto de paixões, homens que se destinassem à vida superior, ao culto dos sagrados deveres humanos, para, entre as tramas dessa rede de parábola erguê-los das trevas para a luz, da "região da morte" à região da Vida bem-aventurada e divina!

- "Segui-me, eu vos farei pescadores de homens. Imediatamente eles deixaram as redes e o seguiram."

"Segui-me, porque é por vós que sois pobres, iletrados, mas laboriosos, pacientes, constantes e humildes que a glória de Deus se manifestará ao mundo; é a vós, pescadores, que a "rede" do Céu será entregue e com o meu auxílio e sob a minha direção se efetuará a milagrosa pesca, semelhante àquela que vos deslumbrou no lago de Genesaré, e a que sob minhas instruções, após a minha morte, efetuareis no Mar de Tiberíades."

"E Jesus, passando adiante, viu outros dois irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu, que estavam na barca com seu pai, consertando as suas redes; e os chamou. Eles, deixando logo a barca e seu pai, o seguiram."

Reconheceram, na excelsa figura do Nazareno, o Espírito da Religião que salvaria o mundo, e, prevendo que nada poderia no mundo assemelhar-se a Jesus, sem pensar mais na sua barca, nas suas redes, em seu pai, acompanharam o Moço da túnica inconsútil que os

havia chamado para o desempenho de uma tarefa maior que aquela que exerciam no cumprimento dos seus deveres terrenos.

Os futuros Apóstolos precisam entrar no grande Templo pela porta do desinteresse e revestidos daquelas virtudes que caracterizam o desapego das coisas do mundo, inclusive a autoridade paterna, quando exercida inconscientemente.

"E andava Jesus por toda a Galiléia, acompanhado dos quatro moços, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino, e curando todas as enfermidades do povo."

Sua ação no sagrado ministério não se limitou à pregação, mas estendeu-se à prática da misericórdia e suas curas não ocorriam só entre os moradores da Galiléia, pois que "a sua fama correu por toda a Síria, donde chegaram a Ele enfermas acometidos de várias doenças e sofrimentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos; e Ele os curou."

A repercussão da sua Palavra e dos seus feitos, embora os povos de então não fossem servidos de imprensa, telégrafo, telefone, vias férreas, automóveis, chegou não só à Galiléia, como a Decápole, a Jerusalém, a toda a Judéia e além do Jordão, donde enormes caravanas saíam em busca do grande médico que lhes devia curar o corpo, do Messias esperado que lhes mostraria, em palavras ao seu alcance, o verdadeiro caminho para o Reino das Céus.

A missão de Jesus não teve começo por ocasião do seu nascimento, nem quando, com a idade de 12 anos, no Templo de Jerusalém, o encontraram discutindo com os doutores que, boquiabertos, admiravam a sua precocidade, a sua penetração de espírito em relação às coisas de Deus.

A missão de Jesus começou quando terminou a de João Batista, e começou como se viu, justamente no ponto em que João havia concluído a sua: "Arrependei-vos". Penitentiam agite.

Foi só depois deste apelo reiterado, foi só depois de se dar a conhecer, de se apresentar ao povo com as credenciais de graça e de poder que havia recebido do Pai, e depois de haver convidado quatro discípulos para seus companheiros de pugnas pelo Bem e pela Verdade, só depois de atrair as multidões que o cercavam pressurosas da sua Palavra, ávidas de seus conselhos e confiantes na sua sabedoria, só depois de conseguir essa ascendência sobre todos os que o ouviam ou dele tinham notícia, crentes ou não, simpáticos ou indiferentes, amigos ou inimigos, que Ele subiu ao monte e falou às multidões, proferindo o monumental discurso, a maior peça oratória que se conhece, a mais elevada Doutrina Moral que se pode conceber, a mais bela manifestação de Caridade, que se pode ler ou ouvir. Este discurso, já mencionado (1) por nós, resume toda a Religião de Jesus, explica e completa os seus sagrados intuitos ao tomar a

deliberação de vir a este mundo. Estudá-lo e observá-lo é quanto basta para o homem ter tudo o que se pode desejar de bens espirituais na Terra e a felicidade nos Céus.

() Parábola e Ensinos de Jesus*

3

A Justiça dos Escribas e Fariseus

"Porque eu vos digo que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos Céus." (Mateus, V, 20.)

"Então falou Jesus ao povo e aos discípulos:

"Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. Fazei e observai, pois, tudo quanto eles vos disserem, mas não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem. Atam pesados fardos e os põem sobre os ombros dos homens, entretanto eles mesmos nem com o dedo querem movê-los. Praticam, porém, todas as suas obras para serem vistos dos homens, pois alargam os seus filactérios e alongam as suas túbrias, e gostam dos primeiros lugares nos banquetes, das primeiras cadeiras nas sinagogas, das saudações nas praças, e de serem chamados mestres pelos homens." (Mateus, XXIII, 1 a 7.)

A Nossa geração parece ter herdado a mania de grandeza dos antigos escribas e fariseus.

Educados pelos sacerdotes da Igreja Católica Romana, que são outras tantas edições aumentadas do Farisaísmo, os nossos "maiorais" não podiam livrar-se do estigma de condenação com que Jesus assinalou aquela "raça de víboras" que o condenou à crucificação.

E não são os sacerdotes de Roma, relembrando os fariseus, e os sacerdotes protestantes, evocando os escribas, que se acham assentados na "Cadeira de Moisés" ditando leis, reunindo concílios, fazendo dogmas, impondo cultos, exigindo dízimos, finalmente atando aos ombros de suas ovelhas, pesados fardos, "que eles mesmos nem com a ponta do dedo querem tocar"?

Não são os padres, constituídos em hierarquia, que alargam seus filactérios, se vestem de púrpura e brocado com cruces de safira e esmeralda crivadas de brilhantes, que alongam as suas fímbrias para se distinguirem dos demais homens, e, para conseguirem esse plano de domínio, freqüentam os banquetes onde lhes são oferecidos os primeiros lugares, e têm a primazia das igrejas, das quais chegaram a constituir-se proprietários, embora não gastem um vintém para essas edificações?

Não são eles que se tem na conta de mestres em Religião, doutores em Teologia, exigindo que a sua palavra seja o non plus ultra da sabedoria?

Os fariseus constituíam, no tempo de Jesus, uma seita muito numerosa, como a católica romana da atualidade. Os escribas eram os doutores que explicavam a Lei Mosaica ao povo. Faziam causa comum com os fariseus. Estas duas seitas dirigiam a opinião pública em Jerusalém e seus representantes eram homens do governo, ou tinham o apoio do governo.

Jesus, revolucionário denodado, apontava as gentes os rigores da lei porém mandava que todos a ela se subordinassem, porque o Código era rigoroso e impunha penas pesadas a quem a ele não se submetesse.

Entretanto, o Mestre não deixava de chamar a atenção dos seus ouvintes para as ordenações dos escribas e fariseus: "observai, pois, tudo quanto eles vos disserem, mas não os imiteis nas suas obras."

A "justiça dos escribas e fariseus" é, mutatis mutandis, semelhante à justiça católica, à justiça protestante, à justiça que se observa atualmente no mundo entre governos e governados; é a justiça do "dente por dente", "olho por olho", que mata os assassinos e que pune os criminosos com o mesmo crime que eles praticaram; é a justiça da condenação eterna erigida em dogmas pelos Papas e Concílios.

É uma justiça sem discernimento e sem justiça, é uma justiça sem misericórdia e sem verdade, é justiça que antigamente dizia ser o Cristo filho de Davi (Mateus, XXII, 41-46), e atualmente erige nos seus tribunais como símbolo de sua Justiça, o Cristo Crucificado.

Mas, esperamos novos Céus, que venham a nós para que o Reino de Deus seja proclamado, e então, sacerdotes de púrpuras, escribas e doutores, governos e parasitas governamentais serão desligados da Terra para espiarem suas faltas em mundos que necessitem de sua ação, entre povos imaturos que também tenham por emblema o "dente por dente, olho por olho".

O nosso planeta está no período agudo das dores que assinalam a Era Nova, em que resplandecerão, como estrelas de primeira grandeza: a Justiça, a Misericórdia e a Fé.

A TENTACÃO DE JESUS

"Então foi levado Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo. E depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Chegando o tentador, disse-lhe: Se és Filho de Deus manda que estas pedras se tornem em pães. Mas Jesus respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Então o Diabo o levou à cidade santa, e o colocou sobre o pináculo do

templo, e disse-lhe: Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito; e eles te sustentarão nas suas mãos para não tropeçares em alguma pedra.

"Tornou-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás ao senhor teu Deus. De novo o Diabo o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e disse-lhe: Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares. Respondeu Jesus: Vai-te, Satanás; pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele farás culto. Então o Diabo o deixou; e eis que vieram anos, e o serviam. (Mateus, IV, 1-11)

"Imediatamente o Espírito o impeliu para o deserto. E ali ficou quarenta dias tentado por Satanás; e estava com as feras, e os anjos o serviam." (Marcos 1, 12-13.)

"Cheio do Espírito Santo voltou Jesus do Jordão, e foi levado pelo Espírito no deserto durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo. E nada comeu nesses dias; mas, passados eles, teve fome. Então lhe disse o Diabo: Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se torne em pão. Respondeu-lhe Jesus: Está escrito que não só de pão viverá o homem. E levando-o a uma altura, mostrou-lhe num relance todos os reinos do mundo. Disse-lhe o Diabo: Dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque ela me tem sido entregue, e a dou a quem eu quiser; se tu, pois, me adorares, tudo será teu. Respondeu-lhe Jesus: Está

escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto. Então o levou a Jerusalém, o colocou sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito para te guardarem, e eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares em alguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Dito está que não tentarás ao Senhor teu Deus."

"Tendo o Diabo acabado toda a sorte de tentação, apartou-se dele até ocasião oportuna.

"Então regressou Jesus para a Galiléia no poder do Espírito, e a sua fama correu por toda a circunvizinhança. Ele ensinava nas sinagogas, sendo glorificado, por todos." (Lucas 1V, 1-15.)

Os Evangelhos não representam mais que as narrativas dos evangelistas.

Duas partes distintas neles se observa; primeira, a Doutrina de Jesus, com a reprodução dos ensinamentos do Mestre e seus feitos; segunda, as narrativas dos evangelistas contendo o seu modo de ver sobre os fatos que observavam e lhes foram contados, de acordo com a versão popular e os costumes daqueles tempos.

A nossa tarefa ao escrever O Espírito do Cristianismo não compreende certamente defender opiniões pessoais, transviando a inteligência dos leitores, para encerrá-la em artigos de fé que não são sancionados pela razão e repugnam à consciência.

Para tornar grande o Cristo, não é preciso revesti-lo do sobrenatural, nem elevá-lo às regiões do mistério; basta que o apresentemos tal como foi, em sua Palavra, em suas ações, nos seus feitos, durante toda a sua dolorosa existência neste mundo, em que até hoje o Espírito das Trevas parece ter maior ação que o Espírito Divino.

A "tentação do Cristo" explica perfeitamente este nosso modo de ver.

Planeta ainda muito inferior, em que as Potestades Inferiores têm ação mais direta que as Potestades Superiores, é bem provável que Jesus tivesse lutado contra essa poderosa "Falange dos Ares" que transvia reis e vassallos, governos e governados, sacerdotes e religiões, sábios e discípulos, do seu esforço de se encaminharem para Deus, libertando-se do orgulho e do egoísmo que se querem eternizar no mundo.

Hoje sabemos que os dominadores daqui levam para o Além-túmulo a sua indisciplina e a sua maldade, bem como a ciência que aqui e em outras existências adquiriram; como os bons, os humildes, os verdadeiramente sábios, os santos, levam a ciência e santidade que são as Suas insígnias no Mundo Espiritual.

Sabemos também que os Espíritos Superiores não permanecem chumbados à superfície da Terra, nem tampouco, na baixa atmosfera que nos circunda, mas gozam de uma vida mais suave, em mundos aéreos

que, embora circundando o nosso mundo, são constituídos de matéria mais quintessenciada, de ares mais puros, em virtude do seu progresso espiritual e para com mais facilidade realizarem maior evolução, pois o progresso é constante e a perfeição infinita.

Assim também os Espíritos inferiores, presos à Terra, sem poderem elevar-se acima da pesada atmosfera que respiramos, são os que estão em contacto direto com o mundo corporal, em virtude do seu perispirito, ainda muito grosseiro, não lhes permitir maior surto.

Cada mundo atmosférico tem, naturalmente, seu governo de acordo com a natureza da sua população. E tendo estes espíritos ação sobre o nosso meio, nossos governadores, nossa população, os "graúdos" que daqui partem agem sobre os similares que aqui estão, daí o desvairamento que tem predominado, as revoltantes injustiças, a falta de critério, de senso, de lisura, de honestidade, e a predominância do personalismo, do orgulho, do egoísmo, em detrimento das leis divinas que absolutamente não são praticadas.

Esses príncipes, deste e do outro mundo, constituem a falange denominada no Evangelho pelo nome de Satanás ou Diabo. São os adversários, os inimigos da Justiça, do Bem, da Verdade.

Jesus veio ao mundo para dar cumprimento à Lei para que a Justiça aparecesse, o Bem fosse a norma da vida e a Verdade a orientadora dos povos.

Ele tinha de se manifestar com todos esses predicados para ser reconhecido, porque se é verdade que, segundo narra o Evangelho, muitos espíritos obsessores o reconheciam e obedeceram, não é menos verdade que outros, talvez mais "graúdos" do que esses, não o conheciam. Esperavam a vinda do Filho de Deus e procuravam o Filho de Deus, desejando reconhecê-lo por algum sinal maravilhoso por algum milagre, por alguma obra capaz de os impressionar.

Certamente o Diabo não teve por fim tentar o Filho de Deus, mas, sim, reconhecê-lo, embora os evangelistas pensassem que o escopo do Diabo era fazer o Filho de Deus prevaricar.

Na vida popular de Jesus, vemos que os diabos que representavam o governo também pediam milagres, pediam sinais, para apreciarem melhor se, de fato, Jesus era o Messias; e aqueles que receberam provas demonstrativas de que Jesus, com efeito era o Cristo, se converteram. Vemos, por exemplo, a conversação de Jairo, que era chefe de sinagoga; a de Zaqueu; vamos dizer também a de Nicodemos e outras. Contudo, a maioria não teve senão provas morais, porque o Mestre não dava nem um Sinal à geração perversa. Só o "sinal de Jonas" poderia ser dado, assim como não quis dar nem um sinal a Satanás, ao Diabo, que no deserto, no pico do monte e no pináculo do templo, tentou tirar provas se de fato Jesus era o filho de Deus.

Se o Mestre quisesse, Ele, que era acompanhado de um exército de Espíritos seus auxiliares, de uma milícia de anjos, podia, sem desdouro para si mesmo converter pedras em pão, como converteu a água em vinho nas Bodas de Caná; podia demonstrar ao Diabo que os reinos da Terra, Ele e a milícia que o seguia tomariam de um jato, independente da vontade do Diabo, assim como ressuscitou contra a vontade de Satanás, que até chegou a mandar soldados lhe guardarem o túmulo; podia lançar-se do pináculo do templo, assim como andou a pés enxutos no Mar da Galiléia; mas não quis satisfazer as exigências do Diabo, porque o único sinal que o Diabo precisava receber era o de ser Ele o Filho de Deus, era vê-lo cumprir a Lei de Deus. E, de fato, esse sinal foi o bastante para que Jesus dominasse o poder do Diabo e se tornasse conhecido do Diabo; "O Diabo o deixou; e eis que vieram anjos e o serviam."

*

Não se conclua do que ficou dito que só os espíritos inferiores agem sobre a Humanidade. Naturalmente, sendo nosso mundo ainda muito atrasado, e seus habitantes muito apegados á matéria, esses espíritos predominam.

É preciso, entretanto, não excluir do nosso nome o os Espíritos Superiores. Muitos deles se acham

encarnados em missão na Terra, e grande número deles, desencarnados, vive em missão na baixa atmosfera, para fazer progredir aqueles que se acham preparados para receber seus ensinamentos, porque a missão dos Espíritos consiste em intensificar o progresso. Haja vista a tarefa de Jesus, que era seguido por uma dúzia de espíritos encarnados de certa evolução, que a acompanhavam em sua missão, assim como era também seguido por uma plêiade de espíritos que, vivendo no Espaço, corroboravam no trabalho que o mestre executava. Era a "Milícia Celestial" que acompanhou Jesus desde o seu nascimento até a sua morte e depois da sua ressurreição. Dentre estes espíritos desencarnados, dois bem se deram a conhecer como tendo vivido no mundo em eras passadas. Eram os grandes missionários da Lei e dos Profetas: Moisés e Elias.

*

Aclarando a narração dos Evangelhos, vemos que logo depois de haver-se dado Jesus a conhecer a João Batista, que era o seu precursor, o seu "apresentador", conhecimento que mereceu a sanção do Espírito "que desceu sobre Jesus" imediatamente o Espírito o impeliu para o deserto, diz o Apóstolo Marcos, e o Apóstolo Lucas acrescenta que "cheio do Espírito Santo voltou Jesus do Jordão e foi levado pelo Espírito

ao deserto, onde permaneceu durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo"

O trecho dá a entender bem que quem levou Jesus ao deserto não foi o Diabo, mas sim o Espírito Santo, que com Ele se manteve durante todo o tempo em que Jesus lá estivera "com as feras, e servido pelos anjos", como diz Marcos.

O "tentador", certamente poderoso, pois chegou a afirmar que "a autoridade e glória dos reinos da Terra lhe havia sido entregues e que destes poderia dispor como melhor entendesse" (Lucas IV, 6), o "tentador", maravilhado ante a imponência do quadro que se desdobrava a suas vistas - um homem no deserto cercado de Espíritos de Luz - inclinou-se a saber se, de fato, seria aquele homem o Filho de Deus, o Messias esperado e prometido. Daí as provas cruciais a que quis submeter o Senhor.

"O homem, para ser olhado na Terra, procurado, invejado, precisa mostrar-se pelo seu ventre, pelo seu estômago, e se Jesus fosse capaz de converter uma pedra em pão, estava dada a prova de que ele disporia de todos os manjares que regalam o estômago e intumescem o abdome:

"O homem, para ser poderoso, precisa dispor do mundo, dos reinos e impérios; dos governos e das nações, e; para que assim aconteça, tem ele de "dobrar a espinha" a uns e se curvar, genuflexo, a outros; e se

Jesus se submetesse aos convites do "tentador", não haveria dúvida para este, em ser Jesus o Filho de Deus;

"O homem, para se distinguir de seus semelhantes e mostrar a sua superioridade, deve ser prodigioso, porque os sinais e prodígios seguem sempre os homens extraordinários. Se aquele homem do deserto, que subiu ao cume do monte e anda acompanhado de uma milícia de gênios for o Filho de Deus, não relutará em dar provas, lançando-se daí abaixo, porque nenhum mal sofrerá;

"Se a Escritura reza que o Filho de Deus será o Maravilhoso, o Deus Forte, o Pai da Eternidade, e que Ele será o Grande Príncipe para firmar e fortificar o zelo do Senhor dos Exércitos;

"Se corre uma voz pelo mundo e pelo espaço que Ele será o dominador do mundo;

"Submetamo-lo desde já á prova, examinemo-lo detidamente.

Não podia ser outro o raciocínio de Satanás, ansioso por verificar se, de fato, Jesus era o Filho de Deus, que vinha redimir, não um povo, uma nação, mas o mundo todo.

Sem conhecimento do Deus Vivo que impera no universo todo, sustentando os sóis, multiplicando os mundos, criando humanidades, como poderia Satanás o Príncipe do mundo, como o chamou Jesus, reconhecer o Mestre Nazareno como sendo o Filho de Deus?

Se na época atual Ele outra vez aparecesse na Terra, seria reconhecido pelos reis, pelos governadores, pelos sacerdotes, pelos papas? E os papas e os césares que se conservam no Espaço, como reis e príncipes deste mundo, reconhecê-lo-ão, porventura?

Não exigirão, como o fez Satanás, que o Senhor produza a conversão da pedra em pão, que o Senhor os adore para poder andar livremente no mundo, pregando o seu mister, que o Senhor se atire dos pináculos das Catedrais e dos Vaticanos e das sacadas das Academias, para que eles possam crer que Jesus é o Filho de Deus, o Messias cujo advento todos os sacerdotes anunciam para breve, o Cristo que todas as religiões dizem estar chegando?

Haja vista o martirológio de médiuns que, submetidos a tantas experiências e provas, apesar dos prodígios operados, prodígios relatados em livros que enchem hoje bibliotecas, entretanto, não conseguiram impor sequer crença na Imortalidade, quanto mais estabelecerem a lei da Fraternidade na Terra!

*

Jesus não podia ser tentado pelo Diabo, nem Deus podia submeter o Seu Eleito, o Seu Enviado, o Seu Escolhido, a essa humilhação. O Diabo não teve por objetivo tentar a Jesus, mas, sim, investigar, examinar,

observar se Jesus era, com efeito, o Messias que se esperava. o Filho de Deus.

Os nababos do Espaço que formam o "cortejo satânico" não eram oniscientes, não sabiam se o "homem do deserto", vestido duma simples túnica e calçado de sandálias; que não carregava um pão para o seu retiro espiritual, nem sequer levava um travesseiro para reclinar sua cabeça, e mesmo assim era respeitado pelas feras e servido pelos anjos, seria o Cristo, o Filho de Deus. Eles não sabiam, mas desconfiavam, e a dúvida os encaminhou para o exame.

A "tentação de Jesus" não passa dum título posto nas Escrituras por opiniões pessoais, que não interpretaram bem a tradução dos originais dos Evangelhos.

Entretanto, o que se evidencia nessas passagens, o que se pode auferir dessas narrativas, é que os espíritos malévolos não respeitam individualidades, por maiores que elas sejam. Todos estão sujeitos à ação das potestades invisíveis, sejam elas boas ou más. E se os maus se põem em relação conosco, com ou sem intuito de nos prejudicar, em compensação os bons vêm auxiliar-nos: "Jesus, tentado por Satanás, tinha, por outro lado, os anjos para O servirem". Deus, quando permite o convívio dum espírito inferior conosco, é certamente para que ele progrida, e, não, para que nos prejudique; por isso envia também espíritos superiores para nos auxiliarem.

O que é preciso é que nos tornemos inflexíveis no cumprimento da Lei. Já que "nem só de pão vive o homem", e "só ao Senhor nosso Deus pertence o culto e a adoração", para que tiremos bom proveito na nossa tarefa terrestre cumpramos esses mandamentos, e Satanás nos deixará, submisso ao nosso exemplo, propondo-se também, quiçá, a renunciar às suas pompas, que tanto o fazem sofrer.

O Espírito do Evangelho é a Religião de Jesus Cristo, religião natural, pura, verdadeira, que dispensa retórica e sofismas, milagres e mistérios que só podem destrutura-lo.

Olhemos para Jesus e caminhemos. Sua Vida é a vida que precisamos viver.

4

Jesus em Nazaré

"Indo a Nazaré, onde se criara, ao sábado entrou na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaias e, abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito:

"O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar boas novas aos pobres e enviou-me para proclamar a liberdade aos cativos, restaurar a

vista aos cegos, por em liberdade os oprimidos e proclamar o ano aceitável do Senhor."

"Tendo fechado o livro, entregou-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele: Então começou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura nos vossos ouvidos. E todos lhe davam testemunho e se maravilhavam das palavras cheias de graça que saiam da sua boca, e perguntavam: Não é este o filho de José? Disse-lhes Jesus: Sem dúvida citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que soubemos que fizeste em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra. E prosseguiu: Em verdade vos afirmo que nenhum profeta é aceito na sua terra. Porém com certeza vos digo que muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias quando se fechou o Céu por três anos e seis meses, de modo que houve uma grande fome sobre a Terra; e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidon. Havia também muitos leprosos em Israel no templo do profeta Eliseu; e nenhum deles ficou limpo. senão Naamã, o sírio. E todos na sinagoga se encheram de ira ao ouvir estas coisas; levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o cume da montanha sobre o qual estava edificada a cidade, para o precipitarem; mas Jesus, passando por meio deles, seguiu o seu caminho."
(Lucas IV, 16-30.)

Tendo Jesus saído dali, foi para a sua terra, e seus discípulos o acompanharam. Chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos, ao ouvi-lo, se admiravam dizendo: Donde lhe vem estas coisas, e que sabedoria é esta que lhe é dada? e que significam tais milagres operados por sua mão? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? e suas irmãs não estão aqui entre nós?"

"E ele lhes servia de pedra de tropeço. Então Jesus lhes disse: Um profeta não deixa de receber honra, senão em sua terra, entre os seus parentes e na sua casa. E não podia fazer ali nenhum milagre, a não ser que pôs as mãos sobre alguns enfermos e os curou. E admirou-se por causa da incredulidade do povo. Ele andava pelas aldeias circunvizinhas ensinando." (Marcos VI, 1-6.)

"E chegando à sua terra, ensinava o povo na sinagoga, de modo que muitos se admiravam e diziam: Donde lhe vem esta sabedoria, e estes milagres? Não é este o filho do carpinteiro? sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas? E não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem pois, tudo isso? E ele lhes servia de pedra de tropeço. Mas disse-lhes Jesus: Um profeta não deixa de receber honra, senão na sua terra e na sua casa. E não fez ali muitos milagres por causa da incredulidade do povo." (Mateus XII, 54-58.)

Os profetas só têm honra em sua terra depois de mortos. Nessa ocasião todos lhes dão a primazia, todos exploram o direito patriótico de os exaltarem.

Enquanto vivos, contudo, deles todos zombam, e são menosprezados, repudiados.

Assim acontece nas demais ramificações do saber humano: em sua terra um artista não tem arte, um sábio não tem sabedoria, um santo não tem virtudes, embora suas obras se contraponham às negações.

Poderia, porventura, Jesus, criado em Nazaré, oriundo de família humilde, pobre artista que vivia do seu trabalho rústico, gozar, na sua terra, das regalias de um profeta de Deus?

Não, não podia. Os preconceitos humanos estão acima de todos os raciocínios, de toda a lógica, impedindo o funcionamento da razão.

O Mestre e Senhor já sabia de tudo isto, mas fazia-se mister que o Evangelho fosse pregado em Nazaré; por isso, logo que chegou, aguardou o sábado, em que as sinagogas funcionavam, e tomou a tribuna, porque era esse um direito que a ninguém podia ser recusado.

Naquele tempo os livros que formam hoje o Antigo Testamento, não se achavam enfeixados num só volume. Foi-lhe entregue o do Profeta Isaías. O Mestre escolheu o trecho que fazia referência à sua missão, toda celeste, toda divina; leu-o, fechou o livro, passou-o ao assistente e sentou-se.

Até aquela data o Senhor já havia dado demonstração positiva da alta incumbência que lhe fora confiada: muitas excelentes novas já animavam corações, inúmeros cativos se achavam libertos, cegos haviam recuperado a vista, e o ano aceitável do Senhor já se irradiava em luz benéfica por toda a Palestina. O Mestre poderia, sem receio, apregoar que nele, de fato, se cumpria aquela Escritura, cujo anúncio era ansiosamente esperado por todas as nações.

Mas o homem terreno não se prende ao fundo, à essência, ao espírito de quem fala; olha para a forma e fascina-se pela palavra que soa.

A forma não era má, a palavra era atraente, mas a condição humilde de quem falava era um embaraço para a recepção da Doutrina, que, para ser mesmo pura e verdadeira, deveria ser dada por alguma eminência de alta estirpe e trazer o selo oficial!

Todos aplaudiam o Mestre, arrebatados pela sua Palavra sem mácula, cheia de graça e de amor; ficavam maravilhados, mas o espírito do preconceito perguntava pelos seus lábios: "não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? Suas irmãs não estão entre nós? Não é este o filho do carpinteiro José?"

Como poderia Jesus livrar-se desse maldito espírito que, em vez de sondar corações, devassa a vida privada, semeando mazelas onde não as encontra e distribuindo defeitos onde só há virtudes?

Por maior que fosse a força moral do Mestre, por maior que fosse a autoridade de que se revestisse, Ele não se livraria daquele "defeito" - ser um carpinteiro, filho do humilde carpinteiro José, e ter por mãe, irmãos e irmãs, gente do povo, que não se salientava por nenhuma representação oficial.

Como poderia o "médico que curava os outros", curar a si mesmo, do mal que os outros diziam prejudicá-lo?

Poderia ele fazer em Nazaré tudo o que fizera em Cafarnaum?

Não, não podia, porque nenhum profeta é aceito na sua terra, e, além disso, os profetas não podem ser mesmo recebidos por todos, nem a todos são enviados. Em Israel havia muitas viúvas no tempo de Elias, entretanto, a nenhuma delas Elias foi enviado senão à de Sarepta, de Sidon. Muitos leprosos havia em Israel no tempo de Eliseu, mas nenhum deles ficou limpo senão Naamã, chefe do exército do rei da Síria.

Os profetas não são enviados a quem não está em condições de recebê-los, assim como não se dá pérolas a suínos, nem brilhantes a felinos, nem as coisas santas aos cães, para que não as despedassem.

E como se poderia enviar um médico a doentes que não se querem tratar!

Mas, os mesmos que se arrebatavam primeiramente com suas palavras cheias de graças, aqueles mesmos que se mostravam maravilhados ouvindo-o, quando ou

viram essa censura acre mas cheia de razão, encheram-se de ira, expulsaram-no da cidade, tentaram precipitá-lo do monte sobre o qual estava a cidade, mas o Mestre não se deixou prender e partiu para outro lugar, pois lhe convinha anunciar o Evangelho em outras povoações.

Entretanto, mesmo na terra da descrença, em Nazaré, Jesus conseguiu curar alguns enfermos, diz o Evangelista Marcos; e, se mais não pode fazer, diz Mateus, foi devido à incredulidade do povo.

A visita a Nazaré, feita por Jesus, testemunha ou faz lembrar mais um dos inúmeros sentimentos de benevolência e abnegação que eram os característicos de extraordinária individualidade.

Ele sabia de antemão os resultados que produziria a sua ida a Nazaré, mas era preciso que ficasse gravada nas páginas de sua História mais esse ato de altruísmo do seu elevadíssimo caráter.

5

A Pesca Maravilhosa

"Apertado pela multidão que ouvia a palavra de Deus, achava-se Jesus na praia do Lago Genesaré, e viu duas barcas junto à terra; mas os pescadores,

havendo desembarcado, lavavam as redes. Entrando em uma das barcas, que era a de Simão, pediu-lhe que a afastasse um pouco da terra; e sentando-se na barca, dali ensinava a multidão. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo; e lança as tuas redes para a pesca. Disse Simão: Senhor, tendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; porém, sobre a tua palavra lançarei as redes. Feita isto apanharam uma grande quantidade de peixe; e as redes rompiam-se. Acenaram aos seus companheiros que estavam na outra barca para virem ajudá-los; eles vieram e encheram ambas as barcas, a ponto de começarem ela, a afundar mas vendo isto Simão Pedro caiu aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador. Pois, à vista da pesca que haviam feito, a admiração apoderou-se de Pedro, e de todos os seus companheiros, bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão. Disse Jesus a Simão: Não temas; de hora em diante serás pescador de homens. E levadas as barcas para a terra, deixando tudo, seguiram-no," (Lucas, V, 1-11.)

De duas "pescas maravilhosas" nos falam os Evangelhos, que os Discípulos realizaram sob as ordens e direção de Jesus. Uma é a de que vamos tratar, a outra foi narrada pelo Evangelista João no capítulo XXI, 1-14, do seu Evangelho. A esta já fizemos referência na obra Parábolas e Ensinos de Jesus.

A Doutrina do Cristo é a sanção da razão pelos fatos. O Senhor sempre procurava dar demonstrações dos seus ensinamentos com fatos que provassem perfeitamente a verdade da sua Palavra.

Diz Lucas que, assediado pelas multidões que pretendiam detê-lo para que não as deixasse mostrou-lhes a necessidade que tinha de pregar o Evangelho do Reino de Deus também em outras cidades; mas, oprimido por essa multidão, quando se achava na praia do Lago de Genesaré, provavelmente o Tiberíades, que era atravessado pelo Rio Jordão, entrou na barca de Simão e pediu a este humilde pescador que a afastasse um pouco da terra. Então, mais livre do povo, dali ensinava a multidão.

O que ensinaria Jesus à multidão?

Porventura recomendaria ele algum culto, observância de algum sacramento?

Passe o leitor os olhos nos capítulos V, VI e VII, de Mateus, e verá nessas poucas páginas o resumo à síntese maravilhosamente explanada da sua incomparável Doutrina, clara, lógica, racional, mas que, entretanto, o Senhor não quis deixar sem provas objetivas para que ficasse erguido esse templo sobre a rocha indestrutível dos fenômenos psíquicos, únicos que podem, verdadeiramente, assegurar a perpetuidade da sua Palavra, estendendo-se sobre a vida no Além, desde que ela é a Palavra da Vida Eterna.

Pedro, bem como seus sócios Tiago e João, já haviam presenciado muitos fatos operados por Jesus, como a "cura da sogra" daquele, bem assim a de muitos outros possuídos por espíritos malignos, como o endemoninhado de Cafarnaum; mas, não eram capazes de imaginar que sob as ordens daquele moço fosse possível, após insana lida, durante uma noite inteira de atirar redes sem colherem peixe algum, essas redes encher-se por encanto, a ponto de ser preciso chamar outros companheiros que estavam em outra barca para auxiliá-los a puxá-las para terra, pois se rompiam ao peso de tantos peixes.

Como se operaria esse milagre? O que teria feito Jesus para que assim acontecesse?

Os fatos, quando aparecem às nossas vistas, não nos dão tempo de pensar, porque ficamos deslumbradas ante a majestade desses mesmos fatos. "Simão, absorto cai aos pés de Jesus e lhe diz: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um pecador".

Os fatos são os produtores das maravilhas, e constituem os agulhões que nos forçam ao progresso, à espiritualidade. Foi com esse fim que o Senhor manobrou os fatos, para que eles pudessem despertar almas adormecidas por sugestão de religiões decrépitas.

A prodigiosa força espiritual de Jesus, sua grande autoridade, os seus inúmeros auxiliares que no invisível punham em ação a sua Palavra, todos esses

elementos sós ou reunidos, expiram muito bem a reunião dos peixes em determinado lugar, para que as redes se enchessem e o efeito desse fenômeno calasse no ânimo de seus discípulos.

Os leitores que nos têm acompanhado já conhecem muito bem o efeito das forças vivas da Natureza, o poder do magnetismo animal, da dupla vista, da visão à distância e da ação dos Espíritos sobre as coisas animadas e inanimadas.

Pois foi por estes meios que Jesus conseguiu fazer que seus futuros apóstolos realizassem a "pesca maravilhosa."

A lição foi mais moral do que material, como o foi a lição do "estater da boca tio peixe."

Queria o Mestre fazer ver àqueles a quem outorgaria a missão do Apostolado que, se permanecessem com Ele e com os seus ensinamentos, teriam a sua assistência e lhes seriam mostrados os bandos e cardumes de homens que se converteriam à Nova Fé, pois, Ele que estava resolvido a transformar os "pescadores de peixes" em "pescadores de homens", queria fazer dos "pescadores de corpos" pescadores de almas.

Finalmente, há "duas pescas maravilhosas" assinaladas nos Evangelhos e transmitidas às gerações.

A primeira é o encorajamento para vencer as lutas que esperam os divulgadores da Palavra, e, a outra, que se verificou depois da morte do Mestre, conforme

narra o Evangelista João, capítulo XXI, é a confirmação das graças com novas promessas de Imortalidade.

6

As Bens-Aventuranças - Os Ais - A Nova Lei do Amor

"E olhando para os seus discípulos, começou a dizer: Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Bem-aventurados vós que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós que agora chorais, porque vos rireis. Bem-aventurados sois, quando os homens vos odiarem, e quando vos expulsarem de sua companhia, vos ultrajarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, pois grande é o vosso galardão no Céu; porque assim seus pais trataram os profetas. Mas ai de vós, que sois ricos, porque já recebeste a vossa consolação! Ai de vós, os que agora estais fartos porque tereis fome! Ai de vós, os que agora rides; porque haveis de vos lamentar e chorar! Ai de vós, quando todos vos louvarem, porque assim seus pais trataram os falsos profetas!

"Digo-vos, porém, a vós que me ouvís: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizeis os que vos maldizem, orai pelos que vos insultam. Ao que vos bater numa face, oferecei-lhe também a outra; e ao que vos tirar a capa, não lhe negues a túnica. Dai a todo que vos pede; e ao que tira o que é vosso, não lho reclameis. Assim como quereis que vos façam os homens, assim fazei vós também a eles. Se amais àqueles que vos amam, que mereceis? Pois também os pecadores amam aos que os amam. Se fizerdes o bem aos que vos fazem o bem, que mereceis? Até os pecadores fazem isso. E se emprestardes aqueles de quem esperais receber, que mereceis? Até os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, nunca desanimando; e será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo; porque Ele é benigno para os ingratos e maus. Sede misericordiosos como misericordioso é o vosso Pai. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordando, vos porão no regaço; porque a medida de que usais, dessa tornarão a usar convosco." (Lucas VI, 20-38.)

Neste discurso se resume todo o ensino, toda a doutrina, toda a religião de Jesus.

Aquele que for capaz de pôr em prática todos esses preceitos, pode dizer não só que é discípulo de Jesus, mas até que é seu verdadeiro seguidor.

Na prática das recomendações que dão ingresso às bem-aventuranças, os homens encontrarão a felicidade eterna; na prática das que se referem aos "ais" terão eles o infortúnio.

O vinho novo é o símbolo da Nova Lei do Amor que o Mestre, o Enviado de Deus, trouxe ao mundo, para fazer deste mundo de infortúnio, um mundo de paz e de fraternidade.

A nova vestidura referida pelo Nazareno, que não podia ser cortada para remendar roupa velha, consiste justamente nesta síntese religiosa mas verdadeiramente religiosa, exposta pelo grande Pregador dos Divinos Preceitos!

Qual religião, seita, doutrina, filosofia, pode ser comparada á Doutrina de Jesus?

O Catolicismo com seus anátemas e exclusivismo? o Protestantismo com o seu círculo vicioso de fé passiva, sem tolerância, sem amor para com os seus inimigos? O Budismo, o Xintoísmo?

Nenhuma! A única doutrina perfeita, que é a mais alta concepção espiritual que se pode imaginar, é a que se acha sintetizada nesses 18 versículos. Amar os inimigos, fazer o bem a quem nos persegue, ultrapassa a todo o entendimento humano, por isso todos esses preceitos deixaram de ser dados à multidão. A

multidão não os compreenderia, não os praticaria absolutamente. Resolveu Jesus, portanto, transmiti-los somente aos seus Discípulos. Estes, sim, estavam á altura de receber essa Palavra, estavam aptos para meditarem sobre tão transcendentais lições, e se esforçarem para pô-las em prática, pois só por esse caminho, só com esse auxílio poderiam galgar os andares, os planos superiores da vida eterna.

"Não vos incomodeis com a pobreza, a miséria, a fome, as tribulações, o ódio de uns e as injustiças de outros, porque vos achais num mundo de miseráveis egoístas, de nojentos e orgulhosos, de déspotas e maus, de injustos e ingratos e tereis que suportar suas injustiças, seu desamor, suas ingratidões, suas maldades, pois na vossa tarefa missionária, para a realizardes como deveis, não podeis perder tempo rebatendo um e acusando outro. Vosso tempo é precioso, e deveis aproveitá-lo em coisas que vos afetam espiritualmente.

É melhor deixar a capa e não pensar mais na capa, do que discutir ou brigar dois dias, dois meses ou dois anos para reaver a capa e perder esse tempo que poderia ser aplicado nos vossos deveres espirituais.

E melhor receber o tapa e preparar a outra face para receber outro tapa, sem vos preocupardes com os tapas, do que ferir o vosso agressor atrasado e ignorante, e perder um mês na prisão com prejuízo de

vossa missão. Sede benevolentes para com os maus e o seu número diminuirá ao menos para convosco.

Dai, emprestai, porque o Pai Celestial, que é misericordioso até para com os ingratos, porá no vosso regaço uma medida transbordando e recalçada.

Não vos detenhais ante as fragilidades da vida, não percais tempo a seguir o cão que vos feriu, mas procurai meios de dominar-lhe a ferocidade com uma talhada de pão, ou um pedaço de carne.

A Deus pertence a justiça e os que riem hoje, chorarão amanhã; os potentados de agora, sem amor e sem benevolência, que se acham consolados com o seu ouro, serão vazios; os fartos, egoístas e avarentos terão fome.

Não apresseis os acontecimentos que vos penalizarão mais tarde, ao ver os que tiveram bens em farrapos, e os que foram injustos, escravizados!

No exercício da vossa tarefa espírita não vos entristeçais por vos não louvarem os "sábios e entendidos" e até por vos odiarem eles e vos expulsarem de sua companhia, tendo o vosso nome como indigno, porque os seus pais trataram do mesmo modo os profetas que vos precederam. Antes regozijai-vos e continuai no desempenho do vosso dever, porque a honra, a glória, a hosana, só cabe a Deus!

Amai, amai sempre porque o amar vence tudo. O Amor é a Lei, sem o Amor não há profecia. Amai, envolvi-vos dessa nova vestidura que o Senhor vos

ofertou e que será para vós o resguardo nas intempéries, o auxílio na viagem, o escudo na luta, e resplandecerá um dia na vossa alma como a túnica do Cristo no Monte Tabor!

Amai: sem amor não há religião, não há Jesus Cristo, não há Deus.

Amai, porque o amor é a âncora da salvação no Porto Seguro da Vida Eterna.

7

A Vocação de Levi - A Popularidade de Jesus

"Saiu e viu Jesus um publicano chamado Levi, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me. E ele, deixando tudo, se levantou e o seguiu.

"Levi deu-lhe um grande banquete em sua casa; e era grande o número de publicanos e outras pessoas que estavam com ele à mesa. Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores? Respondeu-lhes Jesus: Os sãos não necessitam de médico, mas sim os enfermos. Não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento. Disseram-lhe eles: Os discípulos de João jejuam freqüentemente e fazem orações; assim

também os dos fariseus, mas os teus comem e bebem. Mas Jesus lhes disse: Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias, porém, virão, dias em que lhes será tirado o noivo, então nesses dias hão de jejuar. Propôs-lhes também uma parábola: Ninguém tira remendo de pano novo e o põe em vestido velho; de outra forma rasgará o novo e o remendo novo não condirá com o velho; outrossim, ninguém põe vinho novo em odres velhos; de outra forma o vinho novo rebentará os odres; pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos. Ninguém que já bebeu vinho velho, quer o novo porque diz: o velho é melhor." (Lucas, V, 27-39.)

"Jesus, partindo dali, viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me. E ele se levantou e o seguiu.

"Estando ele em casa, à mesa, vieram muitos publicanos e pecadores e sentaram-se com Jesus e com os seus discípulos. Os fariseus, vendo isto, perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso mestre com os publicanos e pecadores? Mas Jesus ouvindo-os, disse: Os sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos. Porém, ide aprender o que significa: misericórdia quero, e não holocaustos; pois não vim chamar os justos, mas os pecadores." (Mateus IX, 9-13.)

"Saiu Jesus outra vez para beira-mar; e Poda a multidão vinha ter com ele, e ele os ensinava. E quando ia passando, viu a Levi, filha de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me. E ele se levantou e o seguiu.

"Estando Jesus á mesa em casa de Levi, sentaram-se também com ele e os seus discípulos muitos publicanos e pecadores, pois havia muitos que o seguiam. E vendo os escribas dos fariseus que ele comia com os pecadores e publicanos, perguntaram aos discípulos dele: Como é que ele come com os publicanos e pecadores? Jesus, ouvindo isto, respondeu-lhes: os sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores.

"Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. E eles vieram perguntar-lhe: Por que jejuar aos discípulos de João e dos fariseus, mas os teus não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que têm consigo o noivo, não podem jejuar. Dias, porém, virão, em que lhes será tirado o noivo, então nesses dias jejuarão. Ninguém cose remendo de pano novo em vestido velho; de outra sorte o remendo novo tira parte do remendo velho, e torna-se maior a rotura. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; de outra forma o vinho fará rebentar os odres, e perder-se-á o vinho e

também os odres; pelo contrário, vinho novo é posto em odres novos." (Marcos II, 13-22.)

Estas e outras passagens evangélicas se constituem em enorme repositório de ensinamentos. E ao lado desses ensinamentos, vê-se, claramente transparecer a figura inconfundível de Jesus, bem assim o conjunto dos seus ensinamentos, livres de qualquer princípio dogmático, ou de qualquer interpretação humana da Religião.

O saber de Jesus, seus costumes, sua superioridade moral no falar, no ensinar, no tratar seus adversários; sua preocupação constante em difundir a Doutrina de que era portador, seu desejo de que ela fosse compreendida por todos; o espírito de cosmopolitismo que o dominava, tudo aparece nessas simples passagens, dignas de serem comentadas por melhor pena que a nossa.

A popularidade de Jesus nascia justamente da humildade e da benevolência, que eram os seus característicos dominantes. Ele preferia sempre a companhia dos desprezados, dos filhos do povo, dos pecadores, que eram justamente os que mais necessitavam da sua proteção.

*

Mas, comecemos pela "vocaçãõ" de Levi, que é o início dos trechos que motivaram nosso estudo.

O espírito de vocação é a bússola que nos auxilia na estrada do progresso. Em todas as esferas do conhecimento humano o que mais categoricamente prevalece para nos iniciarmos na Arte, na Ciência, na Filosofia, na Religião, é o espírito de vocação.

A vocação é uma disposição natural para tal ou qual trabalho, é uma tendência, uma propensão que trazemos inata para um labor que se ajusta perfeitamente ao nosso jeito, à nossa habilidade, à nossa disposição para este ou aquele serviço, para tratar deste ou daquele assunto.

É com o auxílio da vocação que a invocação produz o seu efeito. Não havendo vocação, a invocação quase sempre é de resultados nulos.

Sob o ponto de vista espírita, poderíamos dizer que a vocação é o médium, o intermediário da invocação.

Sob o aspecto material, no que toca às ramificações do saber, todos estão de acordo em que não se deve dar ao indivíduo uma profissão para a qual ele absolutamente não tem vocação. A medicina, a farmácia, não podem ser exercidas por aqueles que nenhum pendor manifestam para estas profissões. O sapateiro, o que nasce com a intuição de fazer sapatos não pode dar bom pintor. Foi o que levou Apeles a dizer a um sapateiro que criticava seu quadro: "Não suba o sapateiro além dos sapatos."

Nos tempos atuais, em que grande crise nos assoberba, temos testemunho de quanto a vocação

influi no indivíduo para o seu próprio progresso e desenvolvimento intelectual e moral. Se não, veja-se o que é a Medicina de hoje à vista da Medicina de ontem, a Farmácia atual ante a antiga, mas severa arte do boticário.

Sobre a Medicina exercida pelos que não têm vocação, não passa ela de uma ciência de incongruências e contradições: o médico nada mais é que um charlatão qualquer, que se limita a prescrever preparados com a "carta de prego", vinda da França, da Alemanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos ou da Itália, unicamente com fins comerciais, mercantis.

A Farmácia é um negócio como outro qualquer, um comércio de drogas e de panacéias, sem valor artístico nem científico. Essas duas profissões há muito deixaram de ser sacerdócios para serem indústrias, profissões mercantilizadas. Assim é tudo o mais.

E por que isso? Porque os profissionais erraram a vocação, e sem a vocação para uma profissão não pode haver competência, não pode haver intuição para o seu exercício, não pode haver inspiração.

Na esfera religiosa, então, nem se fale, espírito de mercancia, está de tal modo popularizado que são raríssimos os indivíduos que cumprem os seus deveres religiosos. Existem religiosos que não sabem o que é religião, apóstolos que desconhecem a Palavra de Jesus, sacerdotes para quem o Evangelho é "pedra de tropeço". Entretanto, constituem-se em guias de cegos;

percorrem céus e terras para fazer um prosélito, e fazem-no mais digno ainda da Geena do que eles próprios são.

Pode alguém exercer o sacerdócio, aspirar ao Apostolado, sem vocação para tal mister? Não pode, é impossível; não raro, acontece que, desviando-se o indivíduo de sua vocação, faça-se dele um traficante das coisas santas, quando poder-se-ia fazer desse indivíduo por exemplo, um bom artista.

Levi, pelo que se observa, era homem de espírito voltado para as coisas de Deus; sua vocação não era ser empregado do Fisco, cobrador de taxas públicas de impostos. Nenhuma religião do seu tempo o havia atraído, porque todas elas eram exclusivistas, mercantilizadas, não falavam à alma, nem ao coração, nem à inteligência, pregavam falsidades em vez de anunciarem a Verdade. Mas, logo que ele teve conhecimento da Doutrina que o Moço Nazareno ensinava, e dos fatos portentosos que produzia, propendeu imediatamente para o lado de Jesus, porque tinha verdadeira vocação religiosa, era um espírito inclinado às coisas de Deus, sentia-se apto a desempenhar uma tarefa nesse sentido. E tanto é verdade que ele colocava os interesses espirituais, acima dos interesses materiais, que Jesus, de saída de Cafarnaum, vendo-o sentado na coletoria, chama-o "Segue-me", e só ao ouvir essa palavra Levi abandona seu emprego, sua posição, seus interesses, deixa tudo e

vai após o Mestre. Sua alegria ao receber aquele convite foi tanta que, em regozijo, convidou seus colegas publicanos, e mais outras pessoas do povo, e ofereceu, com a presença dessas testemunhas, um grande banquete a Jesus.

O espírito de reconhecimento e gratidão explodiu imediatamente nele, pois o homem verdadeiramente religioso salienta-se pela gratidão que manifesta aos que lhe fazem benefícios, e, não, por uma fé platônica incapaz de passar dos lábios para as ações.

Foi por ocasião desse banquete que Jesus teve de responder às insidiosas perguntas que os fariseus, ali atraídos por mera curiosidade, faziam a seus discípulos: "Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?"

Servis observadores do culto e das cerimônias, presumidos, orgulhosos e cheios de preconceitos, os fariseus desprezavam todos aqueles que não pensavam como eles e se julgavam superiores aos demais homens. Seu orgulho chegava a ponto de, por ocasião mesmo de rezarem, dirigirem-se a Deus exaltando os seus pagamentos de dízimos e afirmando "não serem como os demais homens, nem como os publicanos, ladrões e assassinos."

O Mestre aproveitou a oportunidade para lhes dar uma boa lição: "Os sãos não precisam de médico mas sim os enfermos, o que equivale a dizer: "Vim ao mundo para salvar o homem pecador; por isso, preciso

estar entre os pecadores, para estender-lhes mão amiga e retirá-los do abismo em que se acham."

"Os que se consideram justos que se avenham, com estes nada tenho, porque não me ouvem. Eles não se querem conhecer, não querem curar-se e não posso ministrar remédios a quem não quer usá-los."

"Prefiro entender-me com os publicanos e pecadores humildes, dóceis, de boa fé, a fazê-lo com os fariseus rebeldes, orgulhosos, que vêem a verdade mas não querem abraçá-la."

8

A Questão do Jejum

O significado geral da palavra jejum é abstinência, ausência do elemento que entra em nós, ou do elemento que deveria viver conosco.

Ao jejum do alimento da água, da roupa, e até daqueles que conviviam conosco, mas de nós se ausentaram por qualquer motivo, ou deles nos ausentamos.

Nos tempos farisaicos, o jejum era um dos preceitos máximos da Lei. Os fariseus e escribas usavam muito do jejum. Em geral, os judeus eram jejuadores. Julgavam que a religião consistia em não

comer e não beber, ou em não comer e não beber isto ou aquilo. A religião daquela gente consistia em comida e bebida e não na prática da caridade, no amor a Deus.

João Batista, homem de autoridade singular, obedecia ao preceito judaico do jejum, mas pregava o batismo do arrependimento das faltas. Queria certamente mostrar aos judeus que submetendo-se aos preceitos judaicos, não era um herege; portanto sua palavra deveria ter autoridade e ser recebida com amor, com boa vontade, e ser executada tal como era ordenada. Os discípulos de João forçosamente haviam de seguir as pegadas do seu Mestre. Demais, João Batista e seus discípulos não traziam missão alguma religiosa. Soeu único escopo, ou, por outra, a exclusiva tarefa que lhe fora confiada resumia-se em aparelhar o caminho para Jesus passar, em apresentar o Messias ao público, mostrar às gentes o Cordeiro de Deus, o Agnus Dei, como dizia ele qui tolle peccata mundi.

As relações de João com Jesus foram passageiras. Descoberto o Cristo, pela Revelação que João havia recebido do Alto: Este é meu Filho Amado, ouvi-o", o Profeta do Deserto seguiu o seu rumo, até ser preso e degolado.

Jesus, ao contrário, foi o grande missionário e sua missão consistia numa embaixada de Amor e de Verdade. Ele tinha que plantar no mundo uma Arvore Nova, a Árvore da Vida, e precisava suplantar toda

mentira, toda falsidade, todas as convenções, todos os preceitos humanas que mantinham a aparência de religião, para que a sua Doutrina não fosse sufocada por esses espinhos. E a jejum era um desses mandamentos que o sectarismo judaico fazia prevalecer com aparência religiosa.

Como poderiam seus discípulos sentir ausência do que não estava ausente? Como poderão os convidados jejuar enquanto o noivo se acha com eles sentado à mesa, servindo-os de finas iguarias e deliciosos manjares? E que oração precisavam mais fazer os seus discípulos, se o Representante de Deus se achava junto deles, dando-lhes ainda muito mais do que precisavam?

O que teriam os discípulos de rogar, de pedir a Deus?

Estando eles com o Mestre, assim como os convivas à mesa com o noivo, só lhes cabia ouvir os ensinamentos que o Senhor lhes dava e se alegrarem com Jesus, como os convidados para um banquete se alegram com o dono da casa e procuram corresponder às gentilezas que lhes são feitas.

Chegariam, porém, dias em que lhes seria tirado o "noivo"; então nesses dias não poderiam deixar de jejuar.

Num banquete não se jejua, porque o dono das bodas proporciona aos convidados todos os

comestíveis e bebidas que possam satisfazer os convivas.

Pela mesma forma, não podem jejuar os que convivem em companhia de Jesus, pois assim como o "noivo" dá aos convidados os comestíveis que alimentam o corpo,

Jesus dá aos seus "chamados" o alimento que vivifica a alma e a conserva para a Vida Eterna.

Jejum implica a falta de alguém ou de alguma coisa. Quem está com Jesus não pode sentir falta de quem quer que seja, nem de coisa alguma. Mesmo um amigo, um parente que se tenha de nós separado pela morte, se nós estivermos de verdade com Jesus, fácil nos será reatarmos as relações com esse parente ou com esse amigo direta ou indiretamente.

O jejum é sinal de tristeza, de inapetência, de desânimo da vida, e aqueles que se esforçam por estar com Jesus, que cultivam os seus ensinamentos, estudando-os com

amor, não podem jejuar: comem e bebem como faziam os discípulos do Senhor.

Resta-nos dizer algo sobre o último trecho da passagem evangélica, mas os leitores encontrarão a explicação dos odres e dos remendos no livro "Parábolas e Ensinamentos de Jesus."

Pela concordância dos Evangelistas, vemos mais que Levi é o próprio Mateus, escritor do primeiro Evangelho contido no Novo Testamento.

A Personalidade de João Batista - Aparência e Realidade

"Partidos que foram os mensageiros de João, começou Jesus a falar ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento? Mas que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que se vestem ricamente e vivem no luxo, assistem nos palácios dos reis. Mas, que saístes a ver? Um profeta? Sim, vos digo, e muito mais do que profeta. Este é aquele de quem está escrito: Eis ai, envio eu ante a tua face o meu anjo, que há de preparar o teu caminho diante de ti. Eu vos digo: Entre os nascidos de mulher não há nenhum maior do que João; mas o menor no Reino de Deus, é maior que ele. Ao ouvir isto, todo o povo e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, sendo batizados com o batismo de João; mas os fariseus e os doutores da lei frustraram o desígnio de Deus quanto a si mesmos, não sendo batizados por ele. "A que, pois, compararei os homens desta geração e a que são eles semelhantes? São semelhantes aos meninos que se assentam na praça e gritam uns para os outros: Nós vos tocamos

flauta e não dançastes; entoamos lamentações e não pranteastes. Pois veio João Batista não comendo pão nem bebendo vinho, e dizeis: Ele tem demônio. Veio o Filho do Homem comendo e bebendo, e dizeis: Eis um homem glutão e bebedor de vinho amigo de publicanos e pecadores! Contudo, a sabedoria é justificada por todos os seus filhos." (Lucas VII, 24-35.)

"Ao partirem eles, começou Jesus a falar ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento? Mas, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que vestem roupas finas, assistem nos palácios dos reis. Mas, para que saístes? Para ver um profeta? Sim, vos digo, e ainda mais do que profeta. Este é aquele de quem está escrito: Eis ai envio eu ante a tua face o meu anjo, que há de preparar o teu caminho diante de ti. Em verdade vos digo que não tem aparecido entre os nascidos de mulher outro maior que João Batista, mas o menor no Reino dos Céus é maior que ele. Desde os dias de João Batista até agora o Reino dos Céus é tomado á força, e os que se esforçam são os que os conquistam. Porque todos os profetas e a Lei profetizaram; e se quereis recebê-lo, ele mesmo é o Elias que há de vir. O que tem ouvidos, ouça. Mas a que hei de comparar esta geração? É semelhante aos meninos sentados nas praças, que gritam aos seus companheiros:

"Nós vos tocamos flauta e não dançastes.

"Entoamos lamentações, e não pranteastes.

"Porque veio João não comendo nem bebendo e dizem: Ele tem demônio. Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: Eis um homem glutão e bebedor de vinho, amigo de Publicanos e pecadores! Contudo a sabedoria é justificada pelas suas obras." (Mateus XI, 7-19.)

Ontem como hoje, o homem não tem valor pelo que verdadeiramente vale, mas sim pelo que mostra valer. O povo não tem reto juízo, julga pelas aparências. O hábito é que faz o monge. A vestimenta, os ornamentos, a aparência exterior é que caracterizam "os sábios, os sacerdotes, os gênios, os missionários".

Para ser recebido neste mundo como um emissário da Divindade, é preciso ser um homem de vestes ricas e de apresentação, semelhante aos que assistem nos palácios dos reis, ou então, uma "cana agitada pelo vento", um judeu errante sem bagagem, que exerce o sortilégio e se anuncia remédio para todos os males, adivinho de todas as sortes.

Do contrário, não será recebido nem por nobres, nem por plebeus, porque o mundo atual é composto ainda das tradicionais gerações que só dançam ao som de flautas e só pranteiam ao som de cânticos de lamentações.

Um homem que não come pão nem bebe vinho, porque não lhe apraz esse tratamento, ou é maluco ou tem demônio. Um missionário que come de tudo o que

se vende na praça e bebe vinho, não pode ser missionário; é glutão e beberrão.

Os missionários, para a gente atual, ou hão de vir envoltos de ornamentos, com anéis e cruces de pedrarias, vestidos de seda e púrpura, ou, então serão tipos desleixados que mal se podem manter, aparentando figuras fantasmáticas, que, porém, tiram sortes, profetizam sobre a vida e os negócios, dão fortuna e aplicam "mezinhas".

O povo não tem o senso preciso para julgar, para discernir os homens; é como as crianças: onde uma vai, vai também a outra, e o que uma diz, dizem todas juntas.

Não há realidade para os homens de hoje, tudo é aparência e todos são distinguidos pela aparência com que se manifestam.

Os racionalistas são postos à margem, por falta de equilíbrio. De fato, entre gente que não raciocina, os que raciocinam não podem deixar de estar sós, são os desequilibrados do círculo.

Esse estrabismo hereditário impedia os judeus de reconhecerem Jesus como o Cristo, e, João Batista, como seu precursor, assim como impede, hoje, a recepção do Espírito da Verdade, encarregado de guiar-nos na estrada direta do progresso que temos de atingir para nossa própria felicidade.

As escrituras tanto falavam de João Batista como de Jesus; mas as Escrituras eram desconhecidas das

passadas gerações, como desconhecidas são da atual. As partes das Escrituras entregues ao povo eram falsas interpretações do verbo dos Profetas, traduções feitas por votos e dependentes sempre de uma maioria servil e condicional, composta de sacerdotes e rabinos da Lei.

De modo que, nem pelas Escrituras o povo podia chegar ao conhecimento dos dois vultos extraordinários que percorriam a Galiléia, um pregando o arrependimento, outro ministrando aos sedentos de justiça a Nova Lei do Amor que os vinha redimir do mal.

A personalidade de João Batista, classificado por Jesus como "o maior de todos dentre os nascidos de mulher", destaca-se solenemente pela sua austeridade no modo de anunciar o Grande Enviado, chegando a atrair multidões a si, que, convictas da sua superioridade moral e espiritual, e convertidas para uma vida superior, em sinal da mudança de situação a que eram levadas, entravam no Jordão limpando-se das macula e gafeiras do "homem velho" e de lá saíam limpos de corpo para simbolizar a limpeza da alma a que aspiravam, por uma vida de progresso e perfeição.

Os doutores da Lei e os fariseus continuavam insubmissos ante a evidência que a Verdade lhes oferecia.

Não é que esse "batismo" de que fala o Evangelho fosse um sacramento instituído pelo Profeta, para dar

uma espécie de distintivo aos seus prosélitos, porque não representava mais que um ato publico de momento, para a libertação do preconceito e do servilismo que dominavam os homens.

Os fariseus, endurecidos e contumazes, repeliam antes a pregação do Profeta do que o formalismo por ele lembrado para reformar uma lei bárbara, como era a da circuncisão, que já não tinha razão de ser, embora na Época Mosaica fosse uma necessidade higiênica.

Duros de cerviz e incircuncisos de coração, não deixariam a religião de seus pais, a religião dos magnatas, dos poderosos e governadores para receberem a Palavra humilde e simples do pobre Carpinteiro, que eles bem conheciam e propositalmente repetiam.

A verdade entretanto, é que a sabedoria que manifestavam foi justificada por suas obras, e hoje todos vemos quão pretensiosas eram as suas intenções e quão errados se achavam na sua justiça.

Mas o moderno Farisaísmo não cessou ainda a sua ação, e aqueles que trabalham pela divulgação da verdade, não lhe devem ignorar as investidas, que continuam, para que prevaleçam suas maldosas intenções.

Estamos nos tempos de ceifa e de joeiramento, e o bom grão não pode ficar ao lado do joio, para que não se contamine. A geração futura nos pedirá conta do trabalho que fizemos e Oxalá ela não nos incrimine de

imperícia, ou de falta nos deveres que nos foram confiados.

A Primeira Excursão Evangélica

"Reunindo Jesus os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para curarem os doentes; e enviou-os a pregar o Reino de Deus e fazer curas, dizendo-lhes: Nada leveis para o caminho, nem bordão nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem tendes duas túnicas. Em qualquer casa em que entrardes, nela ficai e dali partireis".

"Em qualquer cidade em que vos não receberem, saindo dela, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra eles".

"Tendo eles partido, percorreram as aldeias, anunciando as boas novas e fazendo curas em toda a parte.

"Ora, o Tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava e ficou perplexo, porque uns diziam: João ressuscitou dentre os mortos, e outros: Elias apareceu, e outros: levantou-se um dos antigos profetas. Disse porém Herodes: Eu mandei degolar a João, mas quem é este de quem ouço tais coisas? E procurava vê-lo".

"Quando voltaram os apóstolos, relataram-lhe tudo o que haviam feito. E ele, levando-os consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida." (Lucas, IX, 1-10.)

A primeira viagem evangélica que os doze fizeram, foi uma excursão preparatória, uma viagem de instrução que Jesus lhes fez empreender, para terem um exemplo do que seria depois sua vida pública no exercício do Apostolado.

Essa excursão, pelo que se nos depara no Evangelho, foi rápida.

Premeditada por Jesus, que, certamente, lhes designara os lugares que deveriam visitar, e as casas em que deveriam hospedar-se, eles de nada teriam necessidade, pois seriam recebidos e obsequiados por amigos do Mestre, ou por pessoas de sua simpatia e que dele, com certeza, teriam recebido benefícios.

É preciso não esquecer que, nessa ocasião, Jesus já havia percorrido diversas cidades, onde semeara o bem, curara enfermos, etc. Jairo, por exemplo, já devia ao Senhor a ressurreição de sua filha; o Centurião havia visto a cura do seu servo; a viúva de Naim, a de seu filho; muitos endemoninhados tinham recebido a cura, e muitos ensinamentos e parábolas haviam sido propostos.

Estas considerações são dignas de nota, para que não pareça que Jesus, ignorado e desconhecido de todos, mandasse aqui e ali seus discípulos, também

desconhecidos de todos, a fazerem prodígios e se hospedarem na primeira casa que lhes aproovesse.

Este caráter miraculoso pelo qual tem sido interpretado o Evangelho, é infenso ao Espírito do Cristianismo que não toma o "Reino do Céu" por violência, mas ensina que todos obtêm o Reino pelo trabalho, inteligência, humildade e o amor.

Como dissemos, a viagem dos Apóstolos foi rápida, e o Evangelho não relata o resultado que os doze tiveram dessa excursão. Limita-se o Evangelista Lucas a dizer que "quando voltaram os apóstolos, relataram a Jesus tudo o que haviam feito; e então o Mestre levou-os consigo para uma cidade chamada Betsaida".

Na "missão dos setenta" sabe-se que o sucesso foi estrondoso, pois a narrativa diz que eles regressaram com alegria e disseram terem feito isto e aquilo.

Seja como for, devemos concluir que os doze Apóstolos eram médiuns de vários efeitos, do contrário não poderiam ser escolhidos por Jesus para produzirem fenômenos que só com o auxílio da mediunidade podem ser produzidos.

Quem será capaz de curar enfermos e expelir demônios sem ter mediunidade desde que é por meio dessa faculdade que podem os Espíritos Superiores agir em benefício deste ou daquele?

E qual influência poderia simbolizar o pó das cidades rebeldes nos sapatos dos doze, se eles não

tivessem faculdades mediúnicas infensas até a certas influências de meio?

O Espiritismo vem esclarecer agora muitos segredos escondidos nas dobras do espírito, revelando-nos os meios para nos livrarmos de muitos males. Estudando-o com atenção, não só contaremos com a Imortalidade, mas Veremos desde já a Vida Eterna.

11

As Multiplicações dos Pães

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO

"Jesus, levando os apóstolos consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida. Mas ao saber disto, a multidão seguiu-o; e Jesus, acolhendo-a, falava do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura. O dia começava a declinar e, aproximando-se de Jesus os doze, disseram: Despede a multidão para que, indo às aldeias e sítios vizinhos, se hospedem e achem alimento; pois estamos aqui num lugar deserto. Ele, porém, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. Responderam eles: Não temos mais do que cinco pães e dois peixes, a não ser que devamos ir comprar comida para todo esse povo. Pois eram quase cinco

mil homens. Então disse aos seus discípulos: Fazei-os sentar em turma de cerca de cinquenta cada uma. Assim o fizeram, e mandaram a todos sentar-se. E tomou Jesus os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo as olhos ao Céu, os abençoou e partiu; e entregou-os aos discípulos, para que os distribuíssem pela multidão. Todos comeram e se fartaram; e foram levantados doze cestos de pedaços que lhes sobejaram." (Lucas IX, 10-17.)

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO

"Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali numa barca para um lugar deserto, à parte; e quando as multidões o souberam, seguiram-no das cidades por terra. Ele ao desembarcar viu uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os enfermos. A tarde, aproximaram-se dele os discípulos dizendo: Este lugar é deserto e a hora é já passada; despede, pois, as multidões, para que indo às aldeias, comprem alguma coisa para comer. Mas Jesus lhes disse: Não precisam ir; dai-lhes vós de comer. Replicaram-lhe: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. Disse ele: Trazei-mos cá. E tendo mandado à multidão que se assentasse à relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao Céu deu graças, e, partindo os pães, entregou-os aos discípulos e os discípulos entregaram-nos à multidão. E todos comeram e se fartaram; e do que

sobejou levantaram doze cestos cheios de pedaços. Ora, os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além das mulheres e crianças." (Mateus, XIV, 13-21.)

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO

"Chamando Jesus a seus discípulos disse: Tenho compaixão deste povo, porque há três dias estão sempre comigo e nada têm que comer; não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam no caminho. Disseram-lhe os discípulos: Onde encontraremos neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão? Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: sete e alguns peixinhos. E tendo mandado o povo que se assentasse no chão, tomou os sete pães e os peixes e, dando graças, partiu-os e entregou-os aos discípulos, e os discípulos entregaram-nos ao povo. Então todos comeram e se fartaram; e do que sobejou levantaram sete alcofas cheias de pedaços. Ora, os que comeram foram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E despedindo o povo, Jesus foi para os confins de Magadã." (Mateus XV, 32-39.)

PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO

"Ao desembarcar viu Jesus uma multidão de homens e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas sem pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas. Como a hora fosse já adiantada, chegaram-se a ele os discípulos dizendo: Este lugar é deserto, e já é muito tarde; despede-os para que vão aos sítios e aldeias circunvizinhas comprar para si alguma coisa. Mas Jesus disse-lhes: dai-lhes vós mesmo de comer. Deveremos então, disseram eles, ir comprar duzentos denários de pão e dar-lhes de comer? E ele lhes perguntou: Quantos pães tendes? Ide ver. Depois de se terem informado, responderam: Cinco pães e dois peixes. Então mandou os discípulos que a todos fizessem sentar em grupos sobre a relva verde. E sentaram-se em turmas de cem e de cinquenta. E ele tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao Céu, deu graças, e, partindo os pães, entregou-os aos discípulos para eles distribuírem-nos; e repartiu por todos os dois peixes. Todos comeram e se fartaram; e recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. Ora, os que comeram os pães foram cinco mil homens." (Marcos VI, 34-44.)

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO

"Naqueles dias, como houvesse de novo concorrido uma grande multidão, e não tivesse que comer, chamou Jesus os discípulos, e disse-lhes: Tenho

compaixão deste povo, porque há três dias que está sempre comigo e nada tem que comer; e se eu os mandar para as suas casas em jejum, desfalecerão no caminho, pois alguns há que vieram de longe. Disseram seus discípulos: donde poderá alguém satisfazer-los de pão aqui no deserto? Ele perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete. E ordenou ao povo que se assentasse ao chão; e tomando os sete pães, depois de haver dado graças, partiu-os e entregou-os a seus discípulos, para que os distribuíssem; e eles os distribuíram pela multidão. Tinham também alguns peixinhos; e abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos. Todos comeram e se fartaram; e levantaram, dos pedaços que sobejaram, sete alcofas. E eram perto de quatro mil homens. Depois Jesus os despediu. E entrando logo na barca com os seus discípulos, dirigiu-se para o território de Dalmanuta." (S. Marcos VIII, 1-10.)

NARRATIVA DO EVANGELISTA JOÃO

"Jesus atravessou o Mar da Galiléia, que é o de Tiberiades. Uma grande multidão seguia-o, porque tinham visto os milagres que operava nos que se achavam enfermos. Jesus subiu ao monte, e ali se assentou com os seus discípulos. A Páscoa, festa dos judeus, estava próxima, Jesus, então, levantando os

olhos e vendo uma multidão que vinha a ter com ele disse a Filipe: Onde compraremos pão para lhes dar de comer? (Mas dizia isto para o experimentar, porque ele sabia o que ia fazer). Respondeu-lhe Filipe: Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um receba um pouco. Um dos seus discípulos chamado André, irmão de Pedro, disse-lhe: Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes, mas o que é isto para tanto povo? Disse Jesus: Fazei sentar o povo. Ora, havia naquele lugar muito feno. Sentaram-se pois, os homens em número de cinco mil. Jesus, então, tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados; e do mesmo modo os peixes, quanto queriam. Depois de saciados, disse Jesus a seus discípulos: Recolhei os pedaços dos cinco pães de cevada, (que sobejaram aos que haviam comido). Ora, quando o povo viu o milagre que Jesus fizera, disse: Este é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo." (João VI, 1-14.)

Todos os fenômenos, quando desconhecidos a sua procedência e o modo pelo qual se manifestaram, são inverossímeis.

O mundo, desde o primeiro bruxulear da inteligência humana tem sofrido os embates das negações incientes de uns, e das afirmações dogmáticas de outros: de um lado o inverossímil, o nada; do outro, o mistério e o sobrenatural.

Leia-se a história das novas verdades, que têm concorrido com as suas luzes para nosso progresso, e dos novos descobrimentos que nos dão comodidade e bem estar, e pergunte-se às gerações passadas se não lhes pareciam inverossímeis e até impossíveis.

Que juízo se fazia do vapor, da telegrafia, da constituição do corpo humano, etc?

O fenômeno da multiplicação dos pães tem sido assunto de intermináveis controvérsias entre os religiosos e os pegadores.

Aqueles, não podendo negá-lo, pois faz parte integrante dos Evangelhos, relegam-no para as esferas do milagre e do sobrenatural.

Os materialistas, por sua vez, não podendo explicá-lo de acordo com a sua limitada ciência, negam-lhe a veracidade, "porque as leis da Natureza são inflexíveis e não se pode tirar alguma coisa donde só existe o nada".

São muito cômodos estes processos, usuais entre os corifeus da Religião e da Ciência: afirmar sem provas, sem lógica e sem raciocínio, e negar sem exame e sem estudo, adotando para a discussão, unicamente os sofismas e a filosofia abstrata.

Mas os argumentos capciosos de uns e outros estão em pleno desacordo com as teorias que eles professam.

Os católicos e protestantes ficam impossibilitados de provar aos materialistas a "multiplicação dos pães"

devido à falsa crença que professam, de ter sido o mundo feito do nada.

Ora, como o nada pode produzir, e do nada nada se pode tirar, Jesus não poderia tirar pães e peixes donde nada existisse de pães e de peixes, nem de elementos para confeccioná-los. A proposição é lógica e clara, e ninguém poderá demonstrar o contrário.

O materialismo, a seu turno, como a sua ciência não admite o espírito e tudo é produto da força e da matéria. vê-se em duas conjeturas diante do fenômeno e não podendo explicá-lo, acha de melhor alvitre negá-lo.

A "multiplicação dos pães" em face da Religião e da Ciência, não passa, portanto, de absurdo, justamente porque essas duas ramificações do conhecimento são constituídas sobre as bases do absurdo. E assim, impedidas de tratarem do fenômeno por não poderem explicá-lo claramente, a Religião o relega para o domínio do milagre, do sobrenatural; e a Ciência o arroja para os bátratos da negação e do nada.

O Espiritismo apresenta-se justamente no momento propício em que as verdades Evangélicas são menosprezadas para reintegrá-las no seu verdadeiro lugar, dando lhes o justo valor.

E assim vem ele explicá-las de acordo com a razão e com a verdadeira Ciência, conforme as Leis Naturais.

A Ciência e a Religião oficiais, divididas em dois campos de ação se chocam e se contradizem, eternizaram a sua luta em prejuízo da Humanidade.

Deus fez soar a hora das grandes reivindicações e o Espiritismo foi chamado para solucionar os problemas inextricáveis para a "religião" e para a "ciência".

Ora, vamos ver como os Espíritos encaram o transcendental fenômeno da "multiplicação dos pães no deserto".

*

A "panificação do trigo", sob as ordens e direção de Jesus Cristo, no deserto, não pode deixar de obedecer à lei da materialização dos corpos, tenham eles a natureza que tiverem, sejam de carne, de massa, de pedra.

O fenômeno da materialização tem como complemento o da desmaterialização, e se assenta justamente num princípio positivo proclamado pela ciência materialista, que é a existência, no Universo, da força e da matéria: força e matéria são os princípios constitutivos do Universo. Mas, como está mais que provado que a força e matéria não podem por si sós produzir fenômenos inteligentes, e todo o efeito inteligente deve forçosamente ter uma causa inteligente, o Espiritismo vem demonstrar a existência de Inteligências livres e individualizadas que presidem

à direção da força e manipulam a matéria em suas múltiplas manifestações objetivas.

Para todas as obras ocorrentes na vida mundial, precisamos da força e da matéria, sem elas nada podemos produzir, mas ninguém é capaz de afirmar que unicamente a força e a matéria sejam capazes de erguer uma casa, de construir e mover uma máquina, de confeccionar um pão. Para tudo isso não dispensamos a força e a matéria, mas a força e a matéria sem a nossa ação inteligente em qualquer dessas obras, nenhum efeito teriam. Esta é a verdade capital, e para o que concerne às coisas espirituais, à Metafísica, não podemos deixar de nos basear nos mesmos princípios.

No Universo todo, existe a força e a matéria. Na atmosfera terrestre a força e a matéria se manifestam de modo frisante; no deserto e no monte, nas cercanias do Tiberíades, não podia deixar de haver profusão de força e matéria. A região aérea é provida de todos os alimentos de vida que constituem nossos corpos, não há vácuo na Natureza; a própria Natureza não é uma expressão abstrata, mas, sim, a constituição de seres e coisas em suas múltiplas e variadas formas; assim como no Éter existem animálculos visíveis com o auxílio do microscópio mas imperceptíveis aos nossos sentidos limitadíssimos, devem existir diversos corpos orgânicos e inorgânicos, materiais admiráveis,

elementos de vida invisíveis que nos deslumbrariam se nos fosse dado vê-los.

O que é a força? O que é a matéria? Vemos a força transformar-se em matéria e a matéria transformar-se em força! Os fenômenos de materialização e desmaterialização dos corpos, constatados por sábios de valor, nas sessões espíritas, não podem mais ser negados por qualquer "príncipe da ciência" nem "pontífice da religião".

Quem será hoje capaz de assegurar que a força não se condensa transformando-se em matéria, e que a matéria não se rarefaz transformando-se em força!

Mas abordemos de rijo o caso da "multiplicação dos pães", sem preconceitos e sem temor do ridículo da "ciência oficial". Encaremos o caso de acordo com as experiências dos mais renomados sábios contemporâneos.

Começemos pelos resultados obtidos por William Crookes. No seu relato na Quaterly Review, órgão da Academia de Ciências da Inglaterra, diz ele ter conseguido da Entidade Espiritual, que lhe proporcionava fenômenos, a introdução da fração dum grão de arsênico através das paredes de um tubo de vidro fechado a fogo, no qual ele havia posto água pura. Numa outra sessão, o espírito de Katie King permitiu que se lhe cortasse um cacho de cabelos, o que foi feito, cabelos que ela materializava e que cresciam em sua cabeça; e ainda noutra permitiu que

se lhe cortasse pedaços do vestido que trazia, e a Sra. Marryat, observando que o vestido ficara muito esburacado e teria necessidade de grandes consertos, ela replicou: "Vou mostrar-vos como trabalhamos no Mundo dos Espíritos:" Ergueu parte de seu vestido e retalhou-o bem com a tesoura, deixando-lhe cerca de quarenta buracos; depois exclamou: "Não é uma bonita peneira?" Estavam perto dela; viram-na então sacudir docemente a sua saia, e logo todos os buracos desapareceram sem subsistir o menor sinal!

Crookes assinala ter cortado uma mecha de cabelos do Espírito de Katie, que conservou por longo tempo.

Enfim, donde vinha o vestido de Katie? Não podia ser do médium, porque ela própria afirmara que do médium só hauria a força vital, portanto, nem sempre ela tirava o seu corpo do médium.

Russel Wallace, que fez experiências transcendentais, também afirma ter verificado produções de ervas e flores que não existiam na Europa. O Espírito as traria da China? É possível, mas neste caso os "pães da multiplicação" também poderiam ter vindo do Egito ou de outro país.

Os meninos Pansini, de Bari, que foram transportados à distância de 45 quilômetros, em 15 minutos, por várias vezes tiveram, no quarto em que se achavam presos, grande quantidade de doces, confeitos e bombons de todas as qualidades e trazidos,

todos esses doces, por mãos invisíveis, sem que se soubesse como nem donde.

Seriam feitos pelos espíritos? Seriam tirados de elementos atmosféricos, ou seriam transportados de alguma confeitaria? Não se sabe, mas sabe-se que os doces aí apareciam, como por encanto!

Inúmeros são os casos de produções, por Espíritos, de matérias comestíveis. Só os desconhece aquele que não estuda e não acompanha o Movimento Espírita, que se manifesta no mundo inteiro.

Seria então ousada, como hipótese de trabalho, a afirmação de ter Jesus, com a colaboração de seus auxiliares espirituais e a dos seus discípulos, que eram médiuns, materializado, confeccionado pães, com os elementos da Natureza ao seu alcance? E se essa hipótese não se verificasse, no caso vertente não se poderia, em face dos fenômenos de transportes, cuja realidade é proclamada hoje em todos os países do mundo, afirmar que os "pães da multiplicação" foram também transportados para alimentar a multidão faminta que, naquela ocasião, seguia o Mestre, arrebatada pelas consoladoras esperanças que Ele a todos proporcionara?

Onde está o milagre, onde está o impossível na efetivação desse fenômeno?

Se a "multiplicação dos pães" fosse o fato único relatado na História, poder-se-ia ainda conceber a negação; contudo, fenômenos mais ou menos

semelhantes são narrados por pessoas de valor e experimentadores insuspeitos, merecendo a aceitação dos psicólogos que estudam e pesquisam a vida em sua oculta fase espiritual.

Há pouco o sr. W. Asano, presidente da Sociedade Japonesa de Ciência Psíquica, fez, no Congresso Internacional Espírita, uma comunicação bem interessante sobre um velho analfabeto de mais de sessenta anos, que mora no Condado de Ysé. Aos nove anos fizeram-no discípulo dum Tengu (um Espírito, ser misterioso do plano astral). De vez em quando esse Tengu o visita e o leva em viagem a diferentes lugares.

Ele diz que em companhia desse ser super-humano pode percorrer várias centenas de milhas sem se cansar e em pouquíssimo tempo. E acrescenta que esse estranho ser muitas vezes lhe dá vários objetos, livros, pergaminhos, ou então ofertas para o santuário, como bolos de arroz, peixes secos, frutas, doces, etc.

Deixamos de fazer referência aos casos narrados nas Escrituras a tal respeito, convidando os leitores a estudá-los para uma perfeita compreensão do fenômeno.

*

Encarando o fato pelo lado moral, poder-se-ia fazer dele uma parábola demonstrativa dos poderes de Jesus

e das regalias que o Mestre oferece a quem desinteressadamente o segue.

Com efeito, só com Jesus teremos tudo o de que precisamos neste mundo, e ainda mais, os talentos e as minas concedidas como premissas para aquisição da felicidade no outro mundo.

O ínclito orador lusitano, que perlustrou o solo brasileiro, num dos seus sermões, diz: "Quereis ter pão? Quereis tê-lo em abundância? Seguia Jesus."

E o meio mais consentâneo com o espírito da religião, é aconselhar a todos os que sofrem e estão famintos, seguirem a Jesus.

Assim como o Mestre multiplicou, no deserto, os pães e os peixes, e saciou a multidão faminta, recolhendo-se ainda da sobra muitos cestos de pedaços de pães e de peixes, assim continuará Ele a fazer aos que buscarem a sua Palavra, aos que lhe obedecerem os preceitos, aos que tomarem vivo interesse pelo seu próprio progresso espiritual.

De duas naturezas eram os pães que Jesus ofertou á multidão, que, pressurosa, seguia seus passos: o pão para o corpo e o pão para a alma, o pão que sacia a fome do espírito.

Elevemo-nos em reconhecimento e gratidão pelas muitas graças que cotidianamente dele vamos recebendo e não nos esqueçamos de que bem-aventurado não será só o que ouviu a Palavra do Evangelho, mas sim o que a puser em prática.

O Maior no Reino dos Céus

"Levantou-se uma discussão entre eles (discípulos) sobre qual deles seria o maior. Mas Jesus, percebendo o pensamento dos seus corações, tomou um menino, pô-lo junto de si, e disse-lhes: Quem receber este menino em meu nome, a mim me recebe; quem receber a mim, recebe aquele que me enviou; pois aquele dentre vós todos que é o menor, esse é grande." (Lucas, IX, 46-48.)

"Naquela hora chegaram-se os discípulos a Jesus e perguntaram: Quem é, porventura, o maior no Reino dos Céus? Jesus, chamando para junto de si um menino, pô-lo no meio deles e disse: Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Quem, pois, se tornar humilde como este menino, esse será o maior no Reino dos Céus. E aquele que receber um menino, tal como este; em meu nome, a mim é que recebe; mas quem puser uma pedra de tropeço no caminho de um destes pequeninos que crêem em mim, melhor seria que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e que fosse lançado no fundo do mar!

"Ai do mundo por causa dos tropeços! Porque é necessário que apareçam tropeços; mas ai do homem por quem vem o tropeço! Se a tua mão ou o teu pé te serve de pedra de tropeço, corta-o e lança-o de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos e dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se o teu olho te serve de pedra de tropeço, arranca-o e lança-o de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos, do que, tendo dois, seres lançado na Geena de fogo." (Mateus XVII, 1-10.)

"Estando ele em casa, perguntou-lhes: Sobre que discorriéis pelo caminho? Mas eles se calaram; porque pelo caminho haviam discutido entre si qual deles era o maior. E sentando-se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quer ser o primeiro será o último de todos, e servo de todos. E tomando um menino, pô-lo no meio deles e, abraçando-o disse-lhes: Aquele que receber um destes meninos em meu nome, a mim é que recebe; e aquele que me receber, recebe não a mim, mas àquele que me enviou". (Marcos, IX, 33-37.)

O sinal característico da inferioridade moral é o julgar-se alguém superior aos seus semelhantes. Aquele que assim procede é um orgulhoso, um vaidoso, e a vaidade e o orgulho não têm guarida no Reino nos Céus.

Nos tempos de Jesus essa mazela já se manifestava nos seus discípulos, lhes querendo tolher os passos

para a entrada do Reino dos Céus. Eles já discutiam quem deveria ser o maior dos doze, querendo, cada um deles, exercer preponderância sobre os outros e, quem sabe, constituir-se em Pontífice Infalível!

O orgulho é a tirania dos sábios e o pecado dos santos. Aqueles se iluminam de tal modo que chegam a petrificar a sua sabedoria. Estes tanto se maceram, tanto se comprimem, tanto fazem e desfazem que também chegam a petrificar a sua religião. Não é isto que vemos no Catolicismo Romano? Nesta associação, de fato, a religião petrificou-se em sacramentos, porque os sacramentos não passam de práticas materiais; petrificou-se em igrejas, pois as igrejas não são feitas de almas, mas de pedras, pedras cruas e pedras queimadas, e até metalizou a caridade, pois nada se faz na Igreja sem o concurso do dinheiro.

O fogo do orgulho e da vaidade tem chamas tão fortes que derreteu toda a humildade, toda a caridade, todo o amor a Deus, todo o desapego aos bens do mundo no sacerdócio católico, fazendo dessas virtudes uma argamassa de ouro e prata, que, fundidas em moedas, se constituíram no grande ideal da "religião" que domina hoje no mundo inteiro.

Mestre! Quem é dentre nós todos o maior no Reino dos Céus?

Jesus, que via diante de si um menino humilde e bom, responde: "Quem, pois, se tornar humilde como este menino, esse será o maior no Reino dos Céus."

O menino não tinha, certamente, a pretensão de ser pontífice; não se julgava superior a quem quer que fosse. Muito criança e alheio à superioridade de mando e de poder, que tanto tem prejudicado as almas, se conservava humilde e dócil aos ensinamentos que Jesus ministrava ao povo. Sem espírito preconcebido, sem preconceitos de castas, nem de classes, ele se limitava a ser discípulo, e isto era justamente o que Jesus queria que fizessem seus discípulos, para um dia se tornarem grandes.

"Aquele que se humilha será exaltado, e o que se exalta será humilhado". Como poderiam, depois dessa sentença proferida pelos lábios do Senhor, serem exaltados aqueles discípulos que, antes mesmo de assumirem a sua missão, já discutiam e pleiteavam orgulhosamente a supremacia?

Não se tornariam pedras de tropeço no caminho dos pequeninos, aqueles domésticos do Senhor que, desviados do posto de servos, pretendiam fazer-se senhores? E como poderiam os pequeninos crer em Jesus, se os seus Apóstolos, em vez de humildes, fossem orgulhosos, em vez de desprendidos de si mesmos se mostrassem cheios de vaidade, egoístas, personalistas? Melhor seria que os presumidos e orgulhosos que se dizem ministros do Cristo, só por terem alisado os bancos de um colégio ou de um seminário, atassem uma pedra ao pescoço e se atirassem ao mar, em vez de se constituírem em pedras

de tropeço e de escândalo, que impedem a entrada no Reino de Deus!

Melhor seria que nascessem de olhos fechados e só entrevissem o Reino dos Céus, do que terem os olhos bem abertos para se queimarem depois no fogo da Geena!

Não se pode ser Apóstolo senão do Cristo e para o Cristo; não se pode ser maior do que o Mestre; não se pode ter mãos e pés, cérebro e coração, sabedoria, inteligência, sentimento, raciocínio senão para seguir a Cristo, exemplo vivo da humildade, que, justamente para melhor exemplificar esta virtude, segundo nos diz o Evangelista João, no Cap. XIII, tirou as suas vestes, cingiu-se com uma toalha, deitou água em uma bacia e lavou os pés de seus discípulos! Inclusive daquele que depois veio a traí-lo!

E para que se seja grande no Reino dos Céus, para que se seja o maior aqui da terra, é preciso que se siga o Cristo, que se ame o Cristo de coração, entendimento e alma, com todas as forças, conservando, todavia, a distância que necessariamente deve existir entre o Mestre e o discípulo.

"Estando para se completarem os dias em que devia ser recebido no Céu, manifestou a firme resolução de ir a Jerusalém, e enviou mensageiros adiante de si. Indo eles, entraram numa aldeia dos samaritanos, para lhes arranjar pousada; o povo porém, não o recebeu, porque o seu rosto era como o de quem ia a Jerusalém. Vendo isto, os discípulos Tiago e João, perguntaram: queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir? Mas ele, virando-se para eles, os repreendeu e disse: Vós não sabeis a que espírito pertenceis. E foram para outra aldeia." (Lucas, IX, 51-56.)

Ia Jesus para Jerusalém, e, de passagem por Samaria, os discípulos tentaram arranjar hospedagem para si mesmos e para Jesus, e não o conseguiram.

O motivo desse desarranjo não se pode saber ao certo, pois, embora fossem os samaritanos inimigos figadais dos judeus, não havia entre eles tanta prevenção contra Jesus. Pois eles já bem sabiam que Jesus só era judeu quanto ao corpo, pois, o seu idealismo não estava circunscrito a qualquer racionalismo terreno e prejudicial. Ele já havia dito "ter vindo ao mundo para salvar o mundo". O Sermão da Montanha não é uma peça nacionalista, mas, sim, um monumental discurso universalista.

Jesus, com efeito, naquela ocasião não tinha ido especialmente à Samaria, mas lá estava de passagem para Jerusalém.

Sendo a hora, talvez, adiantada, os discípulos queriam, com certeza, dormir nessa cidade, para no dia seguinte empreenderem viagem para Jerusalém.

A recusa dos samaritanos em dar hospedagem a Jesus e a seus discípulos prende-se, provavelmente, ao fato de terem estes querido permanecer por alguns dias naquela cidade, antes de se dirigirem a Jerusalém. Questão, talvez, de amor-próprio, jacobinismo samaritano, pois, se Jesus ia pregar aos judeus em Jerusalém, por que não poderia fazê-lo em Samaria, a eles, samaritanos, em sua terra, em vez de ali estar só "de passagem"? É isso o que se pode deduzir do trecho evangélico, que diz: "o povo, porém, não o recebeu, porque o seu rosto era como o de quem ia para Jerusalém".

Os samaritanos eram espíritos muito ignorantes e birrentos, como, aliás, são quase todos os ignorantes; guardavam um ódio tradicional, hereditário aos judeus, a ponto de não manterem relações com quem, embora fosse liberal e tolerante, tivesse relação com os judeus.

A história dos "samaritanos" pode-se resumir no seguinte:

O nome "samaritano" foi dado pelos judeus, nascidos no Reino de Judá, à mistura dos cuteus, povo idólatra de além Eufrates, mandado por Salamanazar,

rei da Assíria, para repovoar Samaria e o seu território, com os Israelitas das dez tribos que ficaram no país e com as quais voltaram ao mesmo tempo que os judeus propriamente ditos, por concessão de Ciro.

Os cuteus, depois de se conservarem idólatras por muito tempo, converteram-se à religião judaica. Esse fato talvez tenha raízes nas devastações causadas pelos leões no referido país, devastações atribuídas pelos cuteus à cólera do "deus daquele país", e que depois foi solucionada pela intervenção de um "sacerdote de Jeová", enviado pelo rei da Assíria para os instruir.

Mas, apesar da sua conversão, os samaritanos desfiguravam com algumas práticas o culto dos judeus fiéis à Lei Mosaica. Com certeza, daí é que nasceu o ódio dos judeus aos samaritanos, retribuído por estes na "moeda corrente" daquele tempo: "olho por olho".

As lutas de samaritanos e judeus estão registradas na História. Quando os judeus quiseram reedificar o Templo de Jerusalém, os samaritanos lhes fizeram grande oposição; mas, como nada houvessem conseguido, levantaram outro Templo, no Monte Garizim, atraindo vários dos judeus que não quiseram aceitar as reformas feitas por Esdras e Neemias.

A aversão entre judeus e samaritanos tinha chegado ao auge quando Jesus Cristo apareceu na Judéia. Nessa época não havia relação alguma entre Jerusalém e Samaria, e a maior injúria que se podia fazer a um judeu era chamá-lo de "samaritano".

A prevenção era tal, que, para não humilhar assim de supetão os seus discípulos, Jesus, a princípio, lhes proibiu a entrada nas cidades dos samaritanos, mas depois tentou a conversão destes.

As crenças e cultos dos samaritanos diferiam dos judaicos em três pontos: não reconheciam como Escritura Sagrada senão os cinco livros de Moisés; não admitiam as tradições dos doutores judeus (aceitavam somente a palavra escrita); sustentavam que era necessário prestar culto a Deus no Monte Garizim, onde os patriarcas o tinham adorado, ao passo que os judeus queriam que os sacrifícios fossem única e exclusivamente oferecidos no Templo de Jerusalém.

Ciente agora da disposição de espírito dos samaritanos, o estudante da Escritura há de compreender melhor a passagem do Evangelho acima referida.

A ignorância é o grande mal social, e tão nociva, que chega a fazer repelir o Cristo e abraçar Belial.

Este exemplo nos ensina que, as mais das vezes, não se repele a Verdade por ódio á Verdade e por descrença da Verdade, mas para salvaguardar crenças hereditárias ou manter aceso um ódio secular.

Foi o que se deu com os samaritanos, inimigos figadais dos judeus; não quiseram dar hospedagem a Jesus só porque "o seu rosto era como o de quem ia para Jerusalém."

De outro lado, Jesus nos ensina com a lição que deu a seus discípulos, a sermos pacientes, suportando o que nos parece um grande mal, mas que não passa do produto do atraso espiritual e obscurecimento mental de quem o pratica. Reprendendo a Tiago e a João, mostra-Ihes quão desviados se achavam de seus Ensinos, que ordenam pagar o mal que nos fazem, com o bem, e não exercemos vingança, porque a vingança, assim como as más ações, sempre pedem tributo a quem as incensam e cultivam.

Os discípulos estavam a par dos antigos acontecimentos e do extraordinário poder dos Profetas, que chegaram a produzir o fenômeno do fogo, como fez Elias e não o puderam fazer os Profetas de Baal. Já haviam tido notícias do incêndio de Sodoma e a devastação, pelas chamas, de Gomorra, onde só se salvaram Ló e suas duas filhas, chegando a perecer também "petrificada" a mulher de Ló, que, posta em caminho, olhou para trás para ver o incêndio!

Então, certos também dos grandes poderes que Jesus exercia sobre a Terra e sobre o Céu, consultaram-no se havia ou não conveniência de se incendiar também aquela cidade, pois azado era o momento.

A resposta do Mestre é característica: "Vós não sabeis a que espírito pertenceis."

Sendo médiuns Tiago e João, como já dissemos, estavam eles sujeitos, cada qual, a um Espírito, mas,

não tendo nenhum deles a "mediunidade do fogo", muito observada nos nossos tempos por fatos constatados, nenhum deles poderia, portanto, ser intermediário do espírito que produz esse fenômeno. A interpretação não pode ser outra.

A Missão dos Setenta

"Designou Jesus outros setenta, e enviou-os de dois em dois adiante de si a todas as cidades e lugares, onde ele estava para ir. E disse-lhes: A Seara, na verdade, é grande mas os trabalhadores são poucos; rogai, pois, ao Senhor da Seara que envie trabalhadores para a sua Seara. Ide, eu vos envio como cordeiros no meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes dizei primeiro: Paz seja nesta casa. E se ali houver algum filho da Paz, repousará sobre ele a vossa paz, e, se não houver, ela tornará para vós. Permanecei naquela mesma casa, comendo e bebendo o que vos oferecerem, pois digno é o trabalhador do seu salário. Não vos mudeis de casa em casa. Em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que vos oferecerem; curai os enfermos que

nela houver, e dizei: Está próximo a vós o Reino de Deus. Mas na cidade em que entrardes, e não vos receberem, saindo pelas ruas, dizei: Até o pó da vossa cidade, que se nos pegou aos pés, sacudimos contra vós: todavia sabeis que está próximo o Reino de Deus. Digo-vos que naquele dia haverá menos rigor para Sodoma, do que para aquela cidade." (Lucas X, 1-12.)

O grande e divino Missionário, em todas as suas primeiras excursões de apresentação do Reino de Deus foi precedido de enviados que anunciaram a sua vinda. O maior dentre estes todos foi João Batista, chefe dos profetas, que baixou a este mundo com a exclusiva missão de aparelhar o caminho, preparar os ânimos, esclarecer os espíritos para depois Jesus exercer com maior eficiência a sua tarefa sagrada.

Vê-se muito bem que o Colégio Apostólico, de que faziam parte os setenta, era uma congregação bem escolhida de profetas que, revestidos de todos os dons, abalaram as cidades da Palestina, distribuindo a mancheias os tesouros da misericórdia divina.

Ele; foram; os grandes operários da Espiritualidade; cheios de coragem e de austeridade, sulcaram as estradas de vila em vila, de aldeia em aldeia, sem se preocuparem com haveres, com roupa, com bolsas, com alforjes nem com sandálias, no cumprimento das ordens que receberam, já curando enfermos e levando a paz às multidões sufocadas pelas tribulações, já anunciando à viva voz e sem desejar

outros valores, a chegada do Reino de Deus, que deveria dominar os corações.

Quantos ensinamentos belos colhemos nestas poucas linhas transmitidas pelo Evangelista Lucas, o grande médico das gentes de outrora!

Desinteresse, abnegação, sacrifício, mansidão, coragem, dignidade, humildade, amor, eis tudo o que Jesus recomendou aos novos pegureiros, para que se provesses, em sua excursão preparatória, do "Reino de Deus".

Nada lhes deveria embarçar a missão de que se achavam revestidos: bolsa, alforje, sandálias deveriam ser postos à margem, porque o Céu os proveria de tudo aquilo de que viessem a necessitar, visto que é digno o operário do seu salário. Nem hospedarias, hotéis, pensões, deveriam preocupar a sua mente, visto que o Senhor Supremo, pelos seus Mensageiros, lhes prepara a pousada o alimento nas casas de algumas daquelas "ovelhas desgarradas de Israel", que teriam, como o Filho Pródigo da parábola, de voltar ao Redil Cristão, satisfazendo, assim, a vontade do grande Pastor de Almas.

E a divina caravana semelhante a um exército, dividiu-se em trinta e cinco pelotões, atravessando morros e valados, serras e ravinas, campinas perfumadas pelos lírios e açucenas, confiantes na força indomável da sua fé, no valor insuperável da palavra imperativa que receberam e se esforçaram por

desempenhar. O resultado foi de tanto sucesso que eles próprios chegaram a se maravilhar dos seus feitos!

Que bela lição para os pusilânimes, e, mais ainda, para aqueles que, dizendo-se ministros de Deus, vivem no fausto e nas comodidades com os cofres cheios de ouro, com cruces cravejadas de brilhantes, e, em vez da humildade que eleva e dignifica, exaltam-se a ponto de dar as mãos e até os pés para serem beijados por seus semelhantes!

Que bela lição para aqueles que só vêm no ouro o meio de louvarem a Deus e que chegaram a transformar a religião numa feira de sacramentos!

O Espírito do Cristianismo aí está, revivendo como a Fênix que jazia sob o pó das igrejas e chamando a contas os maus obreiros que deixaram a seara em pepinal! E o Espírito do Cristianismo faz um apelo severo às inteligências porque é chegado o Grande e Terrível Dia do Senhor, é chegado o Supremo Juiz que julgará aqueles que não tiveram misericórdia!

"Voltaram os setenta cheios de alegria, dizendo: Senhor, até os demônios se nos submetem em teu

nome! Respondeu-lhes Jesus: Eu via Satanás cair do céu como relâmpago. Eis ai vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada de modo algum vos fará mal. Mas não vos regozijeis em que os espíritos se vos submetem; antes regozijais-vos em que os vossos nomes estão escritos no Céu. Naquela hora exultou Jesus no Espírito Santo, e exclamou: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos! Assim é, Pai, porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém sabe quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. E virando-se para os seus discípulos, disse-lhes em particular: Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes. Pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram". (Lucas, X, 17-24.)

A glória do Espírito está no cumprimento da sua missão, na execução da sua tarefa. Quando a tarefa é bem cumprida, a vitória representa o prêmio dos esforços despendidos.

Saíram os setenta, dois a dois, de povoação em povoação e o resultado benéfico do seu trabalho não se fez esperar. Tão grande foi a messe que eles próprios se admiraram. A autoridade que os revestiu foi tão

poderosa que chegou a surpreendê-los. "Até os demônios se nós submetem em teu nome!"

Com efeito, eles não tinham verdadeiro conhecimento de Jesus, embora já tivessem testemunhado extraordinários fenômenos (fatos) operados pelo Meigo Rabino. E foi isso que Jesus disse na sua ação de graças ao Supremo Senhor: "Ninguém sabe quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar."

O conhecimento de Jesus só se pode ter pela Revelação. Uns dizem ser ele a segunda pessoa da "Trindade"; outros dizem ser um filósofo; outros, um grande iniciado; mas a Revelação nos esclarece sobre a verdadeira natureza da grande Individualidade que dirige a espiritualização mundial. São muito significativas as palavras do Mestre, em resposta: "Eu via satanás cair do céu como relâmpago: eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada de modo algum vos fará mal".

Não querem elas exprimir a significação de um "diabo pessoal", como já se tem dito várias vezes (1), mas, sim, a dos espíritos adversários da sua Doutrina, os fariseus, escribas, saduceus e os Caifazes do Espaço, coorte do mal, que retardavam o progresso moral dos homens daquele tempo. São esses os escorpiões e as serpentes que perturbam os lares e as

sociedades, inoculando nas almas a peçonha do seu orgulho, o veneno do seu egoísmo e do seu falso saber.

(1) Vide: O Diabo e a igreja em Face do Cristianismo

Entretanto esse fato de expelir espíritos que, à primeira vista é prodigioso, absolutamente não tem sanção se "o nosso nome não estiver escrito no Céu". Isto sim é que tem valor para Jesus: - cada um de nós ter, no Céu, escrito o nosso nome, como filhos do Pai Celestial, membros da Divina Família. E para que assim aconteça é indispensável que, compenetrados dos Ensinos de Jesus, pratiquemo-los em sua ampla significação, sob os auspícios do Espírito da Verdade, que veio reivindicar os direitos cristãos, conspurcados pelas seitas sacerdotais que infestam o nosso planeta.

Magnífica, tocante é a exaltação do Mestre, rendendo graças ao Senhor Supremo por haver Ele escondido essas manifestações divinas dos "sábios e entendidos" e tê-las revelado aos pequeninos!

E não é verdade que atualmente se reproduz essa revelação em todos os âmbitos da terra? Não é certo que os pequeninos, com a vista desdobrada pelo poder celeste, enxergam o que não vêem os "sábios e os entendidos", que blasonam ciência mas não têm ciência, exaltam o seu entendimento e não têm entendimento? Não vemos sábios teólogos, mestres em Israel, doutores de capelo e borla, com anéis de esmeralda, de safira, de rubi, que ignoram todas estas

coisas, não compreendendo senão a "ciência" que lhes dá a manutenção da vida material?

Felizes os que começam a estudar a Ciência do Céu, porque não verão a morte! Felizes os que se aproximam de Jesus, contritos, humildes, porque deles é a Verdadeira Ciência! Felizes os que estudam no Evangelho a orientação da Vida, pois chegarão salvos e felizes, ao grande porto de Salvamento!

Desgraçados dos "sábios e entendidos", pois verão trevas! Infelizes os que repudiam a Palavra de Jesus, porque não terão arrimo no seu andar, não terão consolação nas dores, nem bálsamo que lhes suavize os males da vida!

Excelentemente felizes! Felicíssimos os que já trazem os seus nomes escritos no Céu!

Oração Dominical - O Valor da Prece

"Estava Jesus orando em um certo lugar, e, quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos. Ele respondeu: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; dá-nos o pão nosso de cada dia; perdoa-nos as nossas faltas,

porque também nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixes cair em tentação." (Lucas, XI, 1-4.)

A prece é um brado da alma que estabelece colóquio com os poderes superiores e irradia os seus anelos pelo Espaço Infinito, que é o seio de Deus.

A prece não está nos lábios, mas no coração; não é uma ação corporal, mas espiritual; não tem fórmulas, nem horas, nem lugares; está fora do tempo e do espaço. Ela pode representar uma súplica, um pedido, uma glorificação ou uma ação de graças.

A Oração Dominical, ou do Senhor, reúne todas essas condições. Ela é confissão, é comunhão, é perdão, é humildade, é exaltação de amor.

O valor da prece, segundo o Espírito do Cristianismo, não está, pois, no número e na beleza das palavras, mas sim na intenção de quem ora.

Muito diferente da dos católicos é a prece dos cristãos. Aquela consta de inumeráveis orações e ladainhas, que não falam ao sentimento, nem exaltam a razão. Constituem elas passatempo com cantos, música de órgão ou orquestra, que delicias a audição mas não têm acesso à alma.

Quantos católicos, protestantes e até espíritas nós vemos, presos à oração, mas, apesar de repetirem muitas vezes por dia a "Oração Dominical" não perdoam a seus desafetos e vivem com o coração transbordando de ódio! Terá valor, essa oração? Estarão eles solicitando o perdão de Deus ou a sua

própria condenação, quando dizem: "Senhor, perdoa as minhas ofensas como eu perdôo aos meus ofensores?"

Examinem-se os que oram, e escolham se devem continuar a orar com a mesma disposição de espírito.

17

Os Laudatórios e a Observância dos Mandamentos

"Enquanto assim falava, uma mulher do meio da multidão levantou a voz e disse-lhe: Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos a que foste criado. Mas ele respondeu: Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam." (Lucas XI, 27-28.)

O motivo exclusivo da vinda de Jesus ao mundo foi a pregação da Palavra de Deus.

Nenhum outro intuito poderia abalar o Divino Mestre a deixar as Alturas, a Vida Eterna, e se enclausurar na vida mortal em que esteve, em que sofreu e foi tão real compreendido.

Os laudatórios, as palmas, as felicitações não lhe prendiam a menor atenção, e, quando havia ocasiões para laudatórios, ele sabia muito bem opor aos laudatórios suas incisivas sentenças, que se gravavam no coração dos seus seguidores.

"Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te criaram", disse a mulher extasiada com a sua Palavra de Amor e Verdade. E o Mestre respondeu imediatamente: "Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam."

Creemos mesmo que nenhum santo queira ser louvado, mas sim estudado, compreendido e seguido.

Aplaudir calorosamente os santos, e não fazer nem observar o que eles mandam, é assemelhar-se à rocha que recebe a semente, fá-la germinar logo, mas em seguida deixa-a morrer por não ter elementos para dar-lhe a vida.

Esta passagem vai com vista aos glorificadores de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, que é honrada com festas, mas cujos mandamentos - "fazei tudo o que meu Filho vos ordenar" - não são obedecidos, pois não querem ouvir nem observar a Palavra de Deus, que tomam por escândalo.

Os melhores meios de ovacionar a Jesus consistem no estudo da sua Doutrina e na observância dos seus Preceitos de Vida Eterna.

"Como afluíssem as multidões, começou a dizer: Esta é uma geração perversa; pede um sinal, e nenhum sinal se lhe dará, senão o de Jonas. Pois assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim também o Filho do homem o será para esta geração. A rainha do Sul se levantará no juízo, juntamente com os desta geração, e os condenará; pois veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. Os ninivitas se levantarão no juízo juntamente com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas e aqui está quem é maior do que Jonas." (Lucas, XI, 29-32.)

"Chagaram os fariseus e saduceus e pediram um sinal do Céu a Jesus, para o experimentar. Mas ele respondeu: À tarde dizeis: teremos bom tempo porque o céu está avermelhado; e pela manhã: hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos? Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal se lhe dará, senão o de Jonas. E deixando-os se retirou." (Mateus, XVI, 1-4.)

"Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele, procurando obter dele um sinal do Céu, para o experimentarem. Ele, dando um profundo suspiro em espírito, disse: Porque pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração nenhum sinal será

dado. E deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado." (Marcos, VII, 11-13.)

"Eles lhe perguntaram: o que devemos fazer para praticar as obras de Deus? Respondeu-lhes Jesus: a obra de Deus é esta, que creiais naquele que Ele enviou. Perguntaram-lhe, pois: que milagres operas tu para que o vejamos e te creiamos? Que fazes tu? Nossos pais comeram o maná do deserto, como está escrito: deu-lhe a comer o pão do céu. Replicou-lhes Jesus: em verdade, em verdade vos digo, não foi Moisés quem vos deu o pão do Céu, mas meu Pai é quem vos dá o verdadeiro pão do Céu; porque o pão de Deus é o que desce do Céu e dá vida ao mundo. Disseram-lhe então: Senhor, dá-nos sempre desse pão. Declarou-lhes Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim de modo nenhum terá fome; e o que crê em mim nunca, jamais, terá sede. Mas eu vos disse que vós me tendes visto e não credes. Todo o que meu Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora; porque eu desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. A vontade daquele, que me enviou é esta: que eu nada perca de tudo o que Ele me tem dado, mas que eu o ressuscite no último dia. Porque esta é a vontade de meu Pai, que todo o que vê o Filho do Homem e nele crê, tenha a vida eterna, e eu o ressuscite no último dia.

"Os judeus, pois, murmuravam dele porque dissera: Eu sou o pão que desci do Céu, e perguntaram: Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como, pois, diz agora: desci do Céu? Respondeu-lhes Jesus: não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos profetas: e serão todas ensinados por Deus; todo aquele que do Pai tem ouvido e aprendido, vem a mim. Não que alguém tenha visto o Pai. Em verdade, em verdade vos digo: quem crê, tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do Céu, para que o homem coma dele e não morra. Eu sou o pão vivo que desci do Céu; se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne. Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este homem dar-nos a comer sua carne? Respondeu-lhes Jesus: em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tendes a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o meu Pai que vive, me enviou, eu também vivo pelo meu Pai;

assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do Céu; não é como o pão de vossos pais, que comeram e morreram; quem come este pão, viverá eternamente. Estas coisas disse ele quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum. Muitos dos seus discípulos ouvindo isto, disseram: duro é este discurso, quem o pode ouvir? Mas Jesus, sabendo por si mesmo que seus discípulos murmuravam das suas palavras, disse-lhes isto vos escandaliza? Que seria se vós vísseis, o Filho do Homem subir aonde estava antes. O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida." (João, VI, 29-63.)

A estória de Jonas acha-se contida no Antigo Testamento, no livro deste profeta, constante de quatro pequenos capítulos. Resumamo-la:

Depois da morte de Elizeu, os dons proféticos explodiram em Jonas, e foi ele enviado pelo Espírito chefe de Israel a Nínive, onde o povo vivia em grande dissolução, a fim de fazer que aquela gente se arrependesse e mudasse sua norma de proceder.

Nínive, capital do Império da Assíria, vivia, de fato, mergulhada, como se observa hoje em nosso país, na impiedade e na idolatria.

Jonas tinha conhecimento de tudo e desejava mesmo, segundo se depreende do seu livro, ver Nínive arrasada.

O profeta não se conformou, primeiramente, com as ordens que recebera do Alto; muito aborrecido da missão de que fora revestido, saiu de sua cidade para Tarshih, comprou passagem e embarcou..

Em alto-mar fez-se um grande vento e caiu uma tempestade. Todos atribuíam aquele fenômeno a uma ação superior que tinha por motivo algum dos tripulantes ou passageiros, do barco. Lançaram sortes para ver quem era causador daquele mal e a sorte indicou Jonas. Este, arrependido de haver contrariado as ordens que receberas disse que desejava ser lançado ao mar. A ordem foi executada e a tempestade cessou, como por encanto. Três dias depois Jonas era atirado às praias de Nínive.

Não se sabe como, mas o profeta dizia que viera no ventre de um grande peixe; quem sabe algum bote o levou à praia?

Jonas rende, então, uma sentida ação de graças pelo seu salvamento, faz uma prece muito tocante, e, novamente, ouve a voz que lhe ordena entrar em Nínive, que da praia ainda distava três dias de viagem.

Novamente Jonas quer recusar obediência á Voz que lhe fala, mas a Voz é imperiosa e afinal o profeta cede, percorrendo as ruas e batendo em todas as portas clamando: "Arrependei-vos e fazei penitência porque daqui a 40 dias Nínive será arrasada; cada um deixe os seus maus caminhos; quem sabe se o Senhor não nos perdoará ainda e não nos salvará da morte?"

O povo, como era costume daquele tempo, cobriu-se de cinza, cingiu-se de cilícios e retrocedeu do caminho mau em que ia. Até o rei estremeceu, fez penitência e lançou um édito para que o povo deixasse os maus caminhos.

De fato, em vista da nova atitude dos ninivitas, nada aconteceu.

Jonas, que havia apregoado o arrasamento da cidade, julgando ter sido vítima de um espírito mentiroso, ficou muito triste, saiu da cidade e ficou sob uma palhoça que levantou, e clamava pedindo a morte. Nesse ínterim, nasceu uma aboboreira, da noite para o dia, com ramaria já extensa e cheia de folhas, mas um bicho ataca-a e ela morre imediatamente!

A situação melancólica de Jonas se agrava porque aquela aboboreira era a sua jóia, digamos mais, o produto de seus dons mediúnicos de materialização, pois uma aboboreira em uma só noite não nasce e lança folhas a ponto de ultrapassar a altura de um homem, Jonas irrita-se, blasfema, e a voz lhe responde: "Farás bem em te apaixonares por causa da aboboreira que não trataste e na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer, e que nasceu numa noite, e numa noite pereceu?" "E eu não havia de ter compaixão de Nínive, na qual se acham mais de cento e vinte mil homens que não sabem discernir entre a sua mão esquerda e a mão direita, e ainda onde há muitos animais?(Jonas, IV, 9-11.)

Feita esta exposição, digam os leitores: qual é o sinal de Jonas?

Haverá alguém que afirme lembrar ou representar ele algum dogma ou sacramento do Romanismo ou do Protestantismo?

Não está peremptoriamente esclarecido ser a Pregação da Fé, para mudança de vida, para regeneração, o abandono da idolatria e dos pagodes que embriagam os sentidos e afastam os homens dos seus deveres religiosos?

Não representará, também, o sinal de Jonas o mesmo sinal que Jesus deu de Vida Eterna, de Ressurreição, aparecendo depois de sua morte corporal e prosseguindo em sua missão de ensinar, como Jonas após três dias de naufrágio apareceu aos ninivitas para levar-lhes a salvação? Estude-se bem esse capítulo e procure-se tirar uma conclusão do que Jesus afirmou: "A esta geração adúltera não se dará outro sinal senão o do profeta Jonas."

*

Prossigamos na elucidação dos demais versículos que precedem à pregação de Jonas, citados por Lucas.

Referindo-se à rainha do Sul, que outra não era senão a Rainha de Sabá, pois foi esta que saiu dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão, Jesus deu a entender que o Espírito dessa mulher

voltaria a encarnar-se no mundo por ocasião do julgamento daquela geração que lhe pedia sinais, e, juntamente com os espíritos dos ninivitas, condenaria tal geração.

Realizar-se-ia já esta profecia? Quem seria essa mulher? Quais seriam os ninivitas? Mas, não entremos nessas indagações, pois que somente nos compete realçar o Espírito do Cristianismo.

O inegável é que os condenados não podem deixar de ser outros, senão os que, pelas suas idéias e norma de proceder, não estão de acordo com os ensinamentos de Jesus, os que substituíram a glória de Deus pela glória dos homens, os que amam mais a criatura do que o Criador, os que puseram outro fundamento na religião, excluindo dela Jesus Cristo.

*

Lendo-se com atenção e analisando-se oração por oração o capítulo VI, de João, versículos 29 a 64, fica-se inteirado do pensamento íntimo do Mestre, cuja idéia mater é a "Ressurreição e a Vida Eterna", princípio, base e fim da sua inigualável Doutrina, sendo os meios de alcançar esse objetivo, a crença em Jesus e a obediência aos seus preceitos.

- No versículo 39, lê-se: "A vontade Daquele que me enviou é está: que eu nada perca de tudo o que ele me tem dado, mas que eu o RESSUSCITE no último

dia. No versículo 40, diz: "Porque esta é a vontade de meu Pai, que todo o que vê o Filho do Homem e nele crê, **TENHA A VIDA ETERNA**, e eu o **RESSUSCITAREI NO ÚLTIMO DIA.**"

No versículo 44, diz: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou, o não trouxer; e eu o **RESSUSCITAREI NO ÚLTIMO DIA.**"

No versículo 47, repete: "Em verdade, em verdade vos digo: **QUEM CRÊ EM MIM, TEM A VIDA ETERNA.**" No versículo 54: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, **TEM A VIDA ETERNA, E EU O RESSUSCITAREI NO ÚLTIMO DIA.**" No versículo 58: "Quem come **ESTE PÃO, VIVERÁ ETERNAMENTE.**"

A questão da Imortalidade e da Outra Vida, é base principal da Doutrina de Jesus. Os seus discípulos haviam de ter absoluta certeza da Imortalidade, porque o Mestre, como aliás aconteceu, não deixaria de dar-lhes todas as provas de que eles necessitassem para que tivessem uma fé científica comprovada pelos fatos, de que a Imortalidade, a Vida Eterna não era um dogma que ele impunha, mas sim um testemunho de que a sua Doutrina era de Deus, era o Pão que havia de dar às almas o alimento da crença na Vida Eterna, na Imortalidade. Bastava que cressem na sua palavra e o seguissem para observarem todos os fenômenos, todos os fatos que se desdobravam com a sua presença, fatos transcendentais, metapsíquicos, independentes de

fatores físicos e que poderiam ter explicação com a aceitação da "Teoria da Vida Eterna", da "Teoria da Imortalidade", lógica e claramente proclamada por Ele em todos os seus discursos, em todas as suas manifestações espirituais, e cimentada ainda com uma vida de abnegação e sacrifícios, para que a sua Palavra de Vida Eterna não percesse sob os dogmas farisaicos que ensombravam a religião.

As suas aparições depois da morte, constatadas por todos os Evangelistas, são letras vivas, solenes reproduções desses versículos 39, 40, 44, 47, 54, 58, que transcrevemos e não podem ter outra interpretação além da que expomos com a maior clareza e concisão.

Essas figuras de que Jesus usou, como por exemplo: "quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a Vida Eterna; porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida", não podem ser tomadas à letra. E isto, o próprio Jesus disse a seus discípulos que acharam duro o discurso impossível de compreender: "Isto vos escandaliza? Que seria se vós vísseis o Filho do Homem subir aonde estava antes? O ESPÍRITO É O QUE VIVIFICA, A CARNE PARA NADA APROVEITA. As palavras que eu vos tenho dito são ESPÍRITO E VERDADE. (S. João VI, 62-63.).

Quem não vê nessas palavras do Filho de Deus a Doutrina pela qual Ele derramou seu próprio sangue! Quem não vê que essa carne e esse sangue não são

mais do que símbolos do Verbo de Deus, que se fez carne e habitou entre nós! Quem não vê que o Corpo, representado por carne e sangue, de que Jesus falou, constitui o Corpo, o conjunto da sua Doutrina, dos seus ensinamentos, finalmente - o Cristianismo! Então o Cristianismo não é o Corpo do Cristo? O Cristo não é o Espírito do Cristianismo? E o Verbo não é a Palavra de Deus que o Espírito de Cristo assimilou e, para que fosse compreendida na Terra, constituiu um Corpo de Doutrina, verdadeira, imaculada, inatacável pela sua pureza e pela verdade que encerra? Responda quem for capaz, mas responda com fatos, com critério, com lógica, com a razão, com o bom senso.

O que quer dizer aquela expressão do Mestre: "O espírito é que vivifica; as palavras que eu vos tenho dito são Espírito e Vida"?

E consentâneo com a razão fazer dessas palavras de Jesus preceitos dogmáticos e fórmulas sacramentais, desvirtuando o pensamento do Senhor e materializando, ao mesmo tempo, "o que é Espírito", a ponto de transformá-lo numa obreia de trigo, como fazem os padres romanos, ou num pedaço de pão como fazem os pastores protestantes?

E que regras gramaticais usam esses exegetas para assim analisar o Evangelho, submetendo-o a injunções arbitrárias, estreitando-o à sua teologia infantil!

Uma coisa é ver o Evangelho na sua pureza "pagã", outra é observá-lo com as "águas lustrais dos batismos sacerdotais"!

O Evangelho não precisa ser "sacramentado" para viver no coração da Humanidade; por si só ele se impõe, independente de influências científicas e doutorais. Se os "filólogos" quisessem prestar-lhe um serviço, ele aceitaria antes o obséquio de serem obedecidos os seus ditames de Imortalidade e Vida Eterna, os seus parágrafos de caridade, humildade, benevolência, tolerância e amor ao próximo, porque fora desses preceitos não há salvação.

*

Outra expressão digna de nota nas referidas sentenças de Jesus, é a que o Mestre repete com singular insistência: "EU O RESSUSCITAREI NO ÚLTIMO DIA."

Essa promessa feita em todos esses versículos, a todos os que nele crerem, deve ter uma significação formal de realização categórica.

O estudante do Evangelho não pode pôr à margem essas palavras, que representam a realização de um fato que tem como primícia a necessidade da crença nas palavras de quem as pronunciou.

O último dia da vida terrena é o dia da morte, logo a ressurreição no último dia não pode deixar de

significar o reaparecimento daquele que morreu e sua conseqüente posse da Vida Eterna. O texto da Vulgata diz claramente EGO RESUSCITABO E UM IN NOVISSIMO DIE, do verbo resuscitare, que quer dizer - fazer voltar à vida, tornar a aparecer, restabelecer, fazer reviver.

Não foi outro o sentido que os Evangelistas deram a essas palavras. A expressão RESSURREIÇÃO está intimamente ligada às APARIÇÕES de Jesus, como se depara muito bem no capítulo XX de João, versículo 9: "porque não compreendiam a Escritura, que era necessário RESSUSCITAR Ele dentre os mortos."

A palavra RESSURREIÇÃO não tem mesmo outra significação evangélica, que voltar á vida, tornar a aparecer, restabelecer-se, reviver.

Indo as santas mulheres ao sepulcro, diz Lucas, XXIV, 5, ficaram perplexas por não terem encontrado o corpo de Jesus e por aparecerem dois varões com vestes resplandecentes, que lhes disseram: "Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas RESSUSCITOU - sed surrexit.

Em Marcos, capítulo XVI, 8-11, diz-se: "Surgens autem mané, prima sabbati, aparuit primó Mariae Magdalenae, de qua ejecerat septem daemonia." - "Havendo Ele ressuscitado de manhã cedo, no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual havia expelido sete demônios." E acrescenta: "Ela foi noticiá-lo aos que

havia andado com Ele, os quais estavam em lamento e choro; estes, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e que tinha sido visto por ela, não acreditaram."

O trecho de Mateus não é menos categórico e claro. É assim que diz o Evangelista no capítulo... XXVIII, 5: "O anjo disse ás mulheres: Não temais vós, porque sei que procurais a Jesus, que foi crucificado; Ele não está aqui; PORQUE RESSUSCITOU, como disse; vinde e vede o lugar onde jazia. Ide depressa dizer aos seus discípulos que Ele RESSUSCITOU DOS MORTOS E VAI ADIANTE DE VÓS PARA A GALILÉIA, e lá O VEREIS."

- "Et citó euntes, dicite discipulis, ejus quia surrexit et ecce proecedit vos in Galilaeam, ibi eum videbitis, ecce praedixi vobis."

Paulo na I Epistola aos Coríntios, capítulo XV, é bem explícito sobre a ressurreição de Cristo e a RESSURREIÇÃO DOS MORTOS, e diz claramente, para quem tiver olhos de ver; que o Evangelho por ele anunciado, Evangelho da salvação que ele recebeu e anunciou, é justamente este: "Que Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que apareceu a Cefas e então aos doze; depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, depois apareceu a Tiago, então a todos os apóstolos; e por último de todos, apareceu a mim também como a um abortivo."

Depois diz ele: "Se se prega que Cristo é ressuscitado dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? Se não há ressurreição de mortos, nem Cristo é ressuscitado, é logo vã a nossa pregação e também a nossa fé."

Tão importante julga Paulo a ressurreição dos mortos, a aparição dos mortos, que chega a dizer que não se crendo nela, é vã a pregação e a fé; não tem efeito, não tem valor nenhum a fé, nem a pregação.

E em todo o resto desse capítulo o Apóstolo não faz outra coisa senão demonstrar a veracidade da RESSURREIÇÃO, ou seja da APARIÇÃO DOS MORTOS, explicando até com que CORPOS eles aparecem, ressuscitam e vivem.

Diz que o homem não traz só a imagem do corpo terreno, mas também a imagem do corpo celestial (versículos 48-49); e é com este que aparece, que ressuscita, que revive.

*

Conclui-se, de tudo isso, que o sinal de Jonas é a pregação do Evangelho no espírito que vivifica, e não na letra que mata. Conclui-se mais, que a Ressurreição, a Aparição, ou antes, as Aparições de Jesus, também são sinal de Jonas. Pois, assim como Jonas apareceu em Nínive depois do naufrágio, Jesus

também apareceu aos discípulos e a muita gente, depois da morte.

Conclui-se ainda mais que crer em Jesus não é só proferir a palavra - creio. É acompanhá-lo, segui-lo no seu Evangelho, estudar e meditar os seus ensinamentos.

Paulo seguia a Jesus em espírito, pois no seu tempo Jesus já se havia passado para a Vida Eterna. Entretanto, não há quem conteste que a Doutrina de Paulo é a inspiração de Jesus, que não abandonava a Paulo, porque Paulo o seguia. E tão firme estava o Apóstolo da luz na sua fé de que Jesus o assistia, que afirmava peremptoriamente: "Já não sou mais eu quem vive, mas Jesus que vive em mim e faz todas as obras."

Conclui-se, finalmente, que o Espiritismo é o Espírito do Cristianismo, Espírito esse encarregado por Jesus para vivificar a sua Doutrina, dar-lhe ampla expansão, explicá-la e até trazer-lhe o complemento indispensável, de acordo com o progresso dos povos, segundo disse o próprio Jesus:

- "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Paracleto (Consolador, Advogado, Defensor), a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. (João, XIV, 15-17). Notem

bem a expressão "habita convosco e estará em vós" - quia apud vos manebit, et in vobis erit.

O Espiritismo não é, como pensam alguns, uma coleção de livros que ornamentam as bibliotecas e circulam pelo mundo. Muito mais do que isso, é o Ideal grandioso que paira sobre nós como um corpo flutuante dos Sagrados Ensinos, sustentados pelos mais poderosos sábios e santos Espíritos de Deus.

Fica, pois, prevalecendo o Sinal de Jonas, como o único milagre capaz de converter a Humanidade e estabelecer no mundo a Paz e a Fraternidade.

Os Olhos e a Candeia

"Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar escondido nem debaixo do módio, mas sobre o velador, a fim de que os que entram vejam a luz. A candeia do corpo são os olhos. Se estes forem simples, todo o teu corpo será luminoso; mas, se forem maus, todo o teu corpo ficará às escuras. Vê, então, se a luz que há em ti não são trevas. Pois se todo o teu corpo for luminoso, sem ter parte alguma em trevas, será inteiramente luminoso, como quando uma candeia te alumia com a sua luz. (S. Lucas, XI, 33-36.)

Ultimamente a Medicina nos está dizendo que a cura de moléstias como nevralgias e paralisias depende exclusivamente do nariz, de um toque no trigêmeo, etc. Mas o Evangelho nos diz que a sede principal das enfermidades está nos olhos. Em todo o caso, a Medicina já vem vindo, já está mais perto da verdade do que quando dizia que estava nas pernas ou nos pés!

Dos cinco sentidos, os olhos constituem o órgão predominante do corpo. Basta dizer que o homem vê pelos olhos e não pelo nariz. Se não houvesse olhos não havia necessidade de espelhos. E todas as belezas e mazelas passam primeiramente pelos olhos para depois irem ao cérebro e serem transmitidas, por este, à alma.

A perfeição dos olhos é indispensável para a perfeição do cérebro e perfeição do espírito. Quem tem olhos maus não pode ter cérebro bom e espírito equilibrado, pois uma objetiva defeituosa não pode dar, à chapa, uma imagem perfeita.

Objetiva sem luz, há de forçosamente, transmitir trevas à chapa, e toda a máquina fotográfica fica prejudicada e insuficiente para o mister, exclusivamente por causa dos olhos - a objetiva.

Dizem que os olhos de Jesus eram tão luminosos e belos, que, certo dia, aproximando-se de um cão morto que todos os circunstantes execravam com palavrões, disse: "Mas como os seus dentes são belos"!

Enquanto os demais só viam a podridão do pobre animal, o divino Filho de Deus só viu o que ele tinha de bom!

Maravilhosos olhos! Como deveriam ser luminosos e belos! E como seria o seu corpo, radiante, feito de luz e de amor!

Os olhos têm grande influência sobre o corpo. É por eles que entra a vaidade, o orgulho, o pecado que gera a morte.

Mas também é por eles que entram na alma os princípios felicitantes do Evangelho, que nos libertam e salvam.

Existem olhos tão maus, que chegam a secar tenras plantas, que vivem humildes, festejadas pelas relvas. Existem olhos tão bons, que só um olhar desses olhos chega para curar um enfermo!

Os olhos são como a candeia. Candeia mortíça, pavio enfezado, enfumaça o vidro e só dá trevas. Candeia clara, pavio esbelto, espevitado, ilumina tudo o que está na casa, a tal ponto que faz achar dracmas perdidas!

Há olhos pretos, olhos castanhos, olhos verdes e azuis, olhos amarelos, mas todos foram feitos de luzes, e tão luminosos chegam eles a ser nos gatos e nos cães, que de longe nos parecem faróis a clarear os caminhos. Entretanto, vêem-se homens com olhos tão escuros que parecem antes um morrão que fumega.

O que viram os circunstantes próximos do cão morto? Rigidez, pelo eriçado, desagregação, morte! Só viam o que era ruim. Porque os seus olhos não eram bons, eram candeias de trevas, em vez de serem candeias de luz.

Como Jesus só viu no animal magníficos dentes? Porque os olhos de Jesus eram duas estrelas de primeira grandeza, que só viam o que era bom, o que era belo! Lembra os magos que, para poderem achá-lo, embora se premunissem de boa vontade, tiveram de premunir-se, antes de tudo de uma estrela que os guiasse ao presépio de Belém, onde Jesus estava!

Para ver o que é bom é preciso ter olhos bons, cheios de luz.

Os olhos são como as candeias. Cuidado, diz o Evangelho, com o teu corpo, porque se teus olhos forem maus, ai de ti, o teu corpo ficará às escuras!

O nariz é sentido do olfato, mas os olhos, os da visão. Iluminemo-los mais e mais, porque é por eles que recebemos as grandes sensações!

"Tendo acabado de falar, um fariseu convidou-o para almoçar com ele; e Jesus, havendo entrado, pôs-se à mesa. Vendo isto o fariseu, estranhou não se ter ele lavado antes de almoçar. O Senhor, porém, disse-lhe: Agora, vós os fariseus, limpais o exterior do corpo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade. Insensatos, porventura, quem fez o exterior, não fez também o inferior? Dai, porém, em esmolas, o que está no copo e no prato, e eis que todas as coisas vos são limpas.

"Mas ai de vós, fariseus! que dizimais o endro, a hortelã e o cominho e desprezais a justiça e o amor de Deus. Estas coisas porém, devíeis fazer sem omitirdes aquelas. Ai de vós, fariseus! Porque gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas, e das saudações nas ruas. Ai de vós! Porque sois semelhantes aos túmulos que não aparecem, sobre os quais andam os homens sem o saberem:

"Então lhe disse um dos doutores da Lei: Mestre, falando tu assim, a nós também nos insultas.

"Respondeu Jesus: Ai de vós também, doutores da Lei! Porque carregais os homens com fardos difíceis de suportar, e vós nem com um dedo vosso os tocais. Ai de vós! Porque erigis os túmulos dos profetas que os vossos pais mataram. Assim dais testemunho e consentis nas obras de vossos pais, porque eles os mataram, e vós lhes erigis os túmulos. Por isso também disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei

profetas e apóstolos, e a alguns deles matarão e a outros perseguirão, para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde a fundação do mundo, desde o sangue de Abel, até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário; sim, eu vos digo que se pedirá conta a esta geração. Ai de vós, doutores da Lei, porque tirastes a chave da ciência, e vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam! Ao sair dali Jesus, os escribas e fariseus começaram a apertá-lo fortemente e a importuná-lo com perguntas sobre muitos assuntos, armando-lhe ciladas a fim de o apanhar em alguma de suas respostas." (Lucas XI, 37-54.)

Nada nos confrange mais o coração do que uma humilhação injusta. A censura humilhante da injustiça chega a revoltar os mais puros corações. E momentos há em que a complacência com a injustiça constitui grande falta de caridade.

Após uma tocante exortação de Jesus a seus discípulos e à multidão que o ouvia, um fariseu convida-o para almoçar. O Nazareno, que encarava os homens e as coisas pelo lado bom, acede ao convite, entra, senta-se à mesa, e o primeiro menu que lhe oferece o dono da casa é perguntar-lhe porque não se havia lavado antes de vir para a mesa! De modo que Jesus não foi convidado para almoçar, foi convidado para ser injustamente humilhado e maltratado por

quem, alguns minutos antes, havia assistido a uma parte dos seus belos ensinamentos.

Que fazer diante de tal conjuntura? Deixar-se vilipendiar? Deixar-se triturar? Deixar-se desmoralizar por um grosseirão, que tinha o dever de respeitar a todos, de ser educado, correto, civil? Perder a bela ocasião de ensinar a quem precisava aprender? Não, Jesus não era um covarde, não era um tímido, não era um subserviente passiva. Sua humildade era altaneira, sua mansidão era cheia de atividade e sua bondade não chegava ao extremo de renunciar o espírito de justiça que o caracterizava. Além de tudo, devia defender sua integridade moral, precisava manter-se à altura da sua Doutrina, que não podia ser rebaixada na sua pessoa.

Se era costume, naquele tempo, quando chegava um hóspede para comer ou dormir, os próprios fariseus e doutores da Lei oferecerem "água para os pés", "água para o rosto e para as mãos", como aquele fariseu que nenhuma oferta fez poderia admirar-se e questionar com Jesus sobre o não ter-se Ele lavado, se foi justamente por falta dessa cortesia e oferecimento de água que Jesus por condescendência e humildade, sentou-se à mesa sem se lavar!

Os fariseus convidavam a Jesus para almoçar ou jantar, mas não lhe ofereciam antes água para banho, nem lhe davam o osculo costumeiro, o beijo que davam a todos os que os visitavam e com eles se sentavam à mesa.

No capítulo VII, 44-45 do Evangelista Lucas, vemos Jesus em casa de Simão, fariseu, reclamando essa falta de água e de ósculo, daquele que o havia convidado para jantar, e que também duvidou da sua moral porque Maria Madalena entrou para oferecer, com lágrimas e nardo, o seu arrependimento, ao Filho de Deus, dos pecados que havia praticado (1).

(1) *Vide: Parábolas e Ensinos de Jesus*

"Pois se tu me convidas para sentar à tua mesa e não me ofereces banho primeiramente, como podes censurar-me de estar eu sentado à tua mesa, não tendo lavado as mãos e os pés à tua vista?"

Está-se vendo que a censura de Simão foi preparada de emboscada, e que o fim do convite não foi para matar a fome, e, sim, para tornar ainda mais faminto de amor e compreensão aquele cujo alimento principal era fazer a vontade do Pai que está nos Céus!

O Cristianismo é uma doutrina de virtudes ativas, e o cristão não deixa passar ocasião em que possa demonstrar a sua fé, a sua coragem, a sua superioridade espiritual, manifestando com o maior desassombro as suas idéias, o seu pensamento embora com grande sacrifício até da sua vida.

Não se pense que o cristão é um escravo, um moleque, um títere de qualquer condecorado ou potentado, que o possa torcer para este ou aquele lado.

Jesus aceitava por dever assim demonstrar aos fariseus e escribas, que o assaltavam continuamente

com perguntas estapafúrdias, armando-lhe ciladas e fingindo se seus admiradores, a ponto de convidá-lo para almoçar e jantar, mas com o fim de oprimi-lo e acusá-lo.

Demais, não se pode ter certeza se Jesus lançara seus olhos cheios de luz sobre o coração daquele fariseu atrevido, ou o olhara pela rama, vendo nele somente os dentes alvos, como aconteceu com a história do "cão morto"

É possível que o Mestre, cheio de boa fé, não tivesse percebido a cilada e daí partissem os arroubos de justa indignação que teve para desmascarar aquele hipócrita. Esse trecho citado por Lucas no referido capítulo XI, versículo 44: "Ai de vós, porque sois semelhantes aos túmulos que não aparecem, sobre os quais andam os homens sem saber!", confirma o haver Jesus ido de boa fé á casa do fariseu.

E só depois da censura é que o Mestre ficou sabendo com quem tratava. Foi preciso que o túmulo exalasse a podridão para que se tornasse conhecido!

Quantos túmulos existiriam naquelas condições, que não apareciam e sobre os quais andavam os homens sem o saber!

Quantos túmulos existem ainda hoje nas mesmas condições, sem ao menos uma cruz que os assinale!

Nessa matéria de túmulos, parece-nos serem esses os mais perigosos. Há os túmulos ornados, mas em cujo interior só se acham podridões; há os sepulcros

branqueados, que parecem belos aos olhos dos homens, mas dentro dos quais somente existem ossos. Contudo, de todos estes, os piores são os que nada assinalam: parece que caminhamos em terra firme, quando caminhamos sobre túmulos!

Se é verdade que uma parte dos escribas e fariseus era semelhante a túmulos vistosos, cheios de ossatura e podridões, não há que duvidar que uma grande parte deles era como os túmulos que não apareciam e sobre os quais andavam os homens sem o saber!

Daí a necessidade da demarcação para evitar o contágio de alguma mazela perigosa.

E Jesus não deixou de fazê-lo.

Quantos modernos fariseus e escribas necessitam atualmente da mesma lição!

Quantos deles pagam o dízimo do endro, da hortelã e do cominho e se esquecem da Justiça e do Amor de Deus!

Quantos querem as primeiras cadeiras nas igrejas e nos banquetes e gostam de ser saudados nas praças públicas!

Quantos "doutores da Lei" carregam os homens de pesados fardos, difíceis de suportar e eles mesmos nem com as pontas dos dedos os tocam!

Quantos erguem igrejas e altares aos profetas que seus pais mataram! Continuam na religião de seus pais, mas erigem altares e levantam imagens dos profetas que seus pais mataram, dando assim

testemunho que estão de acordo com a obra de seus pais!

A História do Cristianismo em sua rude singeleza mostra muito bem a atitude estóica de Jesus para manter a sua Palavra, que deveria chegar até nós e reviver nos corações a fé no Ideal. E essa história não se limita unicamente ao que se passou, ela é uma previsão do futuro com as suas conquistas e suas lutas, para o verdadeiro estabelecimento dos princípios de moral, que servem de base à excelente doutrina.

O mundo, dominado por uma legião de espíritos orgulhosos, egoístas, despóticos, somente conquistará a sua liberdade com o expurgo desse elemento prejudicial, conservantista, inimigo do progresso. Todos esses assassinos, que fizeram correr rios de sangue; que tolheram a liberdade, que inutilizaram os dons de Deus, que mataram em nome da Lei e do Altar, hão de dar contas dos seus feitos, e então, ai deles! Ai dos que espoliaram os pobres! dos que tentaram apagar o archote da Verdade, destinado a iluminar a Humanidade! Ai dos salteadores do Poder! dos lobos vestidos com peles de ovelhas; dos mercenários e mercadores das coisas santas! dos que humilharam os justos!

A Grande Revolução

"Vim lançar fogo à terra, e que mais quero, se ele já está aceso? Mas tenho de ser batizado com um batismo, e como me angustio até que ele se cumpra! Pensais que vim trazer paz à Terra? Não, eu vo-lo digo, mas divisão porque de hora em diante haverá numa casa cinco pessoas divididas, três contra duas, e duas contra três; estarão divididos: o pai contra seu filho, e o filho contra seu pai; a mãe contra sua filha e a filha contra sua mãe; a sogra contra a sua nora e a nora contra sua sogra." (Lucas XII, 49-53.)

"Não penseis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar a divisão entre o filho e seu pai, entre a filha e sua mãe, entre a nora e a sua sogra. Assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama a seu pai e a sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim, e quem ama seu filho e a sua filha mais do que a mim, não é digno de mim; e aquele que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. O que acha a sua vida, perdê-la-á, mas o que perde a sua vida por minha causa, acha-la-á." (Mateus, X, 34-39.)

Jesus foi o maior revolucionário que apareceu no mundo.

Espírito incomparável em sabedoria e em virtudes, foi Ele escolhido no Conselho Supremo para trazer a

Lei da Reforma social à Terra, para que possam imperar no lar, na sociedade, nas nações, os preceitos de amor recíproco em plena atividade para a evolução da Humanidade.

Restritos a um Código de Condenação, que ordenava o apedrejamento dos "faltosos" em praça pública, e, em face dos delitos, dava sentenças "dente por dente, olho por olho", a Humanidade completamente paralisada em seus anelos, permaneceria em estado de embrutecimento se o Cristianismo, revogando todas essas leis antiquadas, não abrisse, às almas, preparadas para os grandes surtos, às "ovelhas desgarradas de Israel", novos horizontes de vida que as atraísse para um progresso mais consentâneo ao direito das gentes.

A revolução operada pelo Cristianismo é tão substancial e maravilhosa que chegou a fechar uma época da História pois antes dele predominou, durante centenas de anos, a Lei Mosaica, mal interpretada pelos detentores do poder, representados pelos doutores da Lei, os escribas, os fariseus, os sacerdotes do Judaísmo.

A palavra de Jesus revolucionou os espíritos, a luta se fez e até hoje prossegue a sua ação benéfica, expurgando da religião os conceitos e preconceitos funestos que têm prejudicado a família, dividido a sociedade e estabelecido a guerra entre as nações.

As velhas Idéias, acendradas de orgulho e falso saber, continuam até hoje a endeusar o vício e a oprimir a virtude. Entretanto, se o Grande Missionário não tivesse deliberado baixar à Terra, para trazer a Nova Lei do Amor, que começa a ser compreendida por muitos espíritos de boa vontade, permaneceríamos ainda em plena escuridão e sob o despotismo dos escravizadores de consciências.

A Revolução Cristã, não há dúvida, tem ocasionado carnificinas e tem feito correr rios de sangue, porque o batismo do fogo e da espada é o emblema que ornamenta a frente de todos os que, tirando a Humanidade do círculo vicioso que tem por costume limitá-la, provoca reação tenaz e homicida nos que materializaram os seus princípios e cristalizaram as suas virtudes.

Não que a Revolução Cristã seja uma revolução cruenta, nem que seus Apóstolos, armados de espada e bacamarte, dizimem populações e incendeiem cidades. Muito ao contrário, eles são os cordeiros atacados por lobos vorazes sem alma, sem coração e prontos sempre a beberem o sangue das suas vítimas. Prova disso é a Tragédia do Gólgota, o mais horripilante atentado que a História registra com letras de sangue.

A Revolução Cristã é a execração do ódio e a proclamação do Amor; é a bandeira da Fraternidade Universal, flutuando na Inteligência, sob a paternidade de Deus.

Nem pátria, nem família (*), nem potestades, nem domínios: tudo por Deus, tendo como meios a sabedoria e a virtude.

(*) Jesus não prega o "desprezo", mas o "desapego" à família terrena. Amar o pai, a mãe, os irmãos, a esposa, o marido, não significa estar de tal modo preso a eles que não se possam levar a efeito as realizações espirituais. Segundo o bom conceito evangélico, o cristão "dá a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus".

Percorrei as páginas do evangelho e vereis a essência do Cristianismo com seus poderes e ditames, capazes de fazer, de um mundo velho de prejuízos e de ignorâncias um mundo novo de sabedoria e de progresso, sobre as bases da mais bela moral que se evidência nas quatro letras do alfabeto divino: AMOR.

A sentença de Jesus: "Não vim trazer a paz, mas a guerra, a espada - vim lançar fogo à Terra e quero que ele se acenda", pode-se muito bem traduzir na outra sentença - "si vis pacem, para bellum" ("Quereis a paz? Preparai-vos para a guerra"), porque os princípios cristãos, que nós espíritas relembramos e propagamos, como Jesus o fazia, provocam a luta acirrada dos sacerdotes conservantistas, das religiões sectárias, dos fanáticos e das beatas supersticiosas, que não conhecem outra religião além dos cultos, saltérios, ritos e formalismos que desnaturam, obscurecem e aniquilam a Pura Religião de Jesus Cristo, emblema luminoso da Fé que ilumina e do Amor que salva.

E o que representa essa divisão na família e dissensão social, se não a ignorância da Lei de Deus e a guerra sem trégua que o espírito sectário move

contra a Religião Universal da Ordem da Harmonia, da Caridade, do Perdão, da Humildade, instituída na terra pelo Cristo?

A Grande Revolução começou em Belém, estendeu-se pelo mundo todo, mas estamos certos de que o maior Revolucionário de todos os tempos - Jesus Cristo - sairá triunfante, porque o Bem há de forçosamente vencer o Mal, e o Progresso, agitando as massas, lhes abrirá os olhos para o cumprimento dos supremos desígnios.

"Si vis pacem, para bellum" - se quisermos a paz, preparemo-nos para a guerra e armados da espada da Fé, Com a couraça da Caridade, e a chama sagrada da Esperança, lancemos o fogo do Amor do Próximo nos corações, porque é chegado o tempo dos Espíritos do Senhor serem conosco e fazerem brilhar em todas as almas a verdade da Imortalidade.

A Prisão e o Inferno

"Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, faze o possível para te livrar dele no caminho; para que não suceda que ele te arraste ao juiz, e o juiz te entregue ao meirinho e o meirinho te

lance na prisão. Digo-te que não sairás dali até pagares o último ceitel." (Lucas XII, 58-59.)

"Harmoniza-te sem demora com o teu adversário enquanto estás no caminho com ele; para que não suceda que o adversário te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão; em verdade te digo que não sairás dali até pagares o último ceitel". (Mateus, V, 25-26.)

Estas duas passagens evangélicas constituem a antítese do Inferno Eterno, proclamado pelas Igrejas Romana e Protestante. Já tratemos muito desse assunto no livro, "Diabo e a Igreja, em Face do Cristianismo", mas não será demais lembrar, em vista dos dois trechos acima transcritos, da insubsistência do "dogma do Inferno", sobre o qual se alicerça esse elemento sectário, que diz representar o Cristo na Terra.

Cada um é julgado por suas obras, e cada qual tem o mérito ou demérito das mesmas obras. Ninguém pode ter salário superior ao serviço que fez; ninguém pode receber castigo maior do que o crime que cometeu. Não é preciso estudar Direito, nem Teologia, para compreender essa verdade que é intuitiva. E tão intuitiva é, que a nossa legislação suprimiu a pena de morte, assim como suprimiu as galés perpétuas que faziam parte do velho Código elaborado pelo elemento clerical, impregnado da idéia do Inferno Eterno.

A tendência evolutiva da lei não é mais para o castigo, mas sim para a correção.

Por isso é que afirmamos que Deus não castiga, corrige.

Vemos atualmente em nossas penitenciárias, por exemplo, o espírito que aí predomina. Um indivíduo pratica um crime; é condenado pelo júri à pena máxima - 30 anos. Vai cumpri-la na penitenciária,. Nos primeiros tempos é submetido à prisão celular, para que seja observado, estudado, perscrutado. Conforme a ferocidade ou humildade que revele, ou fica entre as quatro paredes, ou é solto da cela, para trabalhos manuais e de educação moral e intelectual.

Em última análise, na cela ou fora da mesma ele recebe exortações morais. Se o comportamento e aplicação forem irrepreensíveis ele completará a metade do tempo na penitenciária, e, os demais 15 anos, ele os gozará em liberdade, isto é, será solto, tendo, como se diz, a "cidade por mensagem", mas sob a inspeção das autoridades locais onde residir, tratando de si e de sua família até completar a pena, época em que terá absoluta liberdade como todos nós. Eis o espírito da lei, segundo nos disse distinto diretor da penitenciária o Dr. Franklin Piza.

E se na Terra a lei é assim concebida, com atenuantes e indulgências, como poderá deixar de ser assim no Céu, onde a justiça não se pode afastar da misericórdia e do amor!

Lei condenatória, eterna, inflexível, sem oportunidade de correção, mas puramente de vingança,

é lei de infinita perversidade, de eterna maldade e que só pode ser concebida por gênios de igual jaez, perversos inquisidores, déspotas que não compreendem Deus, e se arvoram em senhores da inteligência, em escravizadores da razão para exercerem sua autoridade impunemente e manter o seu domínio no mundo.

Repeli esses falsários, esses orgulhos que pretendem fazer da religião um instrumento de sua insensatez, de seu egoísmo bárbaro.

Prevalece, como nos diz o Justo, Nazareno, a paga dos ceitis, que serão todos contados, e, quite o devedor, nenhum tormento suplementar sofrerá, porque Deus não pode fazer pagar dez ceitis a quem só deve cinco. Pago o último ceitel, paga está a dívida.

Não há Inferno; há condições e trabalhos para reparação e correção.

Seguir a Jesus

"Disse João: Mestre, vimos um homem expelir demônios em teu nome e lho proibimos, porque não te segue conosco. Mas Jesus respondeu-lhe: Não lho proibais: pois quem não é contra vós, é por vós.

"Enquanto estavam no caminho, disse-lhe um homem: Seguir-te-ei para onde quer que fores. Jesus respondeu-lhe: as raposas têm covis, e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. A um outro disse Jesus: segue-me; ele, porém, respondeu: deixa-me ir primeiro enterrar meu pai. Replicou Jesus. deixa que os mortos enterrem os seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. Disse-lhe ainda um outro: Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa. Respondeu-lhe Jesus: Ninguém, tendo posto a mão no arado e olhando para trás, é apto para o Reino de Deus." (Lucas IX, 49-62.)

"Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que não nos segue, expelir demônios em teu nome, e lho proibimos, porque não nos seguia. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque não há ninguém que faça milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim, pois quem não é contra nós é por nós. E aquele que vos der de beber um copo de água, porque sois do Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá sua recompensa. Mas quem puser uma pedra de tropeço no caminho de um destes pequeninos que crêem, melhor seria que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho e que fosse lançado ao mar. Se a tua mão direita te servir de pedra de tropeço, corta-a; melhor é entrares na vida maneta, do que tendo duas mãos, ires para a Geena,

para o fogo inextinguível. Se teu pé serve de tropeço, corta-o; melhor é entrares na vida aleijado do que, tendo dois pés, seres lançado na Geena; e se o teu olho te servir de pedra de tropeço, arranca-o; melhor é entrares no Reino com um só de teus olhos, do que, tendo dois, seres lançado na Geena. Pois cada um será salgado com fogo. O sal é bom, mas se o sal se tiver tornado insípido, com que haveis de restaurar-lhe o sabor? Tende sal em vós mesmos, e paz uns com os outros." (Marcos IX, 38-50.)

Há muitas pessoas que, na aparência, mostram seguir a Jesus, mas, de fato, não o seguem; ao passo que, muitos que parecem não o seguir, estão a caminho com Ele.

Na Parábola do Samaritano temos o exemplo: quem está com a Religião não é o judeu zeloso dos cultos, nem o levita exigente do seu código, mas o que pratica a caridade.

Em matéria de Espiritismo, quantos espíritas vivem em dissensão, até com aqueles a quem chamam de amigos! Quantos deles, em vez de trazerem o Cristo no coração, trazem-no só nos lábios, e, ainda quando falam das coisas sagradas, é para censurar os que trabalham desinteressadamente pela Causa que esposaram, e não lhe são afetos. Falam do Céu, mas estão sempre presos à Terra; ao passo que existem muitos que falando da Terra, fazem-no com o fim de se referirem ao Céu.

Não pode haver, por isso, aquele que, agindo em nome de Jesus, externe esse modo de agir a vá falar mal de Jesus.

"Quem não é contra nós, é por nós", e, muitas vezes, "aqueles que pensamos estar conosco são contra nós".

Em nossa vida prática havemos de ter várias ocasiões de notar essa anomalia, própria de almas mal formadas de baixo critério e de caráter deficiente. Uns agem por interesse, outros por vaidade e desejo de conquistar saliências, e outros, ainda, inscientes de suas aptidões, sem estudo, sem preparo, são vítimas inconscientes de espíritos malévolos e adversários da Doutrina, que entram no redil com peles de ovelhas, mas com o único intuito de fazer escândalo e prejudicar os elevados princípios que a Espiritismo ensina.

E preciso ter muito bom discernimento para não magoar uns e não admitir outros como companheiros na nova jornada que empreendemos.

Mas a pedra de toque principal para o discernimento dos que seguem a Jesus, não é a palavra simplesmente, mas a ação, porque a ação é o fruto, é o produto do coração, e a "árvore se conhece pelos frutos".

Não convém scandalizar este ou aquele sem se ter certeza do espírito que anima as intenções de cada um, porque poderíamos pôr tropeços a um obreiro da

Seara, encarregado pelo Senhor da execução de uma tarefa. É ainda o juízo que nos assiste fazer de um e de outro, deve ser revestido de tolerância, de indulgência, de espírito de benevolência, para que não aconteça justicarmos erradamente e nos tornemos réus do mesmo juízo.

A tarefa do cristão não é proibir a quem quer que seja expelir espíritos malignos, mas, sim, anunciar a todos que e Chegado o Reino de Deus e exercer sobre si mesma uma severa disciplina interna, a fim de se tornar digno desse Reino de Deus que anuncia aos outros.

Só assim poderemos seguir a Cristo, só assim poderíamos acompanhá-lo em seus sagrados ditames, em suas excursões maravilhosas, de Belém ao Tabor, do Tabor á Ressurreição gloriosa e demonstrativa de uma Vida Real e próspera que nos aguarda no Espaço pontilhada de sóis seguidos de mundos que afirmam e confirmam, com suas luzes e claridades, a realidade do Reino de Deus!

Não é seguindo imagens esculpturadas por mãos de homens, nem com genuflexões infantis nas igrejas dos vendilhões que seguiremos a Cristo; não é na observância dos cultos arcaicos e retrógrados, que materializam a Divindade, que seguiremos a Cristo; não é fomentando a mercancia vil das coisas santas, por meio de sacramentos sacerdotais, que estamos com Cristo; mas, sim, sendo bons e caridosos,

desinteressados e humildes, tolerantes e indulgentes; assim afirmaremos a nossa companhia com Jesus! Só no estudo da sua Doutrina, na prática dos seus mandamentos, na observância dos seus preceitos, poderão os homens tomar conhecimento da verdadeira situação cristã.

Enterrar mortos não é princípio de Doutrina, porque não faltam "mortos" para enterrar seus mortos. Submeter-se aos domésticos não é mandamento do Senhor, porque os domésticos temo-los todos os dias conosco e "ninguém que põe mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus."

E porventura não poderemos dar sepultura aos mortos ao mesmo tempo que seguimos a Jesus?

Não poderemos ser afáveis para os domésticos no mesmo momento em que acompanhamos a Jesus?

Haverá porventura necessidade de nos afastarmos de Cristo para cumprirmos os nossos deveres para com a família e a sociedade?

Como poderemos ser dois se a nossa essência íntima é, uma?

O cristão é sempre cristão e todos os seus atos filiais, paternais, sociais, são sempre atos de cristão. Assim como nossos olhos têm a propriedade de ver as imagens verdadeiras que se acham à nossa frente, devem também ser sempre os mesmos olhos, sem mudar de natureza diante do crente ou do descrente, do pobre e do rico, do ignorante e do sábio. Se mudamos

as faculdades de visão, deterioramos a vista, e, então, seria melhor entrarmos no Reino de Deus com um só olho, ou mesmo sem nenhum, do que sermos lançados na Geena.

Urge que nos exercitemos na lealdade, na sinceridade, porque os falsários são as mais infelizes criaturas do mundo. De que nos vale conhecer os princípios da Lei e deixá-los sem ação, sem execução? Para que serve o sal se se torna insípido? Se esse sal não tem valor para conservar em nós os fragmentos da Doutrina que recebemos, que valor terá ele?

A Palavra do Mestre só prevalece na Paz, e é preciso que tenhamos paz uns com os outros para podermos ser reconhecidos como mensageiros da excelsa Doutrina Espírita, que é a revivescência e o complemento da Doutrina de Jesus. Só assim seguiremos a Jesus e nos tornaremos partícipes de suas graças e promessas.

O Castigo e o Milagre

"Nessa mesma ocasião vieram alguns dar-lhe notícias dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com o dos sacrifícios que eles ofereciam. Disse-lhes Jesus: Cuidais que esses foram maiores pecadores do

que todos os outros galileus, por haverem sofrido essas coisas? Não, eu vo-lo digo; mas se não vos arrependerdes, todos perecereis do mesmo modo. Ou cuidais que aqueles dezoito, sobre os quais caiu a Torre de Siloé e os matou, foram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eu vo-lo digo; mas se não vos arrependerdes, todos perecereis semelhantemente." (Lucas XIII, I-5.)

"Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele, procurando obter dele um sinal do Céu, para o experimentarem. Ele, dando um profundo suspiro em espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração nenhum sinal será dado. E deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado." (Marcos, VIII, 11-13.)

O espírito sectário não tem senso íntimo, sua religião é fundada no castigo e no milagre. Até hoje, em nossos tempos, prevalece o castigo e o milagre.

Indivíduos são canonizados porque fazem milagres!

Indivíduos são excomungados porque um castigo do Céu os vitimou!

O raio é um instrumento da "vingança divina", os desastres são promovidos "por Deus" para castigar os herejes... Há santos canonizados pela virtude dos seus dons psíquicos e outros indivíduos excomungados por serem portadores dos mesmos dons.

Hoje, como ontem, "galileus" que morrem sob torres de Siloé são cheios de pecados, e "galileus" que vivem sobre torres de Siloé são cheios de virtude!

Têm boa casa, bons automóveis, ricas jóias, bons vestuários, bons manjares; são "escolhidos de Deus" e vivem num paraíso, que lhes foi doado pelos Céus, onde têm influência capaz de movimentar a Terra! Enquanto os modestos, os humildes, os simples que mourejam na vida para cumprir seus deveres são heréticos, desprezados pela Divindade, sem noção do bem, do belo, da justiça, da Religião.

Um filho do povo agita-se e fala, movido pelo espírito: é um louco, embora suas palavras sejam de amor e de justiça; uma freira cai em estado convulsivo com o corpo cheio de estigmas: é uma santa! As cordas do telégrafo vibram! Roma ufana-se! Os prelos agitam-se!

O Senhor! Onde está o domínio da tua Lei, o poder da tua Verdade!

"Os tempos são de transformação, e o Espírito aí está, acelerando a ação da Verdade. Breve o mundo se libertará do castigo e do milagre."

O senso humano é de tal modo frágil, e tem sofrido, além de tudo, tão dura pressão, que mal entrevê, em meio dos grilhões que ainda o prendem, os influxos da Verdade que nunca abandonaram a Humanidade. Daí as imagens desnaturadas pela miopia dos "videntes" e traduzidas em castigo e milagre!

O sobrenatural, sob todos os pontos de vista, tem aterrorizado a Humanidade, venha ele em forma de castigos, venha em forma de milagres. E o senso íntimo está tão impregnado de sobrenatural que não pode dispensar os castigos, nem excluir os milagres!

Aos dezoito galileus que pereceram não faltou a crença no castigo, que lhes viesse cobrar os pecados que deviam; a Jesus, depois de tantos feitos gloriosos, os judeus pediam milagres, para reforçarem a sua crença esdrúxula e ignorante, sem sanção da razão, sem consentimento do coração, sem o apoio de fatos!

Fez bem Jesus em não ouvir aquela geração extraviada e endurecida, que insistia em permanecer na larvada ignorância em que vivia.

Ação Decisiva de Jesus

"Naquela mesma hora alguns fariseus vieram dizer-lhe: Retira-te daqui, porque Herodes quer tirar-te a vida. Respondeu-lhes Jesus: Ide dizer a esse raposo que hoje e amanhã expulso os demônios e faço curas, e no terceiro dia serei consumado. Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã e depois de amanhã, porque não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, como uma galinha ajunta os do seu ninho, e tu não o quiseste! Eis vos é deixada deserta a vossa Casa. E declaro-vos que não me vereis, até que venha o dia em que digais: bendito aquele que vem em nome do Senhor!" (Lucas, XII, 31-35.)

A ação de Jesus foi profícua porque foi decisiva. De todos os Grandes Missionários que têm baixado ao mundo, nenhum como ele soube reunir o amor à coragem, a coragem à humildade, a humildade à altivez, a altivez à tolerância, a tolerância ao cumprimento do dever. A sua figura, em todas as conjunturas da vida, é extraordinária; por isso a sua Doutrina é um monumento eterno destinado a abrigar todas as almas e conduzi-las, de estágio em estágio, às múltiplas moradas da Casa do Pai.

Injuriado, caluniado, ameaçado, agredido, vilipendiado, o Mestre, com a mesma serenidade com que proclamava às multidões a sua Palavra Redentora, enfrentava os seus terríveis adversários, exemplificando assim a sua sentença: "não temais os que matam o corpo e nada mais podem fazer", confirmando assim que a vida não está na carne, mas sim no espírito, e que sem a carne também podemos agir sem que as potestades e dominações terrestres nos prejudiquem, ou nos atinjam.

Herodes, com toda a sua sanha de carníface, não conseguiria abafar a doutrina de Jesus mesmo que este tivesse de sofrer morte afrontosa, como realmente aconteceu: contudo, nem assim a sua Palavra pereceu, pois teria de ser cumprida até o último til, sem dela se perder uma só vírgula.

Esta lição viva, tão profícua para aqueles que mourejam hoje no campo espírita, deve forçosamente servir de alento para prosseguirem sem temor, na sua jornada de cumprimento do dever, afrontando os inimigos da Doutrina, que se esforçam para que ela permaneça desconhecida e ignorada de todos.

Por que Herodes, unido à cleresia de então, queria tirar a vida a Jesus? O Humilde Rabino estava prejudicando quem quer que fosse? Porventura teria cometido algum mal, algum crime?

Todos responderão - Não - a esta pergunta. Mas por que motivo, então, tão atroz perseguição?

Para satisfazer as exigências dos padres de outrora, que, chefiados pelos pontífices Anás e Caifás, viam periclitar os seus dogmas, os seus ritos, os seus mandamentos, em face da Nova Doutrina, sem cultos e vãs exterioridades, que Jesus a todos ensinava. Eles queriam conservar a ignorância no povo, para poderem mais facilmente dominá-lo; eles queriam que o indivíduo, a família, a sociedade, vivessem em trevas; não viam a Luz com bons olhos, porque a Luz abria os olhos das gentes que, de Fosse da verdade, deveriam

forçosamente condenar o erro e a falsidade daqueles obreiros fraudulentos da seara. Seja como for, Jesus não cedeu, e para dar maior repercussão à sua Doutrina, encaminhou-se para Jerusalém, cidade principal da Palestina, túmulo dos Profetas que aí eram sacrificados pelos déspotas de seu tempo.

Os inimigos da Verdade, não dispondo de outros recursos intelectuais e morais para tolherem a ação de Jesus só lhes restava o apelo à morte, para assim demonstrar a seus súditos e prosélitos que não deveria prevalecer a Doutrina do Nazareno. E Jesus, que tinha domínio sobre a morte, julgou, a seu turno, ótima ocasião para provar que a morte não aniquila o espírito, mas antes serve de meio para que este demonstre a sua imortalidade. E assim encaminhou-se para a arena, onde se deveria travar a renhida luta que dividiria a sorte do grande Ideal, gloriosamente triunfante com as sucessivas aparições de Jesus e sua comunicação com seus discípulos, pela Ressurreição, observada no terceiro dia após o suplício do Mártir Incomparável.

Eis no que se cifra a interpretação do trecho do Evangelho, que serviu de tema à presente elucidação.

"Disse Jesus a seus discípulos: É impossível que não haja pedras de tropeço, mas ai daquele por quem elas vêm! Melhor seria para ele que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e que fosse lançado ao mar, do que pôr uma pedra de tropeço no caminho de um destes pequeninos. Toma cuidado. Se teu irmão pecar, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se sete vezes no dia pecar contra ti e sete vezes no dia vier procurar-te, dizendo: estou arrependido; perdoar-lhe-ás." (Lucas XVII, 1- 4.)

"Se teu irmão pecar, vai repreendê-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhando terás teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo uma ou duas pessoas; para que por boca de duas ou três testemunhas toda a questão fique decidida; e se ele recusar ouvi-las, dize-o a igreja; e se também recusar ouvir à igreja considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo: tudo o que ligardes sobre a Terra, será ligado no Céu; e tudo o que desligardes sobre a Terra, será desligado no Céu. Ainda vos digo mais se dois de vós sobre a Terra concordarem em pedir alguma coisa, ser-lhe-á feita por meu Pai que está nos Céus. Porque onde dois ou três estão congregados em meu nome, ali estou eu no meio deles". (Mateus, XVIII, 15-20.)

A missão apostólica é das mais árduas que o homem pode desempenhar.

Todas as tarefas, todas as missões, são de difícil execução; mas, a que concerne à observância dos preceitos de Jesus, ninguém é capaz de pô-la em prática senão puder contar com o valoroso auxílio dos divinos Mensageiros, sempre prontos a guiar, socorrer e sustentar aqueles que se esforçam por cumprir as ordenações do Senhor.

O apóstolo Paulo, no seu tirocínio religioso, dizia que o caminho estava juncado de gentios, mas como "duro lhe era recalcitrar contra o aguilhão", enfrentava as dominações, os elementos e as potestades, pouco se lhe dando a vida ou a morte, porque se vivia era para Cristo, e, se morria, era para o seu próprio gozo.

Não faltam tropeços e barreiras, mas quem tem fé em Jesus remove montanhas e transplanta sicômoros!

Quem poderá separar-nos da nossa missão, da nossa tarefa, se, de fato, é cristã a nossa missão, é espírita a nossa tarefa! E infelizes os que tentam fazê-lo, melhor lhes seria não haverem nascido!

Urge, portanto, que nos previnamos contra as dissensões domésticas, causa principal dos grandes desapontamentos.

Barreiras, tropeços, agudos espinhos, nós os encontramos por toda parte; mas não são estes os empecilhos mais difíceis de remover, e, sim, aqueles que surgem nos nossos próprios lares, abalando sólidas amizades, destruindo velhos e fraternos parentescos.

E bem nítido o trecho que procuramos esclarecer: "Se teu irmão pecar contra ti..."

Quem é o nosso irmão? Quem é o nosso amigo? Pois bem, com estes é que precisamos entender-nos em caso de qualquer atrito, ocasionado sempre por elementos adversos à Doutrina, que tentam, por essa forma, inutilizar o nosso trabalho de propaganda, seja dando escândalo pela falta de obediência fraterna, seja transfundindo em nossas almas o rancor e o ódio que vedam as boas inspirações, que temos de receber para a perfeita execução da nossa missão.

Em casos tais, o Evangelho, que manifesta o Espírito do Cristo, manda que os litigantes cheguem imediatamente à fala para arrazoarem suas faltas, e se não for bastante esse alvitre, existe ainda o recurso do estabelecimento de um movo consórcio, onde convivas do mesmo credo tomem parte para que entre os cristãos estremecidos, muitas vezes por bagatelas, permaneça o Espírito do Cristianismo.

Nossa ira não deve permanecer ao pôr do Sol, e até chegarmos a perdoar setenta vezes sete vezes, o Reino dos Céus chega a nós.

Se é verdade que não deve haver inimizade entre crentes e descrentes, entre judeus e gentios, como poderão os crentes de um mesmo credo de amor, credo que os uniu para se amarem e respeitarem, ceder às inspirações dissolventes, e, as mais das vezes sem

motivo justificável, eternizando desarmonias que lhes causará mais tarde duros suplícios!

Não sabem, porventura, os estudantes do Evangelho, que as desarmonias são outras tantas pedras de tropeço na estrada da felicidade? Não sabem que não podem ser ligados ao Céu os que nem na Terra se podem ligar aos preceitos de Jesus? Não sabem que para permanecerem sob a proteção de Jesus é indispensável renunciar ao orgulho e se tornarem humildes, reconciliadores, indulgentes e bons? Não sabem que o perdão se dá ao criminoso e não ao santo, e que só com o perdão que concedemos aos desafetos obtemos de Deus o perdão para as faltas que cometemos?

A maior parte das dificuldades e obstáculos que os espíritas encontram a todos os momentos na sua tarefa, pode-se dizer que são devidas aos problemas domésticos. É tarefa imprescindível manter primeiramente a integridade da família espírita, justamente porque os espíritos inimigos da Doutrina insuflam desarmonias, oriundas sempre do ciúme, da inveja e do orgulho, germe peçonhento que lavra em todos os corações que habitam ainda este mundo inferior.

Muitos outros obstáculos interpõem-se á nossa marcha, como o respeito humano, o preconceito, o amor ao dinheiro e outras tantas barreiras que tanto têm prejudicado, infelizmente, os filhos de Deus.

A perfeição consiste na renúncia de tudo, até da personalidade, sem o que é impossível a ascensão para a Luz.

*

De outro lado, Jesus nos assevera a impossibilidade de não haver tropeços na Terra, porque sendo o nosso mundo um dos mais atrasados do Sistema Planetário, sem os "tropeços" os homens não fariam a sua evolução.

A evolução nasce da luta, do trabalho para a perfeição, e, para que haja luta, é necessário que haja tropeços; e para que haja trabalho é indispensável que este trabalho esteja por fazer.

Nos planos morais e espirituais da nossa esfera sucede a mesma coisa que no plano material.

Todos fomos criados simples e ignorantes, mas perfectíveis, dotados de inteligência para realizar a nossa perfeição, e, para termos o mérito da nossa elevação, é preciso que esse trabalho seja feito por nós mesmos. E em tais condições o Supremo Criador nos legou este planeta que chamamos Terra, onde teremos de efetuar essa grande obra de aperfeiçoamento.

Começamos o nosso trabalho pelo lado material ou físico, cultivando as terras, derrubando as matas, formando cidades, fazendo estradas, sondando os mares, ligando continentes, empreendendo indústrias,

fundando escolas e academias, desenvolvendo a inteligência.

E para conseguir tudo isso, temos de lutar contra os "tropeços": lutamos contra as feras e vencemos as feras; lutamos contra as matas e vencemos as matas; lutamos contra as montanhas e vencemos as montanhas!

Ai das feras! Ai das matas! Ai das montanhas! Lutamos contra inóspitos sertões e transformamo-los em cidades, em metrópoles!

Ai dos sertões!

Assim também acontece na esfera moral como na espiritual. Nosso mundo vai-se libertando sucessivamente das mazelas do passado.

Onde está a escravidão que oprimia e massacrava e carne humana até 1888? Aonde se foram os déspotas que acendiam fogueiras para queimar vivos os corpos? Onde está a Bastilha com todas as suas torturas? Para onde foi a Inquisição com todos os seus maiores?

Ainda temos muito que fazer na esfera moral, mas já fizemos muito, assim como muito faremos ainda na esfera espiritual, onde a nossa ação já tem feito sentir, solapando seculares instituições opressoras da razão, da minadoras da consciência, conspurcadoras do nosso caráter, do nosso sentimento, de nossa fé, da nossa vontade, da nossa liberdade.

Todo esse trabalho de destruição e edificação é uma luta contra "tropeços", que empreendemos e na qual os "tropeços" são vencidos.

Todo o trabalho produz fadiga; toda a luta causa dor; mas é da luta e do trabalho que vem a felicidade e a perfeição.

A Vinda do Reino de Deus

"Tendo os fariseus perguntado a Jesus quando viria o Reino de Deus, ele respondeu: O Reino de Deus não vem visivelmente, nem dirão: Ei-lo aqui; ou: Ei-lo acolá! Porque o Reino de Deus está no meio de vós!

"Então disse aos discípulos: Virá tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem, e não o vereis. Dir-vos-ão: Ei-lo acolá! Ei-lo aqui! Não vades, nem os sigais; pois assim como o relâmpago, fuzilando em uma extremidade do céu, brilha até a outra, assim será no seu dia o Filho do Homem.

"Mas é necessário primeiro que ele padeça muitas coisas e que seja rejeitado por esta geração. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem: comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou

na arca, e veio o Dilúvio, e destruiu a todos. Como também foi nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam, mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, e destruiu a todos.

"Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar. Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa, não desça para tirá-los; e do mesmo modo quem estiver no campo, não volte atrás. Lembrai-vos da mulher de Ló. Quem procurar preservar a sua vida, perder-la-á; mas quem perder a sua vida, salva-la-á. Digo-vos que naquela noite dois estarão numa cama, um será tomado e o outro será deixado; duas estarão moendo juntas, uma será tomada e a outra deixada. Perguntaram os discípulos: Onde será isso, Senhor? Respondeu ele: Onde estiver o corpo, ai se ajuntarão os corvos." (Lucas XVII 20-37.)

"Falando algumas pessoas a respeito do tempo, como estava ornado de belas pedras e donativos, disse: Quanto ao que vedes, dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. Perguntaram-lhe: Mestre, quando, pois sucederá isto? E que sinal haverá quando estiver para se cumprir? Respondeu ele: Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu, também: O tempo está próximo: Não os sigais. Quando ouvirdes falar em guerras e tumultos, não vos

assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas não é ainda o fim.

"Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; e haverá grandes terremotos, pestes e fomes em diversos lugares, e haverá terrores e grandes sinais no céu Mas antes de tudo isso vos hão de prender e perseguir, entregando-vos ás sinagogas e aos cárceres, levando-vos á presença dos reis e governadores por causa do meu nome; isto se tornará em testemunho a vosso favor. Determinai pois em vossos corações não premeditar como haveis de fazer a vossa defesa; porque eu vos darei uma boca e uma sabedoria, a que todos os vossos adversários não poderão resistir nem contradizer. Sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos, e alguns de vós serão mortos; e sereis odiados de todos por causa do meu nome. Mas de modo nenhum se perderá um cabelo da vossa cabeça; pela vossa perseverança ganhareis as vossas almas. Mas quando virdes os exércitos cercarem Jerusalém, então sabeí que está próximo a sua desolação. Os que nessa ocasião se acharem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem no campo, não entrem na cidade, porque estes são dias de vinganças, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição sobre a Terra, e ira contra este povo; muitos

cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todos as nações e Jerusalém será pisada pelos gentios, até se completarem os tempos deles.

"Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, e sobre a Terra haverá angústia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; desfalecendo os homens de medo e pela expectativa das coisas que sobrevém ao mundo; pois as potestades dos céus serão abaladas. Então verá o Filho do Homem vir numa nuvem com poder e grande glória. Quando porém, estas coisas começarem a acontecer, exultai e levantai as vossas cabeças; porque a vossa redenção está próxima." (Lucas, XXI, 5-28.)

O homem dificilmente compreende as coisas espirituais. E para compreendê-las é preciso que se torne espiritual, deixando de fato os estreitos horizontes que está acostumado a fitar.

O Reino de Deus para os homens de então, como ainda hoje para a maioria dos religiosos, deveria ser um reino com mostras exteriores, como são os reinos da terra com as suas potestades engalanadas, suas autoridades, suas exhibições de poder e de força, suas paradas, seus festejos cívicos, etc.

A sua compreensão não era, como não o é para muitos, capaz de receber um reino sem mostras exteriores.

Jesus dissuadiu-os de tal esperança. O Reino de Deus não está em lugar determinado, nem aparecerá

nesta ou naquela nação, nesta ou naquela cidade, porque está em toda a criação, não sendo percebido por nós devido à deficiência dos nossos sentidos, ou antes, devido ao modo por que o procuramos. Se em vez de o buscarmos materialmente o fizéssemos espiritualmente, perceberíamos logo que ele está em nós mesmos, desde que a sua Lei, permanece em nós.

Qual é a Lei de Deus? A Paz, o Amor, a Sabedoria, a Verdade. Logo, o Reino de Deus deve consistir justamente nisto: na Paz, no Amor, na Sabedoria, na Verdade. Buscando a Lei de Deus, encontraremos o Reino de Deus, isto é, a forma de governo em que Deus é o Rei, e nós somos os súditos, Mas quem não quer saber dessa Lei, quem quer adaptar-se à lei dos homens, não pode encontrar o Reino de Deus, e, quando nele pensa, anda procurando-o aqui ou acolá.

O mesmo disse Jesus da sua pessoa. Desejaríamos vê-lo e nos haveriam de dizer: "Ei-lo aqui; ei-lo acolá", mas não deveríamos dar crédito a essas afirmações, nem deveríamos seguir aqueles que assim nos falassem, porque; assim como o relâmpago está no seio dos espaços e fuzila de uma extremidade a outra do céu, o mesmo se daria com Ele, pois, vivendo em Espírito e sendo o Espírito ainda mais veloz do que o relâmpago, na sua ação redentora de contínuo trabalho pela Humanidade, percorreria com toda a presteza os recantos da Terra, para fazer prevalecer a sua palavra, que absolutamente não pode passar.

Após essas palavras, o Nazareno prediz os sofrimentos porque teria de passar e anuncia os fins dos tempos, caracterizando magnificamente a época que atravessamos, de pura materialidade, como a época do Dilúvio, ou a ocasião do incêndio de Sodoma, em que os homens não faziam mais que comer, beber, comprar, vender, plantar, edificar, casar, festejar, etc.

O Mestre aconselha os que querem segui-lo a não se meterem em aventuras, mas guardarem-se dos arrebatamentos da carne e tornarem-se espirituais, porque só assim poderão contar com o auxílio do Alto e serem preservados do mal. E acrescenta, de dois homens que estiverem num mesmo local, um será tomado e o outro deixado; de duas mulheres que estiverem moendo, uma será tomada e a outra deixada.

Os discípulos, curiosos das previsões, queriam saber o lugar onde se executaria essa sentença e Jesus respondeu: "onde estiver o corpo, aí se ajuntarão os corvos.

Assim como o Reino de Deus não tem sede fixa num ponto do mundo, assim também as leis desse reino têm execução no mundo todo, julgando com severidade todos aqueles que deixarem de observá-las. "Onde estiver o cadáver aí estarão os corvos" - onde estiverem os infratores da lei, aí estarão os executores, a julgar sem misericórdia aquele que vazio de misericórdia se achar.

A materialidade de espírito e a elevação de espírito, eis os dois pontos principais deste discurso. Jesus condena severamente a materialidade, porque o homem não foi feito para viver na lama e sim para elevar-se pela nobreza da alma, nas conquistas do Amor de Deus e do próximo. E como consequência da materialização só lhe resultariam os sofrimentos e decepções que o Mestre assinalou para a era de degradação em que nos achamos, prevendo estes acontecimentos sociais, que deprimem o caráter e afastam a criatura do Criador.

Propriamente falando, não haverá "fim de mundo", mas, sim, o fim de uma era de degradação moral e espiritual, para dar lugar a uma nova era de moralidade, da espiritualidade, para o desenvolvimento do Reino de Deus.

No capítulo XXI, 5-28, o Evangelista Lucas repete as reiteradas profecias do Nazareno, que coincidem com as guerras, pestes, fomes, terremotos, etc., que lavram no mundo todo e repercutem em toda parte, salientando a imprensa esses acontecimentos como nunca iguais registrou a História, tal a sua intensidade e generalização.

O Mestre faz ver a inutilidade dos templos, das Igrejas com seus ornamentos, pedrarias e donativos, afirmando que delas não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. Previne a todos que se não deixem levar pelos mercadores e falsários que, em seu nome,

haveriam também de profetizar a "proximidade dos tempos", recomendando que deveríamos fugir dessa gente, que mesmo quando fala do Céu está de olhos esbugalhados para a Terra, para viver à custa dos incautos e dominar sufocando a liberdade e a verdade.

Após todos esses sinais precursores, sinais de devastação, de dores e angústias, então, sim, o Filho do Homem se manifestará com grande glória e poder.

Jesus entremeou o seu discurso profético, com os avisos da tomada de Jerusalém, que já teve o seu cumprimento, como todos sabem, e finalizou recomendando a seus discípulos erguerem suas cabeças quando vissem ocorrer esses acontecimentos, pois próxima estaria a redenção da Humanidade.

Relembrando esses avisos na época que atravessamos, época que assinala perfeitamente a era predita, julgamos desempenhar uma tarefa para com as "ovelhas desgarradas de Israel" e concorrer, de certa forma, para a sua volta ao "Redil do Senhor" a fim de serem preservadas, quando não seja de muitos males que afligem no momento presente a coletividade, ao menos da "morte espiritual", e poderem ainda obter a graça da ressurreição para a Vida Eterna.

O homem materializado, imerso numa vida completamente afastada das leis de Deus, não pode absolutamente realizar sua elevação espiritual, frustrando assim as suas anteriores promessas de progresso quando da sua encarnação terrestre, na

tarefa que solicitou para dar mais um passo na escala da evolução.

Estando o nosso mundo num trabalho de remodelação para a sua elevação na hierarquia dos mundos, é preciso que nos prezemos e nos coloquemos de acordo com essa elevação do meio em que vivemos, e, quiçá, teremos de viver para que nos tornemos dignos dele.

Fujamos das enganadoras aparências e daqueles que alardeiam virtudes e poderes espirituais, fazendo-nos promessas vãs, mostrando-nos aqui e acolá o Reino de Deus e o Filho do Homem, e entremos na realidade da Vida, estudando, pesquisando, observando os princípios cristãos, por uma severa disciplina interna, cultuando o amor de Deus e tornando-nos amados e respeitados do nosso próximo pela bondade do nosso coração, e, principalmente, pela formação do nosso caráter, que precisa passar por completa lapidação e tornar-se como diamante de belas facetas, sem jaça, sem defeito que nos possa prejudicar mais tarde. Só assim estaremos no Reino de Deus, que, hoje mais do que nunca, se acha em nós mesmos.

"Traziam-lhe também as crianças para que as tocasse; e os discípulos, vendo isto, repreendiam aos que as traziam. Mas Jesus, chamando-as para junto de si, disse: Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais; pois dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: Aquele que não receber o Reino de Deus como um menino, de maneira alguma entrará nele." (Lucas, XVIII, 15-17.)

"Então lhe traziam alguns meninos para que os tocasse; e os discípulos repreenderam aos que os trouxeram. Mas Jesus, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os meninos, não os impeçais; porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: Aquele que não receber o Reino de Deus como um menino, de modo algum entrará nele. E abraçando os meninos, os abençoava, pondo as mãos sobre eles." (Marcos, X, 13-16.)

Deus criou os espíritos simples e ignorantes e lhes concedeu os meios de progresso e perfeição.

É preciso que haja ignorância para que haja aperfeiçoamento, de cujo trabalho vem o mérito de cada um; e o aperfeiçoamento não se faz sem simplicidade. Os espíritos simples são por isso bem-aventurados.

As bem-aventuranças são as remunerações da simplicidade.

Os vaidosos, os arrogantes, não podem ter simplicidade, sendo por isso condenados por suas idéias preconcebidas.

Jesus usou as crianças como símbolo, ou antes, como personificação da simplicidade; elas são, quando em sua inocência, a representação da simplicidade de espírito. Sabem que não sabem, e se esforçam para saber, perguntando inquirindo aqui e ali. Não têm opinião preconcebida, nem se arrogam títulos de mestres e doutores; costumam respeitar as convicções, e, quando estas lhes parecem disparatadas, indagam os motivos e procuram tirar deduções as que lhes pareçam justas.

A simplicidade de espírito é uma das grandes prerrogativas, indispensável à aquisição do Reino de Deus. Porque os escribas, os fariseus, os doutores da Lei, os religiosos de então repeliram a Doutrina de Jesus, chegando a ponto de pedir a morte do Filho de Deus?

Porque sem nenhuma simplicidade de espírito, vaidosos dos seus conhecimentos, orgulhosos do seu saber, não percebiam a ignorância em que se achavam das coisas divinas e se julgavam possuidores de toda a verdade.

Jesus, abençoando as crianças e acariciando-as, mostrou que mais vale ser ignorante e simples, do que presumir-se de sábio sem simplicidade. E assim como um "odre velho" não pode suportar um "vinho novo",

por estar impregnado do velho licor, também é preciso que o homem se torne simples, isto é, ponha de lado as crenças avoengas que recebeu por herança, para analisar, sem preconceito, o Cristianismo que a ninguém veio impor os seus preceitos, mas apresentar-se a todos como a única Doutrina capaz de nos dar a perfeição, se a estudarmos e a compreendermos em espírito e verdade.

Nas passagens acima, de Lucas e Marcos, Jesus faz também uma ligeira alusão à reencarnação, como um dos meios de nos desembaraçarmos das idéias preconcebidas desde a infância, e nos tornarmos aptos para a boa recepção da Verdade, consubstanciada nos princípios redentores do Cristianismo.

De modo que "aquele que não receber o Reino de Deus como um menino, de maneira alguma entrará nele". Aquele que não receber o Reino de Deus com simplicidade, humildade e boa vontade de se aproximar de Deus, não entrará nele.

"Um homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que devo eu fazer para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só um, que é Deus. Sabes os mandamentos: não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e tua mãe. Replicou ele: Todas estas coisas tenho guardado desde a minha mocidade. Jesus, ouvindo isto, disse-lhe: ainda uma coisa te falta; vende tudo o que tens e reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no Céu; e vem seguir-me.

"Quando ouviu estas palavras, ficou cheio de tristeza, porque era muito rico. Jesus, olhando-o, disse: Quão dificilmente entrarão no Reino dos Céus os que têm riquezas! Pois mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus. Disseram os ouvintes: Quem, então, pode ser, salvo? Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível aos homens é possível a Deus. Disse Pedro: Nós deixamos as nossas casas e te seguimos. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo: Ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou Irmãos, ou pais, ou filhos, por amor do Reino de Deus, que não receba no presente muito mais, e no mundo vindouro a vida eterna." (Lucas, XVIII, 18-30.)

"Chegou um moço e perguntou-lhe: Bom Mestre, que coisa boa farei para ter a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Não há bom senão

um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: Quais. E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e tua mãe, e ama o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o mancebo: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Céu; vem e segue-me. E o mancebo, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades. Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que dificilmente entrará um rico no Reino dos Céus. E outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus. Os seus discípulos, ouvindo isso, disseram: Quem poderá então salvar-se? E Jesus olhando para eles, disse lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível. Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nos deixamos tudo e te seguimos, qual será então o nosso galardão? E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós que me seguistes na regeneração, quando o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgardes as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casa, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e

herdará a vida eterna. Porém muitos primeiros serão os derradeiros, e muitos derradeiros serão os primeiros." (Mateus, XIX, 16-30.)

Allan Kardec dedicou no Evangelho Segundo o Espiritismo, um belo capítulo ao Homem de Bem.

De fato, existe o homem de bem perante o mundo e o homem de bem perante Deus. O homem de bem perante o mundo, quando é verdadeiramente homem de bem, nada mais representa que um arremedo, um símbolo do homem de bem perante Deus.

Ser homem de bem não consiste em pagar as suas dívidas a tempo, nem em não fazer mal a ninguém.

É antes conveniente não dever, bem assim não fazer mal, e fazer todo o bem que se possa fazer.

O homem de bem, de qualidade, pode ser comparado a esse moço rico que julgava que praticando uma ação boa teria a Vida Eterna, quando, para a obtenção dessa Vida é preciso que procuremos vivê-la já no presente, andando no mundo sem ser do mundo.

O homem de Deus é aquela que, à semelhança do Apóstolo Paulo, por exemplo, acode ao primeiro convite de Jesus, chegando a se transformar de Saulo em Paulo, para assim dar cumprimento á Vontade Divina.

Não se trata, absolutamente, de questão de dinheiro, nem de fortuna para a posse das coisas espirituais, pois o moço de qualidade não poderia

comprar o Reino dos Céus com toda a sua fortuna. Não era dispendo de seus haveres e caminhando atrás de Jesus para um lado e outro que iria possuir a Vida Eterna.

O Espírito do Evangelho é muito outro.

O fim de Jesus, convidando, ou antes, insinuando ao moço de qualidade a abdicar a sua fortuna, foi procurar desgarrá-lo, despendê-la das coisas materiais, do dinheiro, a falsa bússola que nos desvia do caminho da Vida.

Que coisa boa podemos fazer para termos a Vida Eterna? Andar desde já na Vida Eterna, isto é, viver em espírito, tornando-nos uma nova criatura, despindo-nos do Homem Velho, da ganância, da ambição, da usura, da avareza, e fazendo constituir o nosso tesouro, não no dinheiro ou nas herdades que possuímos, mas, sim, nas coisas espirituais que vamos todos os dias adquirindo.

Ricos! Que coisa boa podereis fazer para ter a Vida Eterna?

Pôr o vosso dinheiro ao serviço dessa grande causa, dessa grande vida que vos felicitará mais tarde.

Que coisa fazeis para possuir a vida numa grande cidade, numa metrópole, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Paris, em Berlim, em Londres? Guardais o vosso ouro no cofre forte ou nos bancos, deixando à revelia casas, palacetes, vestimentas, iguarias, automóveis, bondes, teatros, diversões, passeios, etc?

Então sabeis o que é preciso fazer para possuir a Vida "onde se vive" e não sabeis o que fazer para possuir a vida "onde não se morre?"

O que fez Jesus para nos ensinar a possuir a Vida Eterna?

Não deu de comer a quem tinha fome? Não curou enfermos? Não trabalhou a vida inteira para nos mostrar que há Vida Eterna? Não nos ensinou através das Parábolas dos Talentos e das Minas, do Samaritano, da Pérola Escondida, etc?

Pensais, porventura, que é bastante erguer um altar vazio ou dar alguns cruzeiros a um pobre para entrar na posse imediata do reino de Deus?

O homem de bem perante o mundo faz as coisas do mundo, e o homem de bem perante Deus, faz, no mundo, as obras de Deus. Só assim se tem o Reino dos Céus, só assim se tem a Vida Eterna.

A vida na Terra é passageira e os bens que nos foram dados, ou que possuímos, não são mais que instrumentos, meios de adquirir os tesouros dos Céus; despojarmo-nos intempestivamente deles é faltar com os deveres para com a família, a sociedade, e até para com os pobres, porque, por muito ricos que fôssemos, não conseguiríamos remediar todos os pobres das nossas circunvizinhanças e excluir deles a pobreza. Cumprindo nossos deveres para com os pobres, nos tornaremos mais úteis a eles do que despojando-nos dos nossos bens em seu benefício.

Acresce ainda que, sendo a fortuna uma prova para experimentar a elevação de caráter que nos assinala, simplesmente renunciando à fortuna não poderemos dar provas dessa elevação: o dinheiro nos oferece ocasiões belíssimas de demonstrarmos que, de fato, somos Homens de Deus.

Infelizmente, até hoje se confirma o prolóquio: "difícilmente entrará um rico no Reino dos Céus; é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar".

A "Porta da Agulha", do portão que fechava a Cidade de Jerusalém, dava passagem aos camelos, mas com a condição de não se acharem eles carregados. Assim também os "camelos" aqui da Terra que não se escravizam e não se submetem ao ouro, entram com facilidade no Reino dos Céus, apesar de ricos, porque para Deus nada é impossível.

Não sei se os moços de qualidade e os mancebos ricos que nos lerem, também se entristecerão com esta doutrina; o que sei é que os que seguirem a Jesus na regeneração, neste grande movimento regenerador que se vem efetuando no mundo todo, receberão, não digo cem, mas milhões de vezes mais do que despenderam em dinheiro e herdades, para terem a felicidade que jamais encontrarão no mundo.

Não se engane o leitor com o homem que aparenta ser de bem, mas procure aproximar-se do Homem de

Deus, porque só este poderá mostrar-lhe a Vida Eterna.

30

Zaqueu, O Publicano

"Tendo Jesus entrado em Jericó, atravessava a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, que era chefe dos publicanos, e rico; este procurava ver quem era Jesus, porém não o podia conseguir por causa da multidão, porque era de baixa estatura. E correndo adiante, subiu a um sicômoro a fim de vê-lo, porque estava para passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa; porque importa que eu fique hoje em tua casa. Ele desceu a toda a pressa e o recebeu com alegria. Vendo isto, todos murmuravam, dizendo que ele tinha ido hospedar-se em casa de um pecador. Zaqueu, levantando-se, disse a Jesus: Senhor, vou dar a metade de meus bens aos pobres, e se em alguma coisa defraudei alguém, lho restituirei quadruplicado. Disse-lhe Jesus: Hoje entrou a salvação nesta casa, porquanto este também é filho de Abraão; porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido." (Lucas, XIX, 1-10.)

Zaqueu é um astro que brilha no Evangelho. É um dos Espíritos de contacto mais suave, que afaga nossa alma quando recordamos essas figuras preeminentes da Legenda Sagrada. Basta lembrar que foi na casa deste destemido chefe dos publicanos que Jesus encontrou fino acolhimento, e tão espontânea recepção espiritual, que, passados quase dois mil anos, ainda nos comove numa alegria santa, idêntica, talvez, àquela que Jesus sentiu, levando-o a pronunciar a nova felicitante, que se nos depara no trecho de Lucas: "Hoje entrou a salvação nesta casa".

Os publicanos eram os arrematantes dos impostos públicos, designados pelos antigos romanos. Eram cavalheiros romanos, que formavam companhias poderosas destinadas a arrematar, por certa quantia, a cobrança dos impostos nas províncias, pelo prazo de cinco anos. Cada companhia tinha um nome especial, conforme a qualidade do imposto; assim havia: Decumani, para os dízimos; Partitores, para as alfândegas; Pecuarii, para os pastos, etc. Estas companhias tinham sede em Roma e sub-diretores e agentes em todas as províncias. Os publicanos abusavam com freqüência dos seus direitos, exigindo dos contribuintes mais do que o devido, e, por isso, eram odiados pelo povo. Os judeus, especialmente, tinham grande antipatia pelos publicanos, não só porque estes exorbitavam a sua ação, como também

porque consideravam o imposto taxado pelo domínio de Roma contrário à lei.

Escreve Allan Kardec:

"Daí a aversão pelos publicanos de todas as classes, entre os quais se encontravam pessoas estimáveis, mas que, por motivo de suas funções, eram desprezadas, bem como as pessoas de suas relações, sendo todos confundidos na mesma ordem."

Zaqueu era, conseguintemente, mal visto por todos, porque estava incurso no juízo que se fazia dos publicanos. Entretanto, a passagem do Evangelho deixa transparecer ter sido ele um homem correto, um homem de bem. O prólogo: "dize-me com quem andas que te direi os defeitos que tens", é possível não pudesse vigorar para o julgamento do chefe dos publicanos, instalado em Jericó. E se ele não tinha lisura de caráter até o seu encontro com Jesus, a transformação momentânea por que passou foi tão real que atingiu a transfiguração.

Maravilhamo-nos com a transfiguração de Jesus no Tabor, tendo ao seu lado Moisés e Elias como representantes da Lei e dos Profetas, a testemunhar a Individualidade do Nazareno como cumpridor e executor da Lei e sancionador dos Profetas; e nos alegamos com a transfiguração de Zaqueu em Jericó, tendo, a seu turno, como executor de tal cometimento, Jesus, e, como testemunhas, os Apóstolos.

Com efeito, o chefe dos publicanos era dócil de cerviz e manso de coração.

Quantos exemplos se contam, iguais ao de Zaqueu?

Quantos foram os homens que, possuidores de dinheiro real adquirido, se propuseram a pagar quadruplicadamente a quem defraudaram, e ainda como compensação dar aos pobres a metade do que possuíam? Com franqueza, não conhecemos outro Zaqueu! Ao contrário, vemos diversos que se convertem, mas não se transformam nem se transfiguram. Continuam na posse do ouro defraudado, quando não continuam a defraudar seus semelhantes e ainda com a agravante de não trazerem a marca infamante do "publicanismo", pela qual poderiam ser reconhecidos para que maiores agravos fossem evitados.

Um fato singular lembra o Evangelho no encontro de Zaqueu com Jesus. Baixo de estatura, o publicano vale-se de um sicômoro e se faz alto para ver o Nazareno, escondido pela multidão: porém, alto de dignidades e de dinheiro, Zaqueu faz-se novamente pequeno para poder alcançar a salvação, o Reino dos Céus. Enquanto não vira a Jesus, estava exaltado.

Exaltado em tamanho corpóreo (pois subira ao sicômoro), exaltado em dignidade, exaltado em fortuna!

Mas, basta o Mestre dar com os olhos nele, Zaqueu humilha-se - desce do sicômoro, desce das dignidades

e desce do dourado altar em que se havia colocado: "Zaqueu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje ra tua casa."

E Zaqueu desceu com aquela pressa que uma notícia de alegria produz, fazendo-nos descer quando estamos nas alturas: "Senhor, vou dar a metade de meus bens aos pobres, e, se em alguma coisa defraudei alguém, lho restituirei quadruplicado."

Bela lição! Bela, porque vestida do exemplo. Não é só a palavra que soa como o bronze ou como o címbalo; é o fato, é a ação que grava e inscreve com letras indeléveis a Doutrina que vigora.

Como são belas essas individualidades dos tempos idos, sempre memoráveis: Paulo, Madalena, Zaqueu!

O primeiro cai fulminado na Estrada de Damasco, e, depondo armas, renunciando a autoridade de que se revestia para massacrar os discípulos do Cristianismo Nascente, empunha a nova bandeira, e, de Saulo tenebroso transforma-se em Apóstolo, mensageiro da Luz e da Verdade! Madalena enfrenta o Nazareno pela primeira vez, acompanha-lhe os passos, e de mundana que era, não mais abandona o seu Benfeitor e Mestre; não lhe bastam as genuflexões, as lágrimas, a toalha que fez dos seus bastos e belos cabelos para dar testemunho do seu amor e gratidão, o produto de suas economias, o vaso de nardo que enriquecia o seu toucador e que ela quebra para embalsamar com a puríssima essência o corpo do Filho de Deus! Zaqueu

sobe ao sicômoro, desce do sicômoro, abre gavetas, remexe cofres, desenterra haveres, restitui o alheio com juros de quatrocentos por cento, e aos pobres famintos enche de bens ao ter a honra de uma simples visita Daquele que lhe havia trazido a salvação! Que quadros belíssimos, que ornamentos admiráveis, os quais, se passados para a tela dos cinemas, fariam reviver o poder da singular Doutrina que, nascida num estábulo e subjugada pela cruz infamante, proclamou-se, em ressurreições sucessivas, a mais lídima expressão da palavra de Deus!

Entrada triunfal em Jerusalém

"Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto do Monte chamado das Oliveiras, enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós, e, ao entrar ali, achareis preso um jumentinho que nunca foi montado; desprendei-o e traze-o. E se alguém vos perguntar: Por que o desprendeis? respondereis assim: O Senhor precisa dele. Partiram os que tinham sido enviados e acharam conforme lhes dissera Jesus. Enquanto desprendiam o jumentinho, perguntaram-lhes os seus donos: por que desprendeis o

jumentinho? Responderam: O Senhor precisa dele. E Trouxeram-no a Jesus, e, lançando as suas capas sobre o jumentinho, fizeram-no montar. Enquanto ele caminhava muitos estendiam suas capas na estrada. E quando ele lá já chegando à descida do Monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos começou jubilosa a louvar a Deus em altas vozes por todos os milagres que tinha visto, dizendo: Bendito é o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas maiores alturas!" (Lucas, XIX, 29-38.)

"Quando se aproximavam de Jerusalém, e tinham chegado a Betfagé e Betânia, junto do Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois de seus discípulos, e disse-lhes: ide à aldeia que está em frente de vós, e logo que nela entrardes, achareis um jumentinho preso, que nunca foi montado; desprende-o e trazei-mo. Se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? respondei: o Senhor precisa dele e logo tornará a enviá-lo para aqui. Eles partiram e acharam um jumentinho preso ao portão do lado de fora na rua, e o desprenderam. Alguns que ali se achavam, lhes perguntaram: Que fazeis, despreendendo o jumentinho? E eles responderam como Jesus lhes havia dito; e os deixaram ir. Então trouxeram o jumentinho, sobre que lançaram as suas capas; e Jesus montou nele. Muitos também estenderam as suas capas na estrada e outros espalharam ramagens que tinham cortado nos campos. E tanto os que precediam como os que seguiam,

clamavam: Hosana! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem, o reino do nosso pai Davi! Hosanas nas maiores alturas!

"Tendo Jesus entrado em Jerusalém, foi ao templo; e observando tudo, como fosse já tarde, saiu com os doze para Betânia." (Marcos, XI, 1-11.)

"Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que está em frente de vós e achareis logo uma jumenta presa e com ela um jumentinho; desprendei-a e trazei-mos. Se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles; e logo deixará trazê-los. Isto aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta: Dizei à filha de Sião: Eis que vem a ti o teu rei, manso e montado numa jumenta, e num jumentinho filho de jumenta. Indo os discípulos, fizeram como Jesus lhes ordenara e trouxeram a jumenta e o jumentinho, e puseram sobre eles as capas; e fizeram-no montar. A maior parte da multidão estendia as suas capas pela estrada, e outros cortavam ramos de árvores e espalhavam pelo caminho. As turbas que lhe precediam e as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito aquele que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! Ao entrar ele em Jerusalém, agitou-se a cidade inteira, perguntando: Quem é este? E a multidão

respondia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia." (Mateus, XXI, 1-11.)

"No dia seguinte, uma grande multidão que tinha vindo à festa, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, tomaram ramos de palmeiras e saiam ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! bendito o rei de Israel! Jesus tinha achado um jumentinho e montara nele, segundo está escrito: Não temas, filha de Sião, eis que vem o teu Rei montado num filho de jumenta. E os discípulos a principio não compreenderam tudo isto; mas quando Jesus foi glorificado, então se lembraram de que isto estava escrito a respeito dele, e de que assim lhe fizeram." (João, XII, 12-16.)

"Alegra-te muito, ó filha de Sião; e exulta, ó filha de Jerusalém: eis que o teu Rei virá a ti, justo e salvador, pobre, e montado sobre uma jumenta, e sobre um asnhinho, filho de jumenta.

"E destruirei os carros de Efraim, e os cavalos de Jerusalém; também o arco de guerra será destruído, e ele falará de paz às nações; e o seu domínio se estenderá de um mar até outro mar, e desde os rios até às extremidades da terra." (Velho Testamento - Zacarias, IX, 9-10.)

Jesus prezava muito as profecias transmitidas por todos os profetas encarregados de exaltar a idéia da Imortalidade, anunciando, ao mesmo tempo, as coisas que estavam para vir, os acontecimentos que deveriam

desenrolar-se no panorama da vida terrestre com a sucessão dos tempos.

Não raro o Mestre citava tópicos de discursos proféticos que se referiam à sua personalidade e aos fatos que se estavam verificando no seu tempo. O Senhor, parece, esforçava-se para dar cumprimento às profecias, parte integrante das Escrituras, que Ele próprio comentava e esclarecia, exaltando o valor da Lei e dos Profetas. É assim que repetia sempre: "Não vim destruir a Lei nem os Profetas, mas dar-lhes cumprimento."

As narrativas evangélicas que transcrevemos dão provas desta afirmação. Até nas mínimas coisas, o Nazareno, com o fim de demonstrar a missão de que estava revestido, estabelecia o confronto vivo entre a sua vida, seus atos, e as profecias que se iam realizando todos os dias. Ao lado da sua Doutrina, das suas obras, Ele expendia sempre as considerações: "Esta palavra eu a recebi do Pai; estas obras são do Pai, que está em mim e é quem as faz; não vim de moto própria, mas ordenado por Deus; examinai as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna, e elas mesmas é que dão testemunho de mim."

Jesus não queria que o negassem, mas também não queria que cressem nele cegamente, por isto o seu testemunho era acessível a todos os sentidos humanos. Sua vida Ele a conduzia tão irrepreensível, que chegava a perguntar até aos seus mais fígadais

inimigos: "qual de vós é capaz de me argüir de pecado?" Os seus feitos são tão extraordinários que até hoje nos deixam maravilhados. Nenhum sábio nenhum santo, dentre os maiores missionários que baixaram à Terra, nenhum foi capaz de fazer o que Ele fez. Sua Doutrina é tão grandiosa, tão poderosa, tão bela, tão verdadeira que, apesar da guerra, do vilipendio que tem sofrido do materialismo e do sacerdotalismo de todos os dogmas, permanece viva, intacta. Nem as guerras religiosas e civis, nem as pestes, nem as fomes ocasionadas pelo egoísmo humano, nem as mudanças de tempo, de era e de costumes puderam exterminá-la, quanto mais substituí-la por outra que com ela rivalizasse!

Jesus, na sua missão, preencheu todas as formalidades divinas para que os homens o conhecessem e nEle cressem, sem mesmo deixar à margem as profecias que anunciavam os caracteres distintos da sua extraordinária individualidade.

Com efeito, já temos visto, e vê-lo-emos ainda, que a profecia representa, papel saliente no estudo da religião. Tão interessante é a sua ação e substância que o primoroso Apóstolo, doutor dos gentios, chegou a escrever numa das suas epístolas: "Não desprezeis as profecias, não apagueis o espírito; examinai tudo mas retende só o que for bom."

Portanto entre outras profecias que identificam Jesus com o Messias Prometido, o Rei que deveria

estabelecer a aliança do Céu com a Terra, conta-se essa, a da sua entrada em Jerusalém montado num jumento, nuns filho de jumenta; é interessante lembrar: a jumenta é de natureza mansa, enquanto que o jumento é rebelde ao Jugo; apesar disso, tornou-se dócil ao "jugo suave", suportando, quiçá com alegria, o "leve fardo" que transportou de Betfagé a Jerusalém.

A entrada de Jesus em Jerusalém montado num jumento está em correlação com os trechos principais da profecia de Zacarias: "O teu Rei virá a ti, justo e salvador, pobre e montado num jumento." O Mestre poderia efetuar essa viagem até em cavalo árabe, se o quisesse. Mas não o quis, procurou um jumento, cavalgadura dos pobres no Oriente.

Na Palestina, muito antes do Cristo, os jumentos eram preferidos ao cavalo para montaria pela firmeza dos pés, dada a natureza acidentada dos terrenos lá existentes. No Gênese vemos os jumentos contados entre as riquezas de Abraão e de Jó. Num dos preceitos do Decálogo, lemos: "Não cobiçarás a mulher do teu próximo; não desejarás a casa do teu próximo, nem seu campo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento." Mefiboset, neto de Saul, andava montado num jumento, como também Aitfel, o primeiro ministro de Davi.

A História nos diz que no reinado de Salomão é que o cavalo começou a impor-se como montaria mais imponente e mais nobre. O próprio Salomão mandou

buscar na Arábia, para os seus Estados, numerosa manada dos mais belos cavalos, e, quando os judeus voltaram do cativo, os homens ilustres, em sua maioria, andavam em cavalos. Daí é que começou o declínio do jumento. Era sinal de pobreza ou de humildade um homem aparecer montado num jumento.

Além de tudo, os judeus tinham o jumento como o símbolo da força corporal, do vigor. No Gênesis, capítulo XLIX, 14, lemos: "Issacar é jumento de fortes ossos." O historiador, comparando Issacar a um jumento, quis dizer que havia nessa tribo força e vigor.

A par dos costumes daquele tempo, agora o leitor compreenderá porque Jesus foi a Jerusalém montado num jumento.

Nem esse sinal de humildade quis o nosso Mestre deixar de dar para que todos pudessem reconhecê-lo. Enquanto os grandes, os doutores que impunham leis, cavalgavam corcéis árabes e de valor, Jesus, dando cumprimento às profecias, fez-se transportar por um desvalorizado jumento que tomou emprestado.

Lucas e Marcos dizem que esse jumento nunca fora montado, mas, naturalmente, não era um burro bravo. A expressão: "nunca foi montado", não pode senão significar "nunca foi domado".

Da mansidão inata, acostumado ao convívio das crianças que certamente o acariciavam e em suas brincadeiras chegariam a montá-lo, o jumento cedeu

com facilidade a montaria a Jesus, para que este fizesse a sua viagem de Betfagé a Jerusalém, burgo situado entre Betânia e Jerusalém, a 13 quilômetros desta.

Será bom lembrar, também, que os jumentos da Palestina não eram de pequena estatura, mas grandes, e o que prestou serviço a Jesus, embora fosse manso, por não ser domado, não deveria ser "certo de boca", como se diz no nosso país; por isso, talvez, fizeram-no acompanhar da jumenta:

Todas estas considerações parecem não ter relação com o Espírito do Cristianismo, mas são de grande importância, porque nos separam das idéias vagas e abstratas que dão cunho maravilhoso às passagens dos Evangelhos.

A entrada de Jesus em Jerusalém simboliza, portanto,, mais uma vitória da humildade, de que o Filho de Maria foi o exemplo vivo.

A escolha do burro "não montado", foi mais uma lição alegórica de Jesus, para significar que os "burros não montados", mas mansos, cedem mais ao "jugo suave e ao fardo leve", do que os que já foram domados com o rebenque e as esporas. Estes em geral são cheios de baldas, passarinheiros, empacadores, quando não escoceiam e não pinoteiam; qualquer sombra os torna remaniscos, qualquer folha seca nas estradas os espanta.

Assim também é o "jumento-humano" quando domado, "montado" pela classe sacerdotal, ou preso à manjedoura dos interesses bastardos, ou no piquete das convenções sociais. Falta a uns a humildade para receber a Verdade em sua pureza; falta a outros a mansidão para observar os fatos que lhes são apresentados e a doutrina que lhes é ditada. Odres velhos que só têm recebido vinho velho, nos momentos em que se vêm vazios e se se lhes põe vinho novo, não suportam o conteúdo, estouram!

O fato é que as condições que revestiram a entrada de Jesus em Jerusalém não foram compreendidas, nem mesmo pelos discípulos que o ovacionaram: só quando Jesus foi glorificado é que se lembraram de que isto estava escrito a respeito dele.

Agora, os espíritos que vêm fazer reviver aquelas memoráveis lições exaltando a grandiosa Figura do Mestre, nos dizem: "Sigamo-lo, porque, de fato, Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida."

A Purificação do Templo

"Tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam, dizendo-lhes: Está escrito: a minha

casa será casa de oração, mas vós a fizestes um covil de ladrões." (Lucas, XIX, 45-46.)

"E chegaram a Jerusalém. Entrando ele no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam, e derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; e não permitia que ninguém atravessasse o templo, levando qualquer objeto, e ensinava dizendo: Não está escrito que a minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Mas vós a tendes feito um covil de ladrões. Ouvindo isto os principais sacerdotes e os escribas procuraram um modo de lhe tirar a vida; mas o temiam porque a multidão estava muito admirada do seu ensino." (Marcos, XI, 15-18)

"E Jesus entrou no templo e expulsou todos os que ali vendiam e compravam, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam as pombas, e disse lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a fazeis covil de salteadores. E no templo cegos e coxos o procuravam, e ele os curou. Mas vendo os principais sacerdotes e escribas as maravilhas que ele fez, e os meninos que clamavam no templo: Hosana ao Filho de Davi, indignaram-se e perguntaram-lhe: Ouves o que estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim, nunca lestes: Da boca dos pequeninos e crianças de peito tirastes perfeito louvor? E tendo-os deixado, saiu da cidade

para Betânia, onde passou a noite." (Mateus, XXI, 12-17.)

"E estava próxima a Páscoa dos Judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. E achou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e os cambiadores assentados. E, feito um açoitado de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e as ovelhas, e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas; e disse aos que vendiam pombas: tirai daqui estes, e não façais da casa de meu Pai casa de negócio.

"E os discípulos lembraram-se do que está escrito: O Zelo da tua casa me devorou. (*)." (João, II, 14-19.)

(*) *salmo LXIX 9.*

Jerusalém foi sempre a grande cidade da Palestina, centro do poder e da religião hebraica.

Salomão fez de Jerusalém o centro da civilização da Ásia Ocidental, onde construiu o grande templo, memorável na História, cujo reinado tanto se salientou pela sabedoria de seu chefe, que atraía as pessoas mais eminentes de outros países que lá iam admirar as obras de arte, ao mesmo tempo que observar a "sabedoria de Salomão", entre estes, a Rainha de Sabá, que, maravilhada com tanta magnificência, chegou a dizer que o que vira em Salomão e em Jerusalém excedia muito às suas expectativas.

Passados tempos, o Templo de Jerusalém foi incendiado e suas muralhas derribadas pelas hordas de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Herodes, o Grande,

tratou de embelezar novamente Jerusalém, e mandou edificar novo templo, num trabalho que levou 46 anos.

A seu turno, foi em Jerusalém que Jesus deu começo à sua grande missão, justamente por ser esta cidade o centro do poder e da religião hebraica, bem como o da civilização da Ásia Ocidental.

Na época em que expulsou os mercadores do templo, Ele já se havia tornado popular pela sua palavra, pelos seus feitos, gozando de grande autoridade.

Basta ver que, ao entrar em Jerusalém, teve recepção semelhante à que se fazia aos reis. Os Evangelistas dizem que a multidão louvava-o em altas vozes, exclamando: "bendito é o Rei que vem em nome do Senhor", e espalhavam folhagens no caminho, estendendo suas capas para que Ele passasse por cima. Todas estas circunstâncias, longe de exaltarem a ambição de Jesus para um reinado terreno, concorriam para Ele demonstrar o escopo único de sua missão: proclamar, no mundo, o Reino de Deus, pelo cumprimento dos deveres do amor, e que deveria substituir a religião mercantilizada dos escribas e fariseus. E a "purificação do templo" é uma prova desse zelo que o Mestre procurava manter para que a religião prevalecesse em sua significação verdadeira. O expurgo fazia-se mister e Jesus não hesitou em executá-lo por suas próprias mãos.

Para que se compreenda bem esse ato, de aparência agressiva, é preciso que nos reportemos àquela era e examinemos, sem espírito preconcebido, os princípios da Lei que regiam o povo, os costumes religiosos degenerados pela classe sacerdotal em vil mercancia, a ponto de haver sido convertido o Templo de Jerusalém em "covil de salteadores".

Fazia muitos anos houvera sido fundada uma instituição que estava intimamente relacionada com os escribas, e a qual tinha por fim a instrução do povo a respeito da Lei, e, conseqüentemente, a aplicação da Lei na vida cotidiana. Esta instituição era a SINAGOGA, do grego Svhnagogé - Assembléia, ou seja assembléia de fiéis.

A organização dessas assembléias mereceu grande aprovação, razão por que foram construídos, em muitos lugares, edifícios próprios para esse trabalho religioso, como sói acontecer, atualmente, com os centros e associações espíritas.

Havia, nas sinagogas, rolos contendo as Escrituras, que eram lidas e comentadas com toda a liberdade pelas pessoas mais versadas, mas sem distinção de crenças, isto é, de seitas.

As sinagogas, como se vê, não eram lugares de culto, mas sim escolas, onde todos aprendiam as Escrituras e até as crianças, em dias determinados, aprendiam a ler. O governo das sinagogas era constituído de anciãos, sendo os principais

denominados, como se lê em Lucas, capítulos 7 e 13, príncipes ou chefes. Enfim, eram pequenas assembleias destinadas ao ensino religioso.

O Templo de Jerusalém obedecia, mais ou menos, à mesma orientação, com acréscimo do culto, e culto exterior, parecido com o que se vê nas igrejas de Roma; esse culto foi degenerando, aos poucos, em vil mercancia de sacramentos, como se verifica atualmente nas igrejas.

Pois bem, no tempo de Jesus, Jerusalém e o seu templo já se achavam no auge da degradação. Os cambistas chegavam a assentar suas mesas de negócio, como os católicos fazem com as suas quermesses e leilões de doces, assados e bebidas, transformando a "casa de oração e de instrução" em "covil de salteadores". O Templo de Jerusalém não tinha nenhum aspecto religioso quando Jesus exerceu naquela cidade a sua missão: eram mesas de cambistas, cadeiras dos que vendiam pombas, ovelhas, bois; o templo estava de tal maneira atravancado que só com dificuldade se podia atravessá-lo. De fato quem se atreveria, ou se arriscaria, a tomar a chifrada de um boi, ou a marrada de um carneiro?

O Mestre tinha o seu tempo contado e precisava agir, aproveitando a festa da Páscoa dos judeus, que atraía grande número de romeiros, vindos de todos os lados para a assistirem. Sua ida a Jerusalém tinha um motivo superior, que obedecia a um plano de

propaganda da sua Palavra; por isso, não podia transferir a sua conferência, visto que a tribuna seria, talvez, ocupada também por outros oradores. E, segundo se verificava, a folia, a farra, a mercancia, absorviam toda a festa religiosa, sem que houvesse autoridade capaz de restabelecer a ordem no tempo, para permitir ingresso aos que lá desejavam ir com fins superiores e elevados.

Valendo-se, então, do seu prestígio moral e ao mesmo tempo da solidariedade do povo, o Mestre resolveu empreender o expurgo do local: expulsou dali os mercadores e cambistas, derribou-lhes as mesas e o dinheiro que nelas havia, para mostrar que aquele mister não se exercia nos templos destinados à instrução e à oração; e, preparando um pequeno açoite com alguns cordéis pertencentes aos mercadores, enxotou de lá as ovelhas e os bois que tornavam aquela casa semelhante a um estábulo.

Os leitores, que conosco estudam o Espírito do Cristianismo, vêem neste ato algum desvio do Amor, alguma prova de ódio, de absolutismo?

Com franqueza, julgamos que se Jesus consentisse ou se pusesse em atitude complacente, naquela hora em que deveria demonstrar o seu zelo pelos Ensinos Religiosos e pela Lei que Ele veio cumprir, daria prova de fraqueza moral, de subserviência, de falta de energia, o que nunca se dá com os missionários que vêm fazer progredir a humanidade.

A ação do Mestre foi natural; embora não tivesse espancado a quem quer que fosse, nem mesmo as ovelhas e os bois, exerceu uma ação física semelhante à nossa, quando expulsamos do nosso terreiro ou do nosso quintal um boi, um carneiro ou um cabrito. Para tal fim munimo-nos de uma vara ou de um relho e, mesmo sem espancar os pobres animais, fazemo-los sair donde não devem estar.

O Evangelho não acusa, absolutamente, a Jesus, por haver Ele afugentado os animais. A ação resoluta de Jesus com os cambistas e traficantes, derribando-lhes as mesas com o dinheiro que sobre as mesmas se achava, é que pode ser classificada como um ato de violência, mas violência sancionada pela Lei que o Mestre citou: "A minha casa será casa de oração; mas vós a fizestes um covil de salteadores", palavras estas proferidas por Isaías, o grande iconoclasta, acérrimo inimigo dos fariseus, dos sacerdotes de Belial do seu tempo, que fazia procissões pelas ruas com ídolos de madeira e barro, e tinham por costume fazer mercancia das coisas santas.

Esse ato de coragem do Senhor, que causou admiração a todos foi, a seu turno, o cumprimento de uma predição do Salmista, como disseram seus discípulos e João repetiu no seu Evangelho, capítulo II, versículo 17.

O fato é que ninguém se achou com autoridade para expurgar o templo, e Jesus, fê-lo em alguns

minutos, dando logo começo à sua tarefa pela cura dos enfermos, coxos e cegos que lá se achavam, atos esses que lhe valeram aplausos dos meninos, que exclamavam: "Hosanas ao Filho de Davi."

Foi então que os principais sacerdotes e escribas, movidos de ciúme, indignaram-se e lhe perguntaram: "Ouves o que estão dizendo?" E o Mestre respondeu: "Nunca lestes: Da boca dos pequeninos e crianças de peito, tirastes perfeito louvor?"

Esta resposta fez calar os seus perseguidores, pois, todos os atos que Jesus havia praticado eram dignos de louvor, mereciam a aprovação dos simples, dos justos, dos bons, simbolizados nas crianças cheias de inocência e que não trazem nos corações os vícios, os subornos, os juízos preconcebidos e subservientes que degradam os homens.

Oxalá que apareçam apóstolos e discípulos que com tanta sabedoria e amor expurguem os novos templos em que tudo se vende com menosprezo da divindade.

Diz Lucas nos versos subseqüentes que, após a purificação do templo, Jesus ensinava todos os dias, mas que os sacerdotes, os escribas e os principais entre o povo procuravam tirar-lhe a vida, e não sabiam o que haviam de fazer, pois o povo o escutava com muda atenção.

A Autoridade do Batismo

"Em um dos dias em que Jesus ensinava ao povo no templo e anunciava o Evangelho, sobrevieram os principais sacerdotes e escribas, juntamente com os anciãos, e falaram-lhe nestes termos: Dize-nos: com que autoridade fazes estas coisas, ou quem te deu esta autoridade? Respondeu-lhes: Também eu vos farei uma pergunta; respondei-me: O batismo de João era do Céu ou dos homens? Eles, consultando entre si, diziam: Se dissermos que era do Céu, ele dirá: Porque, então, não lhe destes crédito? Mas se dissermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará, porque está convencido que João era profeta. Responderam por fim que não sabiam donde era. Replicou-lhe Jesus: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas." (Lucas, XX, 1-8.)

"Entraram de novo em Jerusalém e Jesus, andando pelo templo, aproximaram-se dele os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos e perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para fazê-las? Respondeu-lhes Jesus: Eu vos farei uma só pergunta, respondei-me; então vos direi com que autoridade faço estas coisas. O batismo de João era do Céu ou dos homens?

Respondei-me. E discorriam entre si: Se dissermos: Do Céu, ele dirá: Por que então não lhe destes crédito? Diremos, porém: Dos homens? - temiam o povo; porque todos tinham realmente a João como profeta. Responderam a Jesus: Não sabemos. Jesus replicou: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas." (Marcos, XI,27-33.)

"Tendo Jesus entrado no templo, quando estava ensinando, vieram a ele os principais sacerdotes e anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu tal autoridade? Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma só pergunta, que se me responderdes, então vos direi com que autoridade faço estas coisas. Onde era o Batismo de João? do Céu ou dos homens? E eles discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, dir-nos-á: Por que, então, não lhe destes crédito? Mas se dissermos: Dos homens, tememos o povo; porque todos consideram João como profeta. Responderam a Jesus: Não sabemos. E ele, por sua vez, declarou: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas." (Mateus, XXI, 23-27.)

A autoridade do batismo tem sido objeto de controvérsia desde os inícios do Cristianismo. Em tempo algum se deu crédito ao "batismo de João"; o próprio Batista repetia sempre, aos que buscavam o seu batismo, não ser este um preceito divino, uma prática necessária à purificação espiritual.

Já tivemos ocasião de tratar deste assunto (1), não mais fazendo agora senão confirmar o que deixamos dito.

(1) vide: *Parábolas e Ensinos de Jesus*.

O batismo de João nunca mereceu a sanção de quem quer que fosse, inclusive a de Jesus que a chamava - de João - isto é, humano, pessoal, e não divino, espiritual.

A questão nesse caso não se cifra em saber se o batismo era realmente do Céu; não se trata de uma dúvida que se teria de resolver, mas, sim do pronunciamento dos escribas, dos fariseus, dos principais sacerdotes a tal respeito. Eles não criam no batismo de João, mas não o atacavam por medo do povo.

Não havia nessa gente o desassombro preciso para confessar o seu modo de ver, externando a sua opinião: eram escravos do preconceito. Para aparecerem e dominarem, curvavam-se às injunções bastardas, ao julgamento inconsciente da massa popular, às tradições de família, aos dogmas esdrúxulos. Acontecia com essa gente o que acontece atualmente com toda a "gente boa" de representação governativa e social: são católicos porque a maioria do povo o é. Se a maioria fosse atéia, eles também seriam ateus.

Homem sem ideal, sem espírito religioso, sem conhecimento de Deus, adstritos á vida aparente do

berço ao túmulo, e tirando sempre o maior proveito que esse trecho da existência lhes dá, não fazem questão da lapidação do caráter; dominando, divertindo-se, enriquecendo, tudo o mais pouco ou nada se lhes dá, pouco se incomodam que o "batismo de João" seja do Céu ou da Terra, contanto que ninguém os exceda em autoridade, para viverem fartamente, usufruindo a seiva da existência que desfrutam

Corra a religião como correr, tudo lhes serve. Encham-se os templos de mercadores, esvoacem neles as pombas, pinoteiem as ovelhas, chifrem-se mutuamente os bois! Contanto que comam e bebam a "páscoa", que apareçam nas festas como os mais festejados santos, como as maiores dignidades da era, o resto não importa!

Interpelando-os sobre a autoridade do "batismo de João", Jesus teve por fim desmascarar aqueles hipócritas em praça pública; teve por intuito demonstrar ao povo quem eram os seus chefes, os seus guias, os mestres que lhe ensinavam a "moral", os sacerdotes que lhe ensinavam a "religião", os filósofos que lhe ensinavam a "sabedoria".

O povo não admitia que se fizesse a mínima recriminação a João Batista, e eles não tiveram coragem de fazê-lo.

Como poderiam ter coragem de fazer o expurgo do templo, se eles próprios eram templos infectos, de caráter duvidoso, de consciência transviada!

A autoridade de Jesus era, de fato, a autoridade de quem possui a Verdade e rege-se pelos ditames da Verdade. O Mestre não se limitava a dizer que tinha autoridade e que essa autoridade Ele a havia recebido de Deus. A sua palavra doutrinária, as suas ações edificantes eram o melhor testemunho da sua autoridade, que o povo, em geral, não deixou de reconhecer, pois, como se viu noutro capítulo, o Senhor efetuou com a maior facilidade o expurgo do templo, coisa que os principais sacerdotes, os fariseus e os escribas não puderam fazer.

A verdadeira autoridade é a autoridade moral, porque é a única que merece a sanção divina, e, portanto o auxílio dos Mensageiros de Deus.

Quanto ao "batismo de João", todos sabem muito bem que não era do Céu; se o fosse, não passaria, porque a Palavra do Céu não passa. Disse-o o próprio João vos batizo com água, mas após mim virá quem vos batizará com o Espírito Santo."

"Que quer então dizer o que está escrito: A pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta como pedra angular? Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; mas sobre quem ela cair, será reduzido a pó.

"Naquela mesma hora os escribas e os principais sacerdotes procuraram pôr-lhe as mãos, mas temeram o povo; pois perceberam que em referência a eles havia dito esta parábola. E observando-o, enviaram-lhe emissários que se fingiram justos, para o apanhar em alguma palavra, de modo que o pudessem entregar à jurisdição e à autoridade do governador. E perguntaram-lhe: Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente, e não te deixas levar de respeitos humanos, mas ensinas o caminho de Deus segundo a verdade; é-nos lícito ou não pagar tributo a César? Mas Jesus, percebendo a astúcia deles, disse-lhes: Mostras-me um denário. De quem é a efígie e a inscrição que ele tem? Responderam: De César. Disse-lhes Jesus: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e maravilhados da sua resposta, calaram-se", (Lucas, XX, 17-26.)

Nunca lestes sequer esta passagem da Escritura: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular e é maravilhoso aos nossos olhos?

"E procuravam prendê-lo (mas temeram o povo); porque perceberam que contra eles proferia esta parábola. E deixando-o, retiraram-se.

"Depois eles lhe enviaram alguns dos fariseus e dos herodianos para o apanhar em alguma palavra. E vindo a ele, disseram: Mestre, sabemos que és verdadeiro, e não se te dá de ninguém; porque não te deixas levar de respeitos humanos, mas ensinas o caminho de Deus segundo a verdade; é lícito ou não pagar o tributo a César? Pagaremos ou não pagaremos? Mas Jesus, conhecendo a hipocrisia deles, respondeu-lhes: Porque me experimentais? Trazei-me um denário para eu vê-lo. Eles lho trouxeram. E perguntou-lhes: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam-lhe: De César. Disse-lhes Jesus: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E se admiravam muito dele." (Marcos, XII, 10-17.)

"Então os homens se retiraram e consultaram como apanhariam Jesus em alguma palavra. E enviaram os seus discípulos, juntamente com os herodianos, a perguntar: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, e não se te dá de ninguém, porque não te deixas levar de respeitos humanos; dize-nos, pois, qual o teu parecer? É lícito ou não pagar a tributo a César? Porém Jesus, tendo percebido a malícia deles, respondeu-lhes: Mostra-me uma moeda de tributo. E trouxeram-lhe um denário. Ele perguntou: De quem é esta efígie e

inscrição? Responderam: De César, Então lhes disse Jesus: Dai, pois, a César o que de César, e a Deus o que é de Deus. Ao ouvirem isto admiraram-se e, deixando-o, foram-se." (Mateus, XXII, 15-22.)

A pedra angular, o fundamento, os alicerces, a base principal da Religião, tem sido rejeitada por todas as seitas e sacerdotes que se dizem representantes de Deus na Terra.

A luta contra a classe sacerdotal vem de tempos imemoriais, justamente por haverem estes edificado suas religiões sobre os seus dogmas e não sobre a Pedra Angular, sobre a base fundamental em que se assenta a Religião.

Na passagem acima, vemos Jesus censurar esse procedimento e acrescentar que "aquele que cair sobre essa pedra ficará em pedaços, e sobre quem ela cair será reduzido a pó".

As antigas religiões dos escribas, fariseus, herodianos, saduceus, etc. Eram edificadas sobre Abraão, assim como a Católica Romana e edificada sobre Pedro.

Todas elas têm edificado sobre indivíduos. A Protestante é edificada, segundo afirmam os seus pastores, sobre Jesus Cristo, em contra posição às mesmas palavras de Jesus, que edificou a sua Igreja sobre a Revelação, conforme se depara do capítulo XVI, 13 a 20, do Evangelho Segundo Mateus (1).

(1) *Vide: Parábolas e Ensinos de Jesus e o Diabo e a Igreja.*

Naturalmente, os principais sacerdotes, os escribas e os fariseus, não podiam ouvir com bons ouvidos a interpelação de Jesus sobre a significação da "pedra" que eles haviam rejeitado, por não quererem submeter-se às injunções do Alto; e, como plano preparatório de vingança, enviaram ao Senhor embaixadores disfarçados, encarregados de apanhá-lo em alguma palavra que pudesse ser dita contra o Governo, acusá-lo de subversivo e entregá-lo à autoridade.

Naquela ocasião havia grande repulsa contra os impostos, já exorbitantes naquela época, e, segunda eles previam, Jesus, homem de justiça, não poderia deixar de ir contra o Governo, aconselhando a não fazer o pagamento de tributos.

Jesus conhecia muito bem as intenções daquela gente má e artilosa, tendo aproveitado a ocasião para dar-lhes uma edificante lição. O Mestre e Senhor lhes fez compreender que o tributo de César devia ser pago, mas existia também um outro tributo que, se não fosse pago no presente, sê-lo-ia no futuro com juros de mora; o tributo de Deus!

Se as leis dos homens nos impõem deveres, as leis de Deus, com mais forte razão, nos tornam devedores de obrigações das quais não podemos escusarmos sem infringi-las.

"Dai a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César, eis o dever dos homens de bem, dos que desejam a honradez, dos que procuram colocar-se

acima dos prejuízos terrenos, dos que se querem livrar da terrível confusão que nos ameaça nestes momentos difíceis, dos que, compreendendo a sua situação neste mundo, sabem que nunca poderão ser felizes se descurarem do dever principal, que é o da submissão à Vontade de Deus.

A astúcia daqueles homens que representavam a religião de então era o frisante testemunho, de não estarem eles cumprindo o dever ordenado por Deus; não estavam, portanto, pagando o tributo divino que lhes seria pedido depois com acréscimo de mora, por terem-se escusado a satisfazer esse compromisso.

De modo que, quando os seus inimigos julgavam pilhar Jesus em alguma palavra que pudesse acusá-lo de rebeldia às leis instituídas por César, para assim acusá-lo de revoltoso, o Mestre lhes deu a significativa lição que se nos depara nos textos transcritos.

O último tópico sobre a pedra angular não é menos digno de consideração: "Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; mas sobre quem ela cair será reduzido a pó."

Com efeito, onde estão os que se atreveram a combater a Revelação, quer seja em sua manifestação científica, filosófica ou religiosa? Qual é a ciência capaz de demonstrar a nulidade da Revelação Espírita, a sua insubsistência, a mobilidade de sua base, tais como os fatos que se reproduzem hoje aos milhares? Qual o filósofo, de todos os mais festejados do século,

capaz de nos oferecer com lógica mais pura, com raciocínio mais sã, com provas mais evidentes, filosofia mais verdadeira e mais consoladora do que a Espírita? Qual a religião capaz de declinar o altar em que se erguem os seus princípios para oferecê-lo à Caridade, como faz o Espiritismo, acrescentando que a Religião nada mais é que o amor e fora do amor não há salvação?

Perguntem isso ao Catolicismo, ao Protestantismo, tenazes inimigos da Revelação, implacáveis adversários dos princípios apostólicos, embora se digam intérpretes dos Evangelhos e glorifiquem o Cristo com os lábios.

Não foi sobre esta Pedra Angular que o Cristo saiu vitorioso da morte, manifestando-se aos seus discípulos e seguidores? Não foi sobre ela que Tomé passou da incredulidade à crença, firmando-se na Fé e prosseguindo em sua missão, interrompida com a crucificação de Jesus? Não foi sobre a Pedra Inamovível, que o Apóstolo da Luz, pulverizado em Saulo perseguidor, ergueu-se em Paulo para anunciar aos gentios a Nova da Redenção?

Pensem e respondam os que desejam pagar os dois tributos: "a César o que é de César; a Deus o que é de Deus".

Os Saduceus e a Ressurreição

"Chegando alguns dos saduceus, homens que negam a ressurreição, perguntaram-lhe: Mestre, Moisés nos deixou escrito que se morrer um homem casado e não deixar filhos, seu irmão case com a viúva e dê sucessão ao falecido. Havia, pois, sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem filhos; o segundo e o terceiro casaram com a viúva, e assim os sete, e morreram sem deixarem filhos. Por fim morreu também a mulher. De qual deles, pois, será a mulher na ressurreição? Porque os sete casaram com ela. Respondeu-lhes Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento, mas aqueles que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dentre os mortos, não se casam e nem se dão em casamento: pois não podem mais morrer; porque são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Mas que os mortos ressuscitam, Moisés o indicou na passagem a respeito da sarça, onde se diz que o Senhor é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; pois todos vivem para Ele. Alguns dos escribas disseram: Mestre, respondeste bem. E não ousaram mais perguntar-lhe coisa alguma." (Lucas, XX, 27-40.)

"Vieram ter com ele alguns saduceus, homens que dizem não haver ressurreição, e fizeram-lhe esta pergunta: Mestre, Moisés nos deixou escrito que se morrer o irmão de alguém, deixando mulher, e não tiver filhos, seu irmão casará com a viúva e dará sucessão ao falecido. Havia sete irmãos: o primeiro casou-se e morreu sem deixar sucessão; o segundo desposou a viúva e morreu não deixando sucessão; e do mesmo modo o terceiro; assim nenhum dos sete deixou sucessão. Depois de todos morreu também a mulher. Na ressurreição, quando ressuscitarem, de qual deles será ela mulher? Pois os sete casaram-se com ela. Respondeu Jesus: Não provém o vosso erro de não saberdes as Escrituras, nem o poder de Deus? Porque quando ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens casam, nem as mulheres são dadas em casamento; porém são como os anjos nos Céus. E quanto à ressurreição dos mortos não tendes lido no duro de Moisés na passagem concernente à sarça, como Deus lhe falou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos. Estais em grande erro." (Marcos, XII, 18-27.)

Como se sabe, quando Jesus veio ao mundo encontrou a Humanidade dividida em múltiplas seitas, que se guerreavam e se contradiziam, semelhantes a animais de diversas espécies que se agridem e se entredevoram. Os preceitos do Decálogo, apesar de

serem abraçados por todos, constituindo "artigos de fé" de todas as religiões judaicas, não tinham sanção na prática social e doméstica.

Não havia amor a Deus, nem amor ao próximo, como aliás se observa nos nossos dias entre as religiões populares: matavam-se, desonravam-se, eram cheios de inveja, de cobiça, de dolo.

A religião era culto exterior sem acesso à inteligência e ao coração; consistia em práticas sibilinas, em exterioridades vãs, e tudo se fazia pelo interesse imediato.

Os saduceus, por exemplo, criam em Deus, mas serviam-no só com interesse nas recompensas desta vida, pois não acreditavam na imortalidade, nem na ressurreição, assim como não acreditavam em anjos bons ou maus. Entretanto, cingiam-se ao texto da Lei Mosaica, cujas Escrituras interpretavam a seu talante.

A Lei Mosaica era a Escritura dos judeus, mas cada seita a interpretava segundo as suas conveniências e o critério dos sacerdotes que dirigiam o culto.

Era mais ou menos como se dá hoje com as Igrejas Romana, Grega, Brasileira, Francesa e as Igrejas Protestantes, Luterana, Sinodal, Batista, Sabatista, Presbiteriana, etc, cada uma delas interpretando o Antigo e o Novo Testamento como melhor lhe parece.

E Jesus, cuja vinda ao mundo não teve outro fim senão o de demonstrar a sobrevivência, a imortalidade da alma, e proclamar a Lei do Amor como única

compatível com a Verdade Divina, Jesus, para poder desempenhar a sua missão teve de enfrentar toda aquela gente sem estudo, sem cultivo religiosa, sem critério, mas cheio de orgulho de saber e cômico de que, de fato, estava interpretando a Vontade de Deus.

Pela leitura do capítulo que serve de tema ao nosso estudo, os leitores poderiam comparar as incoerências dos saduceus que, não crendo na sobrevivência, abraçavam as Escrituras onde se achava escrita a sentença da imortalidade: "Deus não é Deus dos mortos, mas sim dos vivos." Se não havia "Deus dos mortos", o que é claro e lógico, e sendo Ele o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, estes patriarcas, embora já tivessem passado deste mundo, não estavam mortos, mas vivos no outro mundo.

A pergunta dos saduceus sobre a ressurreição, em parte tinha a sua razão de ser, porque lhes apresentavam uma ressurreição toda material, como a que ensinam hoje o Catolicismo Romano e o Protestantismo: "a ressurreição da carne"!

Detenhamo-nos um pouco nesse "artigo de fé" do Romanismo e estudemo-lo sem idéia preconcebida, de acordo com a ciência e a lógica dos fatos.

A RESSURREIÇÃO DA CARNE SEGUNDO A IGREJA

Tratando da "Ressurreição da Carne" e do "Juízo Final"; na Lição XXXIV diz o Abade Ambrósio Guillois, em sua Teologia Dogmática e Moral, 1.º volume:

"É a morte uma dívida, de que ninguém pode ser isento; todo o homem que nasceu, há de morrer. Se o mesmo Filho de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, se sujeitou a essa lei, quem poderia ser dispensado dela? Assim, até mesmo os homens mais santos e perfeitos, que se acharem no mundo, quando chegar o seu último termo, pagarão o tributo da morte. Como já explicamos, a morte é a separação da alma do corpo. Depois desta separação, a alma, que é espiritual, imortal, incorruptível, continua a viver, enquanto o corpo, de que se separa, volta sem vida, ao pó. Mas a separação da alma do corpo humano não há de durar eternamente: um dia virá, em que ressuscitarão todos os homens sem exceção, bons ou maus que viveram nos séculos, que nos precederam, que vivem agora, que viverem depois, e nenhum, repito, será isento da necessidade de morrer; quer isto dizer, que as almas retomarão os mesmos corpos que haviam animado, a fim de lhes ser para sempre unidos por um vínculo indissolúvel. É o que se chama "ressurreição da carne", isto é, dos ossos, da carne, do sangue e do que se compõe o sangue; mistério que nos ensina a fé, e que consiste na reorganização de todas as partes do corpo humano, e na sua união com a alma, de que a morte o

separa. Sendo a alma imortal, só e destruído o corpo; e por isso, no símbolo (o Credo) não se fala senão da ressurreição da carne."

OBJEÇÃO

Antes de outras considerações e para bem analisar esse artigo de fé da Igreja, vamos procurar saber o que é o corpo humano, como se forma e como vive; o que é a morte desse corpo.

"No ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence á classe dos mamíferos, da qual apenas difere pela forma exterior; no mais tem a mesma composição química que todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e modos de nutrição, respiração, secreção e reprodução nasce, vive e morre nas mesmas condições e pela morte do corpo decompõe-se como tudo quanto vive. Não há na sua carne, no seu sangue, nos seus ossos, um átomo diferente daqueles que se acham nos corpos dos animais; como estes, ao morrer, restitui á terra o oxigênio, o carbono, o azoto que se achavam combinados para o formar, e vão, por novas combinações, constituir novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que as suas funções orgânicas são estudadas em certos animais, quando as experiências não podem ser

estudadas nele próprio." (Allan Kardec, em "A Gênese".)

É preciso considerar outra circunstância. Desde o nascimento até a morte, o corpo humano, como o dos animais, passa por transformações sucessivas, assimilando e desassimilando a matéria precisa para a sua manutenção, pelos alimentos e água ingerida, pelo ar que o corpo respira; assim como expelindo as sobras e matéria gasta, pela dejeção, micção, suor, lágrimas, etc.

O corpo que nos serviu ontem, não é o mesmo que nos serve hoje, e o que nos serve hoje não é o mesmo que nos servirá amanhã. Do nascimento à morte o homem muda mil vezes de corpo; os corpos se vão sucedendo imperceptivelmente, mas se sucedem como se observa desde a infância à mocidade e desta à velhice, e ainda está sujeita a transformações que transfiguram por completo o indivíduo.

Esta doutrina é de caráter positivo porque pode ser observada até pelas mais rudes inteligências.

De modo que o homem não tem, do nascimento à morte um corpo único, mas muitos corpos.

Por ocasião da morte, pelo abandono do espírito, pode a matéria corporal se desagregar; como vimos acima, transforma-se em azoto, hidrogênio, oxigênio e carbono e vai, a seu turno, animar novos corpos, ou antes, formar novos corpos.

Por exemplo: uma parte do corpo do nosso atencioso leitor, podia ter constituído alguma parte de homens que já viveram e cujos corpos em trabalho de transformação tivessem concorrido para o nascimento de qualquer um dos alimentos que lhe serviram nos dias anteriores, ou mesmo poderia ter sido respirado em forma de oxigênio.

Com qual corpo, perguntamos agora, terá de ressurgir no último dia o homem que viveu 70 anos, se no decurso desse tempo teve ele muitos corpos?

Como se vê, a doutrina da "ressurreição dos corpos" tal como ensina a Igreja, constitui verdadeiro caso teratológico! Não se pode conceber como os elementos que serviram a muitos corpos venham a reunir-se a um e outro corpo sem prejuízo de um deles.

Acresce outra circunstância: se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos, ou reduzidos a pó, assim se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. Mas assim não acontece; pela decomposição, esses elementos se dispersam e transformam-se sendo materialmente impossível a sua permanência no estado anterior.

*

Depois destas objeções ninguém será capaz de esposar a causa da Igreja sobre a "ressurreição da carne"; dogma que fazia parte do Judaísmo Sacerdotal

e das seitas que proclamavam a "vida única" em contraposição à "lei da reencarnação".

Os saduceus, como se vê, tinham razão em negar até a imortalidade, desde que essa imortalidade se tornava inseparável da materialidade; verificava-se "imortalidade" no Juízo final, nos corpos compostos de carne, sangue, ossos, etc.!

No século II, os gnósticos combateram muito a idéia da "ressurreição da carne", assim como os seguidores de Sócrates, Platão e Pitágoras, que, como se sabe, eram reencarnacionistas.

De outro lado, sendo o casamento um ato espiritual, indissolúvel, como o acreditavam os próprios fariseus, a razão da pergunta dos saduceus não deixava de ter fundamento: se a mulher casou-se com sete maridos, se o casamento é um sacramento espiritual, se o casal não se pode desunir, com qual dos maridos ficará a mulher? Com todos? Mas no mundo espiritual não poderá prevalecer a poligamia, abolida pela própria Lei Mosaica! Com qual ficará, então?

Mas, através da lógica dos saduceus, criticando a contradição da Lei proclamada pelos fariseus, ou antes, pelo Judaísmo, como se Jesus sancionasse aquela doutrina, nota-se que a interpelação foi insidiosa, teve por fim abater a personalidade do Mestre e desmoralizar a sua Palavra Veraz, de cuja observância depende a nossa felicidade.

Se os saduceus fossem homens de critério e humildes, não veriam contradição unicamente na má interpretação que os doutores da Lei, os escribas e os fariseus davam aos ensinamentos de Moisés, mas veriam também a contradição em que se mantinham, crendo em Deus e negando a sobrevivência humana, quando esta não é senão um corolário Daquela.

Outra lição substancial se encontra na resposta de Jesus: "Porque quando ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens casarão, nem as mulheres serão dadas em casamento." Por este trecho se subentende claramente que a ressurreição é um ato espiritual e não material, pertence ao espírito e não ao corpo, e que o indivíduo não é o corpo e sim o espírito: quando o indivíduo ressuscitar, ou seja, atingir as culminâncias da ressurreição, será espírito sem dependência de corpo carnal, não tendo, portanto necessidade de casar-se, visto como a lei da reprodução não faz parte do mundo espiritual, mas somente do mundo carnal.

Jesus, por fim, salienta a falta de conhecimento dos saduceus, cujo erro provinha de não conhecerem as Escrituras: "Não provém o vosso erro de não saberdes as Escrituras, nem o poder de Deus?"

A ressurreição é, pois, uma condição do espírito, e a prova da ressurreição consiste nas aparições dos mortos com seus corpos etéreos, aéreos, intangíveis, como se tem verificado em todos os tempos e só os

antolhos materialistas das saduceus não o permitiam ver.

Falando da Ressurreição de Cristo, Paulo disse: "Mas, agora Cristo é ressuscitado dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem." E fazendo ver, assim como Cristo ressuscitou, os mortos ressuscitam, diz: "Se se prega que o Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns de vós que os mortos não ressuscitam?"

A analogia entre a Ressurreição de Cristo e os mortos é perfeita. A visão de Madalena, atirando-se ao Mestre e pretendendo abraçá-lo, e as palavras do Senhor: "Não me toques, porque ainda não subi ao Pai", deixa bem claro que aquela ressurreição nada tinha de corporal, de material, de tangível, pois Jesus, conquanto depois se tivesse materializado por momentos, se mantinha unicamente com o seu corpo espiritual, característico da verdadeira ressurreição.

Finalmente, a resposta de Jesus foi tão categórica e irretorquível que, diz o texto evangélico: "não ousaram mais perguntar-lhe coisa alguma."

"Houve também entre eles uma discussão sobre qual deles era considerado o maior. Jesus disse-lhes: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que exercem sobre eles autoridade, são chamados benfeitores. Mas vós não façais assim: pelo contrário, o que entre vós é o maior, seja o menor, e aquele que manda, seja como o que serve. Pois qual é maior, quem está à mesa ou quem serve? Não é o que está à mesa? Mas eu estou no meio de vós com quem serve." (Lucas, XXII, 24-27.)

"Então se aproximaram dele Tiago e João filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos faças o que pedimos. Ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Concede-nos que na tua glória nos sentemos, um à tua direita, outro à tua esquerda. Mas Jesus disse-lhes: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo, ou ser batizado com o batismo com que eu sou batizado? Responderam eles: Podemos. Replicou-lhes Jesus: Bebereis, na verdade, o cálice que eu bebo, e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado; mas o tomar assento à minha direita ou à minha esquerda, não me pertence concedê-lo; porém, será isto concedido àqueles para quem está destinado. Ouvindo isto os dez, começaram a indignar-se contra Tiago e João. Mas Jesus chamou-os para junto de si e disse: Sabeis que os que são reconhecidos como governadores dos gentios, dominam sobre os seus

vassalos e sobre eles os grandes exercem autoridade. Porém, não é assim entre vós; mas quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será esse servo de todos; porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos." (Marcos, X, 35-45; Mateus XX, 20-28.)

A pretensão ao mando, à superioridade, ao principado, é a causa das grandes derrotas pessoais e das perturbações sociais que constituem a crise desoladora que caracteriza os nossos dias.

Em todos os tempos, a Humanidade, na Política, na Ciência, na Religião, tem-se ressentido desse defeito de caráter que deprime os homens. Todos querem saber mais do que sabem, pleiteiam lugares para os quais lhes falta a competência, e, cheios desse falso saber e desse falso poder, que ilude sua acanhada visão, excomungam, desprezam, perseguem, caluniam, oprimem aqueles que não sancionam suas resoluções descabidas e mantêm, pelo poder do ouro e da força bruta, nações inteiras escravizadas ao seu regime de violências.

Jesus, o grande revolucionário, que veio proclamar a Liberdade na Terra; que veio valorizar os homens pelas suas virtudes e pelo seu real saber, não podia sancionar a superioridade sem méritos, nem

estabelecer a primogenitura de nenhum Jacó trocada por um prato de lentilhas.

A seus discípulos, entre aqueles que queriam segui-lo, disse: "Porque a Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos."

Para melhor esclarecimento ainda do seu pensamento, o Mestre figurou uns hóspedes á mesa de um hospedeiro; este; servia-os com a solicitude de um criado, de modo que, na aparência, o hospedeiro era o menor de todos que ali se achavam, mas, na verdade, era o maior, porque era o dono da casa: Qual é o maior, quem está à mesa ou quem serve? Não é quem está à mesa? Mas eu estou no meio de vós como quem serve."

Outra coisa nós aprendemos nesta lição: ninguém pode mandar sem saber fazer, porque a condição essencial de quem manda é também fazer - mandar fazendo, e fazer mandando: "o que manda seja como o que serve" o que manda seja como o que trabalha.

Note-se que Jesus não disse: "o que trabalha seja como o que manda", mas, sim: "o que manda seja como o que trabalha". Os trabalhadores são mandados não podem mandar porque a sua tarefa se limita a receber ordens; mas os que mandam têm obrigação de trabalhar, para ensinarem, com o exemplo, para animarem seus discípulos com a sua própria ação, e

para que os discípulos aprendam bem a imitar as obras que o mestre faz.

O Cristianismo não se limita ao ensino teórico, mas, sim ao ensino teórico-prático. O Mestre ensina e pratica, ao passo que os discípulos devem limitar-se a aprender e praticar, mesmo porque saber e não fazer é o mesmo que não saber: "bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática."

Em face de tudo isso, que valor cristão têm os títulos que dão primazia ao clero das Igrejas, desde o simples padre até o Sumo Pontífice, o Papa?

O que valem os títulos nobiliárquicos, os baronatos ou os principados, cujos portadores são chamados benfeitores?

Tiago e João podem assentar-se à direita ou à esquerda de Jesus, mas não conseguirão fazê-lo sem haver passado pelo batismo por que Jesus passou, e isso mesmo depende da Vontade de Deus, que é quem tudo manda e governa.

A superioridade não depende do sangue azul ou vermelho, não está na razão do numerário que se possui, nem na força bruta que se impõe, mas sim no cumprimento do dever, na proporção do trabalho realizado, do amor, da virtude em atividade, da sabedoria que se conquista, pois: "os que se exaltam serão humilhados; e os que se humilham serão exaltados".

O valor do indivíduo não está no cargo que ele usurpou de outrem; o seu mérito não consiste na família de quem ele faz parte, nem no dinheiro que conseguiu por meios mais ou menos ilícitos.

O mérito é produto da atividade, do trabalho contínuo, da bondade de coração, da exaltação do raciocínio, finalmente, da elevação espiritual. Nisto é que consiste o verdadeiro sinal de superioridade.

As Tentações de Pedro

"Simão, Simão, eis que Satanás obteve permissão para vos joeirar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, uma vez arrependido, fortalece teus irmãos. Disse-lhe Pedro: Senhor, estou pronto a ir contigo não só para a prisão, mas também para a morte. Disse-lhe Jesus: Declaro-te, Pedro, que antes de cantar o galo, três vezes terás negado que me conheces." (Lucas, XXI, 31-34.)

"Desde esse tempo começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário ir a Jerusalém e padecer muitas coisas dos anciãos, dos principais escribas e sacerdotes, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Pedro, chamando-o à parte, começou a

admoestá-lo, dizendo: Deus tal não permita, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas ele, voltando-se, disse a Pedro: Sai de diante de mim, Satanás; tu és para mim uma pedra de tropeço, porque não cuidas das coisas de Deus, mas das dos homens." (Mateus, XVI, 21-23.)

Existe um provérbio que diz: Errare humanum est - errar é condição da natureza humana.

Erram os pequenos, erram os grandes; erram os iletrados, erram os sábios; erram os moços, erram os velhos; erram os maus, erram os bons, os virtuosos, os santos.

Todos erram. Ninguém neste mundo pode arrogar-se o atributo da infalibilidade.

E além do homem ser suscetível ao erro, acresce ainda que está ele sujeito às más influências que o induzem ao erro e ao mal.

A psicologia do Cristianismo afirma o que ensina o Espiritismo sobre a ação dos Espíritos sobre os homens. Todos estamos sujeitos a Potestades boas e más. Os bons nos auxiliam e nos conduzem ao bom caminho; os maus nos prejudicam e nos desviam do caminho do Bem.

Quem diria que o grande Apóstolo Pedro, o pescador da Galiléia, que deixou tudo para seguir a Jesus, deveria negá-lo justamente quando mais se fazia preciso o testemunho da sua crença, a sua solidariedade com o mestre amado! Ele que havia dito

a Jesus: "Estou pronto a ir contigo, não só para a prisão mas também para a morte!" como, repentinamente, cedendo a superiores injunções, chegou a negar o Cristo três vezes, antes do Cantar do galo!

Este fato vem confirmar-nos que não existe ninguém perfeito neste mundo. Ainda aqueles que parecem ser os maiores e os mais devotados amigos, mais leais e sinceros propugnadores da Verdade, são os que mais depressa dão provas da deficiência dos superiores atributos que exaltam as almas ao reino da bem-aventurança eterna!

Mas Jesus já havia previsto essa queda do seu discípulo, quando lhe disse: "Simão, Simão, eis que Satanás obteve permissão para vos joeirar como trigo, mas eu roguei por ti para que a tua fé não desfaleça."

Os espíritos inimigos do Cristianismo já haviam preparado a sua emboscada e rugiam como um leão, em torno dos discípulos. E embora bem avisados pelo seu Mestre, não puderam resistir às injunções superiores que afinal os dominaram. E não fossem as rogativas de Jesus pelo seu futuro apóstolo, quem sabe se ele não persistiria na negação que fez antes de cantar o galo e não teria também prejudicado, como Judas, a sua missão?

O Cristianismo não se pôde livrar da ação dos espíritos inferiores do Espaço, como não se livrou da ação dos espíritos sectários da Terra: escribas, fariseus,

saduceus, doutores da Lei, rabinos, todos atacaram por todos os flancos.

A revolta dos setenta foi já uma vitória que o Espírito das Trevas contou no seio do Cristianismo; a traição de Judas a negação de Pedro, foram outras tantas que se verificaram e deveriam ser lembradas na Renascença do Cristianismo, com o nome de Espiritismo, para mostrar que, se esses fatos estorvam a marcha da Doutrina, entretanto, não conseguem deter-lhe definitivamente a marcha e o domínio sobre as almas.

De outro lado, esses fatos de modalidade subjetiva vêm comprovar o que afirmamos todos os dias: nosso Mundo está em estreita relação com o Mundo Invisível, donde recebemos boas e más inspirações, sendo-nos absolutamente necessário estar sempre de vigia, alerta, firmes na oração, para que não nos aconteça como outrora aconteceu aos demais discípulos do Mestre, que a abandonaram e chegaram a negá-la, como fez o próprio Pedro.

Aprendemos no último trecho, também, que aquele que vem a este mundo encarregado de uma missão, faz questão de cumpri-la, desempenhá-la. Se, para evitar os sofrimentos e a morte, preciso se faz renunciar à nossa tarefa, preferimos os sofrimentos e a morte, do que deixar de cumprir o nosso dever. É isto que se depreende das palavras de Jesus a Pedro: "Tu és pedra

de tropeço, porque não cuidas das cosas de Deus e sim das dos homens."

Concluimos com a sentença do apóstolo Paulo: Todo homem é falaz, só Deus é veraz, que se traduz no prolóquio *Errare humanum est*.

Ninguém se afirme capaz disto ou daquilo, pois ninguém sabe a natureza do espírito que o assiste. Digamos sempre: "Sou fraco, imperfeito, mas deseja ser forte e perfeito; dai-me, Senhor, fortaleza para resistir às influências malévolas, e aproximai de mim os vossos Mensageiros para sustentar-me em minhas boas resoluções."

Nunca vimos nenhum fraco se perder, mas temos visto muitos que se diziam fortes de rastos na rua da amargura. Os humildes são exaltados, os orgulhosos são humilhados. Os setenta e demais discípulos, por não quererem ouvir as exortações de Jesus, abandonaram-no. Judas por ter o seu trono dentro da bolsa, teve de prender à bolsa o seu coração. Pedro, avisado várias vezes e por fim convidado à oração e à vigilância, por não orar e não vigiar, tendo adormecido no Monte das Oliveiras, veio depois a negar o Cristo três vezes antes que o galo cantasse.

"Estava próxima a festa dos pães asmos, chamada Páscoa. E os principais sacerdotes e os escribas procuravam algum meio de tirar a vida a Jesus; pois temiam o povo.

"Ora, Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze: e ele foi entender-se com os principais sacerdotes e oficiais sobre a maneira de lho entregar. Alegraram-se e concordaram em dar-lhe dinheiro. E ele anuiu, e procurava ocasião de lho entregar sem a multidão saber." (Lucas, XXII, 1-6.)

"Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar a Jesus. Eles, ouvindo-o, se alegraram e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele buscava ocasião oportuna para o entregar." (Marcos, XIV, 10-11.)

"Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, procurou os principais sacerdotes e lhes disse: que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E eles lhe passaram trinta moedas de prata. Desde então Judas buscava oportunidade para o entregar." (Mateus, XXVI, 14-16.)

"A tarde ele estava sentado à mesa com os doze discípulos. E enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um de vós me trairá. Eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura sou eu, Senhor? Ele

respondeu: o que põe comigo a mão no prato, esse é que me trairá. O Filho do Homem vai, segundo está escrito a seu respeito, mas aí daquele por quem o Filho do Homem é traído! Melhor fora para esse homem se não houvesse nascido. E Judas, que o traiu perguntou: Porventura sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste." (Mateus, XXVI, 20-25.)

"Aquele que come o meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar. Desde já vo-lo digo para que quando suceder, vós creais que eu sou." (João XIII, 18-19.)

"Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me há de trair. Os discípulos olharam uns para os outros sem saber a quem ele se referia. Estava reclinado no seio de Jesus um dos seus discípulos a quem ele amava. A esse fez Simão Pedro um sinal e pediu-lhe que dissesse a quem ele se referia. Aquele discípulo assim reclinado, encostou-se ao peito de Jesus e perguntou-lhe: Quem é, Senhor? Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der um pedaço de pão molhado. Tendo, pois, molhado o pedaço de pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E após o bocado entrou logo nele Satanás. Disse-lhe Jesus: o que fazes, faze-o depressa. Nenhum dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto; pois como Judas era quem trazia a bolsa, alguns pensavam que Jesus lhe dissera: Compra as coisas de que precisamos para a festa, ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos

pobres. Ele tendo recebido o pedaço de pão, saiu imediatamente, e era noite.

"Depois de ter ele saído, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do Homem, e Deus é glorificado nele; se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará nela mesmo, e glorificá-lo-á imediatamente." (João, XIII, 21-32.)

A História do Cristianismo não poderia ficar completa sem o pacto da traição. Sem as trevas não brilharia a luz, sem a enfermidade não se poderia apreciar o valor da saúde, sem a dor nenhum efeito teria a felicidade, sem a guerra a paz não poderia fazer prevalecer os seus princípios. Daí a manifestação da traição para se valorizar a lealdade, a sinceridade, o verdadeiro afeto.

O pacto da traição traz-nos grandes ensinamentos morais e espirituais. E se assim não fosse nossa pena se negaria a lembrar a figura que o pobre Judas Iscariotes exerceu na Vida do Cristo; justamente no momento em que mais tinha de dar provas de seu espírito de gratidão e de sinceridade para com aquele que o havia recolhido tão benevolmente no seu grêmio, e tão substanciosas lições lhe havia prodigalizado.

Mas passemos á análise dos trechos evangélicos que resumem este escrito e observemo-los detidamente, sem prevenção de espírito, com quem deseja, de fato, respigar na seara evangélica,

aproveitando o suco benéfico de seus frutos amadurecidos.

Já por mais de uma vez temos salientado o papel que os sacerdotes têm representado em face da Religião, trabalho contínuo do destruidor, do conspiradores da Fé, do aniquilados da Caridade, do exterminados da Esperança, em cujos altares erige "deuses estranhos", de cujas cátedras impõe dogmas que constituem a antítese de todos os princípios da Moral.

Os sacerdotes de todos os tempos representam a rebeldia contra a Lei de Deus.

Basta passar uma vista de olhos na História da Religião para ver a luta acirrada que tem havido entre a classe sacerdotal e o ministério dos profetas.

Enquanto estes fazem reboar pelo mundo inteiro o Verbo Divino, convidando os homens á espiritualidade, aqueles, cheios de orgulho de saber, prepotência e ambição de poder, materializam as almas ao ponto de o Culto a Deus ser substituído pelo culto a Mamon.

Rebeldes, insubmissos às mensagens do Alto e dos missionários que nos vêm anunciar a Nova da Redenção, tem eles sido, em todas as épocas, os carrascos dos gênios que nos vêm falar em nome de Deus.

"Estava próxima a festa da Páscoa, diz o Evangelho, e os principais sacerdotes e escribas planejavam meios para tirar a vida de Jesus."

Pois não seria a missão dos sacerdotes darem vida a Jesus?

Qual o motivo que os levava a transviar a sua missão? É que Jesus não obedecia á Religião Judaica, não se submetia aos dogmas, aos cultos, aos sacramentos, aos preceitos do clero hebreu. Sua Doutrina, toda espiritual, era a mais poderosa alavanca que vinha desenraizar todas essas exterioridades, essas crenças preconcebidas e arcaicas que maculavam a Religião; por isso, era preciso exterminar o Profeta de Nazaré, considerado um subversor das consciências, um partícipe de Belzebu, sob cuja influência fazia milagres.

Era chegada a Páscoa, ocasião em que o povo se ajuntava para as festas; por isso, como Jesus era amado pelo povo, dificultosa se fazia a execução. Mas o boato dos maquiavélicos planos sacerdotais já havia corrido de boca em boca, estando seus discípulos cientes de tudo, Judas não estava alheio às coisas que se propalavam e as ameaças que chegavam a todos os momentos contra o Meigo Nazareno.

Por sua infelicidade, na comunidade cristã do tempo de Jesus, Judas havia sido encarregado do tesouro.

Era ele o tesoureiro da santa agremiação, cargo que o prejudicava de certa forma, porque lhe estavam afetos todos os negócios financeiros para a manutenção não só dos doze, inclusive Jesus, como de muitos necessitados que vinham valer-se do auxílio material da pia sociedade.

O apegamento ao dinheiro estabelece o apego ao dinheiro, ou desperta no homem material o apego ao dinheiro. O pobre Apóstolo deveria ter-se ressentido dessa falha de caráter antes de vir à Terra e quiçá julgasse poder dar provas de resistência ao ouro naquela sua encarnação, desde que reunia todas as demais condições para o apostolado e desejava tenazmente acompanhar a Jesus em sua peregrinação terrestre.

Há missões que, decididamente, não conseguimos levar a cabo. Em espírito julgamo-nos dotados de todas as forças, mas, quando encarnados, as dificuldades nos vencem, as tentações nos absorvem pela fraqueza a que nos sujeita a carne: "o espírito é forte, mas a carne é fraca". O meio, com a sua influência nefasta, embarga os nossos passos e os elementos adversos que nos vigiam do invisível nos subjagam e corrompem.

Foi o que se deu com Judas: concentrado no tesouro a seu cargo, foi por ele tentado, e os espíritos malévolos fascinaram-no: Satanás entrou em Judas

chamado Iscariotes, fazendo-o vender o seu Mestre por trinta dinheiros!

Tratou-se, sem dúvida, de um caso de subjugação total, em que o paciente se tornou impotente para reagir. Quantos desses casos figuram nos anais religiosos! Quantos desses casos temos observado em nosso tempo ocasionando verdadeiras tragédias!

Cada indivíduo tem uma parte fraca, que constitui a brecha por onde os espíritos malévolos atuam. O orgulho e o egoísmo são os fatores de todos os males que nos possam ocorrer. É deles que vêm a inveja, o ciúme, a avareza, a ganância, outras tantas portas abertas ao "Espírito do Mal."

Judas preocupava-se muito com o dinheiro; não compreendia, apesar das reiteradas recomendações de Jesus, que o dinheiro, embora necessário era coisa secundária e que não poderia faltar, pois Deus vela pelos seus filhos: alimenta os pássaros, veste os lírios e as açucenas, como nem Salomão em toda a sua glória conseguiu de tal modo vestir-se.

Em Betânia, Judas revoltara-se contra Maria pelo "desperdício" do perfume que esta derramara sobre Jesus: "Por que não se vendeu este perfume por trezentos dinheiros e não se deu aos pobres?" (João, XII, 5.)

As preocupações materiais desvirtuam muito as missões, afetam sobremodo o caráter dos missionários. Quantos deles têm falido!

Quantos têm cedido á tentação do ouro!

O crime de Judas é um grande crime, entretanto, existem crimes muito maiores do que o que Judas, pobre instrumento de um "espírito imundo", praticou.

Não foi Judas que conspirou contra Jesus, não foi ele que o mandou prender, não foi ele que o mandou crucificar.

Ainda sem o concurso de Judas, os sacerdotes teriam satisfeito seus instintos sanguinários.

E Jesus sabia disso, pelo que concedeu perdão ao seu infeliz discípulo. Judas, regenerado hoje, é um dos auxiliares da espiritualização da Humanidade. O castigo não é eterno e a reparação da falta reintegra o espírito na sua tarefa.

Se Judas nos pudesse narrar o quanto sofreu nas reencarnações que teve após o grande delito, veríamos o esforço extraordinário que ele fez para subjugar a paixão bastarda que o dominava e a brilhante vitória que obteve nas lutas contra os defeitos que o degradavam.

No livro Revelação dos Papas, tivemos ocasião de ler uma bela mensagem de Judas Iscariotes, digna de ser meditada por todos, e mais ainda por aqueles que, condenando-o até hoje, ainda se mostram, pelos seus atos, mais condenáveis que Judas.

Finalmente, vamos confirmar o que se tem dito várias vezes: o dinheiro é um dos maiores inimigos do homem. E isto justamente porque não podemos

prescindir do dinheiro, não podemos viver sem dinheiro.

Mas uma coisa é viver do dinheiro, e, outra, viver para o dinheiro. Quem vive do dinheiro, utiliza-se desse metal para satisfazer as exigências naturais da vida, auxiliando, com as suas sobras, os necessitados que lhe aguardam a generosidade. O que vive para o dinheiro é o homem mais infeliz do mundo. Torna-se orgulhoso, avaro, desamoroso, hipócrita, sem coração e sem alma, de caráter deprimente.

O que se deixa dominar pelo dinheiro é capaz, como vimos em Judas, de vender o próprio Ideal.

Sorte miserável é a do escravo do dinheiro!

Aquele que tiver o seu tesouro no dinheiro, aí terá também o seu coração: "Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração."

Não menosprezemos o dinheiro, contudo, não nos deixemos escravizar por ele. Façamos antes do dinheiro um meio de perfeição espiritual, angariando com este "bem da iniquidade" uma escala superior na Vida Eterna, um tesouro inesgotável, que os vermes não estragam e os ladrões não alcançam.

Lembremo-nos do que disse Jesus: "Difícil coisa é entrar um rico no Reino dos Céus!"

"Perguntou-lhes Jesus: Quando vos mandei sem bolsa, nem alforje, e sem sandálias, faltou-vos alguma coisa? Responderam eles: Nada. Então ele lhes disse: Agora, porém, o que tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem dinheiro, venda a sua capa e compre espada. Pois vos digo que importa cumprir-se em mim o que está escrito: e ele foi contado com os transgressores; porque o que a mim se refere está sendo cumprido. Disseram eles: Senhor, aqui estão duas espadas. Respondeu-lhes Jesus: Basta." (Lucas, XXII, 35-38.)

O caso das duas espadas parece não ter sido referido senão pelo Apóstolo Lucas. Mas nem por isso é ele desvalorizado no Evangelho. Sua interpretação é toda espiritual, porque essas espadas constituem o símbolo da luta que seus discípulos teriam de enfrentar. A espada é uma arma; o vocábulo "espadas", na linguagem hebraica, tanto podia significar "espadas" como armas: "quem não tiver dinheiro, venda a sua capa e compre uma arma".

Tendo de se iniciar duas naturezas de lutas: luta material e luta espiritual, era preciso que no mínimo houvesse duas "espadas", duas armas. Uma para vencer a luta terrena, outra para vencer a luta espiritual. (*)

(*) Os discípulos parece não compreenderam o simbolismo da expressão de Jesus; ao lhe apresentarem duas Espadas verdadeiras, o Mestre encerrou a questão: "Basta."

A luta pela veste, a luta pelo pão, a luta pelo pouso ia ser grande, e fazia-se mister uma "espada" para vencê-la. A luta contra o sacerdotalismo, a luta contra o preconceito, a luta contra a ignorância, dependiam, a seu turno, de uma espada" que conquistaria a vitória.

Enquanto Jesus se achava na direção do pequeno pelotão, o insigne general provia os seus discípulos de tudo, sem que eles se incomodassem com coisa alguma: "Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos alguma coisa?"

De tudo os supriu o Senhor: de alimento, de roupa, de pouso, de dinheiro, de doutrina, de dons, de autoridade e de poder.

Mas eles precisavam dar provas do seu valor e a luta era necessária; teriam de lutar para adquirir tudo o que antes recebiam sem trabalhar, sem pensar e sem pedir.

De modo que com uma "espada" conquistariam tudo o de que precisassem para subsistência terrena: o trabalho. Com outra espada: a FÉ venceriam os mais poderosos inimigos. Não a fé passiva, mas a fé ativa, baseada nas palavras do Mestre; a fé comunicativa que faz vibrar o Verbo, a fé que produz maravilhas, a fé que cura, alenta e fortifica.

O produto deste esforço iniciado logo após a explosão do Pentecostes deu lugar à instituição da

"Comunidade Cristã", fundada pelos Apóstolos para prover as necessidades materiais dos novos obreiros e ao mesmo tempo dar-lhes o valor moral que eles não podiam dispensar: "E na comunidade dos que creram, o coração era um e a alma uma, e nenhum deles dizia que coisa alguma das que possuíam era sua própria, mas tudo entre eles era em comum." (Atos, IV, 32).

Centro de concentração, centro de trabalho e centro de provisão, essa comunidade se constitui no almoxarifado para onde convergiam as forças espirituais, os benefícios e meios de ação necessários aos Apóstolos em missão, na sua tarefa de divulgação doutrinária.

Não só nos momentos de grandes lutas, mas em todos os tempos, precisamos andar prevenidos. E assim como não sabemos o dia e a hora em que o ladrão chega à nossa casa, não sabemos também o momento em que um ataque espiritual ou uma prova material nos sobrevirá. Daí a necessidade das duas armas, indispensáveis à conquista da vitória.

Munam-se os discípulos de Jesus de duas "espadas" lutem o bom lutar, sem temor e com coragem, que a vitória será certa.

"Segundo o seu costume saiu para o Monte das Oliveiras: e os discípulos seguiram-no. Chegado àquele lugar, disse-lhes: Orai para que não entreis em tentação. E separou-se deles cerca de um tiro de pedra e, ajoelhando-se, orou, dizendo: Pai, se é do teu agrado, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua. Então lhe apareceu um anjo do Céu, que o fortalecia. Estando em agonia, orou com mais instância; e o seu suor tornou-se gotas de sangue a cair sobre a terra. Depois de levantar-se da oração foi ter com os seus discípulos e achou-os dormindo e disse-lhes: Por que dormis? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação." (Lucas, XXII, 39-46.)

"Chegaram a um lugar chamado Getsêmani, e disse Jesus a seus discípulos: sentai-vos aqui, enquanto eu oro. E levando consigo a Pedro, a Tiago e a João, começou a ter pavor e a angustiar-se. E disse-lhes: minha alma está numa tristeza mortal, ficai aqui e vigiai. E adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra, e começou a orar que, se fosse possível, passasse dele aquela hora, e disse: Abba Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. Voltando encontrou-os dormindo, e disse a Pedro: Dormes, Simão? Não pudestes vigiar nem uma hora? Vigiai e orai para que

não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. De novo retirou-se e fez a mesma oração. E voltando encontrou-os dormindo, porque estavam com os olhos pesados; e não sabiam o que lhe responder. E veio pela terceira vez e disse-lhes: Dormi agora e descansai. Basta! É chegada a hora; o Filho do Homem está sendo traído nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos; pois que se aproxima aquele que me trai." (Mateus, XIV, 32-42.)

"Em seguida foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: sentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar. E levando consigo a Pedro e a dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e angustiar-se. Então lhes disse: A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai comigo. E adiantando-se um pouco prostou-se com o rosto em terra e orou; Pai meu, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. Depois voltou para os seus discípulos e, encontrando-os dormindo, perguntou a Pedro: Nem ao menos uma hora pudestes vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. Tornando a retirar-se, orou: Pai meu, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade. E voltando-se outra vez, encontrou-os dormindo, porque estavam com os olhos pesados. Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras.

Então voltou para os discípulos, dizendo-lhes: Agora dormi e descansai; está próxima a hora, e o Filho do Homem está sendo traído nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamo-nos, pois, o que me trai se aproxima." (Mateus XXVI, 36-46.)

"Depois de assim falar, saiu Jesus com seus discípulos para o outro lado do Ribeiro de Cedron, onde havia um jardim; e aí entrou com seus discípulos. Judas, que o traiu, também conhecia o lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos. Judas, portanto, tendo recebido a coorte e alguns oficiais de justiça dos principais sacerdotes e dos fariseus, chegou a este lugar com lanternas, archotes e armas. Jesus, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? Eles lhe responderam: A Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu. Judas, que o traía, estava também com eles. Logo que Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra. Jesus de novo perguntou-lhes: A quem buscais? Eles responderam: A Jesus, o Nazareno. Disse-lhes Jesus: Já vos declarei que sou eu e se é a mim que buscais, deixai ir estes, para se cumprirem as palavras que ele dissera: Não perdi nenhum dos que me deste." (João, XVIII, 1-9.)

Nestas passagens dos Evangelhos salientam-se as grandes virtudes que nos elevam à morada dos bem aventurados: Amor, Oração e Dever.

As religiões que se dizem cristãs se fundaram na Dor; o Espiritismo explica a dor como um acidente passageiro, que tem por causa ou a inferioridade do espírito, ou as condições do meio em que o mesmo se acha não podendo, portanto, consolidar a crença que ilumina, nem estabelecer a Fé que salva. Por isso, a crucificação e a morte de Jesus, precedidas por sua agonia no Jardim das Oliveiras, não podem absolutamente constituir o Espírito da Doutrina pelo qual o Mestre sacrificou os seus melhores haveres.

Leiam com atenção os trechos acima citados e digam se a angústia que fazia arfar o coração amantíssimo do Filho de Deus em Getsêmani não foi ainda muito maior, incomparavelmente mais dolorosa do que a própria morte que Ele sofreu no madeiro infamante?

Que quadro tétrico deveria ter-se desdobrado a seus olhos naqueles tristes momentos em que o Senhor viu desmoronados os mais belos templos que por três anos consecutivos edificara: de um lado Pedro, Tiago e João em letargo, justamente no momento em que mais precisava da solidariedade do seu amor em preces; de outro, os oito discípulos em profundo sono; e além do Ribeiro de Cedron o outro discípulo em marcha para o trair, servindo de cicerone à milícia sacerdotal!

Este cálice poderia ser recebido sem tristeza mortal?

Após três anos de dedicação, esforço e trabalho pela coletividade, ver-se abandonado até por aqueles próprios que se sentavam à sua mesa, que participavam dos seus dons, que se iluminavam com as suas luzes, e a quem havia o Nazareno entregue a metade do seu coração!

Não bastavam as execrações e as calúnias que lhe eram atiradas pelos inimigos da sua Palavra, não bastava a indiferença dos pusilânimes que haviam bebido na fonte da sua Doutrina, até os seus Apóstolos deveriam ceder aos impulsos satânicos dos adversários invisíveis, para mais sangrarem o impoluto coração feito para amar e perdoar!

"Pai meu! Afasta de mim este cálice; mas se não for possível, submeto-me à tua vontade."

Estava escrito que Jesus venceria só, e que seus discípulos haviam de ser joeirados como o trigo, para que depois se identificassem com a Palavra.

E se seus discípulos não dormissem, se orassem e vigiassem, se Judas, liberto de "Satanás" reconsiderasse seu ato e voltasse ao jardim das Oliveiras, e todos os doze unidas em um, secundando as recomendações do Mestre, orassem, vigiassem, teria Jesus sido preso naquela ocasião pela coorte aliada aos oficiais de justiça dos sacerdotes?

Creemos que não, e fundas são nossas razões para assim pensar. O Jardim das Oliveiras não era conhecido por todos como sendo um dos lugares em

que Jesus costumava ocultar-se, quando era perseguido, ou quando queria ficar a sós para melhor meditar, descansar e orar.

Sem a indicação de Judas, a coorte não encontraria Jesus com facilidade. E se o encontrasse, possivelmente não chegaria a aproximar-se do Mestre, porque, com o auxílio da oração e da concentração dos doze, dar-se-iam, certamente, importantes fenômenos de materialização de Espíritos como aconteceu no Monte Tabor e os inimigos do Senhor não ousariam avançar; retrocederiam e iriam contar a seus chefes o que teriam presenciado.

A prece tem um poder muito grande, muito maior do que se calcula. A prece auxiliada por uma ação forte daqueles que oram é capaz de remover montanhas, quanto mais fazer retroceder soldados!

No Antigo Testamento há inúmeros exemplos de derrotas de batalhões e de exércitos pela prece, auxiliada por uma ação forte e por aparições de Espíritos que faziam estacar os inimigos, dando ganho de causa àqueles a quem eles protegiam.

Para se ver quanto vale a força espiritual, mesuro na passagem do Evangelho de que nos ocupamos, temos uma prova bem frisante: "Quando a coorte e os oficiais assomavam ao Getsêmani, após haverem atravessado o Ribeiro de Cedron, Jesus adiantou-se e perguntou-lhes: a quem buscais? Eles responderam: A Jesus Nazareno. Disse-lhes JESUS: sou eu. Logo que

ouviram a resposta de Jesus eles recuaram e caíram por terra."

E se os doze estivessem unidos com a mesma intenção, com o mesmo espírito, com o mesmo desejo, com o mesmo amor, obedecendo aos sagrados ditames do seu Mestre?

Conseguiriam os soldados prender a Jesus?

Mas, inutilizados como se achavam: um sob a dominação de Satanás, outros dominados por Morfeu, outros bestializados, como poderiam agir os propulsores do Cristianismo? Como poderiam agir estando os seus médiuns controlados pelos inimigos?

E por que assim aconteceu, perguntará o leitor, por que Jesus deixou "Satã" tomá-los, porque permitiu aos "espíritos imundos" influírem sobre seus discípulos?

Porque eles precisavam entrar em provas, porque era chegada a hora do joeiramento e o resultado denunciaria o mérito ou demérito que eles poderiam ter. Jesus bem os havia avisado: "Simão, Simão, Satanás obteve permissão para joeirar-te como o trigo; eu roguei por ti; tu, arrependido, fortalece teus irmãos."

Na Páscoa, o pão molhado no vinho foi dado a Judas, como sinal de outra possessão satânica, e o Senhor disse-lhe: "O que tens de fazer, faze-o já."

Quanto aos demais discípulos, pelo trecho acima, pode-se fazer um juízo do seu estado de desânimo, de enfraquecimento; pois, se Simão, arrependido, "teria

de fortalecê-los", é que o enfraquecimento, o marasmo em que eles se achavam deveria ser muito grande.

Vê-se mais no Evangelho que, vencida a prova que absorveu todos os discípulos, não tendo sido passado o cálice, o Mestre, confortado por um anjo (um Espírito) deu tudo por consumado, e tratou de cumprir o seu dever sem tergiversar um momento; entregou-se á prisão, mas sob a condição terminante que foi estritamente respeitada pela coorte, de deixarem em paz os seus discípulos, aqueles que com Ele se achavam naquela ocasião. E assim se cumpriu mais uma parte das suas promessas: "não perdi nenhum dos que me deste".

Finalmente, as amarguras de Jesus no Jardim das Oliveiras despertam na alma do espírito os deveres que lhes são impostos e a necessidade de viver continuamente em vigilância e oração, para que a sua tarefa não periclite e ele não dê acesso aa "espírito do mal", que não perde oportunidade para obscurecer os princípios do Cristianismo, hoje revividas pelo Espiritismo.

A luta se trava, no momento atual contra a Verdade, e nós, que nos esforçamos por vê-la triunfante, não nos contentemos "com a limpeza e ornamento da nossa casa", segundo a frase evangélica simbolizando a higiene da alma, mas cuidemos em não ter essa "casa vazia"; povoemo-la de amigos a nós ligados pelos laços do afeto, da simpatia, do amor e da

gratidão, para que o "inimigo" nela não encontre repouso, e não se instale, gozando e mal aplicando os bens que com grandes sacrifícios adquirimos.

Lembremo-nos de que, unidos, podemos operar maravilhas e resistir aos mais poderosos adversários; mas, desunidos, seremos reduzidos a cinzas.

E quando abandonados na nossa tarefa, nunca desanimemos, porque um espírito bem-feitor está a velar por nós, sempre pronto para nos encorajar e confortar nas dores e angústias. Oremos sem cessar, vigiemos para não ceder às inspirações do mal, e, olhos fitos em Jesus, o autor e consumidor da Fé, cumpramos o nosso dever, custe o que custar, demonstrando nosso amor pelo ideal que tanto nos tem iluminado e que nos felicitará no Mundo da Realidade.

A Negação de Pedro e o Cantar do Galo

"Prendendo-o, eles o levaram e introduziram na casa do sumo sacerdote; e Pedro ia seguindo de longe. Eles, tendo-se acendido fogo no meio do pátio, sentaram-se, e Pedro sentou-se no meio deles. Uma criada, vendo-a sentado ao lume, o encarou e disse: Este também estava com ele. Mas Pedro negou,

dizendo: Não o conheço, mulher. Daí a pouco, vendo-o um outro, disse: Também tu és dos tais. Respondeu Pedro: Não sou. Tendo passado cerca de uma hora, afirmou ainda outra: Certamente este também andava com ele, porque também é Galileu. Respondeu Pedro: Homem, não sei o que estás dizendo. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. Virando-se a Senhor, olhou a Pedro; e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito. Hoje, antes de cantar o galo, três vezes me negarás. E saindo para fora chorou amargamente." (Lucas, XXII, 54-62.)

"Entretanto Pedro estava sentado fora no pátio; e uma criada, aproximando-se, disse-lhe: Também tu estavas com Jesus, o Galileu. Mas ele o negou diante de todos, exclamando: Não sei o que dizes. E saindo para o alpendre, uma outra viu-o e disse aos que ali se achavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno. E outra vez Pedro o negou com juramento: Não conheço este homem. E logo depois se aproximaram de Pedro os que ali estavam e disseram-lhe: Também tu és um deles, pois, até a tua fala o revela. Então começou a praguejar e a jurar. Não conheço esse homem. Imediatamente cantou o galo. Pedro lembrou-se das palavras que Jesus proferira: Antes de cantar o galo, três vezes me negarás. E saindo dali chorou amargamente." (Mateus, XXIV, 69-75.)

"Estando Pedro em baixo no pátio, veio uma criada do sumo sacerdote e, vendo a Pedro aqueitando-se

encarou-o e disse: Tu também estavas com o Nazareno, esse Jesus. Mas ele o negou, dizendo: Não sei nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. E vendo-o a criada, tornou a dizer aos que ali estavam: Este é um deles. Mas de novo o negou. Pouco depois os que ali estavam, disseram novamente a Pedro: Certamente tu és um deles, pois também és Galileu. Porém ele começou a praguejar e a jurar: não conheço o homem de quem falais. Imediatamente cantou o galo pela segunda vez. Pedro lembrou-se da palavra que Jesus lhe proferira: antes de cantar o galo duas vezes, três vezes me negarás. E caindo em si, pôs-se a chorar." (Marcos, XIV, 66-72.)

"Simão Pedro e um outro discípulo seguiam a Jesus. Sendo esse discípulo conhecido do sumo sacerdote, entrou no pátio da casa desta com Jesus; Pedro, porém, ficou de fora à porta. Saindo, pois, o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, falou com a porteira e levou Pedro para dentro. Então a criada que guardava a porta, perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos deste homem? Não sou, respondeu ele. Ora, os servos e oficiais de justiça estavam ali, tendo acendido um braseiro por causa do frio, e aqueciam-se, Pedro estava também no meio deles aquecendo-se.

"E Simão Pedro lá estava, aquecendo-se. Perguntaram-lhe, pois: Não és tu também um de seus discípulos? Ele negou, dizendo: Não sou. Um dos

servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, perguntou: Não te vi eu no jardim com ele? De novo Pedro o negou. E no mesmo instante cantou o galo." (João, XVIII, 15-18, 25-27.)

Difícil é tragar o cálice da amargura. Uns recebem-no inconscientemente com alegria, sem saber o que contém, mas, quando o chegam aos lábios, jogam-no para longe, dizendo: quem poderá sorver este líquido! Outros, mais aptos e preparados, chegam a bebê-lo até o meio, mas repudiam-no depois. Outros ainda, mais evoluídos, esgotam os três quartos do líquido, mas não se sentem com forças para mais. Outros, finalmente, bebem até encontrar as borras e dizem: "Não vai mais! Estas borras são terríveis! Quem poderá tragá-las?!"

O cálice da amargura é parecido com as sementes da parábola: uma parte cai à beira do caminho e é pisada; outra cai sobre as pedras e seca; outra cai sobre os espinhos e morre. Só uma parte consegue dar frutos.

Pedro recebeu o cálice com prazer, e o mel que manava dos suaves lábios do Nazareno neutralizava o amargor do líquido, e ele bebia-o alegremente; mas, quando o cálice lhe foi passado de uma vez, nos últimos momentos em que devia esgotá-lo até às borras, recuou: "Não conheço esse homem; não sei o que estás dizendo; não seu companheiro de Jesus."

E muito difícil encontrar quem esgote o cálice; tão difícil, que o próprio Cristo orou ao Pai, pedindo:

"Senhor? passa de mim este cálice; mas que se faça a tua vontade e não a minha".

Quantos embaraços, quantas barreiras, quantas sugestões, quantas dificuldades aparecem no caminho de quem procura seguir Jesus! Ora é o "diabo" que tira a palavra dos corações; ora são os que vacilam à primeira provação e recuam; ora são os cuidados do mundo, os deleites da vida, a ambição das riquezas; e, por fim, a influência dos espíritos maléficos sufocando a fé e sugerindo o medo, o terror, como aconteceu a Simão Pedro, que, trêmulo pelo que lhe poderia suceder de mau, negou o Cristo, que o havia salvo da corrupção do mundo!

Valeu ainda ter Jesus rogado por ele para que a sua negação, o seu desvario não se prolongasse ao terceiro cantar do galo: Mas eu roguei por ti para que a tua fé não desfaleça." E mais adiante: "Declaro-te que hoje, antes de cantar o galo, três vezes terás negado que me conheces."

E como é difícil voltar o transviado novamente ao redil!

A Pedro, que andava no doce convívio de Jesus, e havia participado da sua doutrina, das suas curas, dos seus prodígios, das suas maravilhas, dos seus exemplos, do seu amor, e recebido as graças da sua prece, foi preciso cantar o galo duas vezes para que caísse em si e chorasse de arrependimento! Quantas

vezes será necessário cantar o galo aos que não receberam todos esses beneplácitos?

Pedro nega a Jesus: canta o galo a primeira vez, a negação permanece! Canta o galo a segunda vez, e Pedro confirma a sua negação a criada do sumo sacerdote!

Duas vezes o cantar do galo não é ouvido por Pedro! O canto do galo, que se ouve de longe, não foi ouvido de perto por Pedro! Qual o motivo de tal surdez? Que obumbramento sofreria o apóstolo para deixar despercebido por duas vezes o canto do galo, que deveria, segundo a palavra de Jesus, despertá-lo para o cumprimento do dever? E que o "espírito das trevas" é cego e surdo, e os que se acham sob a sua dominação ficam afetados de cegueira e surdez!

Entrou "Satanás" em Pedro e nega ele três vezes o seu Mestre! Canta o galo a primeira vez; canta a segunda vez, a surdez se acentua, a negação permanece; mas eis que, envolto pelos olhares de Jesus, ele volta a si, "Satanás" retira-se do discípulo do Nazareno, que, banhado em lágrimas, estremece de arrependimento.

Compreende o leitor o efeito psíquico produzido pelo Espírito da Negação?

Um dia caminhava Jesus com os seus discípulos para as bandas de Cesaréia de Filipe, e pergunta-lhes: "Quem diz o povo ser o Filho do Homem?" Eles respondem-lhe, e Jesus torna a perguntar: "E vós quem

dizeis que eu sou?" Pedro, possuído do "Espírito de Luz", exclama: "Tu és o Cristo, o filho do Deus Vivo." Jesus considera-o bem-aventurado "porque não foi a carne nem o sangue quem to revelou", mas sim o Espírito da Verdade, o Mensageiro da Revelação, com ordem do Pai Celestial!

Que magnífica ação psíquica! Que magnífica atuação do Espírito da Verdade!

Ontem, o Espírito da Verdade apodera-se de Pedro e afirma que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus Vivo; hoje, o Espírito da Negação toma posse do mesmo discípulo e nega ser Jesus o Cristo, o Filho do Deus Vivo!

Haverá, confrontando estas duas passagens, dúvida sobre as boas e más influências que atuam no homem?

Pelos efeitos se chega à dedução das causas. Na primeira, o efeito foi bom, a causa não podia ser má; na segunda, os efeitos foram maus, a causa não podia ser boa. E, entretanto, segundo afirma o próprio Jesus, as causas, embora dependessem de Pedro, eram estranhas a Pedro, que não representava mais que um papel secundário, o de intermediário.

Quando Pedro proclamou o Cristo, serviu de médium (não foi a carne nem o sangue) do Espírito de Deus; quando Pedro negou o Cristo, serviu de médium ("satanás" obteve permissão de joeirá-lo como trigo) do Espírito da Negação.

Quão substanciosas são estas lições para aqueles que querem ser cristãos, para aqueles que querem seguir a Cristo!

Quantos existem fortes, que dizem resistir ao ferro e ao fogo, e sob a mais tênue atuação do Espírito das Trevas, abandonam o Cristo e entregam-se a Lazeres que criticavam acremente em outros!

É preciso orar e vigiar, mas é preciso principalmente ter humildade, para que, quando chegemos a abandonar o Cristo, ao menos o façamos como fez o seu discípulo, que não prolongou o abandono além do segundo canto do galo.

Os Dois Crucificados

"Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram a ele, e também aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda." (Lucas, XIII, 33.)

"Um dos malfeitores que estavam pendurados, blasfemava contra ele dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também! Mas o outro, repreendendo-o disse: Nem ao menos temes a Deus, estando debaixo da mesma condenação? Nós certamente com justiça, porque recebemos o castigo

que merecem os nossos atos; mas este nenhum mal fez. E disse: Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino. Ele lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso." (Lucas, XIII, 39-43.)

"Com ele crucificaram dois salteadores, um a sua direita, e outro à sua esquerda. Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Oh! tu que destróis o santuário e o reedificas em três dias, desce da cruz e salva-te a ti mesmo! Do mesmo modo os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo-o entre si diziam: Ele salvou aos outros, a si mesmo não pode salvar; desça agora da cruz o Cristo, o Rei de Israel, para que vejamos e creiamos. Também os que foram crucificados com ele dirigiam-lhe improperios." (Marcos, XV, 27-32.)

"Então foram crucificados com ele dois salteadores, um à sua direita, outro à sua esquerda. E os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Oh! tu que destróis o santuário e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo; se és Filho de Deus desce da cruz; do mesmo modo os principais sacerdotes com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: ele salvou aos outros, a si mesmo não pode salvar; Rei de Israel é ele! Pois desça agora da cruz e creeremos nele. Confia em Deus? Deus que o livre agora, se lhe quer bem; pois disse: Sou Filho de Deus. Também os salteadores que foram crucificados com

ele, dirigiam-lhe os mesmos improperios." (Mateus, XXVII, 38-44.)

"... onde o crucificaram e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio." (João, XIV, 18.)

"... pediram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e que fossem eles dali retirados. Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que fora com ele crucificado; chegando, porém, a Jesus, como o vissem morto; não lhe quebraram as pernas... ". (João, XIX, 31-32.)

A crucificação é o mais antigo de todos os suplícios, inventado para dar a morte com dores atrozes e demorados sofrimentos. Essa tortura veio do Oriente.

O suplício da cruz não apareceu completo, como geralmente se julga, mas foi sendo aperfeiçoado aos poucos.

No princípio consistia num simples poste de madeira enterrado, no qual o condenado era preso com cravas e cordas. Às vezes o poste era substituído por qualquer árvore: o criminoso era ligado ao tronco com cravos, tendo os braços estendidos sobre os ramos. Mais tarde apareceu a cruz em forma de T, depois de X (Cruz de S. André), de Y, e, por fim, aquela que serviu para crucificar a Jesus, havendo outros tipos.

Os romanos puniam com o suplício da cruz os escravos, os ladrões, os assassinos. Os condenados

eram primeiramente açoitados com correias e arrastados pelas ruas.

Este suplício bárbaro não tardou a ser imitado pelos judeus, sofrendo, entretanto, algumas modificações. Os romanos mantinham os corpos três dias na cruz, ao passo que os judeus crucificavam e de tal modo torturavam a vítima, que a morte não se fazia demorar. Tiravam-na depois da cruz, quebravam-lhe as pernas e a enterravam.

A transcrição dos trechos evangélicos dá bem uma idéia do suplício da crucificação.

Vê-se que os dois condenados que foram crucificados com Jesus tiveram as pernas quebradas; contudo, não aplicaram o mesmo processo a Jesus, por haverem constatado a sua morte, cumprindo-se a profecia: "Nenhum dos seus ossos será quebrado."

O mundo de então era uma barbaridade. Punia-se um crime com um crime maior; não se educava o delinqüente, não o corrigiam, mas o condenavam. E a pena era: tortura, suplício, morte!

A idéia que os donos do poder faziam da morte, pela legislação antiga, era a extinção da alma ou a sua deportação para o Inferno.

A teoria da "vida única", tal como a concebiam os doutores da Lei, os governadores e os sacerdotes, não podia mesmo estabelecer diferença entre um assassino e um ladrão. Os que acreditavam na imortalidade tinham desse princípio uma noção muito vaga,

aliando-a à idéia do juízo final e à da ressurreição da carne, tal como a concebem atualmente os católicos romanos e os protestantes.

Jesus veio destruir todos esses dogmas e crenças hereditárias, demonstrando o que é, verdadeiramente, a morte, erguendo sobre o principio da imortalidade a Religião do Perdão e do Amor.

As passagens dos Evangelhos aqui referidas nos apresentam um quadro bem contristador: dois condenados, por terem praticado delitos não especificados, pendurados também no madeiro infamante ao lado do meigo Nazareno - um à direita, outro à esquerda. Diz Lucas que eram dois malfeitores; Marcos e Mateus dizem que eram dois salteadores; João limitou-se a dizer que eram dois indivíduos.

Os Evangelhos, mesmo os chamados Sinóticos, não estão de acordo quanto à narração que fazem dos dois crucificados e da sua atitude para com Jesus, Marcos e Mateus afirmam que eles zombavam e blasfemavam contra o Senhor; Lucas diz que só um deles dirigiu uma frase a Jesus: "Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também." João faz ligeira referência aos dois condenados, limitando-se a dizer que "onde crucificaram a Jesus, também crucificaram com ele outros dois".

Um trecho do capítulo de Lucas é muito aproveitado pelos pastores protestantes e padres

romanos para fazerem prevalecer as suas doutrinas de conversão à hora da morte.

E a passagem chamada do bom ladrão, que dissera a Jesus: "lembra-te de mim quando entrares no teu reino" e obteve a resposta:

"Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso."

Esta promessa não significa mais que o conhecimento de situação que Jesus daria àquele infeliz, após a sua passagem para a outra vida.

O Paraíso não é num lugar determinado, numa estância escolhida, nem, tampouco, a sede da suprema bem aventurança. O mundo espiritual é o Paraíso, e o espírito, para vê-lo tal como é, precisa ter conhecimento do seu Estado de desencarnação. Esse conhecimento, Jesus o prometeu ao "bom ladrão", respondendo à súplica que ele lhe fez.

E, pelos Evangelhos, vemos claramente que o próprio Jesus não foi para Paraíso algum.

Em seguida à sua morte Ele ressuscitou e ficou mesmo na Terra, por espaço de 40 dias, aparecendo a uns e outros, como dizem as Escrituras e como também o pregam o Catolicismo e o Protestantismo.

A expressão: "Hoje estarás comigo no Paraíso", não quer dizer outra coisa senão: hoje conhecerás a imortalidade, conhecerás a tua situação futura e verás o Mundo Espiritual, no qual te acharás.

Entretanto essa promessa não se estende à plenitude de felicidade que o "bom ladrão" iria fruir ao lado de Jesus. O conhecimento do estado e do meio em que nos achamos é muita coisa, mas não é felicidade completa, não é gozo. É uma condição preparatória para a obtenção da felicidade real, mas não é o alcance da mesma, que só se pode conquistar mediante a reparação das faltas e a aquisição de sabedoria e virtudes que testemunhem o nosso mérito.

Se o ingresso para o "Paraíso" se obtivesse com a conversão à hora da morte, após uma vida de desorientação e de desleixo em que só se realçam as paixões más, vamos concordar em que a virtude seria letra morta e a sabedoria não teria sanção nos conselhos eternos.

Não viemos a este mundo para pagar pecados de quem quer que seja, nem para arrependermos de coisa nenhuma, mas, sim, para progredir na prática do Bem e conquistar o Saber.

Os dois crucificados, tanto o "bom" como o "mau" ladrão, hão de chegar à perfeição por séries de virtudes, pelos esforços congregados em múltiplas existências, porque "ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo".

"Era quase a hora sexta e, escurecendo-se o Sol, houve trevas sobre toda a Terra até á hora nona; e rasgou-se pelo meio o véu do santuário. Jesus, clamando em alta voz, disse: Pai, nas tuas mãos rendo o meu espírito. E tendo dito isto expirou. Vendo o centurião o que acontecera, deu glória a Deus, dizendo: realmente este homem era justo. Toda a multidão que se reunira para presenciar este espetáculo, vendo o que acontecera, retiravam-se, batendo nos peitos. Mas todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia, conservavam-se de longe contemplando estas coisas.

Um homem chamado José, membro do Sinédrio, homem bom e justo (que não anuíra ao propósito e ato dos outros) de Arimatéia, cidade dos judeus, o qual esperava o Reino de Deus, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus; e tirando-o da cruz, envolveu-o num pano de linho e o depositou num túmulo aberto em rocha, onde ninguém havia sido sepultado." (Lucas, XXII, 44-53.)

"Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a Terra e até á hora nona. E à hora nona bradou Jesus em voz alta. Eli, Eli, lama sabactâni? que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Alguns dos que ali estavam, ouvindo isto disseram: Ele chama por Elias. Um deles, correndo, ensopou uma esponja

em vinagre, e pondo-a numa cana deu-lhe de beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo. Jesus, dando um grande brado, expirou. E o véu do santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo. O centurião, que estava em frente de Jesus, vendo-o assim expirar, disse: Verdadeiramente este homem era Filho de Deus. Estavam ali também algumas mulheres observando de longe, entre elas, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago o Menor e de José, e Salomé; as quais, quando Jesus estava na Galiléia, o acompanhavam e serviam; e além destas, muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém." (Marcos, XV, 33-41.)

"Desde a hora sexta até a hora nona houve trevas sobre a Terra. E cerca da hora nona deu Jesus um alto brado: Eli, Eli, lama sabactâni? que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Alguns daqueles que estavam presentes, ouvindo isto, disseram: ele chama por Elias. No mesmo instante um deles correu, tomou uma esponja, ensopou-a de vinagre e pondo-a numa cana, deu-lhe de beber. Mas os outros disseram: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo. De novo dando Jesus um alto brado, expirou. E o véu do santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo, tremeu a terra, fenderam-se as rochas, abriram-se os túmulos e muitos corpos de santos já falecidos, foram ressuscitados; e saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. O centurião e os que com

ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e o que se passara, tiveram medo e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus. E estavam ali muitas mulheres observando de longe, as quais desde a Galiléia tinham seguido a Jesus para o servir; entre elas se achavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu. A tarde veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus; ele foi a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que Iho entregassem. E José levou o corpo, envolveu-o em pano de linho e depositou-o no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e pondo uma grande pedra á entrada do túmulo, retirou-se. Achavam-se ali Maria Madalena e a outra Maria, sentadas á frente do sepulcro. No outro dia, que era o seguinte ao da Preparação, reunidos os principais sacerdotes e os fariseus dirigiram-se a Pilatos e disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro ainda em vida. afirmou: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que se faça seguro o sepulcro até o terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o furem e depois digam ao povo que ele ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que a primeiro. Disse-lhes Pilatos: Ai tendes uma guarda; ide segurá-lo, como entendeis. Partiram eles e tornaram seguro o sepulcro, selando a pedra e deixando ali a guarda." (Mateus, XXVII, 45-66.)

"Depois disto sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede. Estava ali um vaso cheio de vinagre; ensopando nele uma esponja e pondo-a em um hissope, chegaram-lhe á boca. Jesus, depois de ter tomado o Vinagre, disse: Está consumado; e inclinando a cabeça, rendeu o seu espírito. Os judeus, porém, como era a Preparação e para que os corpos não ficassem na cruz ao sábado (pois era grande o dia de sábado), pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e que fossem eles dali retirados. Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que fora com ele crucificado; chegando-se, porém, a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. Aquele que viu isto, deu testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creais. Porque estas coisas aconteceram para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E diz ainda outra passagem: olharam para aquele a quem transpassaram.

"Depois disto José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que oculto por medo dos judeus, pediu a Pilatos permissão para tirar o corpo de Jesus; e Pilatos concedeu-a. Foi José e tirou o corpo. Nicodemos, aquele que no principio viera ter com Jesus à noite, foi também, levando uma composição de

cerca de cem libras de mirra e aloés. Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os aromas, como é costume dos judeus sepultar os mortos. No lugar em que Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste um túmulo novo, em que ninguém ainda havia sido posto. Ali, pois, por causa da Preparação aos judeus e por estar perto o túmulo, depositaram a Jesus." (João, XIX, 28-42.)

A morte tem sido o espantinho de todos os tempos. Todas as filosofias, todas as religiões têm procurado decifrá-la, mas, afinal, são vencidas e devoradas pela terrível esfinge.

Examine-se a história das religiões com seus mistérios e artigos de fé, seus ritos e sacramentos, e ver-se-á quão distanciadas se acham elas de resolver o problema da Morte.

Alguns raros filósofos da Antiguidade, que ousaram rasgar esse véu, foram tachados de heréticos; caluniados, perseguidos e mortos, suas palavras não chegaram a fazer eco nos seus contemporâneos, que os consideraram visionários.

E assim o mundo parecia sob o guante de uma ciência sem ideal, conjugada com uma religião teórica, quando apareceu na Terra a singular Individualidade que, desde o berço até o túmulo, maravilhou as massas, não só com o saber e altas virtudes de que era portador, mas pelos extraordinários fenômenos que

durante os três longos anos de sua vida pública produziu.

Nascido de família humilde, seguido de amigos que lhe dedicavam toda a confiança, esse extraordinário moço tornou-se o vulto mais popular da Judéia, chegando a atrair a si as multidões que durante dias consecutivos o seguiam pelas ruas, pelas estradas, pelas cidades e aldeias, até pelos desertos, onde recebiam as provas do seu amor e o testemunho dos seus altos poderes.

O nome de Jesus de Nazaré andava de boca em boca e não havia quem ignorasse a existência do grande Missionário, que acariciava as criancinhas, consolava os aflitos, curava os enfermos, ensinava os ignorantes, e tinha sempre um olhar de benevolência para todos os que, atraídos pelo seu amor, aproximavam-se de sua confortante companhia. Todos, grandes e pequenos, pobres e ricos, ignorantes e letrados, sacerdotes e leigos, rabinos, doutores da lei, escribas, fariseus, saduceus, essênios, soldados e paisanos, governadores, juízes, pontífices, autoridades, sabiam existir na Judéia um tal Jesus, filho de uma Senhora de Nazaré, esposada com um carpinteiro chamado José, e que pregava uma "religião nova", bordada de parábolas e de ensinamentos que escandalizavam a classe sacerdotal; que produzia maravilhas; que improvisava milagres e que fazia estremecer as multidões.

Nenhum homem no mundo foi tão falado, nenhum teve uma vida tão pública, embora nada escrevesse, como o moço Nazareno.

Um escritor, falando de Jesus Nazareno, de sua atividade, de seu poder, de suas virtudes, disse que sua vida é um milagre que assombra.

Este fato tem grande influência no desdobramento da Doutrina do Filho de Deus. Ele quis deixar bem marcante a sua passagem por este mundo, quis torná-la conhecida de todos, para que, mais tarde, não negassem a sua existência, nem o julgassem um ser metafísico, abstrato, sem a responsabilidade dos ditames exarados no seu Evangelho, que constitui o Grande Monumento, de cujo Areópago sairá sempre o Espírito vivificador da sua Doutrina.

A existência de Jesus no nosso mundo é um fato digno de nota, que importa ser sempre lembrado. Não faltam testemunhos históricos que a ela se referem. Suetônio, na História dos Primeiros Césares, fala do suplício do Cristo. Tácito menciona a existência da seita cristã entre os judeus, antes da tomada de Jerusalém por Tito.

O Talmude fala da morte de Jesus na cruz, todos os rabinos israelitas reconhecem o alto valor desse testemunho (1).

(1) Vide: Cristianismo e Espiritismo, de Léon Denis.

Nos Evangelhos, nos Atos, nas Epístolas temos o testemunho dos discípulos sobre a existência de Jesus.

Diz Lucas: "Jesus de Nazaré foi um profeta, poderoso em obras e em palavras diante de Deus e dos homens." (XXIV, 18. 19.)

Pedro, nos Atos, diz: "Homens israelitas, escutais as minhas palavras: Jesus, o Nazareno, foi um varão aprovado por Deus entre vós, pelos efeitos do seu poder, por seus milagres que, por si, no meio de vós realizou."

Enfim, Jesus, para a boa compreensão da sua missão e da sua Doutrina, fez questão de nascer, viver no nosso meio, dar repercussão à sua vida, fazê-la constatar como um fato positivo, para que fosse excluído o valor aparente que se dá à morte, e se lhe desse o valor real, fato que Ele demonstrou com a sua Ressurreição.

De modo que a Morte de Jesus não é mais do que um preparativo para a sua Ressurreição. Sem o nascimento do Mestre aqui na Terra, sem a sua vida no nosso planeta, e sem a sua morte, não poderia Ele efetuar a Ressurreição, que é o testemunho mais valoroso que tinha para destruir a falsa idéia que se fazia da morte, como sendo o aniquilamento final do ser.

Baseando-se a sua Doutrina na Vida Eterna, ela só poderia prevalecer com as demonstrações de Imortalidade do seu Fundador.

*

Examinando-se os quatro Evangelhos e procurando-se estabelecer as concordâncias dos trechos neles exarados, chegamos à conclusão de que a morte de Jesus é um fato constatado pelos quatro Evangelistas. Nos Evangelhos Sinóticos lemos que o passamento efetuou-se logo após a hora nona. O Evangelho de João não menciona a hora, limitando-se o Evangelista a narrar a morte com a naturalidade que com certeza se deu, e sem aqueles brados de desânimo, atribuídos pelos Evangelistas Mateus e Marcos a Jesus: "Eli, Eli, lama sabactâni? Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Estas exclamações, dizem diversos Espíritos que se encarregaram de elucidar a Doutrina do Mestre, de fato, foram ouvidas, mas não partiram dos lábios de Jesus e; sim, do bom ladrão, crucificado na mesma ocasião que o Senhor e a que este havia prometido consoladoras esperanças, e que morreria depois de Jesus exalar o último suspiro.

Creemos sinceramente que assim fosse, mesmo porque Lucas e João descrevem a morte de Jesus sem essas notas, encontradas só nos dois primeiros Evangelistas. Além de tudo, um Espírito da têmpera de Jesus não poderia ter desfalecimento naquele momento solene, em que deveria legar ao mundo o juízo que a sua Doutrina faz da morte, e a coragem que nos proporciona para enfrentar aquele transe.

Diz Lucas: "Jesus clamando em alta voz, disse: Pai, nas tuas mãos rendo o meu espírito. E tendo dito isto expirou." João diz: "Jesus depois de ter tomado vinagre, disse: está consumado; e inclinando a cabeça rendeu o seu espírito."

Consideramos muito o testemunho deste Apostolo, porque foi o que sempre acompanhou Jesus em todos os seus passos. No seu Evangelho ele diz: "Aquele que isto viu deu testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creais."

A solicitação de Jesus, pedindo água: "Tenho sede", é um dos fenômenos precursores da morte com tortura, que ocasiona certamente grandes dispêndios de dupla força - material e psíquica.

O vinagre que lhe chegaram aos lábios por essa ocasião também é um sinal de que os paroxismos da morte haviam começado.

Os judeus tinham por costume, para prolongar os sofrimentos dos condenados, dar-lhes, quando iam desfalecendo, vinagre, no qual haviam posto de infusão hissopo. Esta planta, pela sua propriedade estimulante, fortificava o indivíduo. O sabor amargo do hissopo no vinagre fez um dos Evangelistas dizer que deram a Jesus vinagre com fel.

Finalmente, a morte verificou-se com todos os seus característicos, comprovada por um dos soldados encarregados da guarda, que abriu o lado de Jesus com

uma lança, de cuja ferida saiu sangue e água. O corpo de Jesus foi embalsamado, conforme o costume da Palestina, gastando José de Arimatéia, para esse fim, segundo diz João, cem libras de mirra e aloés; em seguida, o Mestre foi depositado no sepulcro envolto em panos de linho com aromas.

A morte de Jesus é a primícia de um fenômeno transcendental que devia servir de base inamovível à sua Religião: a Ressurreição.

Encarando-a sob esse prisma, novos horizontes se dilatam às nossas vistas, aclara-se a nossa compreensão sobre o motivo da vida terrestre, surgem na alma atribulada grandes consolações e esperanças, e, em vez de temer a morte, aguardá-la-emos calmos, com a certeza de que ela nada leva do nosso Eu, mas afeta unicamente a roupagem carnal de que nos revestimos para efetuar um trabalho de evolução e de benefício em prol daqueles que necessitam da nossa presença objetiva no mundo material, como, também, um trabalho de perfeição da nossa própria individualidade.

Conhecida a pessoa, testemunhada a morte, verificado o óbito, constatada a ressurreição, quem duvidará da sobrevivência, da imortalidade?

O escopo de Jesus consistiu justamente nisso: deixar-se matar para demonstrar que a morte não anula o ser, não destrói a individualidade, não extingue o espírito, que é a causa dominante imorredoura, que

teve princípio, porém não terá fim, pois é infinito pelos séculos dos séculos.

Encarada por essa forma, a morte de Jesus tem grande alcance espiritual; não só espiritual, como também material e moral. Encarando-a de outra forma, nenhum valor tem, porque supliciados, torturados e mortos injustamente têm sido muitos heróis, muitos dignitários da Ciência e da Religião. Entretanto, nenhum deles soube orientar a sua morte como Jesus, dando-lhe a verdadeira significação, confirmada pelos fenômenos da Ressurreição que o Mestre, com singular sabedoria, demonstrou, não só aos seus discípulos, como a inúmeras pessoas que com Ele privaram e ainda a outras que o conheceram ligeiramente.

O Evangelho de Mateus narra vários fenômenos ocorridos por ocasião da morte de Jesus, fatos, aliás, de ordem espírita, muito prováveis de se terem verificado, mesmo como um solene protesto dos Espíritos contra a idéia da morte que faziam os contemporâneos de Jesus e a título de convite ao estudo da imortalidade para as gerações vindouras.

Diz Mateus que o "véu do santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo, tremeu a terra, fenderam-se as rochas, abriram-se os túmulos e muitos corpos de santos já falecidos foram ressuscitados."

Esta narrativa simples indica bem claro que houve fenômenos interessantes, mas cuja descrição vem

impregnada das idéias do Apóstolo, como, por exemplo, a ressurreição dos corpos dos santos saídos dos túmulos. Isto indica a idéia errônea que os próprios crentes faziam da outra vida e da imortalidade. Acreditavam na ressurreição dos corpos porque nenhuma noção tinham do perispirito, que é justamente o corpo com que o princípio pensante, o espírito, ressuscita.

A abertura feita no véu do santuário, de alto a baixo, é um símbolo muito significativo. Quer dizer que aquele santuário, que tinha um véu obscurecido pela morte, separando os homens da vida imortal, não poderia permanecer e só teria vigor se desdobrasse a sua ação do outro lado do túmulo, porque a vida terrena é solidária com a vida espiritual.

A morte de Jesus vinha provar essa verdade, cuja demonstração tinha como premissa aqueles fenômenos que se estavam verificando, inclusive o fato de "rasgar-se o véu do templo de oitenta e quatro cubitos."

Concluimos afirmando mais uma vez que a Doutrina de Jesus não se funda na morte do Senhor, que é obra do "espírito da ignorância", do "espírito das trevas", mas sim na sua vida, na sua palavra, nos seus exemplos, nos seus prodígios, na sua ressurreição.

O Espírito do Cristianismo é vida, sabedoria, amor, poder.

Independência e Submissão às Leis

"Tendo chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam as duas dracmas, e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas? Respondeu ele: Paga. E ao entrar Pedro em casa, antes que falasse, perguntou-lhe Jesus: Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da Terra tributo ou imposto? De seus filhos ou dos estranhos? Respondeu ele: Dos estranhos; concluiu Jesus: Logo são isentos os filhos. Mas para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que subir tira-o; e abrindo-lhe a boca, acharás um estater; toma-o e entrega-lhes por mim e por ti." (Mateus, XVII, 24-27.)

Independência não quer dizer revolta, autoritarismo, absolutismo.

Independência é não depender de coisa alguma que venha privar a nossa liberdade de ação colocando-nos em posição secundária, a ponto de sacrificarmos o nosso dever, a nossa tarefa, o nosso ideal.

Espírito livre é o que se isenta dos interesses bastardos e coloca-se sempre superior às injunções obstrutivas da sua ação.

Aquele que se nega a pagar ao fisco, é um escravo do fisco; o sacerdote que reclama favores governativos

para exercer a sua profissão, está sujeito ao governo, não é independente, não pode agir livremente.

Nossa aliança com o Estado consiste em satisfazer as leis do Estado, embora elas pareçam injustas.

O que se furta ao cumprimento das leis do fisco, com pretextos religiosos dá a idéia de avareza.

As leis da Palestina impunham tributos, como acontece às leis de hoje. Jesus, como seus discípulos, havia sido tributado em duas dracmas. Naturalmente, Jesus havia sido tributado como carpinteiro, e, seus discípulos, como pescadores; o Mestre não podia deixar de efetuar esse pagamento embora a sua popularidade fosse grande naquela época, principalmente em Cafarnaum, onde havia operado grandes prodígios, sendo que o povo o admirava a ponto de fazer-lhe ovações, pois realmente acreditava que Deus o enviara como aconteceu por ocasião da cura do paralítico.

A pergunta de Jesus a Pedro é uma alusão à sua ascendência, à sua procedência, à sua estirpe de sangue real, pois todos os julgavam descendente do Rei Davi e chamavam-no Filho de Davi. Os cegos de Jericó chamam-lhe Filho de Davi. No capítulo XII do Evangelho de Marcos, versículo 35, lê-se: "Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é Filho de Davi?"

Pois se aquela gente - escribas, fariseus, publicanos - acreditava que Jesus era filho (descendente) de Davi,

e a Lei Judaica excluía os filhos (descendentes) de reis do tributo, como deveria Ele, que todos julgavam ser filho do maior de todos os reis da Terra, pagar o imposto?

Pois, se somente os estranhos deveriam pagar o tributo, como reconhecendo eles em Jesus um filho de rei coletaram-no como contribuinte do fisco?

Mas o Mestre não quis escandalizá-los, não quis denunciá-los como promotores de escândalos, preferiu pagar as duas dracmas que lhe tocavam e mais as duas impostas a Simão, seu discípulo. E como quisesse, mais uma vez, demonstrar àquele que mais tarde deveria apostolar a sua causa, o poder de que se achava investido, não esperou a chegada dos demais discípulos que carregavam o numerário, mandou que Pedro fosse ao mar, lançasse o anzol, e, do primeiro peixe que subisse, tirasse um estater redondo que traria na boca, e pagasse os dois impostos, pois um estater redondo valia justamente quatro dracmas.

Este fenômeno, tido como milagroso por uns e inverossímil por outros, aguardava a vinda do Espírito da Verdade, para poder ser explicado em sua naturalidade.

Já dissemos que Jesus era seguido de uma poderosa falange de Espíritos que executavam suas ordens; que, dentre os seus discípulos havia médiuns de faculdades raras, inclusive as de materialização e transporte. Nos atos mais transcendentais da Vida do Cristo, vemos

aparecer, ou antes, vemos sempre a seu lado Pedro, Tiago e João.

Todos esses fatos narrados nos Evangelhos fazem parte da Fenomenologia Espírita.

O caso do estater redondo é um caso típico de transporte. Os anais espíritas estão repletos desses fenômenos, que, aliás, se têm verificado em todo o mundo.

Jesus, certamente, não precisava produzir aquele "milagre", mas seu pensamento íntimo teria sido o de exaltar a imaginação do seu discípulo e fazê-lo desprender-se do mundo, assegurando-lhe a confiança em Deus, que, para nos socorrer, pode tirar o de que precisamos até da boca dos peixes.

Pedro, no exercício de sua tarefa, não deveria ocupar o seu precioso tempo com os tesouros da Terra, que os ladrões alcançam e os vermes destroem. Deveria buscar sempre o Reino de Deus e sua justiça, pois o mais viria por acréscimo.

Todos sabem muito bem que durante a sua missão terrestre Jesus foi assistido com numerário para a sua manutenção e a dos seus, além do trabalho, do qual obtinha o salário e pelo qual foi coletado e pagou o tributo.

Durante toda a sua vida Jesus manteve a sua independência, por isso é que a sua Palavra tinha autoridade.

A Fuga para o Egito

"Depois de haverem partido (os magos), eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, dizendo: Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica ali até que eu te chame: pois Herodes há de procurar o menino para o matar. José levantou-se; tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito, e ali ficou até a morte de Herodes; para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: Do Egito chamei a meu Filho." (Mateus, II, 13-15)

A melhor defesa do homem, quando seus inimigos o perseguem, é fugir deles.

Uma fuga preventiva vale mais que um ataque de defesa, porque na fuga o homem deixa Deus ganhar o seu agressor e ganha, ao mesmo tempo, a sua vida e a misericórdia de Deus.

É isto que nos ensina este Evangelho, confirmando os preceitos do Cristo: "Não deis mal por mal; amai os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai Celestial, que faz nascer o sol para bons e maus, e descer as chuvas para justos e injustos."

Se a justiça de Deus não se conformasse com estes preceitos de misericórdia, certamente Ele não mandaria um seu mensageiro ordenar a José, em sonho, que fugisse para o Egito com o seu Filho Amado e lá ficasse até a morte de Herodes.

Senhor da vida de todos nós, nosso Pai Celestial, vendo o risco que corria seu Filho de ser vítima de tão tigrino inimigo, poderia aniquilar de vez esse Herodes que pretendia opor-se aos seus sábios desígnios.

Mas assim não aconteceu; havia o recurso da fuga para o Egito, onde o infante ficaria bem guardado, longe das vistas do seu adversário.

A revelação em sonho representou papel importante nesse ato de liberdade de um mal destinado a ferir no próprio coração essa Doutrina que vem trazer a liberdade ao cativo, a saúde ao enfermo, a esperança ao aflito, a verdade aos que tateiam nas trevas da ignorância.

Lição estupenda é a ordenação do Senhor a José, para que tomasse o menino e sua mãe e fugisse para o Egito.

Quantas vezes oprimidos, vilipendiados, massacrados em nossas boas intenções, penetra, mesmo acordados, em nossa alma, a ordem da fuga preventiva para algum Egito, onde, longe dos olhares dos que nos malquerem e nos maldizem, possamos sentir a segurança de uma vida mais tranqüila, mais pura, de mais amor, de mais espiritualidade!

E quantas vezes nos sentimos oprimidos e fatigados, com ânsias no coração e desvario no cérebro, só porque não fugimos para um Egito, embora, voz íntima nos intimasse como o anjo intimou a José, a efetuar essa fuga!

Foge para um Egito qualquer, amigo leitor, quando a tua presença causar náusea aos que te rodeiam. Não inquiras de suas razões, porque eles não têm razão; não inquiras do seu sentimento, porque o sentimento que pensas livre neles está ocupado pelos Herodes que lhes envolveram o cérebro e o coração!

Foge para o teu Egito, porque melhor estarás no meio de camelos e elefantes, do que entre os homens que perderam as qualidades de homens. Lá terás por sombras majestosas pirâmides, que os séculos não destruíram; terás pão, como os israelitas que para lá se dirigiram no tempo das vacas magras e das espigas chochas, terás os Josés, que te receberão e auxiliarão, fornecendo-te ainda o que for preciso para a tua viagem de volta e certa quantia para passares na tua terra, até que possas novamente plantar, cultivar e colher frutos dessa semente do amor que o Supremo Senhor te confiou.

E se as tuas pernas fraquejarem e tua alma achar-se entre os grilhões, recolhe-te mais ainda, faz da solidão de ti próprio o próprio Egito, porque também o Egito foi solidão para José quando vendido por seus irmãos, e confia nas estrelas que brilham no céu da tua vida,

para que, como José, cresças nesse Egito que foi dado para tua própria glorificação.

46

A Naturalidade do Bem

"Guardai-vos, não façais as vossas boas obras diante dos homens, para serdes visto por eles; de outra sorte não tendes recompensa junto ao vosso Pai que está nos Céus.

"Quando, pois, derdes esmola, não façais tocar a trombeta, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados dos homens; em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Tu, porém quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que fez a direita, para que a tua esmola fique em secreto, e teu Pai Celestial, que vê em secreto, te retribuirá." (Mateus, VI, 1-4.)

A Lei do Bem é a Lei Natural, a que temos de obedecer e cumprir.

Sendo a prática da Caridade a verdadeira Religião de Jesus, nada fazemos de mais quando cumprimos esse preceito máximo para a salvação.

Fazer boas obras para sermos vistos pelos homens é querer atrair o respeito e admiração destes, e, não,

cumprir os preceitos da Religião; é exaltar a nossa personalidade, querendo fazer-nos parecer mais do que na realidade somos, é, finalmente, dar sinais característicos de tola presunção, de vaidade, de orgulho; é colocarmo-nos acima dos nossos semelhantes, o que vai de encontro à humildade, ao desapego das vis paixões que nos degradam.

Se praticarmos o bem para que os homens o vejam e nas glorifiquem, ou para que nosso nome seja exaltado pelos jornais, temos já recebido a recompensa; Deus não no-la pode dar porque não procedemos em obediência à sua Lei e no respeito aos seus ditames.

Os hipócritas, cujo proceder não se coaduna com a Lei Natural do Bem, quando chegam a praticar um benefício, ou coisa que com benefício se pareça, fazem soar as trombetas pelas ruas e nos templos. Quantos deles erigem capelas, ajudam a construção de igrejas, erguem altares e os ornam com custosas imagens, para lá terem o seu nome imortalizado! Estes infelizes, aos quais Deus concedeu ouro para auxiliar os maltrapilhos, pobres, miseráveis, enfermos, órfãos, viúvas, chegam a gastar fortunas concorrendo para a idolatria, para a ignorância humana, e, cegos, conduzem inúmeros cegos para o abismo!

Sendo um dos grandes misteres de Jesus desmascarar a hipocrisia, denunciar a impostura, mostrar os falsos brilhantes e a autêntica natureza dos

metais que têm a aparência do ouro, para que a Verdade apareça, para que o "brilhante" se valorize e o "ouro" retome o seu lugar, houve por bem o Mestre, em seu discurso, mostrar a seus ouvintes como deve ser praticado o bem e como deve ser dada a esmola, para que tenha valor perante Deus, assim como comparou os esmoleres e os caridosos com aqueles que aparentam estas virtudes, mas, na verdade, não a sentem, e, na extensão da palavra, não a praticam.

O homem de bem, que pratica a Lei do Amor, não se jacta dos benefícios que faz, e os faz tão naturalmente, por se achar essa Lei na sua própria natureza que, no mesmo momento em que presta o benefício, esquece-se do que fez.

O homem de bem faz "soar a trombeta" quando pratica o mal, pois sua consciência rebela-se de tal modo que ele não se pode conter e só acha repouso quando se acusa diante dos homens como infrator daquela Lei do Bem a qual se acostumou a obedecer.

Eis a significação do trecho evangélico, intitulado Acerca da Prática das Boas Obras e Como se Deve dar Esmolas.

"Houve um casamento em Caná da Galiléia, e achava-se ali a mãe de Jesus; e foi também Jesus convidado ao casamento com os seus discípulos. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: eles não têm mais vinho. Respondeu-lhe Jesus: Que tenho eu contigo, mulher? Ainda não é chegada a minha hora. Disse sua mãe aos serventes: Fazei o que ele vos mandar. Ora estavam ali colocadas seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e levava cada uma dois ou três almudes. Disse-lhes Jesus: Enchei de água as talhas. Encheram-nas até acima. Então lhes disse: Tirai agora e levai ao presidente da mesa. E eles o fizeram. Quando o presidente da mesa tomou a água tornada em vinho, não sabendo donde era (mas o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou ao noivo e disse-lhe: Todo o homem põe primeiro o bom vinho, e quando os convidados têm bebido bastante, então lhes apresenta o inferior; mas tu guardaste o bom vinho até agora. Com este milagre deu Jesus em Caná da Galiléia principio aos seus milagres, e assim manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele." (João, II, 1-11.)

A primeira impressão negativa que recebe quem lê este trecho do Evangelho, e a qual nos poderia deixar prevenidos contra os ensinamentos do Cristo, porque destoa do espírito de cordura e mansidão que é o

característico de Jesus, é a pergunta feita por Ele à sua mãe, com aspereza e até repulsa à sugestão que ela lhe queria dar sobre a ação, que deveria executar naquela reunião de Caná.

Entretanto, não cremos que a troca de palavras entre Jesus e sua extremosa mãe fosse tal como se acha registrada na versão evangélica.

Sabemos perfeitamente quanto as traduções deformam e desnaturam as narrativas. E, quando pensamos que, os Evangelhos passaram por várias traduções a juízo dos tradutores, inscientes às mais das vezes do pensamento íntimo dos seus autores, mais nos convencemos de que as Escrituras não podem mesmo ser estudadas de relance, nem tomadas ao pé da letra. Quantas vezes deixamos de encontrar, num idioma, uma palavra que exprima exatamente o que outra exprime em outro idioma!

Jesus não usou de aspereza com sua mãe; pelo contrário, a troca de idéias entre ambos não podia realizar-se sem a máxima cordialidade e respeito.

Outro fato digno de nota é o comparecimento do Mestre com sua família e seus discípulos numa festa de bodas. Com esse ato de presença quis Ele exemplificar aos seus discípulos o caráter social da sua Doutrina, que deveria ser ensinada em toda a parte e não, somente, em templos especializados para tal fim. Que os fatos que alicerçam a sua Palavra têm caráter universalista.

Convidado com os seus discípulos para assistir a um casamento, Ele não devia deixar de comparecer, tanto mais que, nessa casa, nessa família de Caná da Galiléia, oferecia-se-lhe ocasião de ser dada profícua e substanciosa lição, não só aos nubentes como também aos demais assistentes. E, quase terminadas as saudações, quando já, não havia mais vinho, talvez porque fosse pouco o abastecimento que fizeram desse líquido e avultado o número de convivas, Jesus resolveu dizer alguma coisa. Mas a sua Palavra é diferente de todas as outras palavras. Os discursos são composições oratórias para deleitar, mas a Palavra do Mestre sempre foi espírito e vida.

Deliberou Ele, então, falar pelo fato, ensinando e comparando as coisas materiais às coisas espirituais.

Mostrou como da matéria se pode fazer a força, e transformar, assim, um ato material em um ato espiritual.

O "milagre" da conversão da água em vinho obedeceu a leis químicas muito conhecidas de Jesus, que as manobrava com a máxima facilidade. É um caso de transmutação da matéria, de que o estudante espírita encontra muitos exemplos nos Anais do Espiritismo. Falando pelo fato, o Senhor quis impressionar a assistência com o fim de se dar a conhecer pelas suas obras e ao mesmo tempo deixar ver que o enlace matrimonial não consiste numa união simplesmente carnal, mas sim num ato moral e

espiritual que tem por escopo principal promover o progresso de ambos.

O vinho material que tinha sido oferecido pelo presidente da mesa se esgotara, assim como se acaba a amizade circunscrita ao amor carnal. A sedução pela beleza, a dedicação e o arrebatamento pela mocidade, pelo dinheiro, pela nobreza de família também se esgotam como o vinho material e, sem o vinho espiritual, que consiste na Doutrina que Ele anunciava, não podia prevalecer o verdadeiro casamento, razão por que aquele vinho, julgado pelo presidente muito superior ao primeiro, simboliza o verdadeiro amor, que faz os casais inseparáveis e mantém a união perpétua das almas.

O casamento como um ato meramente físico, não é mais do que um tênue complemento do instinto, de que todos os animais são dotados.

É preciso espiritualizar esse ato, dar-lhe cunho verdadeiramente cristão, mas cristão na expressão primitiva da palavra, isenta de formalismos sectários de decretos sacramentais, de preceitos ritualistas.

O amor não é palavra morta, que precise de ornamentos e flores; ele encerra a benevolência, a indulgência, a bondade, a magnanimidade, o trabalho do coração, do cérebro, do entendimento, da alma, com todas as forças em benefício do ser amado, e os cônjuges, para serem casados de verdade, precisam permutar todos esses deveres.

Finalmente, pelos últimos trechos se observa o efeito produzido, já não dizemos na assistência, mas nos discípulos, por aquele fato extraordinário: "e os discípulos creram nele".

Vamos concluir, considerando o casamento antes como um ato espiritual, e, não, simplesmente material.

48

Andar no Mundo sem Ser do Mundo

"Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais que o vestido?" (Mateus, VI, 25.)

"Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Céus." (Mateus, XXII, 21.)

"O espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita." (João, VI, 63.)

O homem é um composto de corpo e alma; o corpo participa da vida terrena, a alma participa da vida do Céu. A vida na Terra e a vida no Céu são solidárias; a aquisição de uma depende da boa aplicação da outra, assim como as condições felizes da vida terrena são, a seu turno, resultantes da boa aplicação da vida no Céu.

Entendemos por Céu o espaço azul que se estende ante as nossas vistas (*).

() A noção de Céu inclui a Erraticidade, ou mundo dos Espíritos. Na pergunta 87 de O Livro dos Espíritos indaga Allan Kardec: "Ocupam os Espíritos uma região*

determinada e circunscrita no espaço?" A resposta é a seguinte: "Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de continuo ao vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados."

Entendemos por felicidade, não o que o comum dos homens deseja; a noção exata que fazemos dela inclui a existência com os seus complementos de manutenção e a paz íntima, que nos põe em relação com o meio que nos cerca e com a Vida Eterna.

O estabelecimento destes princípios é que obriga os homens a conciliar as duas vidas: a vida na Terra e a vida no Céu.

"Nem só de pão vive o homem."

Nem só para as coisas do mundo vive o homem, mas também para as coisas de Deus.

A vida na Terra é uma condição para alcançar a Vida no Céu: "Se alguém não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus."

"A vida não é mais que a comida"?

A vida na Terra é alimento para manter o espírito em caminho da Vida no Céu.

"O corpo não é mais que o vestido"?

O corpo é um vestido da alma, é um escafandro por cujo auxílio alcançamos os tesouros do Céu, é um instrumento para o trabalho do espírito na Terra.

Nossa condição de inferioridade espiritual nos obriga à vida na Terra. A necessidade de nos elevar, força-nos a tratar da Vida do Céu.

O fim principal da nossa existência terrena é elevar-nos à Vida do Céu.

Mas a Vida do Céu não se alcança em uma nem em duas existências terrenas; é indispensável, quer estejamos na Terra, quer estejamos no Céu, conciliar as duas vidas, isto é, trabalhar sempre para o futuro, tornando-o melhor, quer em condições, quer preparando o meio em que deveremos agir, para alcançarmos definitivamente o desiderato: a Vida no Céu.

Erram aqueles que estando na Terra somente tratam das coisas da Terra.

Erram aqueles que, estando no Céu, só tratam das coisas do Céu.

Jesus morava na Terra e não se esquecia das coisas do Céu: "Buscai o Reino de Deus e a sua Justiça."

O Senhor mora no Céu mas não se esquece das coisas da Terra: "Não vedes como se vestem os lírios dos campos; como se alimentam os passarinhos; como faz descer as chuvas e elevar para todos o Sol"?

O segredo da felicidade consiste, pois, em saber conciliar as duas vidas. A felicidade não está excluída da perfeição. "Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai Celestial."

O dever, na perfeição, não se cumpre unicamente em parte, mas, sim, no todo, integralmente.

O homem deve conciliar seus interesses terrenos com os seus interesses espirituais.

Enquanto prevalecerem aqueles, em detrimento destes, em vez de felicidade haverá infortúnio; em vez de paz, haverá guerra; em vez de sabedoria, de verdade, de amor, reinarão no mundo a ignorância, a falsidade, o egoísmo.

É comum ouvir-se dizer: "Nesta vida tratarei desta, na outra cuidarei da outra."

Propósito falso de quem assim pensa.

Se nesta vida não trata da outra, muito menos o fará quando se passar para a outra.

A legenda é: "Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração."

A vida do Céu tem começo na Terra. A escada que o Patriarca viu, quando adormecido sobre a pedra de Betel, não principia no Céu; tem os seus suportes na Terra e os Anjos, quando desciam e subiam, desciam do Céu à Terra, e subiam da Terra ao Céu.

A vida na Terra é solidária com a vida no Céu e vice-versa.

O homem, por sua dupla natureza, pertence ao mundo físico e ao mundo espírita.

O espírito, por sua dupla natureza, física e espírita pertence ao Céu e à Terra.

A Religião do Amor proclamada pelo Filho de Deus dá a razão desta doutrina.

A Revolta dos Setenta e Dois

"Nisto muitos dos seus discípulos se retiraram e não andavam mais com ele." (João, VI, 66.)

Enviou Jesus seus discípulos, dois a dois, às cidades e aldeias onde Ele estava para ir, com ordem expressa e poderes sobreexcelentes para curarem os enfermos e levarem às gentes a notícia de se achar próximo o Reino de Deus.

Nenhuma outra ordem, nenhuma outra missão lhes fora dada, segundo afirma o Evangelista Lucas, no seu capítulo X, versículos 1-20.

Grande era a seara e farta parece que foi a colheita, porque, de regresso aqueles discípulos, ao darem a Jesus conta de seus feitos, maravilhados com tudo que lhes havia sucedido, frementes de regozijo, disseram-lhe: "Senhor! Até os demônios se nos submeteram em teu nome!"

Jesus, então, exortou-os novamente a que tivessem fé e lhes garantiu que, se permanecessem na sua Palavra, dominariam serpentes e escorpiões, e nenhum inimigo conseguiria fazer-lhes mal; mas acrescentou que a sua maior alegria não deveria originar-se da submissão dos espíritos à autoridade deles, discípulos, mas, sim, de terem eles os seus nomes escritos no Céu.

Quão frisante deveria ser para eles esta advertência., que constitui, a nosso ver, de um lado uma premissa de gozo, e, de outro, um aviso de responsabilidade, semelhante ao do servo que se inscreve como obreiro da construção de um edifício que se precisa levar a cabo!

Entretanto, o aviso sumiu-se-lhes da mente, esvaiu-se-lhes, dissolvido por aquela momentânea alegria que os absorvia e arrebatava!

Mas os setenta e dois continuavam, entretanto, juntos ao Mestre, seguindo-lhe as pegadas.

Quantos fatos grandiosos se desenrolaram a suas vistas, produzidos pelo Moço Nazareno! Quantas curas, quantos fenômenos transcendentais, quanta parábola, quanta doutrina, quanto ensinamento, quantas consolações, quantas esperanças, quantas provas de afeição e amor eles já haviam recebido do Senhor!

Entretanto, sorte avara! Quando os judeus promoviam contra Jesus a mais acirrada luta, pelas revelações que o Mestre fazia da sua individualidade íntima; quando chegou o momento azado de o Senhor exortar a multidão a pôr de lado o mesquinho interesse que o dominava, para, em vez de buscar em sua Palavra o pão para o corpo, buscar o "pão para a alma", justamente nesse momento de responsabilidade maior é que os setenta e dois e mais outros põem de lado a sua obrigação, esquecem-se de que os seus

nomes estavam escritos no Céu e se retiram, negando a sua companhia a Jesus, segundo relata o Evangelista João, no capítulo VI do seu livro!

De que valeram a esses homens as dádivas e os talentos que o Senhor lhes concedera, se eles, depois de haverem começado a entesourá-los, deliberaram esquecerem-se até do resto da herança que lhes cabia por sorte, renunciá-los, em detrimento da Causa que ao começo anunciaram, e com prejuízo de suas próprias pessoas, deixando patente a quase inutilidade do seu labor!

Não há quem queria fazer obra de mérito e meta mãos no arado de olhos voltados para trás, porque só é digno do salário o obreiro que termina a sua obra.

A revolta dos setenta e dois é fato evangélico que relembra os sofrimentos de Jesus, e assinala, frisantemente, a sua espinhosa missão.

Mas apesar de desamado de todos e descrito até dos seus próprios irmãos, Ele não se deixou dominar pelo desânimo, e, altaneiro como quem tem certeza da tarefa divina que desempenha, e para a qual não lhe faltaria o auxílio do Alto, num ímpeto de sobrançeria, prova a fé e ao mesmo tempo a humildade daqueles doze, aos quais mais tarde seria entregue a divulgação da sua Doutrina, com o seguinte desafio: "Quereis vós também vos retirar?"

Os discípulos, absortos com aquela enérgica interpelação, emudecem, consultam-se numa troca de

olhares tímidos e com certeza rasos de lágrimas, e por fim Simão Pedro interpretando o pensamento íntimo dos companheiros, responde por todos: "Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna e nós temos crido e conhecemos que tu és o Santo de Deus".

As provas das missões se acham em relação direta com as provas do amor fraterno.

Não pode haver missões religiosas separadas do amor fraterno, porque o amor fraterno é a base essencial em que se fundam os missionários para o exercício do seu Apostolado.

Se os setenta e dois permanecessem no amor ao Cristo, tal como Ele já os havia ensinado, não invalidariam a missão iniciada por ordem do Mestre e com grande regozijo para todos eles.

Mas como não permaneceram, porque tinham o melindre no coração, e o desvario no entendimento, alienaram não só aqueles sagrados dotes que lhes haviam sido outorgados, como, também, a sua própria tarefa, a sua própria missão!

E é por isso que os Evangelhos não mais falaram neles, e João faz referência ao caso, para demonstrar o Poder de Jesus que, de posse do Verbo Divino, que já lhe havia servido na criação do nosso mundo, com o Verbo, que é a Palavra de Deus, arrostaria todas as dificuldades, vencendo-as a ponto de, na sua mais

elevada conquista, triunfar da morte e tragá-la na vitória!

Ensina-nos tudo isso que devemos ser humildes, pelo menos quando não possamos ser sábios, e a manter entre nós, pegureiros da última hora e pescadores de homens, o amor fraternal, para que vençamos o mundo, dando-lhe a conhecer que somos, na verdade, discípulos do Cristo Jesus.

50

Premonições - Avisos Proféticos e Sonhos Premonitórios

"No sexto mês foi enviado da parte de Deus o Anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Aproximando-se dela, disse: Salve, altamente favorecido, o Senhor é contigo! Ela, porém, ao ouvir estas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria esta. Disse-lhe o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. E conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, a quem chamarás Jesus." (Lucas, 1, 26-31.)

"Estando Zacarias a exercer diante de Deus as funções sacerdotais, na ordem da sua turma, coube-lhe por sorte, segundo o costume do sacerdócio, entrar no santuário do Senhor e queimar o incenso; e toda a multidão do povo estava orando da parte de fora, à hora do incenso. E apareceu a Zacarias um anjo do Senhor, em pé, á direita do altar do incenso. Zacarias, vendo-o, ficou turbado e o temor o assaltou. Mas o anjo lhe disse: Não temas, Zacarias, porque tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, a quem chamarás João; e terás gozo e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento." (Lucas, 1, 8-13.)

"Naquela região havia pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e encheram-se de grande temor. Disse-lhes o anjo: Não temais, pois eu vos trago uma boa nova de grande gozo que o será para todo o povo; e é que hoje vos nasceu na cidade de Davi um salvador, que é o Cristo Senhor. E eis para vós o sinal: Encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada numa manjedoura. De repente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas Alturas; e paz na Terra entre os homens de boa vontade. Quando os anjos se retiraram para o Céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos já até Belém e vejamos o que aconteceu, o que o Senhor nos deu a

conhecer. E foram a toda a pressa e acharam Maria e José, e a criança deitada na manjedoura." (Lucas, II, 8-16.)

"Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, homem este justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele: e lhe havia sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. E movido pelo Espírito foi ao templo; e quando os pais trouxeram o menino Jesus para fazer por este o que a Lei ordenava, Simeão tomou-o nos seus braços e louvou a Deus, dizendo:

"Agora tu, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste ante a face de todos os povos; Luz para revelação aos gentios, e glória do teu povo de Israel. Seu pai e sua mãe maravilharam-se do que dele se dizia. E Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: Este é posto para queda e levantamento de muitos em Israel, e para sinal de contradição (e também uma espada traspassará a tua própria alma), para que os pensamentos de muitos corações sejam revelados." (Lucas, II, 25-35.)

"Havia também uma profetiza de nome Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser (era ela de idade avançada, vivendo com seu marido sete anos desde a sua virgindade, e viúva de oitenta e quatro anos), que não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e

orações. Esta, chegando na mesma hora, deu graças a Deus e falou a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém. Quando se tinham cumprido todas as ordenanças segundo a Lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para a sua cidade de Nazaré." (Lucas, II, 36-39.)

"Tomando à parte os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e tudo quanto os profetas escreveram a respeito do Filho do Homem se cumprirá; pois será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspidos; e depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida, e ao terceiro dia ressurgirá. Eles, porém, nada disso entenderam; e o sentido dessas palavras era-lhes oculto; e não percebiam o que ele dizia." (Lucas, XVIII, 31-34.)

"Um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, dizendo: Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica ali até que eu te chame, pois Herodes há de procurar o menino para o matar. José levantou-se, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito." (Mateus, II, 13-14.)

"Mas tendo morrido Herodes, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, dizendo: Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; pois já morreram aqueles que procuravam tirar a vida ao menino. José levantou-se, tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel; porém sabendo que Arquelau reinava na Judéia

em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e avisado em sonhos por Deus retirou-se para os lados da Galiléia." (Mateus, II, 19-22.)

Paulo, o Doutor dos Gentios, tinha por costume falar e escrever com a maior clareza possível, para que todos fossem edificados.

No capítulo XIV da epístola I aos Coríntios, diz ele: "Se eu for ter convosco, falando em línguas, o que vos aproveitará se não vos falar por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de instrução?"

Nós muito admiramos esse Apóstolo, porque o seu fim era verdadeiramente instruir os seus ouvintes ou seus leitores. Ele não fazia o que fizeram os escritores sagradas que o sucederam, os quais deixaram volumes e volumes cheios de páginas incompreensíveis - teologias, dogmáticas, artigos de fé, epístolas evangélicas "traduzindo" a doutrina de Jesus em sacramentos puramente materiais.

Transviar o sentido do Evangelho e suas narrativas, é grande pecado; sofismar com base nele, é velhacaria.

Baseando-se a Doutrina de Jesus nas Leis de Deus, e devendo a sua Igreja (os seus crentes) ser edificada sobre a Rocha da Revelação, ou sejam as comunicações, ou antes, os fatos espíritas e anímicos, é mais que má fé esquecer os fatos para fazer em torno dos Evangelhos, ou das suas passagens, dissertações infantis, cheias de retórica mas vazias de lógica, de inteligência e compreensão. O que está no Evangelho,

está; o que é fato, é fato, e deve ser explicado como fato para servir de base à Doutrina.

Por exemplo, nessas seis passagens acima transcritas, temos um punhado de fatos de ordem anímica e espírita; premonições - avisos proféticos e mensagens premonitórias, sonhos premonitórios, etc.

A Psicologia Moderna, em bases experimentais, penetrou na psique humana e desvendou vários dos seus mistérios, contribuindo para uma interpretação mais satisfatória dos Evangelhos.

A tradução hiperbólica, metafísica, dogmática dos Evangelhos, talvez tivesse, antigamente, sua razão de ser, dada a situação da Humanidade e a necessidade de melhor impressionar os espíritos com figuras e imagens que exaltassem o sentimento religioso para melhor observância dos preceitos divinos.

Atualmente essas razões desapareceram. Entramos numa época positiva. Quer-se crer, mas quer-se saber por que se crê. E mesmo dos Evangelhos hoje não se admite passivamente, sob a dominação da fé cega, as opiniões pessoais dos Evangelistas que; de acordo com as antigas previsões e promessas, voltariam em espírito, para explicar pontos obscuros dos seus escritos, que originam dissensões e desarmonizam os homens.

Por exemplo, o "corpo de Jesus" é uma das questões que têm provocado celeuma, mesmo entre espíritas ilustrados. Essas discussões, contudo, não são

de todo perniciosas mas até muito úteis para o esclarecimento da inteligência: apresentam-se no presente momento como demonstrações do pensamento livre, e tendem, portanto, á verdade pela evolução.

Neste livro deixamos de lado essa questão, suscitada por alguns trechos dos Evangelhos, especialmente de Mateus e Lucas; esses trechos, porém, mais não são que dissertações pessoais dos referidos apóstolos, mediante as quais buscavam dar realce ao doce e suave idílio do Céu com a Terra.

Segundo nos parece, nesses versículos não há base para afirmar nem negar a natureza do "corpo de Jesus" de nós, não concebemos Jesus Cristo senão como ele se mostrou e disse ser: Filho de Deus, e Filho do Homem; por sua natureza espiritual, Filho de Deus; por sua natureza carnal, Filho do Homem. E claro que o corpo de Jesus era muito mais aperfeiçoado que o nosso, pois diz o provérbio: mens sana in corpore sano; mas não podemos negar a sua natureza material, sem negar o próprio Jesus.

Este parêntesis, que ora fechamos, foi aberto unicamente para explicar o motivo por que deixamos à margem os referidos trechos dos dois Evangelistas.

O escopo deste livro é exaltar o Espírito do Cristianismo, monumental obra que nós consideramos o verdadeiro Corpo de Jesus, conforme já explicamos noutro capítulo.

Passemos, pois, à dissertação das inscrições que intitulam este capítulo.

AVISO PROFÉTICO DO NASCIMENTO DE JESUS

O nascimento de Jesus, como se sabe, foi precedido de augúrios e profecias.

Havia centenas de anos antes da vinda, à Terra, do Unigênito Filho de Deus em Sabedoria e Amor, que profetas e profetizas anunciavam por todos os recantos da Judéia a sua encarnação neste mundo. E chegada esse momento de grande felicidade para a nossa Humanidade, o Anjo Gabriel, com permissão divina, veio reiterar as profecias, avisando a Maria, que se havia casada com José, operário obediente aos preceitos divinos, que o Messias prometido se encarnaria através dela.

Essa manifestação, como em geral acontece em todas as manifestações espontâneas, causou pânico a Maria, e encheu-a de temor, mas o Espírito, envolvendo-a, ou antes, encorajando-a com os seus fluidos vivificadores, ordenou-lhe não temer, pois a graça vinha de Deus, e Deus era com ela.

Eis, na sua singeleza, a síntese da narrativa, em que se constata a comunicação espírita, desta vez revestindo um aviso profético que se realizou literalmente.

Existem inúmeros fatos dessa ordem nos Anais do espiritismo, numa demonstração de que se acham regidos por uma lei natural.

Quantos avisos premonitórios dados por Espíritos em comunicação, sejam avisos de encarnação ou desencarnação, como de outras naturezas, encham os livros do Espiritismo!

Não cabe nesta obra transcrever as narrativas testemunhadas desses fenômenos, que os leitores encontrarão com facilidade nos livros espíritas, principalmente de Gabriel Delanne e Léon Denis.

*

Antigamente os sacerdotes, em sua maioria, eram favorecidos com dons psíquicos.

No segundo caso vemos Zacarias, em suas funções sacerdotais, ser favorecido com a aparição de um anjo (mensageiro do Senhor), justamente quando estava queimando incenso no santuário, próximo ao altar. O Espírito lhe apareceu do lado direito do altar, e ficando ele apavorado, o Espírito tratou de acalmá-lo, como o fez o outro a Maria de Nazaré: "Não temais." E passou a anunciar a Zacarias a encarnação de João Batista, que também havia sido predita pelo Profeta Malaquias, na velha dispensação, capítulo IV, 5-6, e que viria no Espírito de Elias, assinalando este fato um frisante caso de reencarnação referendado depois por Jesus,

quando, referindo-se a João, disse: Ipse est Elias qui venturas est - Este é o Elias que devia vir. (Mateus, XI, 14.)

O terceiro caso não é menos importante. Como revelação premonitória é belíssima sua constatação. Como aparição espírita, acompanhada de comunicação por voz direta, é maravilhosa, verdadeiramente de encher o coração e alegrar a alma. É de notar que a aparição foi vista por todos e todos ouviram a sua voz. Aparição e manifestação coletiva, como dizemos em linguagem espírita: todos viram e todos ouviram. E não foi um só Espírito que apareceu, foram muitos - uma milícia celestial.

Não se diga que apareceram a este porque era santo, àquela porque era virgem, àquele outro porque era sacerdote. Nos Evangelhos não prevalece a exclusão dos humildes, dos filhos do povo. Os pastores não eram santos, nem virgens, nem sacerdotes, e todos eles viram e ouviram os espíritos que os guiaram ao Presépio de Belém. Acresce que as mesmas sensações de temor ou de medo que estes tiveram, Maria, mãe de Jesus, e Zacarias também as tiveram. E o Espírito encorajou a estes como fez a Maria e a Zacarias: "Não temais."

*

As manifestações a Simeão e Ana podem ser catalogadas na ordem dos avisos proféticos.

Simeão era médium tão afamado que Lucas não quis esquecê-lo no seu Evangelho. Faz excelentes referências a ele como homem justo e piedoso, que muito se interessava pela consolação de Israel; diz mesmo positivamente que ele havia recebido comunicações de Espíritos a respeito da vinda de Jesus, e acrescenta que o próprio Espírito conduziu-o ao templo e mostrou-lhe a criança que ele tomou nos braços, fazendo uma prece de agradecimento a Deus por ver realizado o aviso que tivera; nessa ocasião também falou, movido pelo Espírito, revelando a luminosa missão de Jesus, e os sofrimentos por que Maria, sua mãe, teria de passar,

Na mesma ocasião apareceu no templo a filha de Fanuel, Ana, profetisa que fez um discurso muito espiritual, exaltando a tarefa de Jesus para os que esperavam a redenção de Jerusalém.

*

E como qualificar ambos os sonhos de José, citados por Mateus?

Esse fato não esclarece perfeitamente a comunicação em sonho? Pode o Catolicismo traduzir o Evangelho? Não deverá ser esse Livro explicado em

espírito e verdade, de acordo com a Revelação Espírita?

51

Previsões de Jesus

Encontram-se abundantes previsões e avisos proféticos de Jesus nos Evangelhos. Esse fato demonstra claramente que os fenômenos de previsão e premonição se regem por uma lei natural, criada por Deus.

Se todas essas manifestações de premonições, aparições, vozes, mediunismo falante e escrevente não estivessem adstritas à Lei de Deus, Jesus não se utilizaria delas, nem as sancionaria. Isto é claro e lógico, porque Jesus, representante da Lei a que veio dar cumprimento, não poderia derogá-la ou infringi-la.

Mas Jesus tinha ciência de tudo o que se daria com Ele, tanto assim que o revelou aos seus discípulos. Lucas reproduz tudo o que se passou com o Nazareno e o que este previu com grande antecedência: foi entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, cuspidado, e depois de o açoitarem, tiraram-lhe a vida, mas ao terceiro dia reapareceu.

Interessante é que até os Apóstolos, naquele tempo, não reconheciam essa ordem de fenômenos, nem os princípios, hoje codificados, e que constituem o Espiritismo. Por isso não entenderam o que Jesus lhes havia dito, não compreenderam as palavras de Jesus, cujo sentido lhes era oculto.

Daí a explicação que Jesus lhes deu mais tarde, fazendo-lhes ver que muito teriam ainda de aprender, pois a sua Doutrina não se resumia somente no que Ele havia dito: "Muitas coisas tenho para vos dizer, mas não o podeis suportar agora; mas quando vier o Consolador, o Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão para vir." (João, XVI, 12-13.)

As Curas de Jesus

"O fluído universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito que são as suas transformações. Pela identidade da natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito, e encarnado ou desencarnado, que infiltra

num corpo deteriorado uma parte da substância do seu invólucro fluídico. A cura opera-se substituindo uma molécula enferma por uma molécula sã. A força curadora está, assim, na razão da pureza da substância inoculada, dependendo ainda da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido mais força de penetração, segundo as intenções que animam aquele que deseja curar, quer seja homem ou Espírito." (Allan Kardec, in "A Gênese")

As curas de Jesus figuram no primeiro plano de sua Missão. Ele curava para ensinar pelo exemplo a Lei de Deus, sintetizada nesta sábia sentença: "Amai a Deus e ao próximo, fazendo ao vosso semelhante o que quereríeis que ele vos fizesse."

Jesus não exercia a arte de curar por amor à Medicina ou ao Magnetismo, nem se tornou taumaturgo por diletantismo.

Sendo que a maior parte dos seus ensinamentos era dada por comparações, houve por bem adotar o processo das curas, que se gravam muito não só nos pacientes como nos assistentes que o reconheciam como um Ente Divino, superior, digno, por isso mesmo, de acatamento e respeito: "Pode, porventura, não ser um emissário do Céu, aquele que chega a abrir os olhos aos cegos?" E assim, nosso Mestre impunha-se à consideração e à simpatia de todos os que nele reconheciam o Filho de Deus.

Mas é preciso convir que Jesus não limitava a sua ação às curas que efetuava; estas, longe de serem objeto de sua predileção, eram um dos meios para que o Evangelho fosse anunciado.

Quais os processos usados para a obtenção de resultados profícuos? Como, e de que forma Jesus fazia suas curas?

O Evangelho nos diz que ao império da sua Palavra e das suas mãos os enfermos restabeleciam-se.

Explicação vaga, mas que apresenta os fatos tais como se deram, sem a tentativa de expô-los sob as bases de uma teoria preconcebida, como aconteceu quando os fariseus, valendo-se da idéia errônea que tinham levantado como artigo de fé - a crença no diabo - disseram que o "Nazareno expelia os demônios, por virtude de Belzebu, príncipe dos demônios".

Segundo Jesus, ao contrário do que julgam os inscientes, os fatos não são oriundos da teoria; esta é que se origina dos fatos, como os frutos se originam das árvores. Daí o seu ditame: "Reconhece-se a árvore pelos frutos, porque não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos."

Os fenômenos eram bons, os fatos eram vivificadores, logo, não podiam ter por origem o mal, a morte.

- O poder de curar, em Jesus, era dom sobre-humano. Quando dizemos sobre-humana, excluimos da nossa tese a palavra sobrenatural, visto nada existir

que não seja natural. Era sobre-humano visto ser esse dom, em Jesus, perfeito, ultrapassando, portanto, os limites do poder humano, mesmo dos melhores curadores.

Sendo Jesus um espírito perfeito, claro está que Perfeitos deveriam ser todos os seus dotes.

Sendo Ele o maior Missionário que baixou à Terra, não pedia, para o bom exercício de sua missão, deixar de vir revestido de poderes e forças que o distinguissem dos demais homens.

Assim é que o seu grande conhecimento das leis que regem o Universo e dos fluidos nele existentes; a sua força para a dominação e transformação desses fluidos; a sua vontade soberana de fazer realçar a Lei de Deus; o seu amor imenso pelos sofredores, pelos deserdados da sorte; o auxílio constante que recebia diretamente de Deus; a enorme Milícia Cedeste e a Multidão de Espíritos que se achavam sob as suas ordens, tudo concorria para que Ele dissesse ao cego: "Vê"; ao paralítico: "Anda"; ao leproso: "Sê limpo"; à sua Palavra, tudo se cumpria!

Não nos cumpre descer a minudências, nem formular hipóteses que, em vez de explicar aos leitores os meios de que Jesus se utilizava para curar, os transviassem do estudo.

Limitamo-nos a afirmar que o Moço Nazareno reunia todos os caracteres do Homem Magnético. E,

além disso, recebia do Pai Celestial tudo o que o pudesse auxiliar para o cumprimento da sua tarefa.

Em A Gênese Allan Kardec expõe magnificamente, com o título "Os Milagres Segundo o Espiritismo", o modus operandi de todos esses fatos, chamados sobrenaturais, mas que têm sido verificados, com menor intensidade, em todos os tempos e em toda a parte.

É estudo extremamente interessante, embora difícil de ser compreendido a prima facie, como em geral acontece com todos os estudos transcendentais, mas dos quais todos se devem inteirar, para bem compreender a causa e os fatores de tantos fenômenos que ensombram a alma humana.

Estudemos agora, detalhadamente, as curas feitas por Jesus e publicadas pelo Evangelho, como um grande legado às gerações.

O Leproso de Genesaré

"Quando ele estava numa das cidades apareceu grandes multidões. E aproximando-se um leproso, adorava-o, dizendo: Senhor, se quiseres, bem podes me tornar limpo. E Jesus, estendendo a mão, tocou-o,

dizendo: Quero; fica limpo. No mesmo instante ficou limpo de sua lepra. Olha, não o digas a alguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e faz a oferta que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho." (Mateus, VIII, 1-4.)

"Quando ele estava numa das cidades apareceu um homem cheio de lepra; e vendo a Jesus, prostou-se com o rosto em terra e rogou-lhe: Senhor, se quiseres, bem podes tornar-me limpo. E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero; fica limpo; e no mesmo instante desapareceu-lhe a lepra. Ordenou-lhe Jesus que não contasse isso a ninguém; mas, disse ele, vai mostrar-te ao sacerdote e faz a oferta pela tua purificação, conforme Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho". (Lucas, V, 12-14.)

"Chegou-se a ele um leproso, fazendo-lhe a sua rogativa, e ajoelhando-se, disse: Se quiseres, bem podes tornar-me limpo. E Jesus, compadecido dele, estendeu a mão e tocou-o, dizendo: Quero; fica limpo. No mesmo instante desapareceu-lhe a lepra e ficou limpo. Advertindo-o com energia, logo o despediu, dizendo: Olha, não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferecer-lhe, pela tua purificação, o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho." (Marcos, 1, 40-44.)

Jesus iniciou as suas curas justamente com uma enfermidade que mesmo a Ciência dos nossos tempos ainda não consegue debelar (*). O que dizer da

morféia, da lepra, quais os meios de sua extinção, qual a causa dessa terrível enfermidade, a sua etiologia?

() Entende-se: ao tempo em que foi escrito este livro. Atualmente, o tratamento pelas sulfonas e a vacinação pelo BCG têm sido de grande eficácia na erradicação da lepra.*

Muito se tem escrito a respeito; e no mundo ainda há muito papel e muita tinta para se encher com o assunto, assim como ainda há muito vidro, para se fazer empoças e encher de soros e óleos, com os quais se experimentarão os vários meios de debelar o mal.

Não faltam, em toda parte, doutos especialistas na matéria e teóricos, uns de boa fé, os mais, (e estes são em maior número) mercadores de olhos voltados para grossas propinas, que chegam a anunciar métodos especiais para a cura dos pobres leprosos.

Entretanto, o número de enfermos, em vez de diminuir, com esse progresso da Ciência de que se orgulham os esculápios materialistas, aumenta a tal ponto que quase toda a Imprensa, à semelhança dos sinos em dobres fúnebres, clama as providências de isolamento, as providências hospitalares, porque outras, sabem-no todos muito bem, não podem ser dadas pela falência dos meios precisos para a cura de tão terrível mal.

Outrora já era assim: no Código Mosaico (Levítico. XIII e XIV), o legislador se limitou a excluir o doente da sociedade; declarado imundo, era abandonado de todos e atirado aos maiores suplícios.

Onde estavam os antigos doutores, os mestres na Ciência, que não podiam enfrentar a doença e auxiliar os pacientes na sua cura?

Lucas,, que foi médico, e o que lhe valeu o título de patrono dos nossos doutores-médicos, nada mais diz ao fazer menção da cura do homem, senão ter ela se efetuado com as simples palavras do Mestre: "Quero, sê limpo", e ao toque da mão puríssima de tão ilustre Espírito ficou curado.

Mateus e Marcos também não fazem mais que repetir o que disse Lucas: aliás, a concordância confirma a veracidade do fato.

O restabelecimento do enfermo deveria ter sido operado por um fator invisível, mas que produziu um sinal visível - a transformação de um corpo deformado em um corpo normal, com afirmação categórica do paciente, e, logo após; do sacerdote encarregado de, depois do "sacramento" da purificação, permitir o ingresso na vida social daquele que fora leproso.

Qual seria esse fator? Naturalmente o medicamento foi tirado da atmosfera, ou da terra, ou das plantas, pois, Jesus, que conhecia todas essas variedades de matéria, desde a mais compacta até a mais radiante, a mais quintessenciada, e sabia manipulá-la de modo a imprimir no "fluido" que transmitiu ao enfermo o poder de aniquilar o bacilo da lepra, e, ao mesmo tempo, despertar as energias dos elementos sãos, contidos na região subcutânea do paciente.

Mas será possível essa operação? A nosso ver, embora não possamos efetuar-la, achamo-la naturalíssimo. Quando vemos o efeito repentino produzido, por exemplo, pela ação de uma árvore como a aroeira, ação essa que se faz sentir imediatamente, em muitas pessoas, com a simples aproximação a essa árvore, irritando de tal modo a pele que chega a transfigurar o indivíduo, não será também crível que um Espírito, cuja inteligência excede de muito o "instinto de um vegetal", e, ainda mais, tratando-se de Jesus, profundo em conhecimentos científicos, como se revelou quando esteve na Terra, possa produzir o efeito contrário ao que a aroeira produz?

O Dr. Paul Gibier, o grande substituto de Pasteur, na introdução de seu famoso livro *Espiritismo ou Faquirismo Ocidental*, com o fim de demonstrar a ação dos elementos invisíveis, como também nós tentamos fazer agora, transcreveu um excelente artigo do Sr. Victor Meunier, redator científico do jornal *Le Rappel*, que muito nos orienta para a compreensão da "Cura do leproso de Genesaré". Vamos aproveitar alguns trechos desse artigo, deixando a íntegra a cargo aos interessados.

"O Dr. Liebault enviou-nos a ata de uma curiosa experiência de sugestão hipnótica feita a 9 daquele mês (julho, 1886), em Nancy. Ela tem por autor o Senhor Focachon, farmacêutico em Charmes, e, por

testemunhas, além do sábio correspondente citado, os Srs. Liégeois, professor da Faculdade de Direito de Nancy, Févre, ex-tabelião, e o Dr. Brular, que seguiram as experiências de princípio ao fim.

"No intuito de saber se o pretendido milagre de estigmatização não esconde algum fenômeno hipnótico, o Sr. Focachon empreendeu, servindo de "sujet" uma senhora Elisa..., investigações que o levaram a produzi queimaduras e vesicações por meio de simples sugestão, o que foi verificado pelos professores Beaumis e Bernheim, da Faculdade de Medicina de Nancy, Liégeois, da Faculdade de Direito, Dr. Brular, Liebault, o Sr. Laurent, arquiteto estatuário e Simon.

"Depois de haver obtido vesicação sem substância vesicante, o Sr. Focachon ficou naturalmente curioso por saber se o efeito inverso produzir-se-ia também, isto é, se por sugestão, poderia impedir que uma substância vesicante produzisse vesicação".

Eis a experiência:

"Um pedaço de tela epispática de Albespeires foi cortado em três partes. Duas foram respectivamente aplicadas nos braços da Srta. Elisa, uma para experimentar o caso em questão, a influência da sugestão em fazer dela matéria inerte; a outra para produzir os efeitos ordinários, sem sugestão alguma. O terceiro fragmento foi colocado em, um doente que dele teve necessidade.

"Tudo assim disposto, tendo sido o último fragmento colocado no peito de um tísico, O Sr. Focachon disse com energia, ao "sujet" em estado de sonambulismo, que o vesicatório do seu antebraço esquerdo (vesicatório de 5 centímetros de largura) não produziria efeito.

"Desde o começo da experiência, 10,25 da manhã, até 8 horas da noite, a Srta. Elisa não ficou sozinha um só instante.

"Às 8 horas da noite, reunidos em torno da moça, as testemunhas supracitadas, depois de verificarem pelo estado do curativo que tudo se achava em ordem, retiraram-no, notando então isto:

"Antebraço esquerdo: a pele intacta. O revulsivo absolutamente nada produzira. A sugestão realizara-se perfeitamente.

"Antebraço direito: O revulsivo tinha determinada irritação pronunciada da epiderme e a paciente acusava uma sensação dolorosa.

"Tão eminente parecia a vesicação, que as testemunhas resolveram prolongar a experiência e pediram ao Sr. Focachon que repusesse os dois vesicatórios. Quarenta e cinco minutos depois, havia à direita (no antebraço que não sofrera influência de sugestão) duas flictenas bem visíveis.

Quanto ao vesicatório posto pela Dr. Brulard no doente do hospital, produziu-lhe uma empola magnífica."

O relatório termina assim:

"Do que procede, resulta, para nós, que, por meio da sugestão no estado sonambúlico pode-se neutralizar os efeitos de um vesicatório de cantáridas."

Ora, se este fato, constatado por sábios de responsabilidade, foi verificado e é real, porque, através de processos semelhantes, não poderia Jesus ter curado o leproso, cuja saúde dependia exclusivamente da ação benéfica que o Mestre imprimiu naquele corpo, substituindo, com o seu poder magnético, as células doentes por células sãs?

Aqui fica a lição começada para os que melhor quiserem aprofundá-la.

Contudo, não terminaremos sem lembrar o contacto que o Mestre teve com o leproso, tocando-o com sua mão impoluta: longe de contagiar-se com a lepra, extinguiu do pobre paciente o terrível mal que o apartava da sociedade.

A última lição que aprendemos da narrativa é a ordem de Jesus, fazendo que o homem se fosse mostrar ao sacerdote. Este, embora sem competência científica, mas com a competência que lhe dava o Código Mosaico, tinha de fazer o registro da purificação e dar liberdade ao homem, restituindo-o ao convívio social.

E este testemunho da sua Individualidade e da sua Doutrina, que Jesus oferecia ao sacerdote, devia gravar-se para fazer os "curas" daquele tempo

compreenderem qual a Religião que deveriam abraçar e praticar.

Ordenando, pois, ao homem: "Vai mostrar-te ao sacerdote e oferecer-lhe pela purificação o que Moisés determinou" - não teve o Mestre outro intuito senão o de promover também a cura de um outro enfermo, o padre, enfermo de alma que não procurava compreender as coisas de Deus.

A Cura da Sogra de Pedro e de Outros Doentes

"Tendo Jesus entrado na casa de Pedro, viu que a sogra deste estava de cama e com febre; e tocando-lhe a mão, a febre a deixou; então ela se levantou e o servia. Á tarde trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele com a sua palavra expeliu os espíritos e curou os doentes; para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaias: Ele mesmo tomou nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças." (Mateus, VIII, 14-17.)

"Em seguida, fendo saído da sinagoga, foram com Tiago e João á casa de Simão e André. A sogra de Simão estava de cama com febre; e logo lhe falaram a respeito dela. Então aproximando-se da enferma e

tomando-a pela mão, a levantou; a febre a deixou, e ela começou a servi-los. A tarde, estando já o Sol posto, traziam-lhe todos os doentes e endemoninhados; e toda a cidade estava reunida à porta. Então curou muitos que se achavam doentes de diversas moléstias, e expeliu muitos demônios, não permitindo que estes falassem, porque sabiam quem ele era." (Marcos, 1, 29-34.)

"Tendo saído da sinagoga, entrou na casa de Simão. E a sogra deste estava com uma febre violenta; e pediram-lhe a favor dela. Ele, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e a febre a deixou; e logo se levantou e os servia. Ao pôr do Sol, todos os que tinham enfermos de várias moléstias lhos trouxeram; e ele, pondo as mãos sobre cada um deles, os curou. Também de muitos saíram demônios gritando: Tu és o Filho de Deus. Ele, repreendendo-os, não lhes permitia que falassem, porque sabiam que ele era o Cristo." (Lucas, IV, 38-41.)

O Evangelho é um livro maravilhoso que, na verdade, nos exalta às regiões de Espiritualidade, permitindo-nos a visão nítida de Jesus em sua excelsa e extraordinária Missão.

Quantos pontos de interrogação surgem aos nossos olhos, semelhantes a essas "moscas" que aparecem aos que se acham afetados dos órgãos visuais, e aos obsidiados por vezes, e que, com o estudo do Evangelho em seu conjunto harmônico, esvaem-se,

para dar lugar a uma luz brilhante que ilumina a grandiosa Figura do Filho de Deus, do Sopro Vivificados do Consolador, do Espírito da Verdade, que vem, nos tempos preditos, restabelecer aqueles suaves ensinamentos que, semelhantes a clarins altissonantes, arrastavam as multidões irrequietas e sofredoras para a posse das bem-aventuranças eternas?

Só nestes pequenos trechos, que tratam unicamente das curas que Jesus produziu, quantos ensinamentos colhemos! Quantas luzes deles nos vem!

O Filho de Deus não é mais, para nós, o ente misterioso apontado como uma segunda pessoa de um "mistério", nem como um ser abstrato, cujo nome fascina, ou uma entidade mágica que aparece e desaparece como miragem, e cuja existência muitos chegam ao cúmulo de negar.

Já não é mais aquele Jesus que nos mostram chagado numa cruz, nem aquela figura ornamentada de pedrarias, vestida de veludo e seda, que as igrejas nos apresentam. Não é mais o que reclama "companheiros" para os conventos e seminários, a fazer deles padres, frades e freiras, em prejuízo da família e da sociedade. Não é mais aquele homem austero que repudia o convívio fraternal e que se limita a fazer "milagres" para ser crido por todos.

Agora já vemos, nesse Ente Superior, o homem, mas o homem como deve ser, o homem-espírito que se libertou de todos os instintos e se limita a satisfazer as

mais imperiosas necessidades da carne, pondo de lado as paixões materiais que nos prendem a este mundo de falsidades.

É o Jesus Popular, cheio de familiaridade; o Jesus que vai às sinagogas pregar a sua Doutrina, exercendo o direito que todos tinham na interpretação das Escrituras, e que, terminado o seu labor naquela esfera de ação, volta com seus companheiros, amigos e discípulos, hospeda-se em suas casas e aproveita a oportunidade que lhe é facultada para prodigalizar benefícios e tornar-se útil aos seus semelhantes, aos que sofrem, aos que choram, aos que não sabem, aos oprimidos, aos ignorantes das verdades divinas!

Oh Espírito Grandioso! Oh vida prodigiosa como não há outro exemplo na História, nem ao menos que se lhe aproxime!

Após os seus afazeres na sinagoga, onde havia feito resplandecer aos seus ouvintes os esplendores da Vida Imortal e a glória do Deus Vivo, o Pai Celestial, entra Ele na casa de Pedro, onde naturalmente sempre comparecia, como em Betânia, para, entre os discípulos, melhor expandir-se sobre as coisas do Céu, e ao mesmo tempo descansar das fadigas de suas cotidianas viagens; logo á sua chegada, soube que estava de cama, vítima de uma febre violenta, a sogra do seu companheiro, o futuro Apóstolo dos seus ensinamentos. Pedem-lhe a favor dela; imediatamente, dirigindo-se ao quarto em que jazia a doente,

aproxima-se de seu leito, impõe sobre ela as mãos, e a moléstia, como por encanto, cedendo a injunções superiores, como disse Lucas em outros termos, esvai-se á semelhança do calor de uma brasa viva ao lançar-se-lhe uma taça d'água! E tão rápida foi a cura, quão solícita se mostrou a mãe da esposa de Simão em prestar àqueles fiéis, que juntamente com seu Mestre ali se congregavam, os seus humildes e desinteressados serviços.

Outro fato a notar, de passagem, é que Jesus não exigia que os seus seguidores abandonassem lar e família, logo que postos ao serviço de sua causa. O que parece haver exigido o Mestre, era o cumprimento estrito dos deveres daqueles que pretendiam ser seus discípulos. Talvez não pudessem eles acoroçoar descabidas exigências de mulher, filhos e sogra, deixando para amanhã o que deviam fazer hoje, nem se excusar do exercício dos seus deveres espirituais por motivos de interesses materiais, ou por circunstâncias de visitas extemporâneas que lhes tomassem o tempo do cumprimento desses deveres.

O "Vem e segue-me" de Jesus não quer dizer: "abandona tudo e caminha comigo sem destino, como ciganos sem parada". E a prova, temo-la nestas passagens acima narradas, concordes nos Evangelhos Sinóticos: terminado o trabalho, não só os discípulos iam para suas casas, como o Mestre os acompanhava muitas vezes chegando até a permanecer com eles.

A fama de Jesus já corria por toda a Galiléia, e, com certeza, a sua pregação já devia ter maravilhado a assistência que enchia a sinagoga local; a repercussão da sua Palavra deveria ter-se feito ao longe, pois, no mesmo dia, ao pôr do Sol, inúmeros enfermos, e outros possuídos de espíritos malignos, enchiam a parte fronteira à casa de Pedro a fim de receberem daquelas mãos benditas pelos Céus, e que distribuía por toda a parte os tesouros do seu amor, a cura para os seus corpos e a libertação para as suas almas. Os enfermos, diz Lucas, não eram só nervosos, epiléticos e histéricos, porque as moléstias eram várias, inclusive a obsessão, ou seja a possessão por espíritos malignos, que outros chamavam demônios, como acontece atualmente.

E Jesus curou a todos.

Essas curas, que na verdade se têm produzido em todos os tempos, realçaram-se de modo nunca vista sob a autoria de Jesus, cujo poder, como dissemos, ultrapassava e (ultrapassa); todo entendimento humano.

E o interessante também é que o Mestre não queria o testemunho dos Espíritos obsessores que Ele expelia, pois preferia, para testemunho da sua Palavra e da sua ação, os fatos que se iam desdobrando aos olhos de todos. Daí a citação de Lucas: "Também de muitos saíam os demônios, gritando: Tu és o Filho de Deus.

Ele, repreendendo-os, não lhes permitia que falassem, porque sabiam que Ele era o Cristo."

55

Os Possessos Cadarenos

"Tendo ele chegado a outra banda, terra dos gadarenos, dois endemoninhados, em extremo furiosos, de modo que ninguém podia passar por aquele caminho, saindo dos túmulos, vieram-lhe ao encontro. E gritaram: Que temos nós contigo, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-mos antes do tempo? Ora, a alguma distância deles estava uma grande manada de porcos. E os demônios rogavam-lhe: Se nos expeles, envia-nos para a manada de porcos. Disse-lhes Jesus: Ide: E tendo eles saído, passaram para os porcos; e toda a manada precipitou-se pelo declive no mar, e ali se afogaram. Os pastores fugiram, foram à cidade e contaram todas estas coisas, e o que tinha acontecido aos endemoninhados. Então a cidade toda saiu ao encontro de Jesus; e, ao verem-no, rogaram-lhe que se retirasse daqueles termos." (Mateus, VIII, 28-34.)

"Chegaram ao outro lado do mar, ao território dos gerasenos. Quando Jesus desembarcou, veio logo ao

seu encontro, dos túmulos, um homem possesso de espírito imundo, o qual tinha ali a sua morada, e nem mesmo com cadeias podia já alguém segurá-lo; porque tendo sido muitas vezes seguro com grilhões e cadeias tinha quebrado as cadeias e despedaçado os grilhões, e ninguém tinha força para o subjugar; e sempre, de dia e de noite, gritava nos túmulos e nas montes, ferindo-se com pedras. Então vendo de longe a Jesus, correu para ele e a adorou, gritando em alta voz: Que tenho eu contigo, Filha de Deus Altíssimo? Por Deus te conjuro que não me atormentes. Pois Jesus lhe dissera: Espírito imundo sai desse homem. E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião e o meu nome, porque somos muitos. E rogava a Jesus com insistência que os não mandasse para fora do território. Ora pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos; e os espíritos imundos suplicaram-lhe, dizendo: Envia-nos para os porcos, a fim de que entremos neles. E ele o permitiu. E então eles, saindo, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se pelo declive do mar; e ali se afogaram. Os pastores fugiram e foram dar notícias disto nas cidades e nos campos; e muitos foram ver o que tinha acontecido. E chegando a Jesus, viram o endemoninhado que havia tido a legião, sentado, vestido e em perfeito Juízo; e ficaram com medo. Os que presenciaram o fato, contaram-lhes o que havia acontecido ao endemoninhado e aos porcos. E

começaram a rogar-lhe que se retirasse daqueles termos.

"Ao entrar ele na barca, aquele que fora endemoninhado rogou-lhe que o deixasse estar com ele. Jesus não o permitiu, mas disse-lhe: Vai para tua casa, para Teus parentes, e conta-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti. Retirando-se começou a publicar em Decápole tudo o que lhe havia feito Jesus; e todos ficaram maravilhados." (Marcos, V, 1-20.)

"Aportaram à terra dos gerasenos, que é fronteira à Galiléia. Depois de haver ele desembarcado, veio da cidade ao seu encontro um homem, possesso de demônios, que havia muito tempo não vestia roupa e não habitava em casa alguma, mas nos túmulos. Ele vendo a Jesus, gritou, caiu-lhe aos pés e disse em alta voz: Que tenha eu contigo, Jesus, Filho de Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes. Porque Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem. Pois muitas vezes se apoderava dele; e o homem era posto sob guarda e preso com algemas e grilhões, mas ele, partindo as cadeias, era impelido pelo demônio para os desertos. Perguntou-lhe Jesus: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião, porque eram muitos os demônios que nele haviam entrado. Estes lhe suplicaram que não os mandassem ir para o abismo. Ora, havia ali uma grande manada de porcos pastando no monte; e pediram-lhe que lhes

permittedes passar para eles. E foi-lhes permitido. E os demônios, tendo saído do homem, entraram nos parcos; e a manada precipitou-se pelo declive do lago e afogou-se. Quando os pastores viram o que havia acontecido, fugiram e foram contá-lo na cidade e nos campos. Então saiu o povo para ver o que se tinha passado; e foram ter com Jesus, a cujos pés encontraram sentado e vestido, e em perfeito juízo, o homem do qual tinham saído os demônios; e ficaram com medo.

"Os que haviam visto, contaram-lhes de que modo se realizara a cura do endemoninhado. E todo o povo da terra dos gerasenos rogou-lhe que se retirasse deles, pois estavam possuídos de grande medo; e Jesus entrou na barca e voltou. Mas o homem de quem tinham saído os demônios, suplicava-lhe que o deixasse acompanhá-lo. Jesus, porém, despediu-o dizendo: Volta para tua casa e conta tudo o que Deus te fez. E o homem partiu, publicando por toda a cidade tudo o que lhe fizera Jesus." (Lucas, VIII, 26-39.)

Sem explicação, ou mal explicadas, as escrituras não têm valor nenhum. Elas encerram verdades dignas de nota, e por isso não podem ser lidas como se lêem um conto ou um romance; precisam ser estudadas.

Estamos vendo, pelas narrativas dos três Evangelhos Sinóticos, acima exaradas, que não estão de acordo os três Evangelistas. Mateus fala de dois

endemoninhados, ao passo que Marcos e Lucas dizem que foi um.

O estudante atencioso começa logo a perder a confiança nos narradores e duvida que o fato tenha sido real, que se tivesse verificado a "milagre" da cura de um ou dois endemoninhadas, pela expulsão da "Legião" que os atormentava.

Tudo por que? Porque, em sua narração simples, cada qual se limitou a dizer o que ouvira de testemunhas fidedignas, deixando de dar minúcias mais características sobre o fato e os lugares onde ele ocorreu.

Mas os Evangelhos são Sinóticos, isto é, sintéticos, resumidos, em forma quase de súpula; constituem uma recapitulação de tudo o que ocorreu no tempo de Jesus, mas abreviadamente.

Daí a necessidade de penetrarmos mais no âmago dos escritores, seja para bem interpretarmos o seu pensamento, seja para nos inteirarmos mais até da parte histórica dos referidos livros.

É bem possível, pois, que Jesus não tivesse efetuado somente uma cura, a do geraseno referido no Evangelho de Lucas, e que concorda plenamente com a narrativa de Marcos. É provável que, além desta, se houvesse realizado a cura de mais dois infelizes perseguidos por uma "legião de espíritos maus".

Com efeito, Lucas e Marcos dizem que o paciente que sofria de constrangimento sob tal "legião" achava-

se na terra dos gerasenos, ao passo que Mateus narra o acontecimento como ocorrido em Gadara, isto é na terra dos gadarenos.

Parece-nos que são dois casos completamente distintos.

Os gerasenos eram de Gerasa, uma das cidades da Peréia, da costa do Mar Morto.

E os gadarenos eram da cidade de Gadara, hoje Kedar, cidade também da Peréia, que foi uma praça forte no tempo de Josefo.

Podemos concluir, por isso, que não foi uma única cura desse gênero que Jesus realizou, mas diversas, e das quais são lembradas, para exemplo, as citadas mais acima.

Os casos de obsessão, principalmente de subjugação, são sempre acionados por diversos espíritos. Quase nunca é um só que atua no paciente e os próprios investigadores científicos, nos casos que eles chamam de "histeria" e em outros de "loucura", notam a manifestação de mais de uma personalidade. Tanto que, em certos casos, qualificam o paciente como portador de dupla personalidade, quando se manifestam duas entidades; e de personalidades múltiplas, quando se manifestam muitas...

Quanto à parte fenomenológica, os cientistas e mesmo os médicos que não crêem no Espiritismo, não a negam. Procuram dar uma razão "do sangue, dos

nervos, da sífilis, da tara", mas afirmam o que estão vendo e o que os demais também vêem.

Mas, analisemos melhor o caso.

O restabelecimento dos enfermos seguiu-se logo após às ordens dadas por Jesus aos espíritos maléficos, pelo que se conclui que a causa da loucura daqueles homens não era uma causa física nem da espinha, nem do cérebro, nem dos nervos, mas sim uma causa psíquica e inteligente, embora essa inteligência fosse votada ao mal.

... Sublata causa, tollitur effectus, cessada a causa desapareceram os efeitos; expelidos os espíritos cessou a loucura, e os homens se restabeleceram.

Como conseguiu Jesus realizar essas curas?

Espírito puríssimo, de grande força moral, que vale muito mais que a força material, Jesus dominou os espíritos que tinham força física para se apoderarem dos outros, mas não tinham força moral para resistir às ordens superiores; tiveram de obedecer ao Enviado de Deus, que se permitiu "irem aos porcos", é porque "similia cum similia congregantur". "Os porcos de espíritos" devem andar com os "porcos animais".

Foi uma lição de moral que o Mestre quis deixar, para que os homens aprendam a limpar-se das mazelas morais que os deprimem, porque se não o fizerem, quando passados para a outra vida, em vez de irem para as alturas espirituais, permanecerão nas imundas manadas, sujeitos de um momento para outro a

ficarem submersos nos mares bravios do sofrimento, afogados nas ondas do desespero, sem encontrarem, por muito tempo, uma tábua de salvação à qual se agarrem.

A lição é toda comparativa, a letra da narração não nos deva interessar, como interessou aos pastores fugitivos e à população das duas cidades da Peréia a perda dos porcos.

Esse prejuízo nada representa no ensino espiritual.

Aos pastores e à população da cidade uma manada de porcos nada valeria, em comparação com a salvação de suas almas.

Nossa provável estranheza pela existência de uma manada de porcos na Peréia, visto que os judeus não comiam carne de porco, tem tanta importância quanto à da perda da manada. Demais, essa manada poderia ser de meia dúzia de porcos, embora não saibamos para que os gadarenos e os gerasenos os estariam cevando.

Outra parte interessante destas narrativas é a da manifestação dos espíritos, percebida pelos animais.

O animal inferior não pode ser médium de um espírito humano, como disse Allan Kardec, mas pode perceber, e, de fato, em certas e determinadas circunstâncias percebe os espíritos.

Os livros sagrados estão cheios dessas manifestações ou fenômenos. O Dr. Ernesto Bozzano

fez uma bela coletânea de fatos desse gênero, que pode ser consultada por todos os investigadores.

No Antigo Testamento vemos a Burra de Balaão retrocedendo pela visão que teve de um Espírito que, por ordem do Senhor, viera advertir a Balaão. Assim no caso da "legião aos porcos", não foram os espíritos que entraram nos porcos; estes, espavoridos com a visão que tiveram, ao fugirem precipitaram-se no mar.

De modo que, embora os homens neguem a existência e aparição dos Espíritos, estes fenômenos são tão verdadeiros que até os animais os percebem e podem, em determinadas circunstâncias, testemunhar a sua manifestação.

O Paralítico de Cafarnaum

"Jesus entrou numa barca, atravessou para o outro lado e foi a sua cidade. E trouxeram-lhe um paralítico deitado em um leito. Vendo Jesus a fé que eles tinham, disse ao paralítico: Tem animo, filho; perdoados são os teus pecados. Ora, alguns escribas disseram consigo: Este homem blasfema. Mas Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: por que pensais mal nos vossos corações? Que é mais fácil dizer: Perdoados são os

teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibas que o filho do homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados - disse então ao parálítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. E ele se levantou e foi para sua casa. Vendo isto as multidões, temeram e glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens." (Mateus, IX, 1-8.)

"Alguns dias depois voltou Jesus a Cafarnaum e soube-se que ele estava em casa. Muitos afluíram ali, a ponto de já não haver lugar nem junto à porta; e ele lhes dirigia a palavra. E trouxeram-lhe um parálítico, carregado por quatro homens. E não podendo apresentar-lho por causa da multidão, desladrilharam o eirado por cima de Jesus e, feita uma abertura, arrearam o leito em que jazia o parálítico. Vendo Jesus a fé que eles tinham, disse ao parálítico: Filho, perdoados são os teus pecados. Estavam, porém, ali sentados, alguns escribas que discorriam nos seus corações: Por que fala assim este homem? Ele blasfema; quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus? Mas Jesus, percebendo logo em seu espírito que eles assim discorriam dentro de si, perguntou-lhes: Por que discorreis sobre estas coisas em vossos corações? Que é mais fácil, dizer ao parálítico: Perdoados são os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados - disse ao parálítico:

A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. Ele então se levantou, e no mesmo instante tomando o seu leito, retirou-se à vista de todos; de modo que todos ficaram atônitos, e glorificaram a Deus, dizendo: nunca vimos coisa semelhante." (Marcos, II, 1-12.)

"Um dia em que ele estava ensinando, achavam-se assentados perto dele fariseus e doutores da Lei, vindos de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém; e o poder do Senhor estava com ele para curar. Vieram uns homens, trazendo um paralítico num leito, e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus. Não achando por onde introduzi-lo por causa da multidão, subiram ao eirado e, por entre os ladrilhos, o desceram no colchão para o meio de todos, diante de Jesus. E vendo este a fé que eles tinham, disse: Homem, são perdoados os teus pecados. Começaram os escribas e os fariseus a discorrer, dizendo: Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados senão só Deus? Mas Jesus, percebendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Que discorreis nos vossos corações? Que é mais fácil dizer: Perdoados são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados - disse ao paralítico: A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. Imediatamente se levantou diante deles, tomou o leito em que jazia e partiu para sua casa, glorificando a

Deus. Todos ficaram atônitos, glorificaram a Deus e encheram-se de temor, dizendo: Hoje vimos coisas extraordinárias." (Lucas V, 17-28.)

É costume das pessoas inteligentes, quando querem averiguar um fato que não presenciaram, inquirir, a respeito deles, várias testemunhas oculares. Os próprios leitores de jornais, quando encontram uma notícia sensacional, não se satisfazem com a primeira notícia, procuram outros jornais para melhor se inteirarem e tirar conclusões mais verdadeiras.

Em matéria de arte, ciência, indústria, etc; dá-se mesma coisa: um autor só não satisfaz; lê-se o que um diz, lê-se o que diz o outro, porque cada qual narra a seu modo ou ensina de acordo com o seu modo de exprimir, com os seus conhecimentos, conforme, enfim, a sua estatura moral, científica, artística ou filosófica.

O mesmo deve acontecer em relação aos estudos evangélicos. Existem três, quatro Evangelistas que trataram do assunto. Convém ouvir um, ouvir outro, ouvir mais outros dois, e mais deveriam ser ouvidos se mais autores houvesse de Evangelhos.

Destacar o que diz um Evangelista e interpretá-lo a esmo não é boa exegese, assim como destacar versículos que, desviados do texto, dão sentido ambíguo, não é ato de inteligência, mas, ordinariamente, de má fé.

O pão só pode ser apreciado na sua inteireza. Tirar o miolo e mostrar que é pão, ou a casca para fazer ver que está bem assado, pode deixar supor que, ou o pão está cru, ou a casca está queimada.

O Evangelho é Pão, e completo; é um conjunto maravilhoso que satisfaz a todos os paladares, aos que gostam de miolo, aos que mais apreciam a casca, finalmente, aos que preferem as duas coisas, casca e miolo.

A cura do paralítico de Cafarnaum, lido o relato dos três Evangelistas, é um fato que não admite contestação, pois foi presenciada por muita gente e todos que viram a sua execução, pelo que se depreende dos relatos, eram insuspeitos. Em primeiro lugar o enfermo, ou antes o paciente, que não poderia louvar a Deus e se dizer curado se, de fato, assim não tivesse acontecido. Depois os quatro carregadores, que eram partes interessadas na cura; depois os escribas, os fariseus, os doutores da Lei, que eram inimigos figadais de Jesus e que, tendo vindo de fora para verificar o que havia de verdade no Nazareno, se curvaram à evidência; por último a multidão, que ficou atônita com a maravilha e louvou a Deus, afirmando nunca ter visto coisa semelhante.

De modo que o fato deve ser aceito sem detença, como devem ser aceitos quaisquer fatos que, como fatos, impressionem os nossos cinco sentidos, ou qualquer dos nossos sentidos físicos.

Mas não basta aceitar o fato em si. De todos os fatos de semelhante natureza decorrem conclusões científicas, morais, filosóficas e religiosas.

Considerando a cura pelo lado científico, parece-nos que a atual ciência das academias não será capaz de explicá-la sem se valer dos costumados subterfúgios e da terminologia custosa que usa para "engazopar" os ignorantes.

A nosso ver, excluída a Teoria Espírita, essa cura não tem explicação.

As religiões explicam-na com a palavra milagre; a Ciência com as palavras sugestão, hipnotismo.

Já fizemos referência ao modo científico por que se operam essas curas e como temos, ainda, de tratar de muitas outras descritas nos Evangelhos, deixamos aos leitores o estudo dessa parte para nos referirmos a outras de não menos importância.

O lado moral da cura do paralítico é bem digno de meditação, quer considerando a necessidade da moral no enfermo para se libertar do mal, quer considerando o pensamento íntimo de Jesus, de dar moral aos assistentes para que também eles não viessem a ficar paralíticos como aconteceu àquele que lhe foi apresentado carregado por quatro homens.

Segundo nos parece a paralisia é uma cessação de grande parte da vida física, para que a vida espiritual tenha ação. É assim que, somente quando essa paralisiação se manifesta em sua totalidade, ou seja,

definitivamente no corpo todo, que o espírito vive, sente-se vivo, e o homem, embora não tenha disso pleno conhecimento, como acontece com muitos que "morrem" e acusam-se vivos. Fatos dessa natureza existem aos milhares.

De modo que, enfermo há muitos anos, o paralítico, retirado das atrações mundanas, teve de se adaptar a uma outra vida; e, como se achava isolado e sentia-se oprimido, foi-se orientando para Deus; veio-lhe então a fé e uma moral libertadora o envolveu aos poucos, até que, no momento em que foi apresentado a Jesus, já estava apto para "receber o perdão da imoralidade em que se mantivera" por muito tempo e preparado para receber a ação fluídico-terapêutica do Grande Médico.

Por outro lado, essa influência moral não podia deixar de afetar os convivas e todos os assistentes.

A influência do progresso não só afeta o corpo, como também a alma. Saído o espírito da imobilidade em que permanece às vezes em várias existências, precisa ele caminhar para não se paralisar, e não lhe acontecer o que aconteceu ao paralítico, que ficou com os membros anquilosados.

A permanência numa crença cega que não permite o progresso, que não ilumina, que não consola, que não orienta o futuro, é uma paralisação de espírito. A permanência no orgulho, no egoísmo, na vaidade, nas

paixões más, é a causa da paralisia até do corpo, como aconteceu ao "paralítico de Cafarnaum".

Ressurreição da Filha de Jairo

"Enquanto assim lhes falava, veio um chefe da sinagoga e adorava-o, dizendo: Neste momento acaba de expirar minha filha; mas vem, põe tua mão sobre ela e viverá. E Jesus, levantando-se, o foi seguindo com seus discípulos."

"Quando Jesus chegou á casa do chefe da sinagoga, vendo os tocadores de flauta e a multidão em alvoroço disse: Retirai-vos; pois a menina não está morta; mas sim dormindo. E riam-se dele. Mas retirada a multidão, entrou Jesus, tomou a menina pela mão e ela se levantou. E a fama deste fato correu por toda aquela terra." (Mateus, IX, 18, 19, 23, 24, 25, e 26.)

"Tendo Jesus voltado na barca para o outro lado, afluiu para ele uma grande multidão, e ele estava á beira do mar. Chegou-se a ele um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo; e vendo-o lançou-se-lhe aos pés e rogou-lhe com instância, dizendo: minha filhinha está a expirar; suplico-te que venhas pôr as mãos sobre

ela, para que sare e viva. Jesus foi com ele. E uma grande multidão seguiu-o e apertava-o."

"Ele ainda falava quando vieram pessoas da casa do chefe da sinagoga, dizendo a este: Tua filha já morreu; por que incomodas mais o Mestre? Jesus, sem atender a estas palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente. E não permitiu que ninguém o acompanhasse senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Tendo eles chegado á casa do chefe da sinagoga, viu Jesus um alvoroço e os que choravam e faziam grande pranto; e tendo entrado disse-lhes: por que fazeis alvoroço e chorais? A menina não está morta, mas sim dormindo. E riam-se dele. Tendo, porém, feito sair a todos, ele tomou consigo o pai e a mãe da menina e os que com ele vieram e entrou onde estava a menina. E tomando-a pela mão, disse-lhe: "Talita cumi", que quer dizer: Menina, eu te digo, levanta-te. Imediatamente ela se levantou e começou a andar; pois tinha doze anos. Então eles ficaram sobremaneira admirados. E Jesus recomendou-lhes expressamente que ninguém o soubesse, e mandou que lhe dessem de comer." (Marcos, 5-22 a 24; 35-43.)

"Quando regressou, foi Jesus bem recebido pelo povo e todos o esperavam. E veio um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga e, prostrando-se aos pés de Jesus, suplicou-lhe que chegasse á sua casa, porque tinha uma única filha, de

cerca de 12 anos, que estava á morte. Enquanto ele ia a multidão o apertava."

"Quando ele ainda falava, veio uma pessoa da casa do chefe da sinagoga, dizendo a este: Tua filha morreu, não incomodes mais o Mestre. Ouvindo isto, disse-lhe Jesus: não temas, crê somente e ela será salva. Tendo chegado á casa, não permitiu que ninguém entrasse com ele, senão Pedro, João e Tiago e o pai e a mãe da menina. Todos choravam e a pranteavam. Mas ele disse: Não choreis, ela não está morta, mas sim dormindo. E riam-se dele, porque sabiam que ela estava morta. Porém ele, tomando-a pela mão, disse em voz alta: Menina, levanta-te. E voltou o seu espírito, e ela se levantou imediatamente, e ele mandou que lhe dessem de comer."

"Seus pais encheram-se de pasmor; e ele lhes advertiu que a ninguém contassem o que havia acontecido." (Lucas, VIII, 41-42; 49-56.)

É este um caso característico de catalepsia, ou síncope, acidente muito comum naquele tempo e que era recebido como a morte, tanto assim que, sem curarem os pacientes, enterravam-nos imediatamente. Quantas dolorosas provações houve naquela época justamente pelo fato de não se tomar precaução alguma antes de enterrar um corpo!

No capítulo V dos Atos dos Apóstolos, vemos o enterro imediato de Ananias e Safira, sua mulher, sem nenhum exame.

Qualquer ataque que não cessasse imediatamente, Entorpecesse a inteligência e aparentasse rigidez dos membros, era sinal de morte, e a inumação era imediata.

O Mestre, não há dúvida, portanto, ressuscitou a filha de Jairo porque, se não chegasse a tempo, ela iria para a sepultura imediatamente e então morreria. Na casa já estavam os Flautistas, as carpideiras e a multidão em alvoroço e algazarra para acompanhar o enterro.

Mas como se deu a cura?

Não é difícil explicar pelo Espiritismo. A morte é a separação da alma do corpo, devido a deficiência do fluido vital. Assim, nos casos de síncope e catalepsia, há desequilíbrio do fluido vital. Jesus, conhecedor das leis dos fluidos e da natureza humana, pelo seu amplo poder magnético preencheu a deficiência do fluido na menina, deficiência que proibia o espírito de agir naturalmente sobre o corpo; equilibrando esse fluido por todo o organismo, restituiu a saúde á paciente: ela pode tomar posse do seu corpo.

Allan Kardec trata magistralmente desses casos e não deixaremos de lembrar as palavras do Mestre quando tratarmos da "ressurreição de Lázaro".

O que interessa agora não é o lado científico da cura, mas o lado moral; o quanto pode fazer aquele que tem conhecimentos e tem fé, aquele que se dedica ao bem do próximo.

Se Jesus fosse sectário e mercador, não iria à casa de Jairo, pois este era sacerdote fariseu, contrário à sua Doutrina; ou então iria com intenções de mercancia, o que desdouraria a sua missão. Demais, Ele quis mostrar que a Religião não é museu nem teatro, aonde se vai ver o que prende a nossa curiosidade, ou ouvir o que nos deleita.

A Religião é o exercício do Bem em todos os sentidos, material, moral e espiritual.

Ele quis dar essa lição a Jairo e aos seus companheiros; na mesma ocasião em que fazia um benefício à filha daquele sacerdote, proporcionava a consolação, a alegria ao próprio sacerdote e ensinava aos "flautistas", às "carpideiras" que entoar cânticos, fazer alvoroço, exclamar lamentações, chorar e prantear, nada vale. O que teve valor nesse caso foi o benefício, foi a ação de misericórdia, de caridade, de benevolência, como sói acontecer em todos os casos em que se teme a morte do corpo e a morte do espírito pelo desvio dos preceitos cristãos.

A palavra de Jesus: "Menina, levanta-te", foi o que beneficiou a todos, e, não, o alarido, os risos sardônicos e estúpidos, da caterva que rodeava a pretensa "defunta".

Outra lição aprendemos: Nos momentos difíceis da vida, é preciso voltar os olhos para os céus e chamar a Jesus.

Temos este exemplo em Jairo, que não confiou no seu sacerdócio, na sua família, nos médicos da época, nem na multidão que se apinhou em sua casa.

Precisamos fazer mais uma consideração: afastar a plebe ignara que costuma rodear os leitos de enfermos e sobretudo mortuários. Selecionar o mais possível as gentes que afluem em semelhantes casos, e deixar o resto ao cuidado de Jesus, que nos enviará somente os seus emissários de faculdades idênticas às de Pedro, Tiago e João. Lembremo-nos sempre de que no quarto onde a menina estava "morta", para que se pudesse efetuar a "ressurreição", o Mestre somente permitiu a permanência do pai e da mãe da paciente, além da dos três discípulos referidos.

É o que nos ensina este Evangelho.

Não abordamos o trecho da "Cura da Mulher Hemorrágica" por já haveremos feito considerações sobre o mesmo na obra Parábolas e Ensinos de Jesus, que recomendamos aos estudiosos.

O Homem de Mão Seca

"Entrou Jesus na sinagoga. E achava-se ali um homem que tinha seca uma das mãos; e para poderem

acusar a Jesus perguntaram-lhe: É lícito curar nos sábados? Ele respondeu: Qual de vós, tendo uma ovelha, se ela ao sábado cair em uma cova, não lançará mão dela para tirá-la? Ora quanto mais vale um homem, que uma ovelha! Logo é lícito fazer o bem nos sábados. Então disse ao homem: Estende a tua mão. Ele a estendeu; e a mão ficou sã como a outra." (Mateus, XII, 9-13.)

"Entrou Jesus outra vez numa sinagoga, onde se achava um homem que tinha uma das mãos ressecada. E observavam-no para ver se curaria o homem em dia de sábado, a fim de o acusarem. Disse Jesus ao homem que tinha a mão ressecada; Levanta-te e vem para o meio de nós. Então lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? Mas eles guardaram silêncio. E olhando com indignação para aqueles que o rodeavam, contristado pela dureza de seus corações, disse ao homem; Estende a tua mão. Ele a estendeu: e a mão lhe foi restabelecida." (Marcos, III, 2-5.)

"Em outro sábado entrou na sinagoga e pôs-se a ensinar: ora ali se achava um homem que tinha a mão direita seca; e os escribas e fariseus observavam-no para ver se ele curava nesse dia, a fim de acharem pretexto para o acusar. Mas ele, conhecendo-lhes os pensamentos, disse ao homem que tinha a mão seca: levanta-te e fica no meio de nós; e ele, levantando-se, ficou em pé. Disse-lhe Jesus: Pergunto-vos: É lícito no

sábado fazer o bem ou o mal; salvar a vida ou tirá-la? E depois de olhar para todos os que o rodeavam, disse ao homem: Estende a tua mão. Ele a estendeu, e a mão lhe foi restabelecida." (Lucas, VI, 6-10.)

Procuramos a significação desta passagem, narrada pelos três Evangelistas, no Catolicismo e no Protestantismo, e tanto uma doutrina como a outra se limitam a atribuir a "cura do homem da mão mirrada" a um "milagre".

Em vez de nos explicarem a cura pelo seu lado científico e moral, dando-nos esclarecimentos que certamente nos seriam proveitosos, essas duas seitas dominantes se aproveitam ainda desta e de outras passagens semelhantes dos Evangelhos para proclamarem a deificação de Jesus.

"Sendo Jesus a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Verdadeiro Deus, dizem os corifeus dessas religiões, fácil se torna compreender que, por um ato de sua vontade pudesse fazer tudo isso e mais ainda."

E com estas palavras que nada dizem, crêem esses sacerdotes ter explicado o que eles mesmos não compreendem.

O Espiritismo, desbravando o campo dos milagres, explica satisfatoriamente estes e outros trechos, vedados à inteligência humana pelo dogma e pelo sobrenatural.

Primeiramente, verificamos que, não havendo efeito sem causa, aquela mão mirrada forçosamente

deveria ser a conseqüência de algum ato bem pouco digno de uma causa nobre.

Não fora certamente pelos benefícios saídos daquela "mão" que ela se tornara "seca"; não fora com certeza pelos pães que oferecera aos famintos, pelos vestidos que dera aos maltrapilhos, pelos copos de água com que matara a sede das criaturas do Senhor. Fora pelo mal que fizera, e pelo bem que deixara de fazer, porque a peça de uma máquina qualquer, trabalhando mal ou não trabalhando. e tornando-se, portanto, defeituosa, é retirada da máquina, enferruja porque fica inativa e mirra, quebrando-se com qualquer pancada.

Assim acontece com os nossos membros.

E de quem é a culpa? Sempre do maquinista que com ela trabalha, no caso da peça gasta da máquina.

E no caso da "mão mirrada"?

Também do condutor da máquina, do condutor do corpo, que é o espírito.

E por que sofrera unicamente a "mão", permanecendo todo o restante do corpo em bom estado? Porque o mal fora feito com aquele órgão e a reparação do mal, depois da expiação, também deveria ser feita com o mesmo órgão.

A alma primeiramente expia a falta, depois a repara.

O homem primeiramente tivera seca a sua mão para depois de curado por Jesus, ir com a "mão" então sã, reparar o mal causado com a mesma mão.

Disse Jesus ao homem: Estende a tua mão, e a mão foi-lhe restabelecida."

Não sabemos o que Jesus teria dito depois ao homem. Mas com certeza aconselhou-o: "Doravante estende sempre a tua mão, mas estende-a para o bem, pois já a estendeste muito para o mal. E se estendendo-a para o mal viste o efeito desse ato, se a estenderes para o bem o efeito será ainda mais pronto, mas ao inverso do resultado que obtiveste, porque quem planta boa semente, bons frutos colhe, e quem semeia ventos há de colher tempestades."

Esta é a primeira lição que na esfera moral o Espiritismo nos dá na referida passagem.

Agora passemos a outra consideração.

Os escribas e fariseus não viam com bons olhos o trabalho no sábado, como os católicos e protestantes não aprovam, hoje, os trabalhos realizados no domingo.

O domingo é para ouvir missas, cantar hinos, encher as igrejas e nada mais, assim como antigamente a mesma coisa exigiam os escribas e fariseus nos sábados.

Todos eles, estes e aqueles, têm até penas severas para os que infringem a Lei do Sábado, a Lei do Domingo.

Por isso eles ruminavam pensamentos de revolta, cogitando em seus corações se Jesus ousaria "contaminar" o sábado, curando nesse dia um "homem de mão mirrada".

Mas à interpelação do Mestre - "é lícito... ?" nenhum respondeu, porque o preceito do sábado era mero artigo de fé, do qual eles não tinham plena convicção. Todos se calaram à pergunta de Jesus.

E para demonstrar que a Religião não é guardar sábados nem domingos, mas sim fazer o bem, Jesus disse ao "maneta", "estende a tua mão; ele a estendeu e a mão ficou sã como a outra."

A finalidade desta lição consiste no preceito que a mesma Doutrina do Cristo nos recomenda, de fazer o bem até aos nossos inimigos: "Vai pelo mundo repartir com os teus semelhantes o bem que nessa mão recebeste. Dá com ela o pão ao faminto, a água ao peregrino, a roupa ao envergonhado pela nudez, as carícias ao aflito; transmite com ela os afetos do teu coração aos maus e ingratos, para que eles vejam que o Senhor também não se esquece deles próprios."

"Quando chegaram à multidão, procurou a Jesus um homem que, ajoelhando-se diante dele, disse: Senhor, compadece-te de meu filho, porque é epiléptico, e vai mal; pois muitas vezes cai no fogo e muitas outras na água. Eu o trouxe a teus discípulos, e eles não puderam curá-lo. Jesus exclamou: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. E Jesus ameaçou o demônio, o qual saiu do menino; e desde aquela hora ficou o menino curado." (Mateus, XVII, 14-18.)

"E quando se aproximou dos discípulos, viu uma grande multidão que os rodeava, e alguns escribas discutindo com eles. Imediatamente toda a multidão, vendo a Jesus ficou muito surpreendida e, correndo para ele, o saudava. Ele lhes perguntou: Que estais discutindo com eles? Respondeu-lhe um da multidão: Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso dum espírito mudo, e este onde quer que o apanha, o lança por terra; e ele espuma, range os dentes e vai definhando; roguei aos teus discípulos que o expelisses, e eles não puderam. Disse-lhes Jesus: ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo. Então lho trouxeram. E ao ver a Jesus, logo o espírito o convulsionou; e ele caiu por terra e se estorceu espumando. Perguntou Jesus ao pai dele: Há quanto tempo acontece-lhe isto? Respondeu ele: Desde a infância; e muitas vezes o tem

lançado tanto no fogo como na água, para o destruir; mas se podes alguma coisa, compadece-te de nós e ajuda-nos. Disse-lhe Jesus: se tu podes crer; tudo é possível ao que crê. Imediatamente o pai do menino exclamou: Creio! Ajuda a minha incredulidade! E Jesus vendo que uma multidão afluía, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo, e surdo, eu te ordeno, sai dele, e nunca mais nele entres. E gritando e agitando-o muito, saiu; e o menino ficou como morto, de maneira que a maior parte do povo dizia: morreu. Jesus, porém tomando-o pela mão, ergueu-o; e ele ficou em pé. Depois que entrou em casa, perguntaram-lhe os seus discípulos particularmente: Como é que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: esta espécie só pode sair à força de oração." (Marcos, IX, 14-29.)

"No dia seguinte, quando desceram do monte, uma grande multidão foi encontrá-lo. E do meio da multidão um homem clamou: Mestre, suplico-te que ponhas os olhos no meu filho porque é o único que tenho; e um espírito apodera-se dele, fá-lo gritar subitamente, convulsiona-o até escumar e dificilmente o deixa, tirando-lhe todas as forças. Supliquei aos Teus discípulos que o expelissem, mas não puderam. Respondeu Jesus: ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco e vos sofrerei? Traze aqui o teu filho. Quando se ia aproximando, o espírito atirou o menino ao chão e convulsionou-o mas Jesus

repreendeu o espírito imundo, curou o menino e o entregou a seu pai. E maravilharam-se todos da grandeza de Deus." (Lucas, IX, 37-43.)

"Três ilustres testemunhas, com aquela simplicidade com que a Verdade costuma ser apresentada, narram um caso bem interessante de cura de um pobre enfermo que não encontrara, na ciência da Terra, remédio para os seus males. E afirmam que "um espírito imundo, surdo e mudo" tomava o corpo de um menino seu contemporâneo, sendo que nenhum dos apóstolos conseguira expeli-lo.

É preciso, entretanto, considerar que, se as narrativas estão de acordo quanto à cura efetuada, não estão, porém, quanto à parte referente à doença do menino.

Mateus fala de um epilético, ao passo que Marcos e Lucas falam de um possesso de espírito.

Qual deles estará mais consoante com a verdade? Cremos que estes dois últimos; primeiro, porque sendo Lucas médico, não redigiria seu evangelho como o fez, se houvesse probabilidade de se tratar de epilepsia; segundo, porque o próprio Mateus conclui afirmando que "Jesus ameaçou o demônio, o qual saiu do menino", e desde aquela hora ficou o menino curado; terceiro, porque Jesus, na seu tratamento, opinou pelo diagnóstico de possessão, tratamento esse que deu resultado.

Este caso de cura de possessão é, talvez, o mais importante de todos os que os Evangelistas narram, pois todos eles concordam em que o doente apresentado aos discípulos, não fora por estes curado, e Jesus, inquirido por eles do motivo que os impedia de efetuar a cura, respondeu ser preciso muita pureza da alma para conseguir expelir espírito de tal natureza: "Esta espécie só pede sair à força de oração."

De fato, segundo nossas observações na prática espírita, os espíritos de pior laia, são, com efeito, os espíritos mudos e surdos - não atendem às exortações, não aceitam conselhos, não obedecem a razões e não há sentimento, por mais generoso que seja, que os comova. Pôr isso o Evangelho os classifica de imundos.

Para expeli-lo é preciso uma grande força magnética, duplicada ainda pelo auxílio de um Espírito Superior, cuja atração conseguimos pela prece, mas a prece racional, inteligente, emotiva, divina. Eles só se rendem pela força das circunstâncias, pela oposição formal e cheia de ação ao seu nefasto domínio.

Foi, com certeza, este o processo que Jesus usou para tirar a ação que tão maligno espírito exercia sobre o menino.

Espírito de superior grandeza, o Divino Mestre, conhecedor de todos os fluidos, opôs com a sua poderosa força de vontade, fluidos desagregantes aos fluidos que o "espírito mudo" congregava para se aliar

aos fluidos perispirituais e vitais do menino, e rechaçou o ser "maligno" com as palavras: "Sai dele e nunca mais entres nele.

Um fato, porém, que nos proporciona substancial lição, é o colóquio que com Jesus teve o pai do menino, quando lhe fez a rogativa: "Se podes alguma coisa, compadece-te de nós e ajuda-nos." Ao que Jesus respondeu: "Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê." E imediatamente o pai do menino exclamou: "Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade."

Belas palavras que enchem de esperança os desanimados e, ao mesmo tempo, nos ensinam que o impossível é termo sem significação, só pronunciado pelos ignorantes.

Quantos impossíveis têm caído ante a ação constante da boa vontade e do esforço! Quantos impossíveis se têm apresentado aos nossos olhos como esfinge devoradora e vão por terra, de um momento para outro, à ordem imperiosa da prece que parte de um coração aflito e crente na misericórdia do Céu!

Quantas vezes todas as portas, diante das quais nos achamos, parecem fechar-se duramente para não mais se abrirem, e, no dia seguinte, as dificuldades são resolvidas, as lutas afastadas, e, em vez de uma atmosfera negra na qual nos mantínhamos sem nos podermos mover, raia uma claridade celeste a abrir novas veredas por onde nos encaminhamos com sucesso inesperado e com vigor tão admirável que nós

mesmos não sabemos como se operou tal transformação!

"Tudo é possível àquele que crê", e, quando a crença que nos mantém não basta para removermos sicômoros e transportarmos montanhas, lembremo-nos da exclamação do "pai do menino": "Creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade!"

Creio, Senhor, que tudo o que dizes é verdade e que podes fazer prevalecer a tua Palavra, mas a minha pequenez é tal que a crença que tenho não basta para o "milagre" ser operado; ajuda-me para que a incredulidade se afaste para longe de mim, e eu possa, cheio de confiança no teu poder, na tua bondade, na tua sabedoria, no teu amor, obter o que desejo, porque ao que crê tudo é possível e tu podes fazer tudo o que é de bom para o nosso bem-estar físico e espiritual!

Os Cegos - Bartimeu e os de Jericó

"Saindo eles de Jericó, acompanhou a Jesus uma grande multidão. E dois cegos, sentados à beira do caminho, sabendo que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós! E a

multidão mandou que se calassem; mas eles clamavam cada vez mais: Tem compaixão de nós, Senhor, Filho de Davi! E Jesus, parando, chamou-os e perguntou-lhes: Que desejais que eu vos faça? Responderam: Senhor, que se nos abram os olhos. Jesus, condoído, tocou-lhes os olhos; e no mesmo instante recuperaram a vista, e seguiram-no." (Mateus, XX, 29-34.)

"E chegaram a Jericó. Ao sair Jesus da cidade com seus discípulos e com uma grande multidão, estava sentado à beira da estrada um cego mendigo, chamado Bartimeu, filho de Timeu. E quando soube que era Jesus, o Nazareno, começou a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim. Muitos mandaram que se calasse, mas ele chamava ainda mais: Filho de Davi, tem compaixão de mim! Então Jesus parou e disse: Chamai-o. E chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem ânimo; levanta-te; ele te chama. E lançando de si a sua capa, de um salto levantou-se e foi ter com Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Que queres que eu te faça? Respondeu-lhe o cego: Mestre, que eu tenha vista. Disse-lhe Jesus: Vai, a tua fé te curou. E no mesmo instante recebeu a vista, e o foi seguindo pela estrada." (Marcos, X, 46-52.)

"Ao aproximar-se ele de Jericó, um cego estava sentado à beira do caminho. Ouvindo passar a multidão, perguntou ele o que era aquilo. Responderam-lhe: É Jesus, o Nazareno, que vai passando. Então clamou: Jesus, Filho de Davi, tem

compaixão de mim! E os que iam adiante mandavam que se calasse, mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem compaixão de mim! Parando Jesus, mandou que lho trouxessem. E tendo ele chegado, perguntou-lhe: Que queres que eu te faça? Respondeu ele: Senhor, que eu tenha vista. Disse-lhe Jesus: Vê, a tua fé te curou: Imediatamente viu e seguiu a Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isto, deu louvor a Deus." (Lucas, XVIII, 35-43.)

Postos em concordância estes três Evangelhos, uma coisa nos vem à mente, e é a que Jesus não foi a Jericó uma só vez, mas sim diversas vezes. E entre todas as vezes que para lá se dirigiu, em duas delas curou cegos: uma vez foi Bartimeu, filho de Timeu, quem recebeu a graça; outra vez foram outros dois cegos que também foram agraciados com a restituição da vista.

Os casos de curas em Jericó parecem semelhantes aos casos dos gerasenos e gadarenos, de que já tratamos. A não ser assim, não estão em concordância os Evangelhos, porque um Evangelista fala de dois cegos, e outros dois falam de um cego. É, pois, provável, que Mateus fizesse a narrativa da cura dos cegos que numa das viagens de Jesus àquela paragem obtiveram a graça da vista; e Marcos e Lucas narram a cura do filho de Timeu, operada em outra viagem do Nazareno a Jericó.

Jericó era uma cidade muito importante na Palestina, distando apenas 23 quilômetros de

Jerusalém, onde, provavelmente, Jesus foi muitas vezes, durante a sua missão. Nessa cidade é que morava Zaqueu, chefe dos publicanos.

Na parábola do Samaritano o Mestre faz menção de Jericó o que indica claramente que era uma cidade pela qual passara diversas vezes, e que se salientava na Palestina.

Seja como for, os casos de curas que se salientam nos Evangelhos são bastante substanciosos e deveriam chamar a atenção dos doentes e também a dos médicos sobre o modo por que Jesus restabelecia os enfermos.

Não se utilizando Jesus de medicamento algum, os seus enfermos se restabeleciam com a recepção dos fluidos magnéticos emanados de tão ilustre Espírito.

A cegueira é uma enfermidade curável em certos casos, mas qual o médico que já restabeleceu a vista a um cego, unicamente com a virtude da palavra?

Podia também a cegueira ter por causa a ação de um Espírito maléfico que, para se vingar de Bartimeu ou dos outros dois cegos, dirigisse fluidos deprimentes sobre o nervo óptico ou mesmo sobre a retina de qualquer dos cegos.

Conhecida hoje a ação dos fluidos, e as obsessões que se verificam a todos os momentos produzindo moléstias que enganam os mais perspicazes facultativos, não há negar a probabilidade de tais afecções terem por causa um mal psíquico.

Mas o importante da narrativa é que os cegos curados, cheios de reconhecimento pelo benefício que acabaram de receber, seguiram a Jesus.

Eles não fizeram como aquela gente que havia comido o pão e se havia fartado, por ocasião da multiplicação dos pães e dos peixes, no deserto. A ação do Mestre não lhes afetou superficialmente o cérebro: gravou-se-Ihes no coração e ficou inscrita em seus espíritos com letras indeléveis.

Esse trecho, concorde em todos os Evangelhos: "seguiram a Jesus" é o que constitui a moral do ensino. Quantos recebem dádivas, favores, e dão as costas a Jesus, depois de haverem recebido sua graça, sua misericórdia!

A gratidão é uma virtude ainda muito rara, como o era antigamente, e quando três cegos curados chegam a seguir a Jesus, quantos videntes, de olhos bem abertos, não o seguem!

No tempo antigo contam-se esses três, que, tendo recebido a cura, seguiram a Jesus; mas antes, diz o Evangelho, uma multidão de 5.000 pessoas havia comido o pão e o peixe que o Nazareno lhes oferecera no deserto, e não o seguiram.

"Então chegaram a Betsaida. E trouxeram-lhe um cego e pediram-lhe que o tocasse. Jesus, tomando o cego pela mão conduziu-o para fora da aldeia; e cuspiendo-lhe nos olhos, pôs as mãos sobre ele, e perguntou-lhe: Vês alguma coisa? Este, elevando os olhos, respondeu: Vejo os homens, porque, como árvores, os percebo andando. Então lhe pôs outra vez as mãos sobre os olhos; e ele olhando atentamente, ficou são; e distinguiu tudo com clareza. Depois o mandou para sua casa e disse: Não entres nem na aldeia." (Marcos, VIII, 22-26.)

Betsaida, cidade da Palestina, da tribo de Zabulon, próxima de Cafarnaum e perto da margem ocidental do Lago Genesaré. Betsaida significa literalmente a "região da pesca". Foi a pátria dos discípulos de Jesus - Pedro, André e Filipe.

Betsaida foi uma das cidades da Palestina em que Jesus operou os maiores e mais numerosos prodígios, e cuja população foi a mais endurecida e obstinada em não seguir os ditames do Mestre. Parecia uma gente que se limitava a observar "milagres" e a pedir "prodígios".

Pela narração de Marcos vemos que logo que Jesus chegou a Betsaida com seus discípulos, trouxeram-lhe um cego e lhe pediram que o tocasse.

Jesus acedeu à solicitação, mas conduziu o paciente para fora da aldeia, longe do contacto com os curiosos

que se limitavam a ver novidades. Aliás, o Mestre agia sempre desse modo quando julgava por bem restituir a saúde a um enfermo. O meio tem considerável influência nestas manifestações, que requerem ambiente especial para que o sucesso seja como se deseja.

Assim "fora da aldeia", o Divino Médico, tirando dos seus próprios lábios o remédio que deveria vitalizar as células componentes do aparelho óptico, aplicou-o aos olhos do cego, impôs depois sobre ele suas puríssimas mãos portadoras do veículo magnético do Amor, e perguntou-lhe: "Vês alguma coisa?"

Como sói acontecer a todos os cegos que recuperam repentinamente a vista, os objetos lhe pareceram muito maiores e ele viu os homens andando, mas de tamanho desmesurado; pelo que respondeu: "Vejo os homens como as árvores e os percebo andando."

Jesus então, desta vez, pôs novamente suas mãos nele, mas sobre os olhos, e, restabelecido, o oprimido disse distinguir tudo com clareza.

Esta cura não foi instantânea, mas precisou de ações reiteradas de fluidos magnéticos, como se nota atualmente no tratamento pelo Magnetismo.

Entretanto, colhemos uma lição de inestimável proveito em tudo isso, e refere-se à passagem do Espírito, da materialidade em que está, para a

espiritualidade, da ignorância para a sabedoria, das trevas para a luz.

Ele não adquire, como o cego não adquiriu, repentinamente a vidência da Verdade; passa por um estado de confusão, assim como o cego - vendo, mas vendo homens como árvores, até que possa distinguir claramente a realidade.

O materialista, o católico, o protestante, em sua ignorância das coisas espirituais, ao transporem a cegueira da negação ou dos dogmas que os oprimem, não ficam de posse instantânea da Verdade Espírita.

É como um edifício, que não pode ser retirado de momento do lugar que ocupa, e ser substituído por outro edifício novo de mais fortaleza e estética. Tem de ser derribado, e os escombros removidos para que ao novo edifício seja dado um alicerce adequado e sólido. E enquanto se efetua esse trabalho de transformação, há uma certa confusão de cal, areia, cimento, pedras, tijolos, telhas, madeira, ferro, sem que o arquiteto possa colocar, combinar tudo em seus lugares. Só depois de todo o trabalho, que demora algum tempo, é que o novo edifício aparece, segundo o plano traçado anteriormente.

Finalmente, a lição da cura do cego é a lição do triunfo da Verdade na sua luta contra a falsidade. Ela deixa ver, ao mesmo tempo, que Jesus, seja no plano físico, seja na esfera espiritual, veio tirar o homem do abismo das trevas para a região da luz, e bem-

aventurados serão aqueles que, dóceis à ação do Mestre, conseguirem, como o "cego de Betsaida", a visão do mundo com suas aparências enganadoras e a visão das coisas espirituais com suas claridades e esplendores.

Mas, é complemento objetivo, condição terminante, tanto ao cego do corpo como ao cego da alma, não voltar mais à aldeia em que estava; "Vai para a tua casa, na aldeia nem entres".

A Cura da Filha da Mulher Sirofenícia

"Tendo saído Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e de Sidon. E uma mulher Cananéia, que tinha vindo daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. Todavia ele não lhe respondeu palavra. E chegando seus discípulos, rogaram-lhe: Despede-a porque vem clamando atrás de nós, Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas de Israel. Contudo, ela aproximando-se, o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me! Ele respondeu: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, porém, replicou:

Assim é, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos. Então lhe disse Jesus: ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres! E desde aquela hora sua filha ficou sã." (Mateus, XV, 21-28.)

"Levantando-se, saiu dali para as fronteiras de Tiro. E entrando numa casa, quis que ninguém o soubesse, e não pôde ocultar-se; uma mulher, porém, cuja filha estava possessa de um espírito imundo, ouvindo logo falar dele, foi e prostou-se aos pés (a mulher era gentia de origem sirofenícia); e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio. Ele lhe disse: Deixa primeiro que se fartem os filhos; porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, porém, replicou: Assim é, Senhor, mas até os cachorrinhos debaixo da mesa comem as migalhas que as crianças deixam. Ele então lhe disse: Por estas palavras, vai-te; o demônio já saiu de tua filha. Ela voltando para sua casa, achou a menina deitada na cama, e o demônio havia saído". (Marcos, VII, 24-30.)

Jesus tinha consciência de que sua missão na terra não seria em vão.

O principal escopo da sua vinda a este mundo, como se vê bem claro nesta passagem dos Evangelhos, foi arrebanhar as "ovelhas perdidas de Israel."

De fato, o Mestre nunca teve a pretensão de converter o mundo. Sabia mesmo que este milagre, por

muito boa vontade que ele tivesse, era impossível de se realizar.

Sendo os habitantes da Terra espíritos de várias categorias e em condições de grande atraso espiritual, moral e científico, a sua Doutrina não poderia ser compreendida e aceita por eles. Só depois de uma evolução mais acentuada pela Lei da Reencarnação, como foi anunciada a Nicodemos, chegariam eles à compreensão da Lei do Amor, que é a síntese dos Ensinos Cristãos.

De modo que, como se nos depara nos Evangelhos, o mundo não podia receber a Palavra da Vida, como não a recebeu, embora o Mestre a anunciasse a todos, sem distinção de pessoas, porque as graças de Deus não fazem distinção entre judeu e gentio. Entretanto, só se distingue na recepção das graças, aqueles que as recebem e as guardam com carinho.

A luz é dada para todos, o Sol nasce para todos, as chuvas caem sobre todas as terras, mas há os que fecham os olhos para não verem a luz, há os cegos que não podem ver a luz do Sol e há roçadas e terrenos que não aproveitam as chuvas.

É o que acontecia naquele tempo e acontece também hoje.

Mas as "ovelhas desgarradas de Israel", não há dúvida, teriam de se acolher sob a sombra protetora do seu Pastor, de quem conheciam a voz, pois Ele viera

exclusivamente "em busca das ovelhas que se haviam desgarrado do seu rebanho".

A mulher sirofenícia, embora não fosse da "casa de Israel", era uma dessas ovelhas. A sua intuição de procurar a Jesus, o seu gesto de prostrar-se a seus pés, o seu modo decisivo e claro de falar-lhe, a sua insistência na rogativa dirigida ao Mestre, mostra bem claramente que se tratava de uma pessoa que não podia deixar de ter afinidade espiritual com Jesus.

Para afirmar mais ainda a sua fé, e certamente porque aquela mulher havia cometido a grande falta do "desgarramento" do seu rebanho em anterior encarnação, Jesus propositalmente tratou-a com severidade, pois assim despertaria nela fundas intuições de haver abandonado o Mestre e se firmaria ainda mais no dever de reparar a falta: "Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos."

Esta frase foi um golpe certo para que nela despertasse a falta cometida, golpe esse que, como se vê, fê-la encher-se de verdadeira humildade: "Assim é, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos."

Já não era somente a cura de sua filha que ela desejava; queria também, embora "como um cachorrinho", comer uma migalha daquele pão da Vida que Jesus estava distribuindo tão fartamente e com tanto amor, para os deserdados da sorte.

Aberto o espírito para as coisas divinas e publicamente proclamada a fé e a crença resoluta que ela mantinha, Jesus não se fez mais rogado, e, satisfazendo-lhe o desejo, frisou bem: "Por esta palavra, vai-te, faça-se contigo como queres. Ó mulher, grande é a tua fé! E daquela hora em diante a sua filha ficou sã".

Esta lição, muito edificante para quem busca as coisas espirituais, traz-nos ainda outros ensinamentos, a respeito das curas cristãs.

Segundo nos parece, as curas se efetuam por fé, por amor e por misericórdia.

A cura efetuada para conversão do incrédulo, é a cura pela fé; a cura feita num amigo ou numa pessoa de nossa amizade, é a cura feita por amor; a cura feita num estranho, num miserável e até num desafeto, ou mesmo dirigida a um pobre animal, de quem tenhamos compaixão, é a cura por misericórdia.

No caso da "Cananéia" foi a fé que agiu, porque era preciso acender com boa chama a fé em Jesus, fé que a sirofenícia deveria guardar para sempre. E a prova é que depois que essa fé se manifestou com intensidade, é que ela obteve o que desejava, e Jesus frisou: "Mulher, grande é a tua fé."

Ensina mais ainda esta lição que não devemos empregar os nossos dons de curar somente para fazer prosélitos, ou seja para propagar a fé, mas também por deveres de amor e de misericórdia.

O Endemoninhado de Cafarnaum

"Entraram em Cafarnaum; e no sábado seguinte indo ele à sinagoga, pôs-se a ensinar. E admiravam-se do seu ensino; porque Ele os ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas. Ora, estava na sinagoga um homem possesso de um espírito imundo, que gritou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Viestes a perder-nos? Bem sei quem és, és o Santo de Deus! Mas Jesus repreendeu-o, dizendo: Cala-te e saia desse homem. Então o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele. E todos ficaram tão admirados, que uns e outros perguntavam: Que é isto? Uma nova doutrina com autoridade! Ele manda aos próprios espíritos imundos, e eles obedecem! Divulgou-se logo a sua fama por toda a circunvizinhança da Galiléia." (Marcos, 1, 21-28.)

"Então desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia. E os ensinava no sábado; e admiravam-se da sua doutrina porque a sua palavra era com autoridade. Estava na sinagoga um homem possesso do espírito de um demônio imundo; e bradou em alta voz: Deixa-nos.

Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Viestes a perder-nos? Bem sei quem és, és o Santo de Deus! Jesus repreendeu-o, dizendo: Cala-te e sai desse homem. E o demônio, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele, sem tê-lo ofendido. Todos ficaram admirados, e perguntavam uns aos outros: Que palavra é esta, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos imundos, e eles saem? E por todos os lugares da circunvizinhança divulgava-se a sua fama." (Lucas, IV, 31-37.)

A expressão "espírito imundo" era aplicada nos tempos antigos para designar os espíritos rebeldes, maliciosos e endurecidos. Já era crença entre os povos daquele tempo que as enfermidades humanas não tinham por causa unicamente os desequilíbrios físicos, orgânicos, mas havia também moléstias de origem psíquica. Uns atribuíam essas moléstias à ação do diabo, do demônio, apregoado pelos fariseus, sacerdotes do Judaísmo; outros, e o povo em geral, acreditavam na ação benéfica e maléfica dos espíritos, de acordo com a natureza destes. Os bons tinham muitos poderes e auxiliavam de um modo extraordinário aos vivos; os maus perturbavam, atormentando-os, obsidiando-os, chegando até a tomarem posse das suas vítimas. Eram os casos de possessão, hoje bem explicados pelo Espiritismo.

No Antigo Testamento avaliamos bem a crença e a fé que havia nos espíritos bons, pela evocação de Saul

a Samuel, por meio da pitonisa, no Endor. Samuel tinha sido um grande profeta, um homem de merecimento, e Saul, vendo-se perturbado com a luta contra os filisteus, julgou dever consultar ao espírito desse profeta, que se comunicou avisando-o da derrota que ia sofrer e em consequência da qual morreria. (I Samuel, XXVIII.)

Na passagem que procuramos interpretar, a do "endemoninhado de Cafarnaum", observamos quão justificada era essa crença da intervenção também de espíritos maus na vida humana.

É de notar que a pregação de Jesus produzia tal efeito nesses espíritos, que, às vezes, mesmo sem o Mestre lhes dirigir a palavra eles é que tomavam a palavra para protestar contra a ação neutralizante que a Sagrada Doutrina exercia sobre a preponderância que eles mantinham sobre os infelizes que eram vítimas do seu domínio: "Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste perder-nos?", o que equivale a dizer: "Que mal te fizemos? Em que te prejudicamos? Vieste destruir a nossa força?"

A grande maioria deles conhecia a Jesus; não seguiam os seus ensinamentos, mas respeitavam-no como sendo o "Santo de Deus", e obedeciam às suas ordens: "Bem sei quem és, és o Santo de Deus."

É possível que muitos outros "espíritos imundos" não conhecessem o Mestre e até movessem contra Ele terrível guerra, luta essa da qual saíam sempre

perdendo, porque Jesus "tinha autoridade, não era como os escribas".

Na fenomenologia espírita tem-se constatado muitas vezes a possessão de espíritos, que é quase similar aos casos de incorporação. Neste fenômeno dá-se a inconsciência do médium ou sujet. Depois que o paciente volta a si nada sabe do que se passou durante a crise da possessão.

E o fato é que o fenômeno da incorporação pode dar-se de todo independente de uma ação ostensiva e maléfica por parte dos espíritos, sejam estes da categoria que forem. Nas sessões espíritas temos assistido a vários fenômenos dessa natureza. Às vezes são espíritos muito inferiores (imundos) que se incorporam no médium por um determinado tempo para receberem conselhos, esclarecimentos sobre a Moral Cristã; outras vezes, são espíritos bem adiantados que se incorporam nos médiuns para darem conselhos ou transmitirem ensinamentos.

É sempre bom lembrar, entretanto, que os casos de possessão com aparência de loucura são produzidos sempre em pessoas que ignoram o Espiritismo e se acham filiadas ao Catolicismo.

Como se verifica nos últimos trechos da passagem evangélica, a Doutrina de Jesus não era uma doutrina corrente naquele tempo, era uma "doutrina nova", cheia de autoridade, doutrina que não se limitava ao

mundo visível, mas ampliava-se abrangendo o outro Mundo, como acontece atualmente com o Espiritismo.

64

A Cura de Dois Cegos

"Saindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, filho de Davi! E tendo ele entrado em casa, vieram a ele os cegos; e Jesus perguntou-lhes: Credes que eu possa fazer isso? Responderam eles: Cremos, Senhor. Então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé. E abriram-se-lhes os olhos. Jesus advertiu-lhes com energia, dizendo: Vede que ninguém o saiba. Eles, porém saíram e lhe divulgaram a fama por toda a parte." (Mateus, IX, 27-31)

A cegueira, quase sempre, em semelhantes casos, é produzida pela atonia ou atrofia do nervo óptico, ocasionada por causas diversas. De maneira que, conseguindo-se remover a causa, ou desatrofiar o nervo, ou, ainda, vivificá-lo, a cura se realiza. Para essas moléstias os fluidos magnéticos têm um valor extraordinário, quando sabiamente dirigidos e docilmente recebidos. Esta última proposição explica a frase dita por Jesus aos cegos, para que o seu

tratamento tivesse sucesso: "Faça-se conforme a vossa fé."

Os fluidos exercem ação poderosa, quer para os casos de cura, quer, mesmo, para o desenvolvimento do indivíduo. A ação fluídica estende o seu poder até às próprias plantas.

Num dos últimos números da "Revue Spirite" lemos o seguinte caso, que comprova muito bem a ação fluidica-magnética até sobre os vegetais.

"O Dr. Picard, residente em Saint-Quentin, quis experimentar o fluido magnético humano sobre os vegetais. Eis o que ele diz: Levando em conta a unidade do princípio vital em todos os seres organizados, os quais se tornavam meus sonâmbulos quando chegados ao estudo de êxtase, eu resolvi fazer uma aplicação de magnetismo animal e estudar os efeitos.

A 5 de abril, enxertei de fenda 6 roseiras em 6 belas e vigorosas roseiras bravas.

Deixei que cinco tivessem o seu curso natural e magnetizei a sexta (uma roseira "de la Reine") pela manhã e à tarde, durante cinco minutos cada vez. Em 10 de abril, a magnetizada que eu designarei sob o n.º 1, tinha já desenvolvido dois brotos de um centímetro de tamanho; a 20 de abril, as outras entravam apenas em vegetação.

Em 10 de maio, a n° 1 tinha dois brotos de 40 centímetros, com dez botões; as outras cinco tinham brotos de 5 a 10 centímetros sem nenhum botão.

Em 20 de maio a n° 1 floresceu e deu 10 belas rosas; as folhas eram o dobro das outras.

Logo cortei as flores passadas, e, em julho, os pendões mediam 42 centímetros, e deram 8 rosas novas. Cortei de novo a 15 centímetros e em 26 de agosto a roseira tinha 12 ramos floridos de 64 centímetros de alto.

Assim, este enxerto de 5 de abril deu em duas floradas 18 belas rosas, e prestes a florescer a terceira vez; tirei os ramos e cortei 38 pedaços que plantei, e vários destes deram flores em três semanas. As roseiras testemunhas não floresceram senão no fim de junho, e os ramos não excederam a 15 centímetros, sendo que só um chegou a 20 centímetros!"

Esta experiência mostra o efeito valoroso do fluido magnético, e pode servir de comparação para aqueles que procuram bem aplicar os seus dons curativos, para que prossigam na sua tarefa.

Ela explica muito bem a cura dos cegos, ainda com a vantagem de fazer desenvolver os princípios afetivos e as virtudes naqueles que desenganados das especulações científicas e do mercantilismo médico, conseguem obter dos Espíritos as curas de seus males.

Mas, naturalmente, é preciso que haja docilidade e fé a fim de que os fluidos enviados sejam bem

recebidos e possam agir, reparando o organismo para o completo restabelecimento.

Se a roseira magnetizada retribuiu à generosidade do seu protetor, oferecendo-lhe 18 rosas e mais 38 pedaços de renovos que, a seu turno, deram rosas em três semanas, o que devemos fazer nós quando chegamos a obter, pela vontade de Deus e intermédio dos Espíritos que agem em nome de Jesus, a saúde que se tornara precária.

Fizeram, portanto, muito bem os dois cegos, logo que se viram curados: "saíram e divulgaram por toda aquela terra o nome de Jesus".

A Cura de um Mudo Endemoninhado

"E quando se retiravam, foi-lhe trazido um mudo endemoninhado. E expulso o demônio, falou o mudo; e a multidão admirou-se, dizendo: Nunca tal se viu em Israel." (Mateus IX, 32-33.)

A ação de Jesus era verdadeiramente original. Nunca houve alguém que se atrevesse a uma tal empresa, que requeria para seu executor um Espírito absolutamente identificado na sabedoria regida pelo Amor.

Por isso, a cada passo, em face de cada acontecimento que se revelava sob a ação do Mestre, a multidão admirada exclamava: "Nunca tal se viu em Israel!" E não se diga que não havia naquele tempo exorcistas, pois muitos rabinos, naquela época, tinham adquirido grande fama de exorcistas, utilizando-se das invocações e dos encantamentos existentes no Talmude e que continha fórmulas especiais de exorcismos.

Mas Jesus de nenhuma delas se utilizou. A sua ação era espontânea, cheia de amor e revestida de sabedoria. Ele diagnosticava a enfermidade e imediatamente produzia a cura. Não usavam paliativos; atacava imediatamente a causa, e cessada esta, o efeito não poderia continuar.

O mudo não tinha lesão alguma; o seu físico era são; não existia atonia, nem paralisação dos órgãos vocais. O que havia era constrangimento, era prisão desses órgãos, ocasionados por um espírito maligno que proibia obstinadamente o exercício do órgão vocal do pobre homem. Jesus viu isso: "expulsou o demônio e o mudo falou."

Diante de um doente de qualquer natureza, a primeira coisa que deve fazer o médico sagaz, é inteirar-se da moléstia, fazer o diagnóstico. Mas não basta fazer o diagnóstico, porque o diagnóstico não é mais do que "a arte de conhecer a doença pelos sintomas", e esse conhecimento nunca se traduz no

conhecimento verdadeiro. Há necessidade também de conhecer a causa da moléstia, para se fazer o prognóstico acertado.

De modo que, para o tratamento dos enfermos, primeiramente é preciso fazer o diagnóstico; em segundo lugar, o que chamaremos o "prognóstico"; e, depois, o prognóstico, a fim de obter rápida e acertada cura.

Era o método que Jesus empregava, com a diferença de que a sua medicina, nos casos de lesão física, de moléstia corporal, era composta de remédios invisíveis e impalpáveis, que produziam o mesmo efeito que produz, para a manutenção de nossa vida, o oxigênio, também invisível e impalpável.

O Mestre era um químico extraordinário; conhecia, distinguia, manipulava com habilidade divina os fluídos da natureza; fazia deles o que queria; saís da natureza que desejava; até pães e peixes cujos princípios materiais são tirados mesmo dos elementos da Natureza, mas num tempo determinado e submetidos a certos processos, Jesus fabricava-os de momento, tendo para esse fim uma plêiade de espíritos também conhecedores desse trabalho e que obedeciam a sua direção.

As curas de Jesus já fazem parte dos estudos espíritas e metapsíquicos. Com o progresso das gentes, estão elas perdendo o caráter dogmático que as igrejas

lhes deram, para entrarem no domínio da experimentação e do estudo.

Acima de tudo, elas exprimem a grande bondade do Mestre, sempre pronto a socorrer, com as suas luzes e o seu amor, aqueles que imploravam o seu auxílio, que faziam apelo ao seu generoso coração.

A Cura de um Surdo e Gago

"De novo se retirou das fronteiras de Tiro e foi por Sidon ao Mar da Galiléia, atravessando o território de Decápole. E trouxeram-lhe um surdo e gago e pediram-lhe que pusesse a mão sobre ele. Jesus tirando-o da multidão levou-o à parte, pôs os dedos nos ouvidos dele e, cuspendo, tocou-lhe a língua, e depois erguendo os olhos ao céu, deu um suspiro e disse: Ephaltha, isto é - abre-te, abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe desfez a prisão da língua e falava com clareza. Recomendou-lhes Jesus expressamente que a ninguém o contassem; mas quanto mais o recomendava, tanto mais eles o publicavam. E admiravam-se sobremaneira, dizendo: Ele tudo tem feito bem, faz até os surdos ouvir e os mudos falar." (Marcos, VII, 31-37.)

A cura do surdo e gago é um exemplo, como que um ensinamento do *modus-operandi* de uma verdadeira cura espírita, com todos os característicos que esta encerra.

Jesus, havendo-se retirado de Tiro com destino ao Mar da Galiléia, tomou o caminho de Sidon, e, quando atravessava o território de Decápole, trouxeram-lhe um doente para que o curasse.

Antigamente essas viagens eram penosas e morosas; gastava-se muito tempo no seu percurso, sendo preciso pousar aqui e ali, e, também descansar alguns dias em alguma povoação.

Jesus, por onde passava, deixava o selo da sua Doutrina, que era anunciada não só pela palavra mas por obras meritorias que o tornavam respeitado e querido de todos.

E provável que grande número de moradores dos lugares por onde Jesus tinha de passar para ir à Galiléia, beira-mar, fossem sabedores da sua chegada a esses lugares. Pela narração do Evangelista vê-se que, de passagem pelo território de Decápole, uma multidão foi ao seu encontro ou estacionou na casa em que Ele se hospedara. E dentre essa multidão vinha um surdo e gago conduzido, talvez, por parentes ou amigos que desejavam vê-lo livre do mal que o oprimia.

Jesus viu logo que se tratava de um caso perfeitamente curável, mas que o trabalho da cura não

podia ser feito diante de mil olhos curiosos. Era um caso que requeria certa homogeneidade de idéias, certas vibrações simpáticas, e que só alguns podiam presenciar, sem estorvar a ação magnética que Ele tinha de empregar, e, quem sabe? Também a ação espírita que Ele teria de fazer intervir para que a língua do gago se "despregasse".

Neste caso não se pode saber, porque a narração não diz se se tratava de "língua presa" por alguma película carnal, como acontece em certos indivíduos, ou por desequilíbrio de vitalidade, ou por influência de algum espírito maligno ou zombeteiro, que agisse no homem para se divertir com a sua gagueira.

Não consta desta passagem que Jesus expelisse espírito algum, mas que o Mestre se limitou a pôr um pouco de sua saliva na língua do gago. Denota isso que a gagueira ou moléstia estava localizada na própria língua, não era um efeito de lesão da espinha, do cérebro ou de algum órgão mestre que tivesse influência sobre a língua. E tanto é assim que só com a aplicação direta no órgão relutante o doente se restabeleceu.

A surdez podia também ter por causa a paralisção funcional do nervo auditivo, ou a ação de um espírito que Estivesse a paralisar esse órgão. Não podemos dizer ao certo se se tratava de uma ou de outra coisa, mas Jesus já havia feito o seu diagnóstico, "prognóstico" e prognóstico: Pós os seus dedos nos

ouvidos dele, e, aplicando-lhe saliva à língua, ergueu os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse - ephphatha; e eis desfeita a prisão da língua e abertos os ouvidos do surdo!

Jesus, de olhos erguidos para o céu, sorveu o fluido da vida que deveria ativar a circulação nos membros adormecidos e vacilantes do enfermo, e, com aquela convicção inalterável da cura do doente, disse: - Ephphatha! e o homem recuperou os dois sentidos que contava perdidos.

Belíssimo quadro! Extraordinária lição! "Nunca se viu em Israel coisa semelhante!" Nunca se vira em Israel, homem algum que tudo fizesse para o Bem, chegando até a fazer falar os mudos e a ouvir os surdos!

Ressurreição do Filho da Viúva de Naim

"Em dia subsequente dirigia-se Jesus para uma cidade chamada Naim e iam com ele os seus discípulos e uma grande multidão. Ao aproximar-se ele da porta da cidade, eis que levavam para fora um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e vinha com ela muita gente da cidade. Logo que o Senhor a

viu, compadeceu-se dela, e disse-lhe: Não chores. Chegando-se, tocou o esquife, e parando os que o conduziam, disse: Moço, eu te mando, levanta-te. Aquele que havia estado morto, sentou-se e começou a falar; e Jesus o entregou à mãe dele. Todos ficaram cheios de medo e glorificaram a Deus dizendo: Um grande profeta levantou-se entre nós, e: Deus visitou o seu povo. A noticia disto se divulgou por toda a Judéia e circunvizinhança." (Lucas, VII, 11-17.)

Naim é uma cidade da Palestina, a sudeste da Galiléia e bem próxima do Monte Tabor, onde Jesus ia continuamente, e narra-nos o Evangelho ter-se realizado ali a transfiguração do Senhor e as suas comunicações com os Espíritos de Moisés e de Elias.

Naquela época, já o deixamos dito, não havia tempo determinado por lei para o enterramento dos cadáveres, e os ataques de catalepsia, sendo muito comum, eram tomados por mortes.

Um indivíduo qualquer caía, fosse com ataque que dessa aparência de morte, fosse de fato morto, daí a 3 ou 4 horas era sepultado.

O caso da viúva de Naim parece ter sido um desses casos. Jesus logo percebera que se tratava de um caso de morte aparente, o qual, se não fosse acudido a tempo, seria consumado; o moço, considerado morto, seria enterrado.

Não se diga que pretendemos negar sistematicamente a capacidade de Jesus para

ressuscitarem mortos. Na verdade, se houvesse necessidade de fazer ressurreições nesse sentido, é provável que Jesus o fizesse, pois a sua sabedoria ultrapassava muito às nossas previsões e conjecturas: mas, nenhum dos casos de ressurreição narrados pelos Evangelistas autoriza categoricamente a afirmar que Jesus operasse tal "milagre", nem mesmo com Lázaro, que o próprio Jesus, como se depreende do texto, afirmou não estar morto, embora cheirasse mal e estivesse no túmulo havia 4 dias.

O cheirar mal não é sinal frisante de morte. A cada momento encontramos doentes em estado muito grave e que cheiram mal, sem que, todavia, estejam mortos.

A permanência no túmulo durante quatro dias também não caracterizava a morte naquele tempo, porque os túmulos na Palestina não eram como os nossos, cavados a sete palmos, e onde os cadáveres, encaixotados, eram colocados sob o peso de sete palmos de terra. Os túmulos eram cavados em fendas de rochas, onde se colocavam os cadáveres perfumados com essências: uma pedra tapava a entrada do túmulo, permitindo a penetração do ar. Não havia caixões; os defuntos eram "amortalhados", envoltos em lençóis.

Seja como for, Jesus foi o salvador do filho da viúva de Naim, e a sua ação neste caso foi simplesmente magnética; neutralizou a morte, vencendo-a com os seus eflúvios vivificadores, e, pela

sugestão verbal, fez que o moço tomasse posse do seu corpo: "Moço, eu te mando, levanta-te."

Ninguém tem mais ação magnética do que aquele que sabe amar e como de verdade.

O magnetismo é o servo fiel do amor. Com o amor removemos as mais pesadas montanhas. Todas as dificuldades, todos os embaraços, todos os impossíveis desaparecem aos impulsos do amor, mas do verdadeiro Amor de Deus, que é a Lei básica que rege todos os seres, todas as coisas, todos os mundos, todo o universo.

O amor, em suas mais altas manifestações, faz estremecer todas as gentes e leva ao reconhecimento da existência de um Deus, presente mesmo nos maiores infortúnios: "Todos ficaram cheios de medo e glorificaram a Deus, dizendo - um grande profeta levantou-se entre nós, e Deus visitou o seu povo."

De fato, Deus revela-se ao homem pelo homem. Quando o homem atinge os cimos da Espiritualidade e tece a sua túnica com os fios de prata que a luz do Amor lhe oferece; quando o homem chega a se constituir, como fez Jesus, no grande profeta do Amor, de fato, Deus está nele visitando o seu povo. E a notícia dos seus feitos não pode deixar de ser divulgada, para que os homens, em vendo suas obras, glorifiquem o Supremo Senhor de todas as coisas.

A Cura da Paralítica Obsidiada e o Dia de Sábado

"Jesus estava ensinando em uma das sinagogas num sábado. E veio ali uma mulher possesa de um espírito que a tinha enferma havia dezoito anos; e andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se. Jesus, vendo-a, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; e pôs sobre ela as mãos, e imediatamente ela se endireitou e glorificava a Deus. O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse á multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; Vinde pois, nesses dias para serdes curados, e não no sábado. Respondeu-lhe, porém, o Senhor: Hipócritas, não desprende cada um de vós o seu boi ou o seu jumento da manjedoura no sábado para o levar a beber? E não devia ser solta dessa prisão no sábado esta mulher, que é filha de Abraão e que há dezoito anos Satanás tinha presa? Dizendo ele isto ficaram envergonhados todos os seus adversários, e se alegrava toda a multidão de todas as coisas gloriosas que por ele eram feitas." (Lucas, XIII, 10-17.)

Duas curas tentou Jesus efetuar: uma da mulher obsidiada; outra do chefe da sinagoga e seus

companheiros fariseus; contudo, só com a primeira logrou Ele resultado profícuo.

Aquela cura, que parecia estar acima do difícil e atingia às raias do impossível, foi justamente a que Jesus executou com a mais singular facilidade. Bastou que o Mestre dissesse algumas palavras e fizesse um simples aceno, para que a "curvada" se restabelecesse: "Estás livre da tua enfermidade"; e pôs as mãos sobre ela, endireitando-a imediatamente.

Para a outra cura não houve remédios, nem razões, nem ordenações, nem justificações.

As palavras de Jesus não fizeram outro efeito que o de envergonhar os "enfermos" seus adversários.

É mais fácil curar uma paralisia, do que uma hipocrisia. A hipocrisia é mal insanável, mal de raízes tão profundas que nem o maior Médico que veio ao mundo conseguiu extirpá-lo.

O paralítico, quando se vê curado, ergue os olhos para os céus e glorifica a Deus.

O hipócrita, quando a luz divina brilha em seu redor, como para curá-lo desse mal que contaminou todo o seu organismo, corpo e alma, olha para a terra e renega a Deus.

Se houvesse um Satanás pessoal, tal como o concebem as igrejas católicas e protestantes, ele seria, sem duvida, mais obediente, mais dócil; estaria, com certeza, mais próximo de Deus do que o hipócrita!

E ai temos na passagem do Evangelho um espírito maligno, atrasado, mau, vingativo, rancoroso, espírito da pior classe, pois durante dezoito anos consecutivos o trouxera amarrada sob o seu nefasto domínio, uma pobre mulher indefesa; entretanto, sem que Jesus lhe dissesse palavra direta, não opôs embargos ao aceno do Mestre, nem às suas palavras: retirou-se até sem que Ele o ordenasse.

E a hipocrisia continuou obstinada no seu império, não saiu do chefe da sinagoga nem dos fariseus que lhe faziam companhia! Não houve comparações, não houve discurso, não houve justificação que a convencesse!

Será possível que o meu leitor, sabendo que o cachorrinho do vizinho está amarrado a morrer de sede, ou o gato preso no quarto de uma casa que o inquilino deixou, não vá, seja lá o dia e a hora que for, soltar o cachorrinho ou o gato?

Será, porventura, a criatura humana menos digna de tal auxílio, não merecerá, ao menos na mesma proporção do animal, a nossa compaixão, a nossa misericórdia?!

Se o chefe da sinagoga tivesse repreendido a paralítica, antes de sua cura, poder-se-ia alegar ignorância ao "mestre de Israel" e atenuar-lhe o crime de reprimenda que fez publicamente visando a pessoa de Jesus. Mas depois de ver o fato, fato aliás, extraordinário e duplamente beneficente!

E que os fariseus não faziam questão, como a maior parte dos religiosos atuais, da misericórdia e da fé. Adstritos ao dogma, ao culto; escravos dos dias e das horas, o seu desprezo pelo amor a Deus e ao próximo chegava ao cúmulo de suprimir o sentimento de piedade pelos que sofriam!

Por onde quer que Jesus andasse, todos lhe traziam enfermos, coxos, paralíticos, cegos, surdos, mudos, e lhe pediam que os tocasse. A "possessa curvada", ninguém a apresentou ao Mestre, Ele mesmo, vendo-a, moveu-se de compaixão e de motu próprio efetuou a cura; e nem mesmo o espírito que a possuía fez reclamação alguma; é possível, mesmo, que também este filho de Deus, maravilhado com o prodígio operado pelo Mestre e anteriormente pelas suas palavras e seus ensinamentos, pois, antes da cura, Jesus havia feito preleção doutrinária, é possível, dizíamos, que também o espírito se tivesse convertido e máxima fosse a sua vontade de satisfazer as ordens de Jesus!

O fato é que a multidão, sem temor dos fariseus, ovacionou o Mestre, "por todas as coisas gloriosas que por Ele foram feitas."

"Tendo Jesus entrado em um sábado na casa de um dos chefes dos fariseus para comer, eles o estavam observando. Achava-se diante dele um homem hidrópico. E Jesus dirigindo-se aos doutores da Lei e aos fariseus, perguntou-lhes: E lícito ou não curar no sábado? Mas eles ficaram calados. Então pegando no homem, curou-o e despediu-o. Depois lhes perguntou: Qual de vós, se um filho ou um boi cair no poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado? A isto não puderam responder." (Lucas, XIV, 1-6.)

Dizem que a pior casta de espíritos que há são os espíritos mudos, e estes, geralmente, também são surdos. Pois bem, esta passagem nos conduz a uma classe de espíritos mudos e surdos, embora chefes de "religião".

Observando-se o texto, parece que essa gente não ouvira a pergunta de Jesus, pois não deu resposta a ela, embora o Mestre, fazendo apelo ao raciocínio deles, insistisse para que fosse dada resposta à sua pergunta.

Foi como se dissesse: "Estais duvidando sobre se é lícito a cura no dia de sábado, pois, pensai e respondei: qual de vós deixará parecer afogado num poço o filho ou um boi, só por ser dia de sábado?"

Mas eles não quiseram mesmo responder, para não irem de encontro às prescrições da sua religião que mandava "guardar" o sábado.

O pior cego é o que não quer ver, assim também o pior mudo é o que não quer falar, e, o pior surdo, o que não quer ouvir.

Ver, ouvir e falar são os melhores meios de relação com o mundo exterior, para o desenvolvimento da razão, da inteligência, da consciência e progresso do espírito. Quando o homem chega a escravizar essas faculdades aos interesses de seita, ao preconceito e à mercancia, degrada-se ao ponto de só poder elevar-se depois pelo sofrimento.

Ter olhos e não querer ver; ter ouvidos e não querer ouvir; ter boca e não querer falar, haverá miséria mais degradante, perversidade mais nojenta?

Para que nos favoreceu Deus com a luz e com o som, se não para deles nos utilizarmos em proveito próprio?

Pois, você é sacerdote, é doutor da Lei, e não raciocina sobre a Religião, não pensa sobre a Lei? Nem mediante comparação tão clara você se anima a aceitar um problema cujo resultado aparece tão evidente ante seus olhos?

Era impossível que o fariseu ou o doutor da Lei deixasse de retirar o boi ou o filho do poço, só pelo fato de guardarem o sábado.

Como poderia Jesus deixar afogar-se aquele pobre hidrópico na água que lhe enchia o corpo?

Mesmo sem obter resposta, Jesus mostrou qual o dever do homem que ama a Deus: "pegou no homem e curou-o" .

Como se efetuou essa cura? Por eliminação da água, provavelmente. Mas como se pôde eliminar de um momento para outro a água que afogava o pobre doente?

Este caso é bem digno de estudo; todavia estamos longe de conhecer todos os processos utilizados por Jesus nas suas curas. Parece ter havido uma desmaterialização da parte do corpo que se havia tornado enferma e se desmanchava em água; depois, provavelmente, reparou-se o funcionamento das vísceras, operando-se regularmente a eliminação; equilibrado o organismo, a hidropisia desapareceu de uma vez.

O trabalho da cura teria estado, pois, sujeito a estes processos: desmaterialização da água, reparação das vísceras, e transmissão do fluido vital, trabalho importantíssimo, tanto mais que nenhum processo usual foi empregado, agindo Jesus unicamente com o auxílio da medicina psíquica, que, como se verá no correr dos tempos, será a medicina por excelência.

Contam-se muitos fatos de curas nos anais do Espiritismo, e até curas que requeriam intervenção cirúrgica, e as quais foram efetuadas com a intervenção dos Espíritos, que empregam os mesmos processos que Jesus adotou para curar doentes.

Digna de nota também é a atitude de Jesus, não se negando a tomar refeições nos meios que lhe eram adversários, para ter ocasião de provar aos seus opositores a verdade da sua palavra.

Assim é que, por mais de uma vez, o vemos comendo com doutores fariseus, publicanos, samaritanos, etc. O Mestre não recusava os convites que lhe dirigiam e mantinha, em toda parte, a sua independência, sem se escravizar ao preconceito de raça, de classe ou de seita .

A Cura do Filho do Oficial do Rei

Voltou, então, a Caná da Galiléia, onde fizera da água vinho. Ora ali se achava um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum. Este homem, ao saber que Jesus tinha vindo da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e rogou-lhe que descesse para curar seu filho; porque estava à morte. Disse-lhe Jesus: Se não virdes milagres e prodígios, de modo algum creereis. Rogou-lhe o oficial Desce, Senhor, antes que meu filho morra. Vai, disse Jesus, teu filho vive. O homem creu na palavra que Jesus dissera e retirou-se. Já ele descia quando seus servos lhe vieram ao encontro,

dizendo que seu filho vivia. Perguntou-lhes, então, a que hora ele se sentira melhor e eles lhe responderam: Ontem à sétima hora a febre o deixou. Reconheceu o pai ser aquela a mesma hora em que Jesus dissera: Teu filho vive; e creu ele e toda a sua casa. Este foi o segundo milagre que Jesus fez, depois de vir da Judéia para a Galiléia." (João, IV, 46-54.)

Na Parábola do Semeador (1), Jesus comparou os espíritos evoluídos à terra boa que recebe com gosto a semente, dando frutos - cem, sessenta e trinta por uma.

(1) *Vide: Parábolas e Ensinos de Jesus.*

Esta comparação é extraordinária. O oficial do rei, logo que Jesus pronunciou as palavras "teu filho vive", recebeu a mensagem foi para casa, constatou a cura do menino e não mais relutou; ele e toda a sua família se tornaram cristãos.

Foi uma bela semente lançada em terra boa, e que produziu fruto imediato.

Jesus era seguido de uma poderosa falange de Espíritos, sempre prontos a executar as suas ordens.

Um desses Mensageiros transportou-se à casa do oficial, e efetuou a cura, de acordo com os processos espíritas, já lembrados noutras páginas.

Nós mesmos já tivemos, por mais de uma vez, provas positivas de que a febre cede à ação psicoterápica e à ação magnética.

Um desses casos deu-se com o filho de um nosso distinto amigo, magistrado, e cuja febre absolutamente

não cedia à ação de antipiréticos. Tendo aplicado passes dispersivos e depois longitudinais, o termômetro no menino baixou um grau centígrado.

A fluidoterapia, quando bem aplicada, é a melhor medicação que se pode dar ao enfermo. Seu resultado decisivo, pronto e muito superior às drogas, sobretudo nos tempos atuais em que a Medicina, mercantilizada, se resume em preparados de caráter francamente industrial.

As moléstias sempre são ocasionadas por desequilíbrio da tonalidade psíquica, ou por falta ou desequilíbrio do fluido vital, ou, ainda, por lesão física. Seja como for, a ação reparadora do mal não se faz esperar, quando dirigida por um Espírito sábio num percipiente passivo para receber a medicação.

São inúmeros os casos de curas de moléstias incuráveis, ou oficialmente consideradas incuráveis. Os livros religiosos e os anais espíritas contêm centenas de narrativas testemunhadas por pessoas insuspeitas.

Infelizmente, dado o atraso espiritual da Humanidade e a sua tendência para a materialidade, agora essas curas só ocorrem raramente.

No tempo de Jesus e por seu intermédio, muitas se efetuaram e constam dos Evangelhos.

Quanto mais suscetível for o indivíduo para receber a ação dos Espíritos, mais fáceis se tornam essas curas.

Acontece mesmo que para terminar uma longa provação ou expiação por que passa um homem, um espírito do Senhor encarrega-se de curá-lo de sua enfermidade, usando, para esse fim, os meios adequados para expurgar a moléstia. Por isso, não raro vemos uma pessoa que há tempo se achava doente em estado grave e desenganada por médicos, sarar da noite para o dia.

Dois fatos importantes produziu Jesus em Caná, quanto à fenomenologia: transformou a água em vinho, e fez de um menino doente um menino são.

A Cura da Orelha de Malco

"Um deles deu um golpe no servo do sumo sacerdote e decepou-lhe a orelha direita. Então Jesus disse: Deixa-os, basta, e tendo-lhe tocado a orelha, o sarou." (Lucas, XXII, 51-52.)

É vezo dos médicos e dos que lêem pela mesma cartilha afirmarem que a fluidoterapia ou a psicoterapia só produz efeitos, nas moléstias de fundo nervoso. "Só os neuropatas, as histéricas, os doentes de neurose, ou de pseudomoléstias é que saram com esse tratamento."

Esta afirmação é por demais gratuita, não tem absolutamente visos de verdade e não se Baseia em fatos.

Nos Evangelhos encontramos muitos enfermos curados por Jesus, e cujas enfermidades nada tinham com o sistema nervoso. Os hidrópicos, os leprosos, os herpéticos, etc., que foram curados, foram-no de enfermidade cuja origem parece não estava nos nervos nem é admissível que assim se pense.

A Medicina Materialista, em face dessas portentosas curas, só tem duas atitudes a assumir: ou admitir o fato, porque contra fatos não prevalecem argumentos, e procurar estudar esses fatos para lhes descobrir as causas; ou, então, negá-los sistematicamente, saltando por cima da verdade.

A reconstituição da "orelha de Malco", nada tem de milagrosa. É um fato perfeitamente aceitável, como a reconstituição de um braço quebrado, de uma perna partida, de um corte em qualquer parte do corpo, que se refaz.

O lado moral da narrativa, sim; este tem extraordinário valor, porque caracteriza a bondade, a indulgência, o espírito de caridade que caracteriza todos os atos, toda a vida de Jesus: "tendo-lhe tocado a orelha o sarou."

Este caso é mais um testemunho do poder de Jesus Cristo, cuja sabedoria "não é teórica", platônica, mas se manifestou positiva, categoricamente: cicatriz

imediate, com reconstituição de células como se dá em todos os casos de ferimentos, unicamente com a diferença do tempo ou do espaço de tempo para essa reconstituição, que foi, como dissemos, quase imediata.

Nos anais religiosos encontram-se casos, mais ou menos análogos a este, e inúmeros médicos católicos, referindo-se às curas de Lourdes, fazem menção desses fenômenos, realmente dignos de observação e estudo.

O espiritismo explica muito bem esses fatos, mal recebidos pela ciência Materialista, que julga haver cristalizado toda a sabedoria.

Mas estamos em tempos de acontecimentos que maravilharão o mundo, e a Verdade triunfará de todos os obstáculos e pressões.

A Luz não permanecerá sob o alqueire.

Conclusão

O Evangelista João termina o seu livro com estas significativas palavras:

"Muitas coisas há que fez Jesus, e se elas fossem escritas uma por uma, suponho que nem no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem."

Este trecho enfático do Apóstolo, sem significação literal, é, entretanto, de grande alcance moral e científico, visto não só a personalidade de Jesus como a sua Doutrina se conservarem até hoje desconhecidas das massas, a despeito das inúmeras obras que correm mundo a esse respeito e das que todos os dias são entregues à publicidade.

Quantas coisas há que Jesus disse e que não constam dos Evangelhos, quantas há que Ele fez e nós ignoramos!

Mais ainda, ignoramos até o escopo da sua vida na terra o que só de há pouco tempo para cá nos tem sido revelado, graças ao auxílio que recebemos dos gênios invisíveis que, por ordem do Senhor, vêm fazer-nos lembrar a sua Palavra e nos trazer o complemento da mesma, de acordo com as promessas exaradas nos Evangelhos.

Não há dúvida, ainda estamos balbuciando as primeiras sílabas do alfabeto divino: agora é que começamos a despertar para as coisas espirituais.

Mergulhados num mundo pode-se dizer "fóssil", premidos pela pesada atmosfera que nos circunda, impregnados de conceitos humanos que deslustram e abastardam nossa inteligência, o Evangelho tem sido para nós letra morta, sem significação nem expressão. Os Ensinos do Mestre, a sua magnífica vida, os seus inimitáveis exemplos, os seus atos de sabedoria, de nobreza de alma, o devotamento que demonstrou em

sua grandiosa missão, e que se traduz como um sol de amor a fertilizar corações estéreis, a iluminar cérebros denegridos por longa estadia nos reinos inferiores da criação, tudo isso junto e cada coisa de per si, encheria livros que não caberiam, até a época atual, nas inteligências ainda refratárias aos grandes surtos do Reinado do Espírito.

E se tivessem eles sido escritos naqueles memoráveis tempos em que a lapidação na praça pública e o crucifícamento faziam parte das legislações, em que o reinado de César absorvia com todos os seus tentáculos o Reinado de Deus!

Ainda hoje lutamos contra os maiores embaraços; barreiras enormes e resistentes se erguem como que vedando aos olhos dos homens o Reino de Deus. Neste tempo em que a instrução escrita e oral está, pode-se dizer, disseminada, e ainda há quem considere a alma concepção paranóica, procure execrar Deus ou "substituí-lo" por um ente fantástico de justiça duvidosa, ou por uma palavra que nada exprime e nada significa, o que pensar das épocas medievais, em que os poderes civis e religiosos se achavam sob direção arbitrária de homens absolutamente alheios ao sentimento da Verdade e da Justiça!

Entretanto, não maldigamos o passado com as suas trevas e os seus crimes, porque o passado, o presente e o futuro são obras de Deus e a Humanidade na sua infância, no desenvolvimento do seu livre-arbítrio não

deixa de descambar para o erro e a injustiça, no período infantil o homem erra mais do que acerta, faz mais mal do que bem.

Paulo, o doutrinador dos gentios, diz que o primeiro homem apareceu em alma vivente e o último em espírito vivificante; à alma vivente é impossível traduzir os desígnios divinos, que não são de morte para o pecador, mais sim de contrição, arrependimento e evolução.

A Lei foi dada por Moisés e a Lei não se destrói, só fica sem efeito quando o homem está à altura de receber a Graça e a Verdade legadas por Jesus Cristo.

No princípio o progresso atua com certa liberação de forças, para movimentar um conjunto de seres e de coisas que precisam entrar em ação; essas forças são semelhantes às forças máximas de um motor ao pôr uma máquina em movimento, mas que se atenuam à medida que o carro ganha carreira, até se estabilizarem e assemelharem às forças naturais que interferem no giro dos astros, no percurso dos mundos e no caminhar incessante dos sistemas e das nebulosas pela Eternidade e o Infinita em sua evolução perpétua

Nosso planeta, como tudo na Natureza Universal vem progredindo através de períodos mil vezes seculares, e assim como o que era ontem já não tem razão de ser hoje, também o que hoje é não podia ter lugar ontem porque frustraria as leis naturais que agem em tudo, de baixo para cima, do pequeno para o

grande, da não ser para o ser, do mínimo para o máximo.

Estudando-se a mensagem do Cristo em seu conjunto admirável, vê-se a sua ação vivificadora, primeiro aquecendo para depois iluminar; vitalizando, despertando, curando, para fazer crescer e viver, floresce e frutificar. E assim como a luz atua nas plantas, a Luz se faz nas almas, porque a luz é a vida e a vida é a lei do Universo.

O Cristianismo é uma série sucessiva e ininterrupta de vibrações da luz, desde a mais fraca a mais fulgurante claridade, à mais ofuscante projeção que chega a cegar as almas ainda tenras que não têm desenvolvidas as suas sensações e percepções para luminosidades intensas.

A Religião, em sua pureza, compreende modalidades tão várias quão variada é a elevação dos Espíritos que nela vivem.

O fiat lux da legenda é um ato da mais extraordinária sabedoria, difícil de ser concebido, mesmo pelo homem ilustrado.

As revelações que constituem a Luz vinda das alturas, sucedem-se como as chuvas, como o orvalho matutino, mas em suas mais crescentes modalidades.

No povo hebreu, ao despontar da inteligência humanizada, a Revelação Abraâmica repercutiu pela Judéia como som de um hino vibrante dos Conselhos de Deus. Por toda parte se ouvia grande anúncio vindo

das alturas: "Existe um Senhor! Só Ele é o único Deus, criador e denominador do Universo!"

Durante séculos a frase era repetida com entusiasmo, servindo de estribilho nas canções do trabalho e na luta que enfrentaram os povos de então.

Nenhuns mandamentos, nem ordenações se faziam ouvir.

Só depois de tantos e tantos séculos, que permitiram madureza de espírito às raças de então, é que a Revelação Mosaica falou no Sinai pelo Legislador Hebreu. Esta não veio destruir a Revelação abraâmica, mas dar-lhe cumprimento e trazer o complemento indispensável ao grau de evolução em que se achavam aqueles povos.

Outra eternidade transcorreu com repetidos convites e exortações dos profetas para a observância da Lei, a fim de preparar as inteligências para receber a Revelação Messiânica. E eis que aparece Jesus como Emissário do Verbo, cumpridor da Lei, a retificar os erros de interpretação, que davam às ordenações um caráter de desamor e desumanidade. A palavra de amor mais uma vez ecoou sonora naquelas regiões, revogando o "dente por dente - olho por olho" e extinguindo ódios, abolindo cultos e denominações, impondo a fraternidade sob o império absoluto da Paternidade Divina!

Há quase dois mil anos este preceito se impõe, não sendo, entretanto, recebido, senão pelos corações

adestrados, pelos espíritos de escol. A muitos tem proporcionado proveitos, mas a maioria se conserva surda às suas vozes, alheia aos seus ditames.

O Senhor volve então, novamente, à Humanidade, e, por meio de uma revelação impessoal, exorta-a para que cumpra a Lei, que não tem sido observada, e proporciona, pelos Mensageiros executores da sua Palavra, mais um aditamento que equivale a mais um raio de luz a vibrar nos espíritos dóceis às cintilações do Além.

A Revelação Espírita explica e completa a Revelação Messiânica, o que equivale a dizer: a Revelação Espírita vivifica o Cristianismo, repetindo-o em sua singeleza primitiva, e acrescenta aquilo que Jesus não podia dizer naquela época, dado o atraso de seus contemporâneos, que não podiam suportar luz mais intensa do que aquela que lhes havia sido dada.

Desvendando aos homens esses horizontes ignorados, a Nova Revelação, baseada na Religião Universal, promete-nos ainda novos ensinamentos no campo intérmino da Sabedoria, pois, explica, aquela escada que se desenhava à dupla vista do Patriarca, quando reclinado sobre a Pedra de Betel, tem tantos degraus para a escalada da Perfeição moral e espiritual que nem sonhar pode a nossa fraca imaginação. Daí o caráter de Revelação das Revelações com que se apresenta o Espiritismo, confirmando a predição de Jesus: "o Consolador, o Espírito de Verdade

relembrará tudo o que eu vos tenho dito, vos ensinará todas as coisas e anunciará as coisas que estão para vir." (João, XVI, 12-14.) E de notar que Jesus não ficaria alheio a esta grande obra, conforme se lê no capítulo XIV, 16-18, de João: "Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Paracleto (1), a fim de que esteja SEMPRE convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, eu voltarei a vós."

(1) Consolador, Advogado, Defensor.

E note-se que esta promessa não se restringe aos Apóstolos, mas estende-se a todos os que amam a verdade: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai e EU O AMAREI E ME MANIFESTAREI A ELE." (João XIV, 21.) Jesus dia ainda mais categoricamente: "Estarei convosco até a consumação dos séculos."

Supremo Diretor do nosso mundo, único Enviado dos Céus, que rege os destinos do nosso planeta, parece claro que há de forçosamente estar à testa da sua obra, esforçando-se para abreviar a progresso do nosso orbe e seus habitantes.

E basta examinar, sem espírito preconcebido, a grande obra do Cristianismo, mormente a atual com o seu complemento espírita, estendendo-se a todas as

ramificações dos conhecimentos humanos, para se compreender o trabalho que se vem efetuando e a ação persistente dos Mensageiros do Senhor na reforma do nosso mundo.

Há pouco mais de setenta anos que o Espiritismo apareceu em sua nova fase (*) e, entretanto, pode-se afirmar que os seus princípios estão difundidos por toda a mundo. Não há recanto da Terra em que as Vozes de Além não se tivessem feita ouvir, sendo de prever que não está longe o dia em que veremos, em sua ampla realização, cumprida a profecia de Joel, repetida por Pedro no Cenáculo de Jerusalém (Atos dos Apóstolos, II, 16, 17, 18).

() Atualmente (1980), 123 anos.*

O século XIX foi portador do maior acontecimento da História do Mundo. Sacudindo a poeira que há séculos sepultara o Cristianismo e privara os homens de receberem as luzes e as consolações que tão excelente dádiva dos Céus nos proporcionara, o Espiritismo veio, pelos Espíritos Mensageiros da Graça e da Verdade, restabelecer os primitivos Ensinos do Grande Enviado, compendiando, graças a um fiel Intérprete do Pensamento Supremo, as notas complementares requeridas pelo Cristo para quando a Humanidade se encontrasse à altura de receber mais essa luz.

Na construção do grande Monumento que se ergue para abrigar a Humanidade, Abraão abriu os alicerces,

Moisés, ergueu a abra, Jesus retocou-a e aperfeiçãoou-a e a Espiritismo a concluirá.

FIM